

ANA CATARINA SALGADO BASÍLIO

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio
a.C. nos Perdigões:
Continuidades e descontinuidade.**

Volume II



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

ANA CATARINA SALGADO BASÍLIO

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio
a.C. nos Perdigões:
Continuidades e descontinuidade.**

Volume II

Mestrado em Arqueologia

Trabalho efectuado sob a coorientação do Doutor António Carlos de Valera e do
Professor Doutor António Faustino de Carvalho



Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

**Dinâmicas ocupacionais na segunda metade do 3º milénio
a.C. nos Perdigões:
Continuidades e descontinuidade.**

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Ana Catarina Salgado Basílio)

©Ana Catarina Salgado Basílio

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Índice

Introdução	7
1.Cartografia	8
Mapa 1. Implantação dos Perdigões (a vermelho) na 1) Península Ibérica e 2) Portugal.....	9
Mapa 2. Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Militar, 1:25000 n°473.....	10
Mapa 3. Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Geológica 1:50000, 40-B de Reguengos de Monsaraz.	11
Mapa 4. Implantação actual dos Perdigões (a preto) nas 1) Redes Hidrográficas do Sul da Península e 2) na Rede Hidrográfica do Rio Guadiana.....	12
Mapa 5. Perfis territoriais do sítio dos Perdigões.....	13
Mapa 6. Implantação dos Perdigões, em relação aos sítios arqueológicos da paisagem envolvente (Valera, 2005)	14
Mapa 7. Cone visual a partir dos Perdigões, aberto a Este, para a paisagem envolvente.	15
Mapa 8. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme.	16
Mapa 9. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (Não funerários e recintos de fossos)	17
Mapa 10. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (funerários).....	18
Mapa 11. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Ciempozuelos.....	19
Mapa 12. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Internacional.	20
Mapa 13. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Palmela (inciso) e Pontilhado Geométrico.	21
Mapa 14. Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo cordado.....	22
Mapa 15. Sítios com cerâmica Campaniforme e referência aos diferentes complexos estilísticos Campaniformes no Sul de Portugal (Valera, 2005).....	23
2.Plantas e enquadramento no sítio dos Perdigões	24
Planta 1. Geofísica do sítio dos Perdigões com implantação das áreas intervencionadas a verde, do sector Q a vermelho e da localização das estruturas trabalhadas no presente trabalho a preto. Segundo Valera, 2016.	25
Planta 2. Planta geral do sítio dos Perdigões com implantação das estruturas trabalhadas no presente trabalho a vermelho. 1) Fossas 44 e 43 (fase 2) e 2) Cairn (fase 3). Segundo Valera, 2016.	26
Planta 3. Planta geral dos níveis mais recentes da fase 1 - [341], [361] e [267], onde foram abertas as fossas da fase 2 (Fossa 44 e Fossa 45). Segundo Valera, 2016.....	27
Planta 4. Planta geral dos níveis intermédios da fase 1 - [341] e [361]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.	28
Planta 5. Planta geral dos níveis mais antigos da fase 1 - [361] e [378]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.	29
Planta 6. Fossas 44 e 73 - 1) secção; 2) Fossa 44 e 3) plano final da fossa 44. Segundo Valera, 2016	30
Planta 7. Fossas 45 - 1) secção; 2) enterramento do canídeo [279] e 3) depósito final da fossa 45. Segundo Valera, 2015.	31

Planta 8. Fase 3 -1) Depósito [415]; 2) “Pavimento”; 3) Lareira [418] e 4) <i>Cairn</i> . Segundo Valera, 2016.	32
Planta 9. Fase 3 -1) Cairn [400]; 2) Depressão [442] onde são abertas as 3) Fossa 77 e 4 e 5) Fossa 79. Segundo Valera, 2016.....	33
3.Descritores e tabela de formas	34
Tabela 1. Descrição da tabela tipológica dos recipientes identificados.....	35
Tabela 2. Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado.	36
Tabela 3. Descritores da componente cerâmica.	39
Tabela 4. Descritores da componente lítica.	42
4.Estampas de materiais	46
Cerâmica – Recipientes	
Estampa 1. Fase 1, depósito [361] e [378].	47
Estampa 2. Fase 1, depósito [341].	48
Estampa 3. Fase 1, depósito [341].	49
Estampa 4. Fase 1, depósito [340].	50
Estampa 5. Fase 1, depósito [267].	51
Estampa 6. Fase 2 (fossa 44), depósito [265] ...	52
Estampa 7. Fase 2 (fossa 44), depósito [342].	53
Estampa 8. Fase 2 (fossa 45), depósito [327].	54
Estampa 9. Fase 2 (fossa 45). 1-8: depósito [282]; 9: depósito [273] e 10: depósito [277].....	55
Estampa 10. Fase 2 (fossa 73), depósito [367].	56
Estampa 11. Fase 3, depósito [415].	57
Estampa 12. Fase 3, depósito [415].	58
Estampa 13. Fase 3, depósito [415].	59
Estampa 14. Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79.	60
Estampa 15. Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79.	61
Estampa 16. Fase 3, “pavimento” [424] e [422].	62
Estampa 17. Fase 3, “pavimento” [416].	63
Estampa 18. Fase 3, “pavimento” [416].	64
Estampa 19. Fase 3, lareira [418].	65
Estampa 20. Recipientes decorados.	66
Estampa 21. Recipientes decorados. 1 a 4) Campaniformes; 5) “Beliscada” ...	67
Cerâmica – Pesos de tear	
Estampa 22. Pesos de tear.....	68
Líticos	
Estampa 23. Núcleos de Quartzo-leitoso.	69
Estampa 24. Lascas. 1 e 4) Sílex; 2 e 5) Quartzo-leitoso; 3) Quartzo-hialino; 6) Quartzito.....	70
Estampa 25. Pontas de seta da fase 1 e 2. 1) Quartzo-leitoso; 2) Xisto; 3) Sílex.	71

Estampa 26. Lâminas. 1,4, 5, 7 e 9) Silex; 2) Xisto; 3, 6 e 8) Quartzo-leitoso.	72
Estampa 27. 1) Furador em Quartzo-leitoso; 2) Artefacto em Silex; 3) Furador em Silex.	73
Estampa 28. 1) Disco perfurado (Xisto); 2 e 3) Percutores (Granito); 4, 5 e 6) Xisto polido.	74
Estampa 29 Machado de Pedra Polida (anfíbolito).	75
Osso Polido e Adornos	
Estampa 30. 1) Artefacto em osso; 2) Pendente; 3) Conta de colar em Pedra Verde... ..	76
Ídolos	
Estampa 31. 1 a 4) “ídolo de cornos”; 5) ídolo zoomórfico... ..	77
Estampa 32. 1) Ídolo Calcário; 2) Ídolo cerâmico com tatuagens faciais.	78
Metal	
Estampa 33. Artefacto metálico. 1) Cadinho; 2 e 7) Punções; 3) Pingo de fundição; 4 e 5) Escória; 6) Minério de cobre... ..	79
5.Tratamento estatístico	80
Cerâmica – Recipientes	
Tabela 5. Conjunto Cerâmico	81
Gráfico 1. Formas por fase (valores reais).....	81
Gráfico 2. Formas por fase (%).....	81
Gráfico 3. Relação das formas entre as estruturas do Cairn e restantes da fase 3 (%).. ..	82
Gráfico 4. Comportamento das formas por fase (valores reais).. ..	82
Gráfico 5. Comportamento das formas por fase (%).	83
Gráfico 6. Distribuição por sub-tipos dos pratos por fase (%).....	83
Gráfico 7 Relação entre as fases e as classes de volume (%).....	84
Gráfico 8. Classes de volume.	84
Gráfico 9. Compacidade dos recipientes por fase (%).	84
Gráfico 10. Textura dos recipientes por fase (%).. ..	85
Gráfico 11. Proporção dos ENP dos recipientes por fase (%).....	85
Gráfico 12. Dimensão dos ENP dos recipientes por fase (%).....	85
Gráfico 13. Tratamento das superfícies nos recipientes por fase (%).. ..	86
Gráfico 14. Estado das superfícies dos recipientes por fase (%).	86
Gráfico 15. Estados das superfícies dos recipientes da fase 3 (%)... ..	86
Gráfico 16. Distribuição das decorações por fases (valores reais).	87
Gráfico 17. Presença de mamilos por fase (%).	87
Cerâmica – Pesos de tear	
Gráfico 18. Forma dos pesos de tear por fase (%).....	88
Gráfico 19. Sub-tipos de pesos de tear por fase (%)....	88
Gráfico 20. Estado dos pesos de tear por fase (%).	88
Gráfico 21. Compacidade dos pesos de tear por fase (%).	89
Gráfico 22. Textura dos pesos de tear por fase (%).. ..	89

Gráfico 23. Proporção de ENP dos pesos de tear por fase (%).	89
Gráfico 24. Dimensão ENP dos pesos de tear por fase (%).	90
Gráfico 25. Estado das superfícies dos pesos de tear por fase (%).	90
Gráfico 26. Estado das superfícies dos pesos de tear da fase 3 (%).	90
Gráfico 27. Tratamento das superfícies dos pesos de tear por fase (%).	91
Líticos	
Gráfico 28. Materiais líticos por fase (%).	92
Gráfico 29. Matéria prima por fase (%).	92
Gráfico 30. Relação núcleos sem córtex e lascas corticais por fase.	93
Tabela 6. Núcleos.	93
Gráfico 31. Comportamento do material de debitagem por fase (%).	94
Tabela 7. Material de debitagem.	94
Tabela 8. Utensílios.	96
Gráfico 32 Distribuição das larguras dos produtos alongados.	97
Tabela 9. Restos de Talhe	97
Tabela 10. Outros líticos	97
Metal	
Tabela 11. Metalurgia.	98
6.Imagens de Campo	99
Fase 1	
Imagem 1. Localização do depósito [341] da fase 1, das fossas 44 e 45 (fase 2) e indicação de buracos de postos associados à cabana 1. Fotografia de António Valera, adaptada.	100
Imagem 2. Localização do depósito [378] da fase 1 e das fossas 44 e 45 (fase 2). Fotografia de António Valera, adaptada.	100
Fase 2	
Imagem 3. Deposição do Canídeo [279] no interior da fossa 45 (fase 2). Fotografia de António Valera.	101
Fase 3	
Imagem 4. Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.	102
Imagem 5. Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.	102
Imagem 6. Sequência estratigráfica das camadas que compõem o “pavimento”. Fotografia de António Valera, adaptada.	103
Imagem 7. Topo do Cairn – [400]. Fotografia de António Valera.	103
Imagem 8. Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com referência às Fossas 79 e 77. Fotografia de António Valera, adaptada.	104
Imagem 9. Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com destaque para a primeira deposição de fauna na Fossas 79 e a segunda deposição de pedras da fossa 77. Fotografia de António Valera, adaptada.	104
Imagem 10. Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada	105

Imagem 11. Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada	105
Imagem 12. Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada	106
7. Dados adicionais	107
Figura 1. Datas calcolíticas dos Perdigões, com a indicação das estruturas e das fases. Segundo Valera e Basílio, no prelo.....	108
Figura 2. Datações de radiocarbono dos contextos em estudo. Segundo Valera e Basílio, no prelo.	109
Figura 3. Datações de radiocarbono dos contextos com cerâmica campaniforme na região dos Perdigões.....	110
Figura 4. Matriz de Harris das fases 1 e 2, enfatizando-se a relação entre ambas.	111
Figura 5. Matriz de Harris da fase 3, com indicação dos tipos de deposições presentes.	112
8. Estudo da colecção Arqueofaunística proveniente do Cairn dos Perdigões, por Nelson Cabaço	113

Introdução

A dissertação que acompanha este volume originou um conjunto de dados volumoso, que sustentam e ilustram muitas das considerações e conclusões apresentadas ao longo do trabalho.

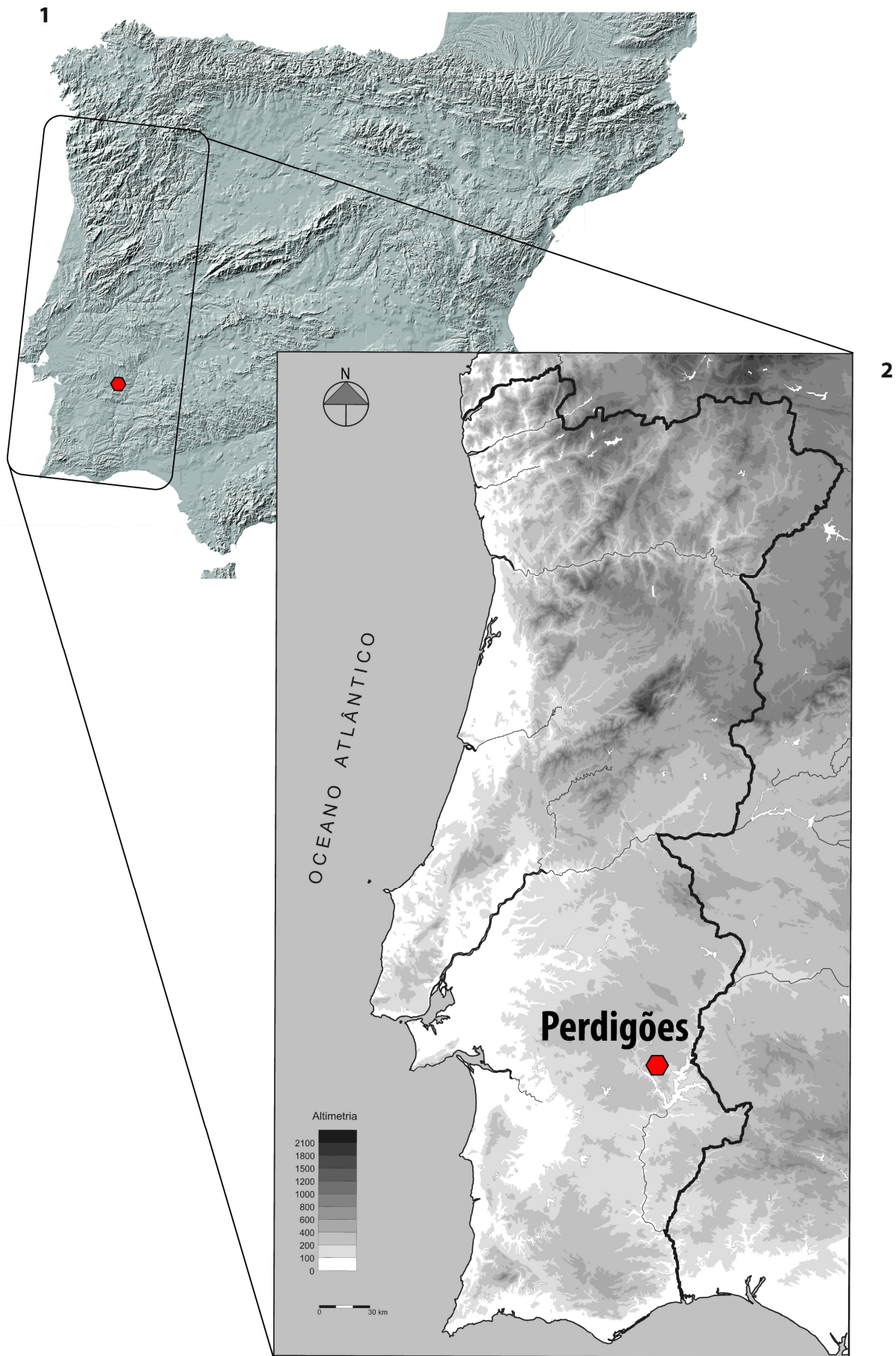
Surge daí a necessidade de criar um segundo volume, no intuito de facilitar a leitura da primeira parte desta dissertação, permitindo igualmente a consulta simultânea, enriquecendo e ilustrando as ideias desenvolvidas. Incluíram-se aqui todas as representações cartográficas, as plantas e fotografias de enquadramento, os descritores utilizados apresentados de forma sistematizada, a representação gráfica dos materiais, o tratamento estatístico expresso em tabelas e quadros, assim como dados adicionais pertinentes.

Sempre que oportuno, os anexos encontram-se acompanhados com legendas e escalas, ainda que, especialmente na parte dos materiais, se tenha procedido a uma tentativa de manutenção da mesma dimensão dos artefactos, possibilitando uma comparação imediata dos tamanhos dos recipientes, líticos e restantes materiais.

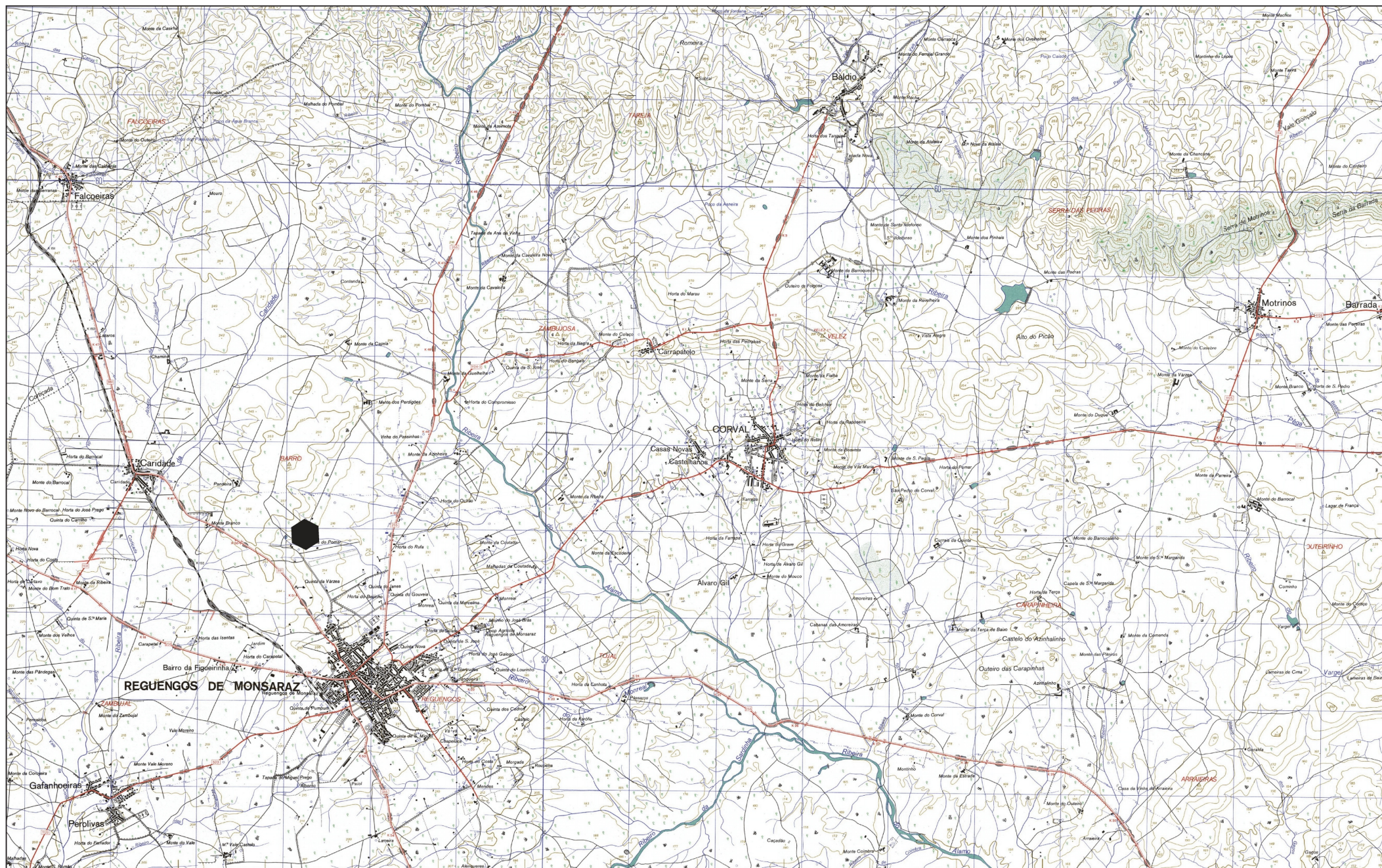
Anexo 1.

Cartografia

- Mapa 1.** Implantação dos Perdigões (a vermelho) na 1) Península Ibérica e 2) Portugal.
- Mapa 2** Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Militar, 1:25000 n°473.
- Mapa 3** Implantação dos Perdigões (a preto) na Carta Geológica 1:50000, 40-B de Reguengos de Monsaraz.
- Mapa 4** Implantação actual dos Perdigões (a preto) nas 1) Redes Hidrográficas do Sul da Península e 2) na Rede Hidrográfica do Rio Guadiana.
- Mapa 5** Perfis territoriais do sítio dos Perdigões.
- Mapa 6** Implantação dos Perdigões, em relação aos sítios arqueológicos da paisagem envolvente (Valera, 2005).
- Mapa 7** Cone visual a partir dos Perdigões, aberto a Este, para a paisagem envolvente.
- Mapa 8** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme.
- Mapa 9** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (Não funerários e recintos de fossos).
- Mapa 10** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme (funerários)
- Mapa 11** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Ciempozuelos.
- Mapa 12** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Internacional.
- Mapa 13** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo Palmela (inciso) e Pontilhado Geométrico.
- Mapa 14** Localização dos sítios com cerâmica Campaniforme de estilo cordado.
- Mapa 15** Sítios com cerâmica Campaniforme e referência aos diferentes complexos estilísticos Campaniformes no Sul de Portugal (Valera, 2005).

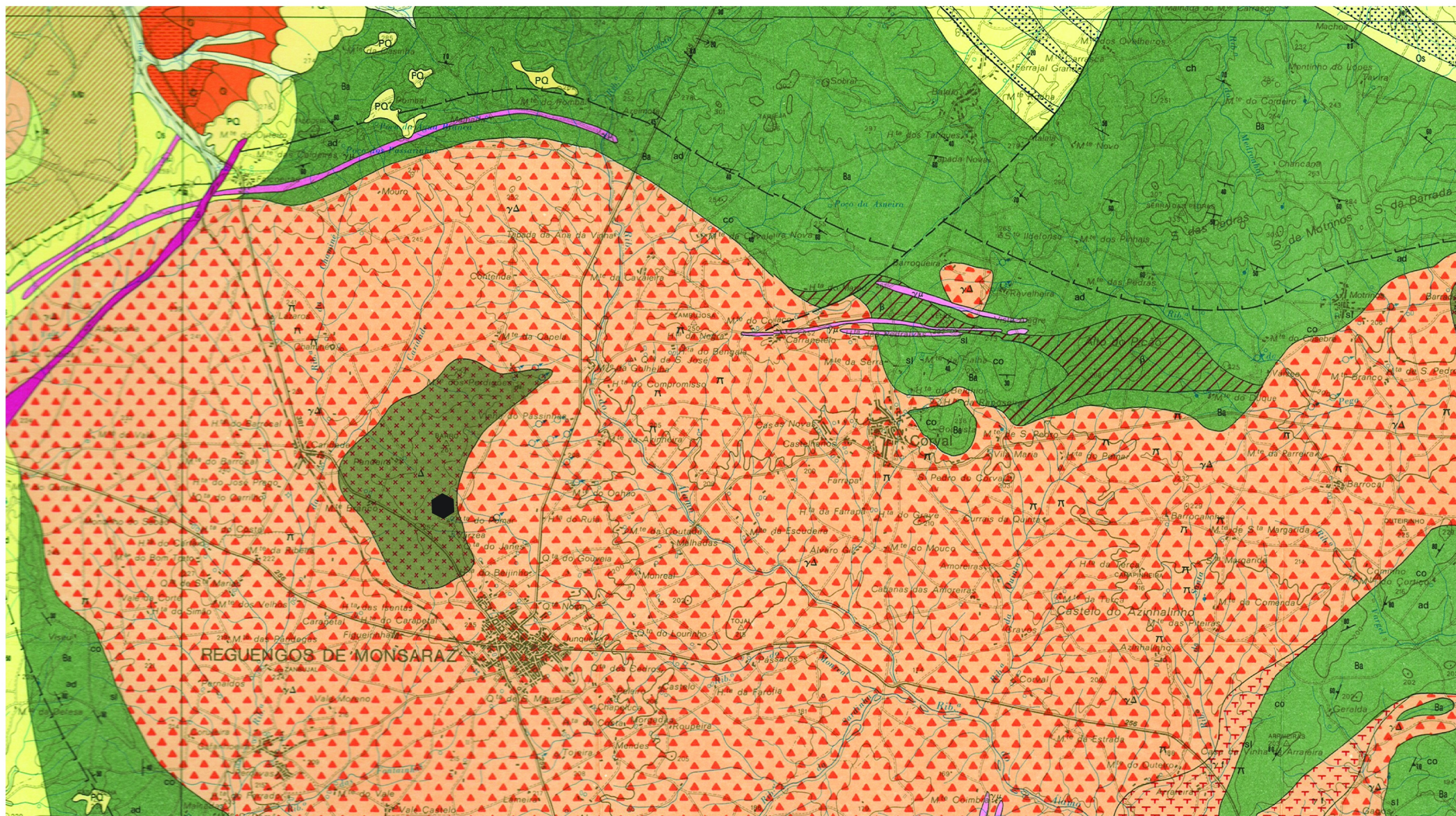


Mapa 1 - Implatação dos Perdigões (a vermelho) na 1) Península Ibérica e em 2) Portugal.



Mapa 2 - Implatação dos Perdigoes (a preto) na Carta Militar, 1:25 000 nº473.



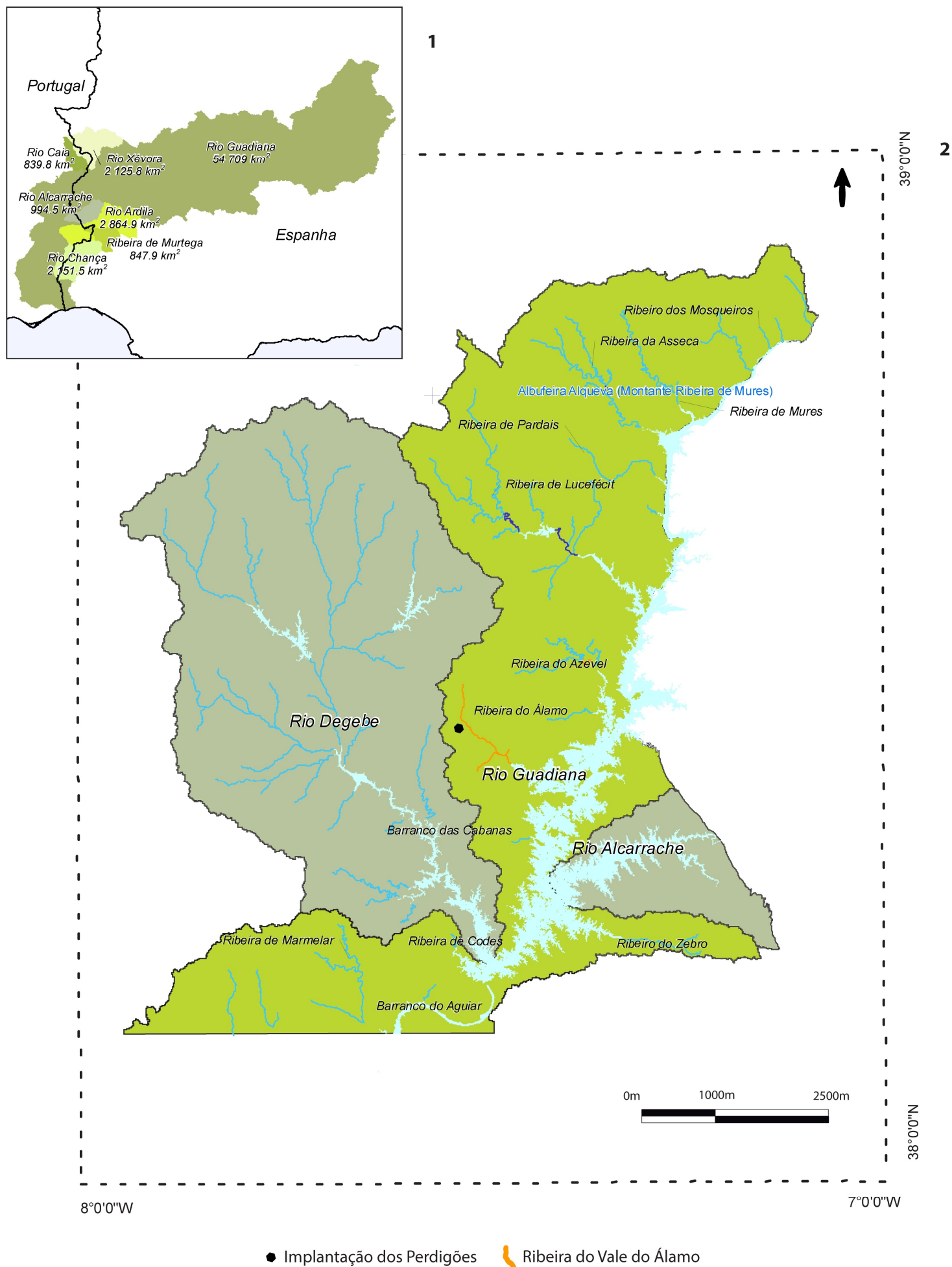


- Granitos e Granodioritos
- Dioritos e Gabros associados
- Xistos
- Grés, Argilas e Calcários (Paleogénico)

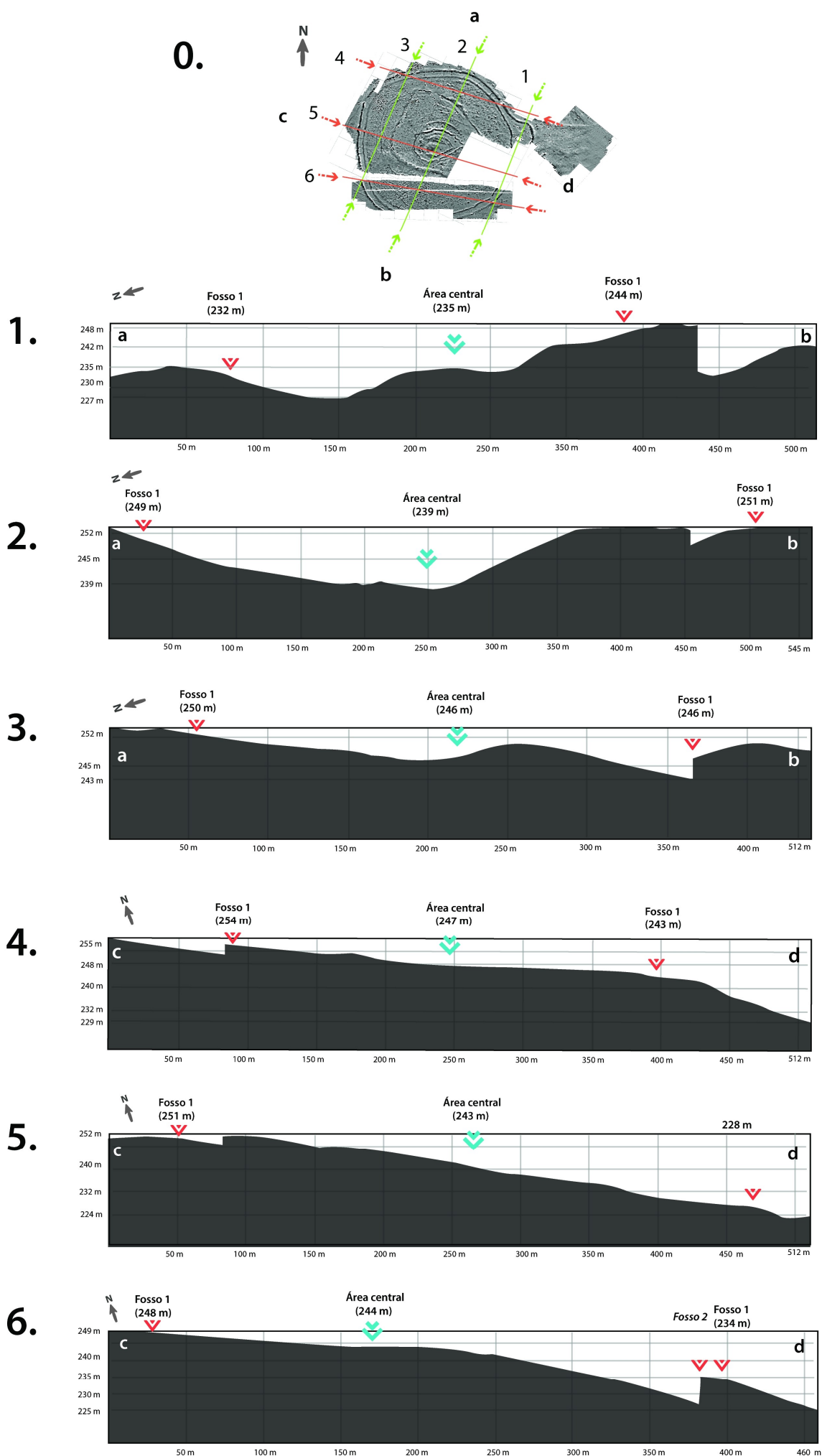
Implantação dos Perdigueiros



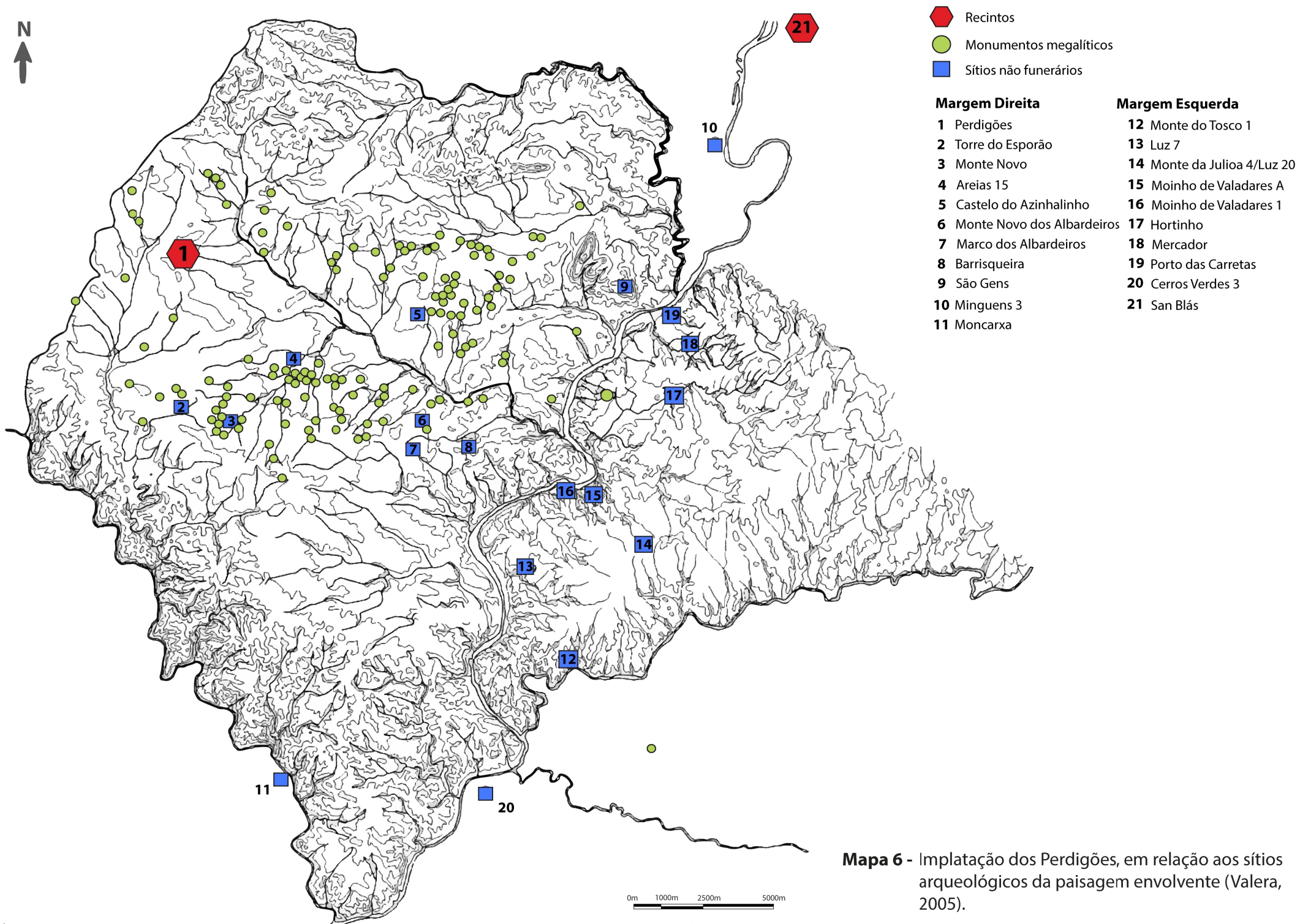
Mapa 3 - Implantação dos Perdigueiros (a preto) na Carta Geológica 1:50 000, 40-B de Reguengos de Monsaraz .

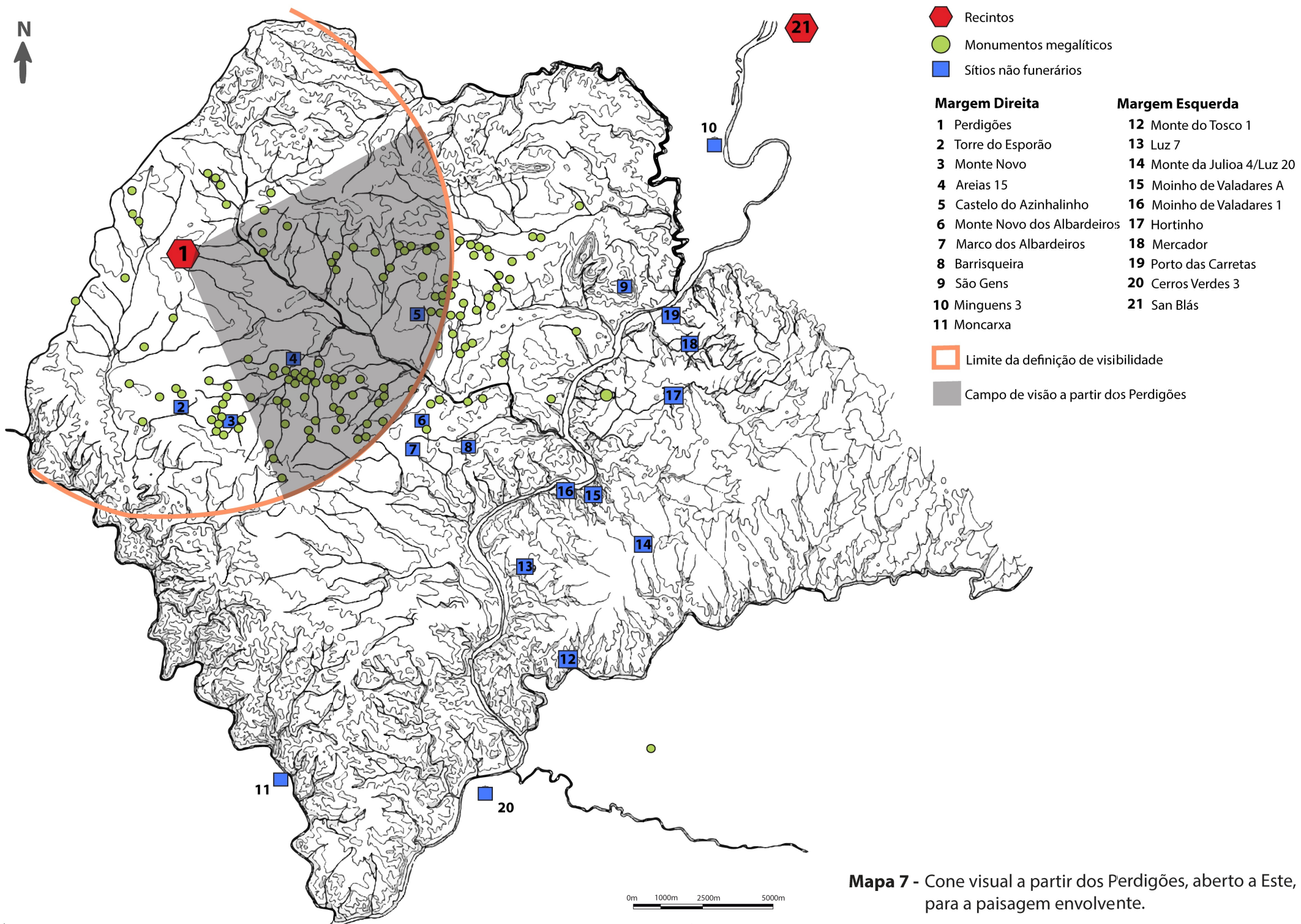


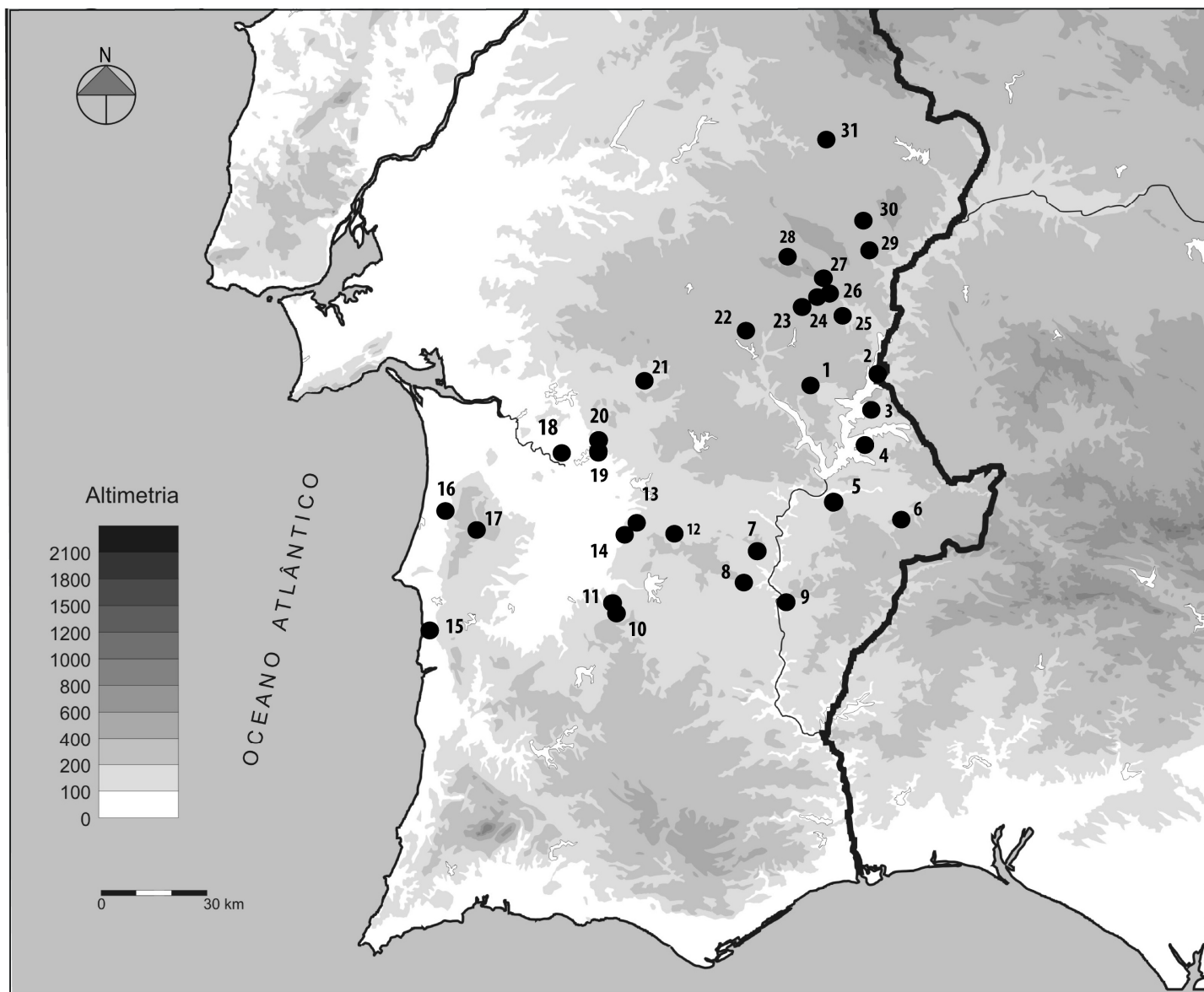
Mapa 4 - Implatação actual dos Perdigueiros (a preto) nas 1) Redes Hidrográficas do Sul da Península e 2) na Rede Hidrográfica do Rio Guadiana. Salienta-se a relação com a Ribeira do Vale do Álamo (a laranja).



Mapa 5 - Perfis territoriais do sítio dos Perdigões, com múltiplas orientações (visíveis em 0.) e indicação das estruturas de limite do sítio (Fosso 1) e do ponto central (Área central), com respectiva altimetria.

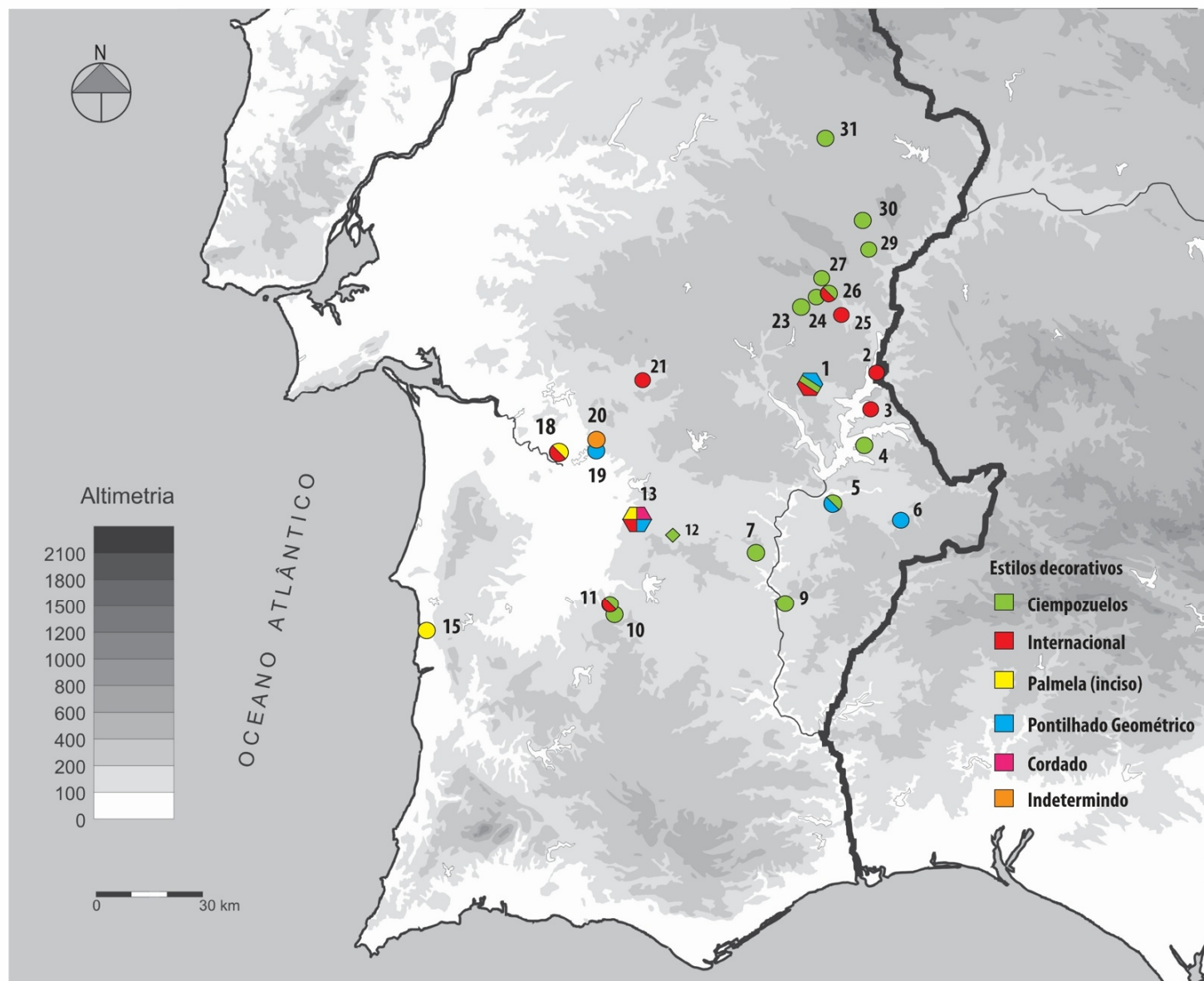






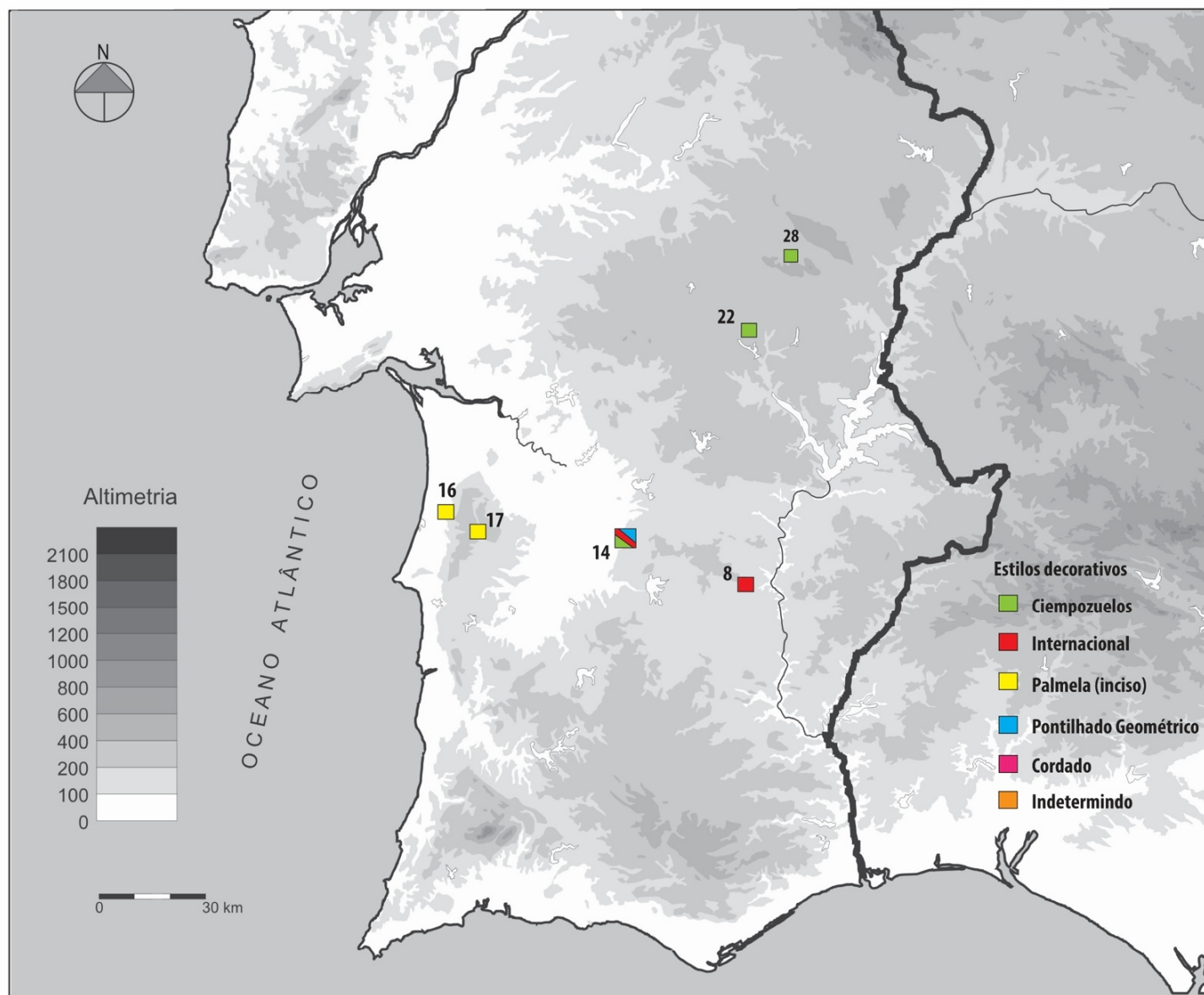
- | | | | | |
|---------------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------------|-------------|
| 1 Perdigões | 8 Quinta do Castelo 1 | 15 Vale Vistoso | 22 Anta de Bencafede | 29 Famão |
| 2 Miguens 3 | 9 São Brás 1 | 16 Pedra Branca | 23 São Pedro | 30 Terrugem |
| 3 Porto das Carretas | 10 Chapéu de Ferro | 17 Anta de Enxacafres | 24 Caladinho | 31 Pombal |
| 4 Monte do Tosco 1 | 11 Castelo de Aljustrel | 18 Barrada do Grilo | 25 Castelo Velho do Luceférit | |
| 5 Outeiro/Castro de S. Bernardo | 12 Vale de Coutos 2 | 19 Monte da Tumba | 26 São Gens | |
| 6 Castelo Velho de Safara | 13 Porto Torrão | 20 Castelos do Torrão | 27 Fonte Ferrenha | |
| 7 Três Moinhos | 14 Monte do Cardim 6 | 21 Monte da Ponte | 28 Casas do Canal 1 | |

Mapa 8 - Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo).



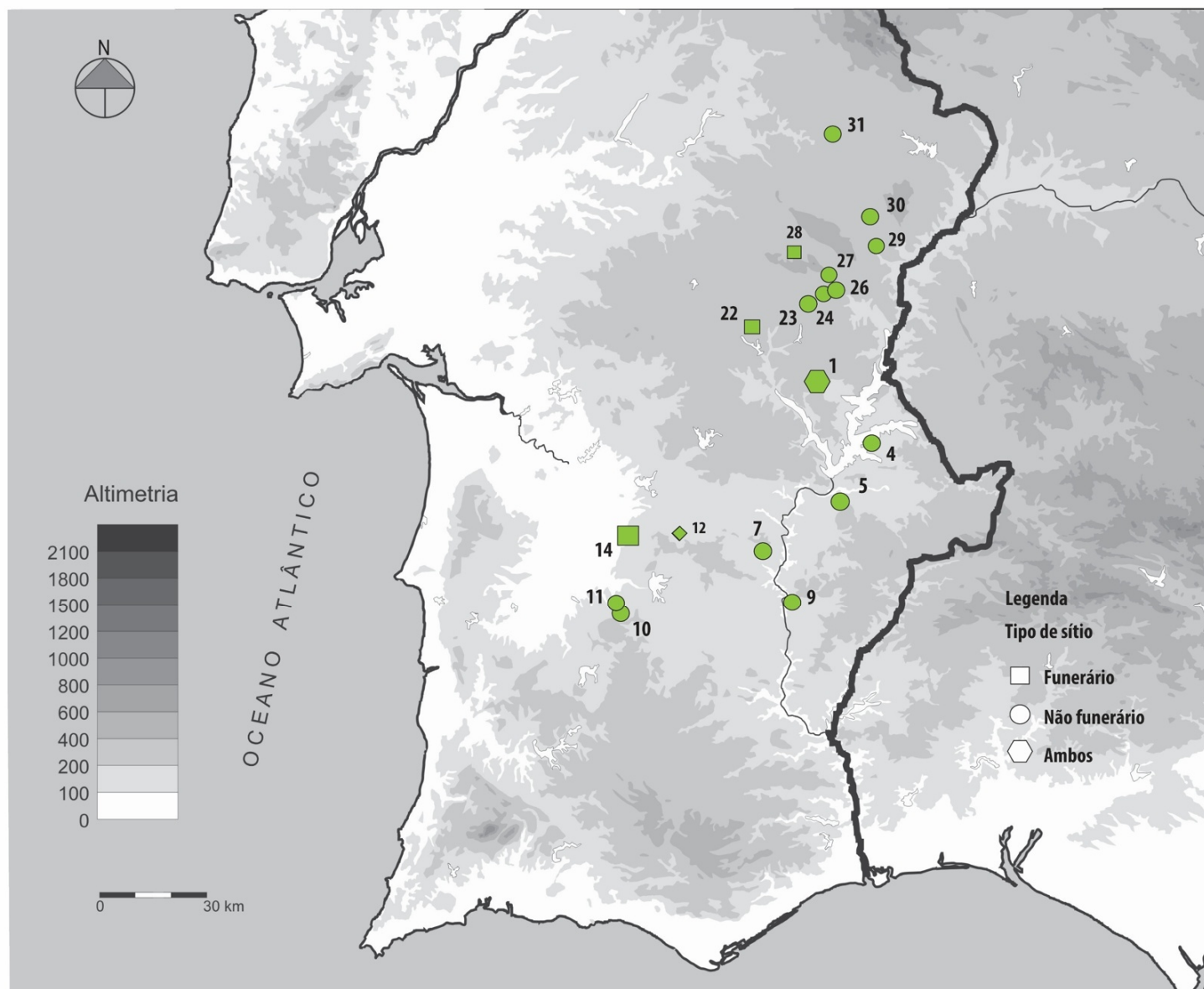
- | | | | |
|---------------------------------|-------------------------|-------------------------------|-------------|
| 1 Perdigões | 9 São Brás 1 | 20 Castelos do Torrão | 29 Famão |
| 2 Miguens 3 | 10 Chapéu de Ferro | 21 Monte da Ponte | 30 Terrugem |
| 3 Porto das Carretas | 11 Castelo de Aljustrel | 23 São Pedro | 31 Pombal |
| 4 Monte do Tosco 1 | 13 Porto Torrão | 24 Caladinho | |
| 5 Outeiro/Castro de S. Bernardo | 15 Vale Vistoso | 25 Castelo Velho do Lucefécit | |
| 6 Castelo Velho de Safara | 18 Barrada do Grilo | 26 São Gens | |
| 7 Três Moinhos | 19 Monte da Tumba | 27 Fonte Ferrenha | |

Mapa 9 - Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo).
Sítios não funerários e recintos de fossos.



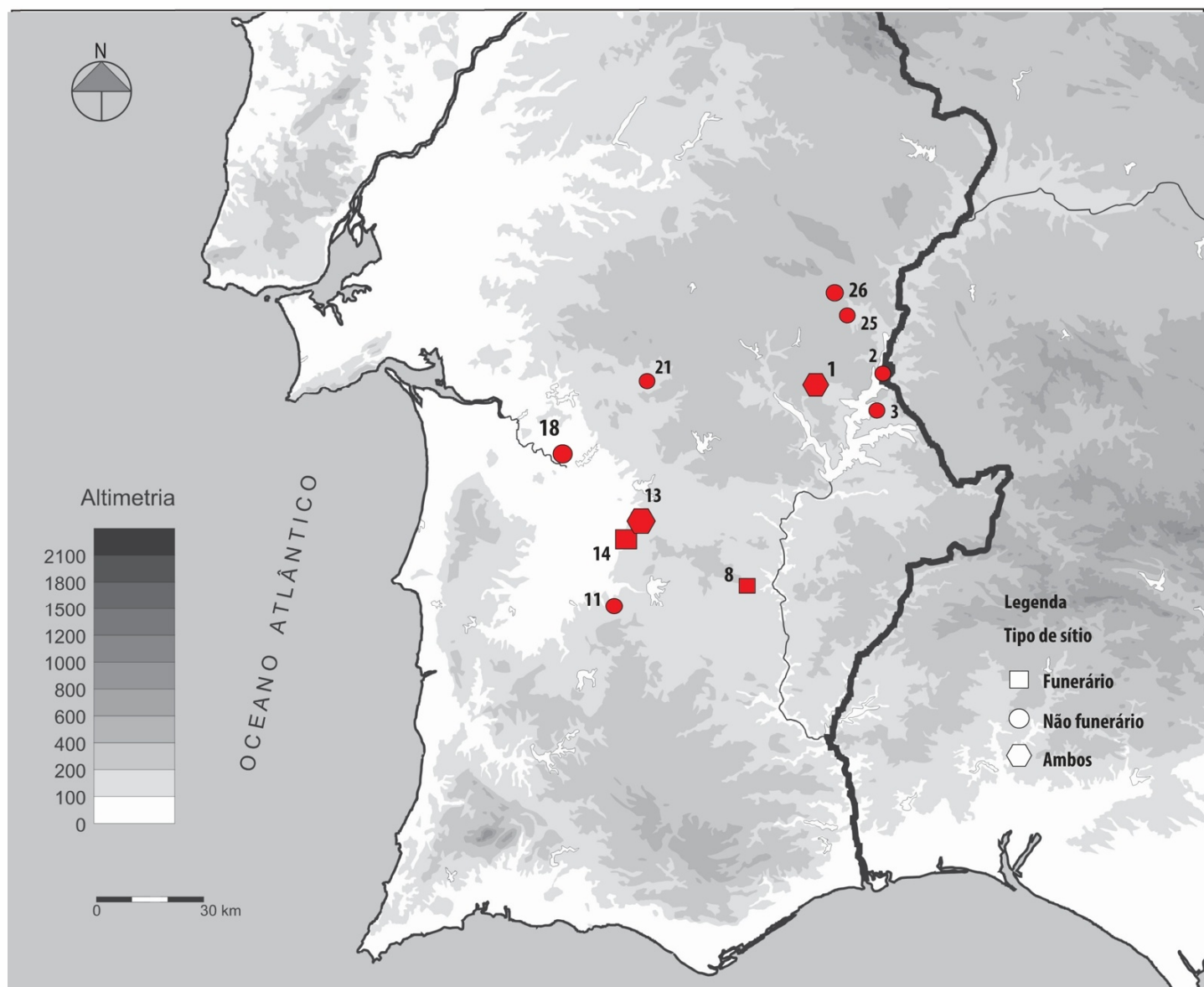
- | | | |
|------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| 8 Quinta do Castelo 1 | 16 Pedra Branca | 22 Anta de Bencafede |
| 14 Monte do Cardim 6 | 17 Anta de Enxacafres | 28 Casas do Canal 1 |

Mapa 10 - Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo).
Sítios funerários.



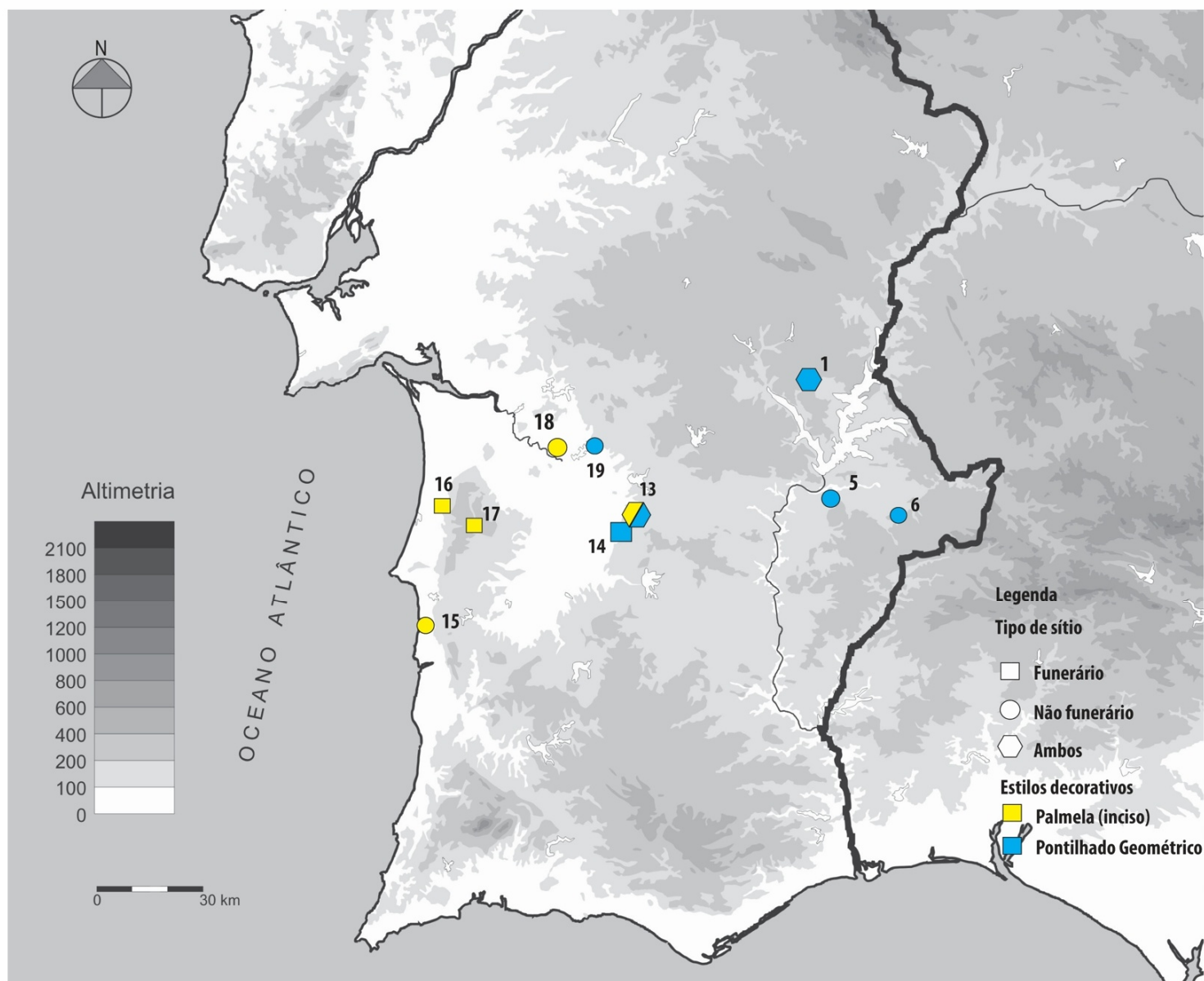
- | | | | |
|---------------------------------|-------------------------|---------------------|-------------|
| 1 Perdigões | 10 Chapéu de Ferro | 23 São Pedro | 29 Famão |
| 4 Monte do Tosco 1 | 11 Castelo de Aljustrel | 24 Caladinho | 30 Terrugem |
| 5 Outeiro/Castro de S. Bernardo | 12 Vale de Coutsos 2 | 26 São Gens | 31 Pombal |
| 7 Três Moinhos | 14 Monte do Cardim 6 | 27 Fonte Ferrenha | |
| 9 São Brás 1 | 22 Anta de Bencafede | 28 Casas do Canal 1 | |

Mapa 11- Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo). Sítios com o estilo Ciempozuelos.



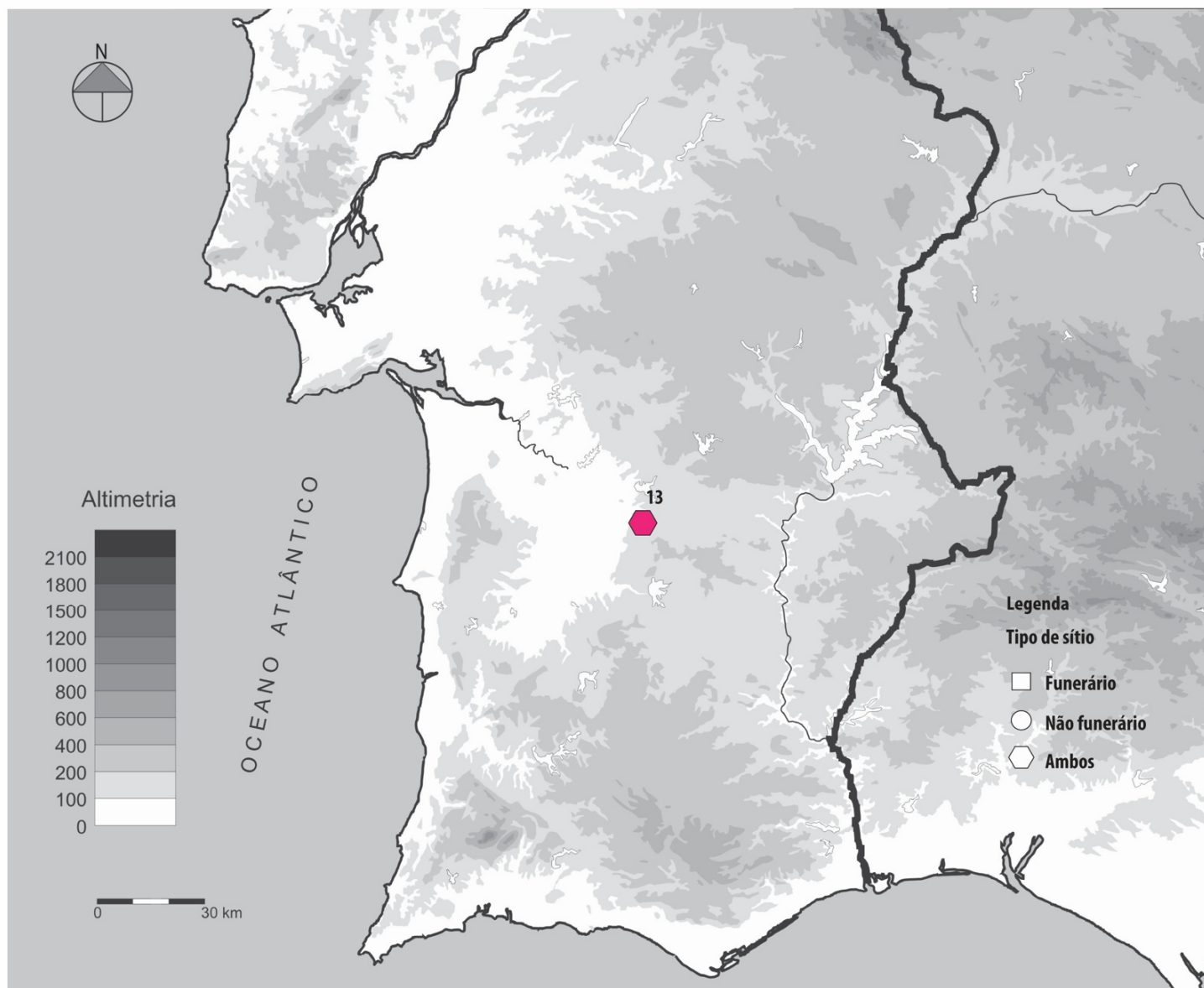
- | | | | |
|-----------------------------|--------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------|
| 1 Perdigões | 8 Quinta do Castelo 1 | 14 Monte do Cardim 6 | 25 Castelo Velho do Luceférit |
| 2 Miguens 3 | 11 Castelo de Aljustrel | 18 Barrada do Grilo | 26 São Gens |
| 3 Porto das Carretas | 13 Porto Torrão | 21 Monte da Ponte | |

Mapa 12- Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo). Sítios com o estilo Internacional.



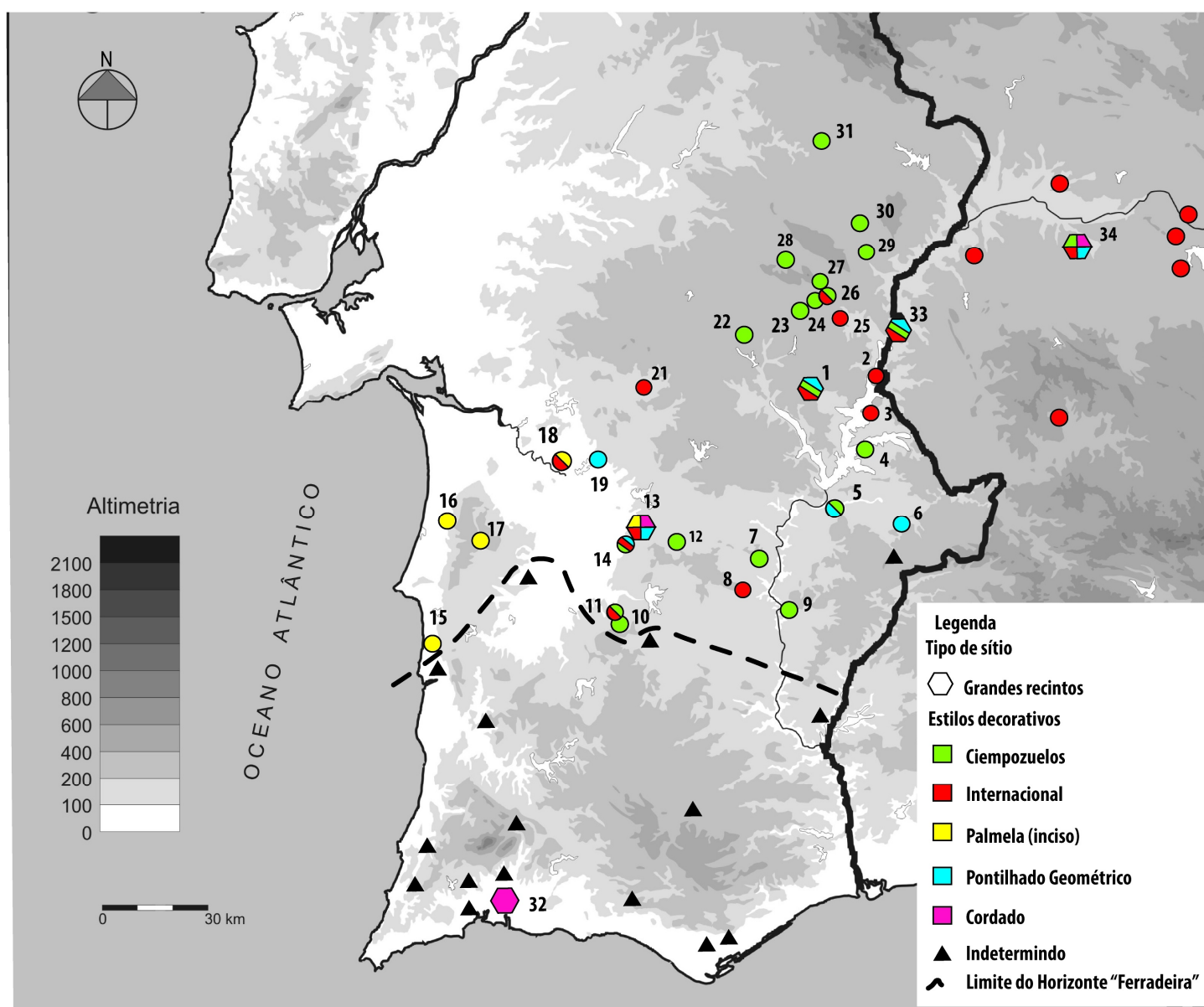
- | | |
|--|------------------------------|
| 1 Perdigões | 15 Vale Vistoso |
| 5 Outeiro/Castro de S. Bernardo | 16 Pedra Branca |
| 6 Castelo Velho de Safara | 17 Anta de Enxacafres |
| 13 Porto Torrão | 18 Barrada do Grilo |
| 14 Monte do Cardim 6 | 19 Monte da Tumba |

Mapa 13- Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no prelo).
Sítios com o estilo Palmela (inciso) e Pontilhado Geométrico.



13 Porto Torrão

Mapa 14 - Localização dos sítios com cerâmicas Campaniformes no Alentejo (segundo Valera e Basílio, no preto). Sítios com cerâmica Cordada.



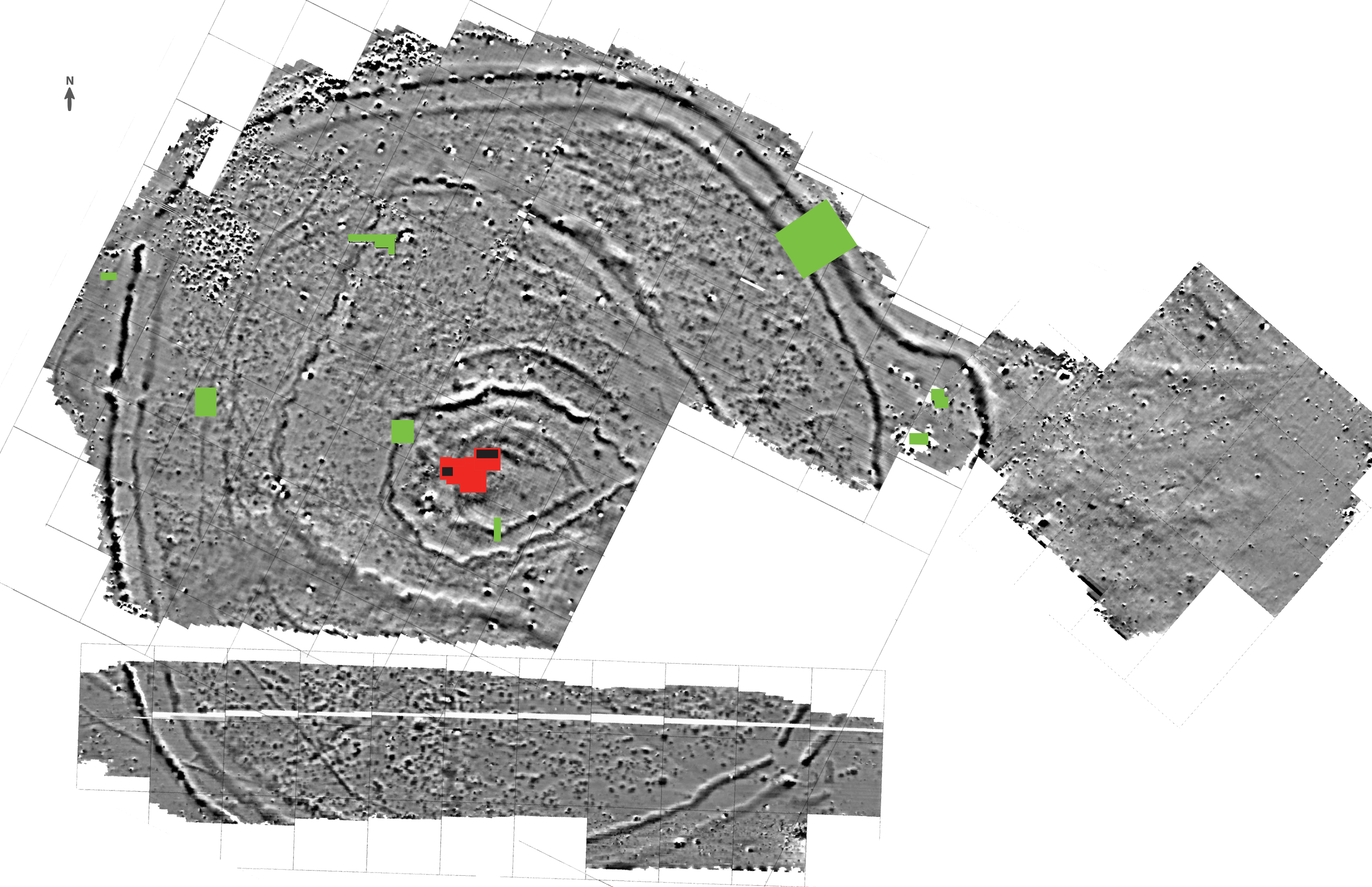
- | | | | | |
|---------------------------------|-------------------------|-----------------------|-------------------------------|-----------------|
| 1 Perdigões | 8 Quinta do Castelo 1 | 15 Vale Vistoso | 22 Anta de Bencafede | 29 Famão |
| 2 Miguens 3 | 9 São Brás 1 | 16 Pedra Branca | 23 São Pedro | 30 Terrugem |
| 3 Porto das Carretas | 10 Chapéu de Ferro | 17 Anta de Enxacafres | 24 Caladinho | 31 Pombal |
| 4 Monte do Tosco 1 | 11 Castelo de Aljustrel | 18 Barrada do Grilo | 25 Castelo Velho do Luceférit | 32 Alcalar |
| 5 Outeiro/Castro de S. Bernardo | 12 Vale de Coutos 2 | 19 Monte da Tumba | 26 São Gens | 33 San Blás |
| 6 Castelo Velho de Safara | 13 Porto Torrão | 20 Castelos do Torrão | 27 Fonte Ferrenha | 34 La Pijotilla |
| 7 Três Moinhos | 14 Monte do Cardim 6 | 21 Monte da Ponte | 28 Casas do Canal 1 | |

Mapa 15 - Sítios com cerâmica Campaniformes e referência aos diferentes complexos estilísticos Campaniformes no Sul de Portugal. Segundo Valera, 2005.

Anexo 2.

Plantas e enquadramento no sítio dos Perdigões

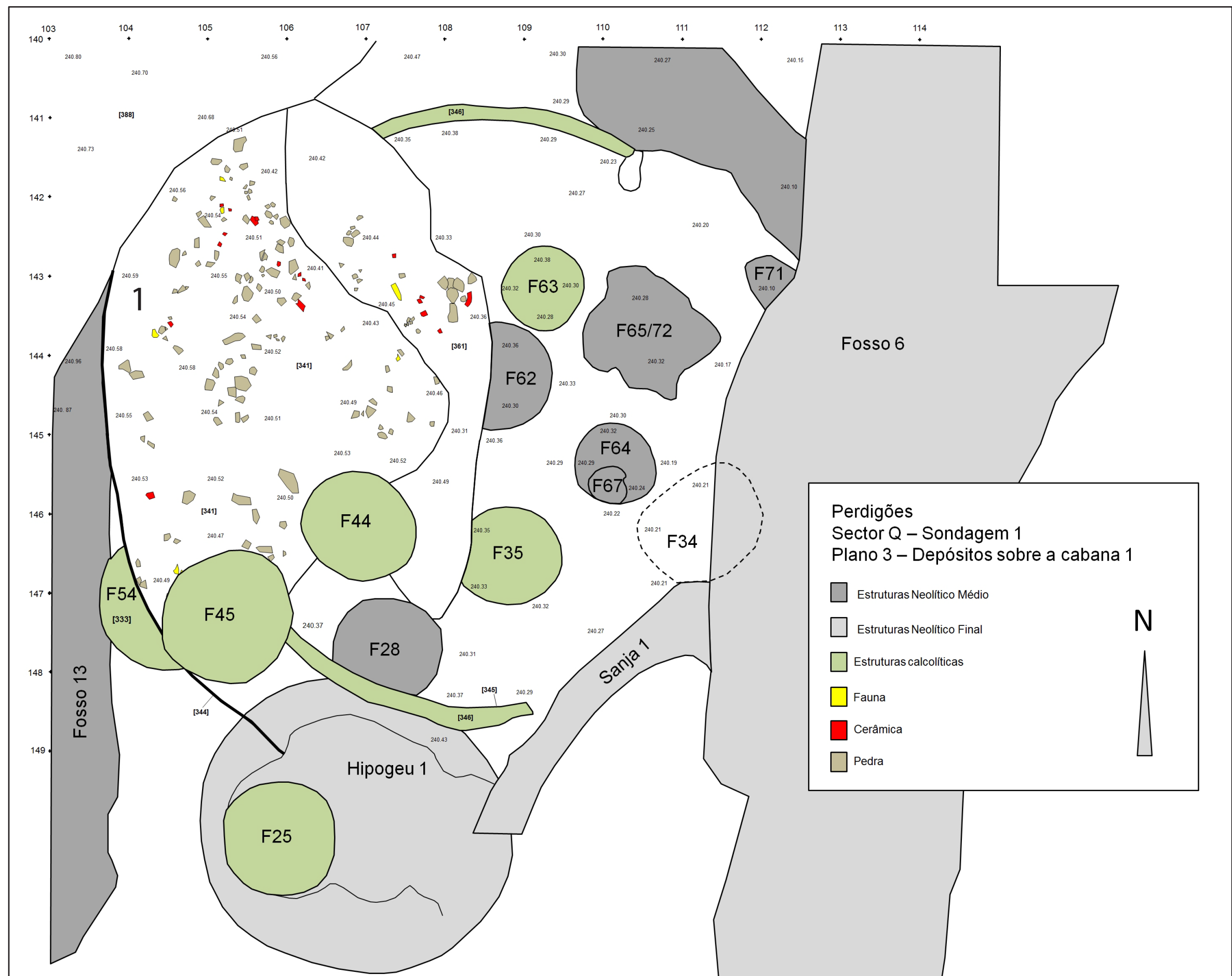
- Planta 1** Geofísica do sítio dos Perdigões com implantação das áreas intervenionadas a verde, do sector Q a vermelho e da localização das estruturas trabalhadas no presente trabalho a preto. Segundo Valera, 2016.
- Planta 2** Planta geral do sítio dos Perdigões com implantação das estruturas trabalhadas no presente trabalho a vermelho. 1) Fossas 44 e 43 (fase 2) e 2) Cairn (fase 3). Segundo Valera, 2016.
- Planta 3** Planta geral dos níveis mais recentes da fase 1 - [341], [361] e [267], onde foram abertas as fossas da fase 2 (Fossa 44 e Fossa 45). Segundo Valera, 2016.
- Planta 4** Planta geral dos níveis intermédios da fase 1 - [341] e [361]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.
- Planta 5** Planta geral dos níveis mais antigos da fase 1 - [361] e [378]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.
- Planta 6** Fossas 44 e 73 - 1) secção; 2) Fossa 44 e 3) plano final da fossa 44. Segundo Valera, 2016.
- Planta 7** Fossas 45 - 1) secção; 2) enterramento do canídeo [279] e 3) depósito final da fossa 45. Segundo Valera, 2015.
- Planta 8** Fase 3 -1) Depósito [415]; 2) "Pavimento"; 3) Lareira [418] e 4) Cairn. Segundo Valera, 2016.
- Planta 9** Fase 3 -1) Cairn [400]; 2) Depressão [442] onde são abertas as 3) Fossa 77 e 4 e 5) Fossa 79. Segundo Valera, 2016.



Planta 1 - Geofísica do sítio dos Perdigões com implantação das áreas intervencionadas a verde, do sector Q a vermelho e da localização das estruturas trabalhadas no presente trabalho a preto. Segundo Valera, 2016.



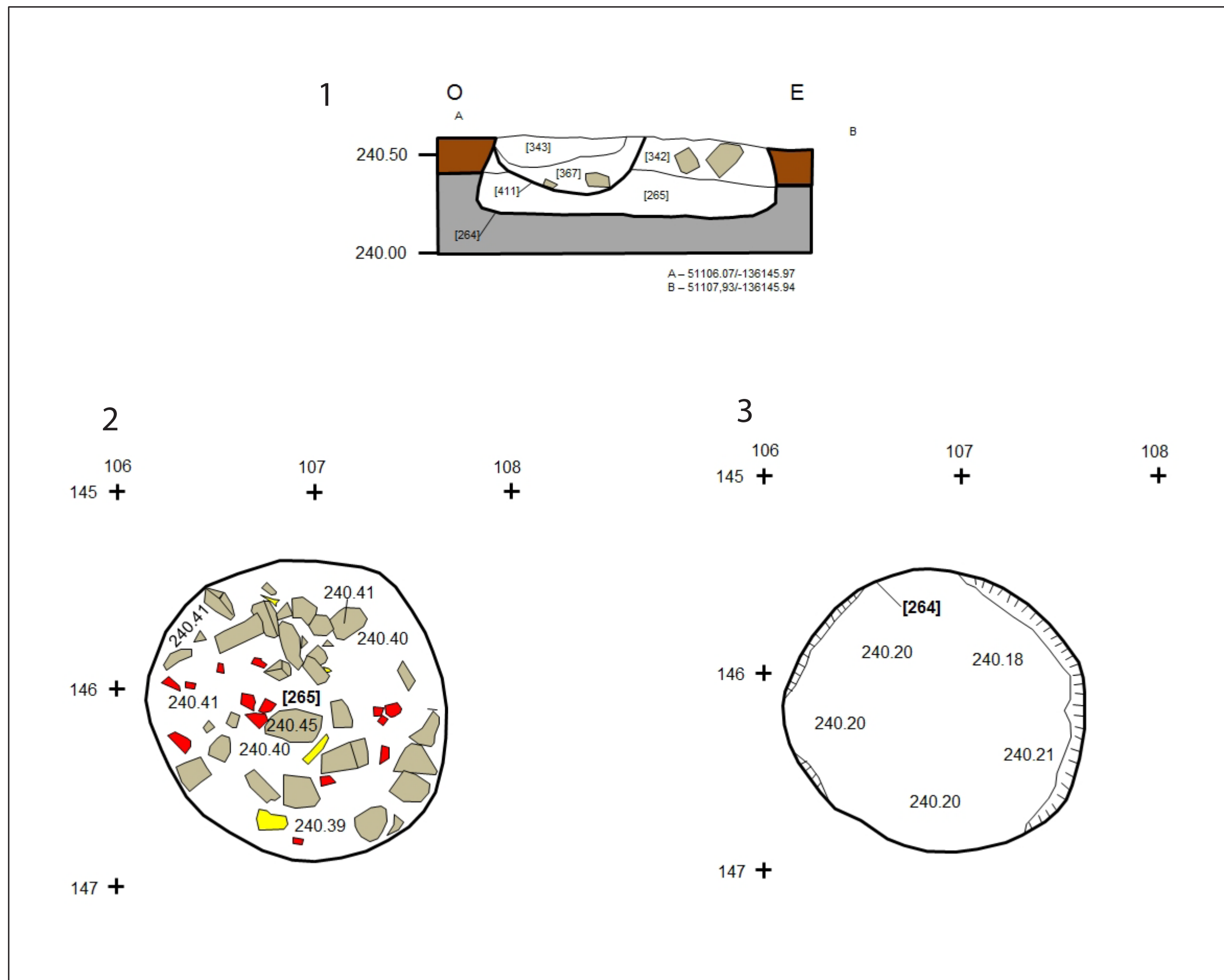
Planta 2 -Planta geral do sítio dos Perdigões com implantação das estruturas trabalhada, a vermelho. 1) Fossas 44 e 43 (fase 2) e 2) *Cairn* (fase 3). Segundo Valera, 2016.



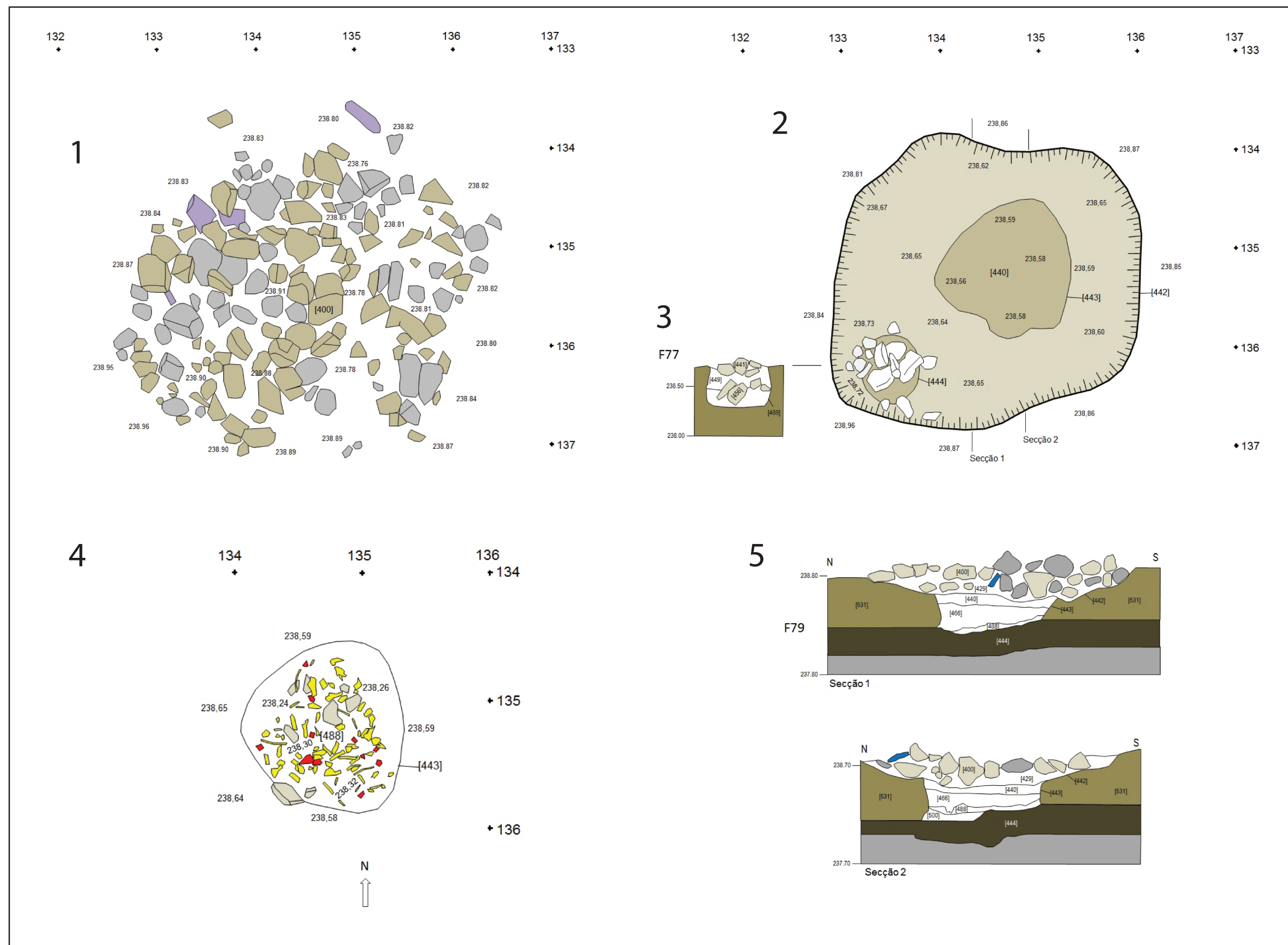
Planta 4 -Planta geral dos níveis intermédios da fase 1 - [341] e [361]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.



Planta 5 -Planta geral dos níveis mais antigos da fase 1 - [361] e [378]. Fossas 44 e 45, da fase 2. Segundo Valera, 2016.



Planta 6 -Fossas 44 e 73 - 1) secção; 2) Fossa 44 e 3) plano final da fossa 44. Segundo Valera, 2016.



Planta 9 - Fase 3 -1) Cairn [400]; 2) Depressão [442] onde são abertas as 3) Fossa 77 e 4 e 5) Fossa 79. Segundo Valera, 2016.

Anexo 3.

Descritores e tabela de formas

Tabela 1 Descrição da tabela tipológica dos recipientes identificados.

Tabela 2 Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado.

Tabela 3 Descritores da componente cerâmica.

Tabela 4 Descritores da componente lítica.

Tabela 1 - Descrição da tabela tipológica dos recipientes identificados		
Tipo	Subtipo	Descrição
1		Pratos – Recipientes abertos, pouco profundos ($IP \leq 30$)
	1.1	Pratos de bordo simples (arredondado ou aplanado)
	1.3	Pratos de base plana
	1.5	Pratos de bordo espessado internamente
	1.6	Pratos de bordo biespessado
	1.7	Pratos de bordo espessado externamente
2		Taças – Recipientes abertos, ou ligeiramente fechados, com pouca profundidade ($30 < IP < 60$)
	2.1	Taças de bordo simples (arredondado ou aplanado)
	2.3	Taças fechadas ($90 < IA$)
	2.4	Taças de bordo biespessado
	2.5	Taças de bordo espessado externamente
	2.9	Taças de bordo espessado internamente
3		Taças carenadas – Recipientes pouco profundos ($7 < IP < 40$)
	3.1	Taças de carena alta ($65 < IHC$)
	3.2	Taças de carena média ($15 < IHC < 65$)
	3.3	Taças de carena baixa ($14 > IHC$)
	3.4	Taças com carena proeminente
4		Tigelas – Recipientes tendencialmente mais profundos do que as taças ($32 < IP < 80$)
	4.1	Tigelas de bordo simples (arredondado ou aplanado)
	4.2	Tigelas fechadas ($83 < IA < 65$)
5		Esféricos de bordo simples - Recipientes fechados de forma esférica
6		Globulares – Recipientes fechados de tendência globular ($42 < IP < 75$), tendo sido identificados exemplares com colo. Nos recipientes simples foram identificados mamilos/pegas, junto ao bordo.
	6.1	Globulares simples e/ou com colo
	6.2	Globulares de bordo invertido
	6.4	Globulares mais fechados, com colo.
7		Recipientes tipo saco – Recipientes de difícil reconstituição formal, essencialmente composta por recipientes completos.
10		Copos – Recipientes de base aplanada, com diâmetros reduzidos.
13		Mini-Vaso
15		Acampanados – Recipiente de forma tendencialmente acampanada (associados a decoração campaniforme)
	15.1	Campaniformes
	15.2	Caçoilas
20		Recipiente de carena esbatida e perfil cónico – recipiente muito fechado, com extremidades de tendência cónica, com perfurações.
22		Taça carenada com <i>omphalos</i> – Recipiente de dimensão média que ilustra a forma mais evoluída presente no conjunto. Elemento possivelmente representativo do início da Idade do Bronze.

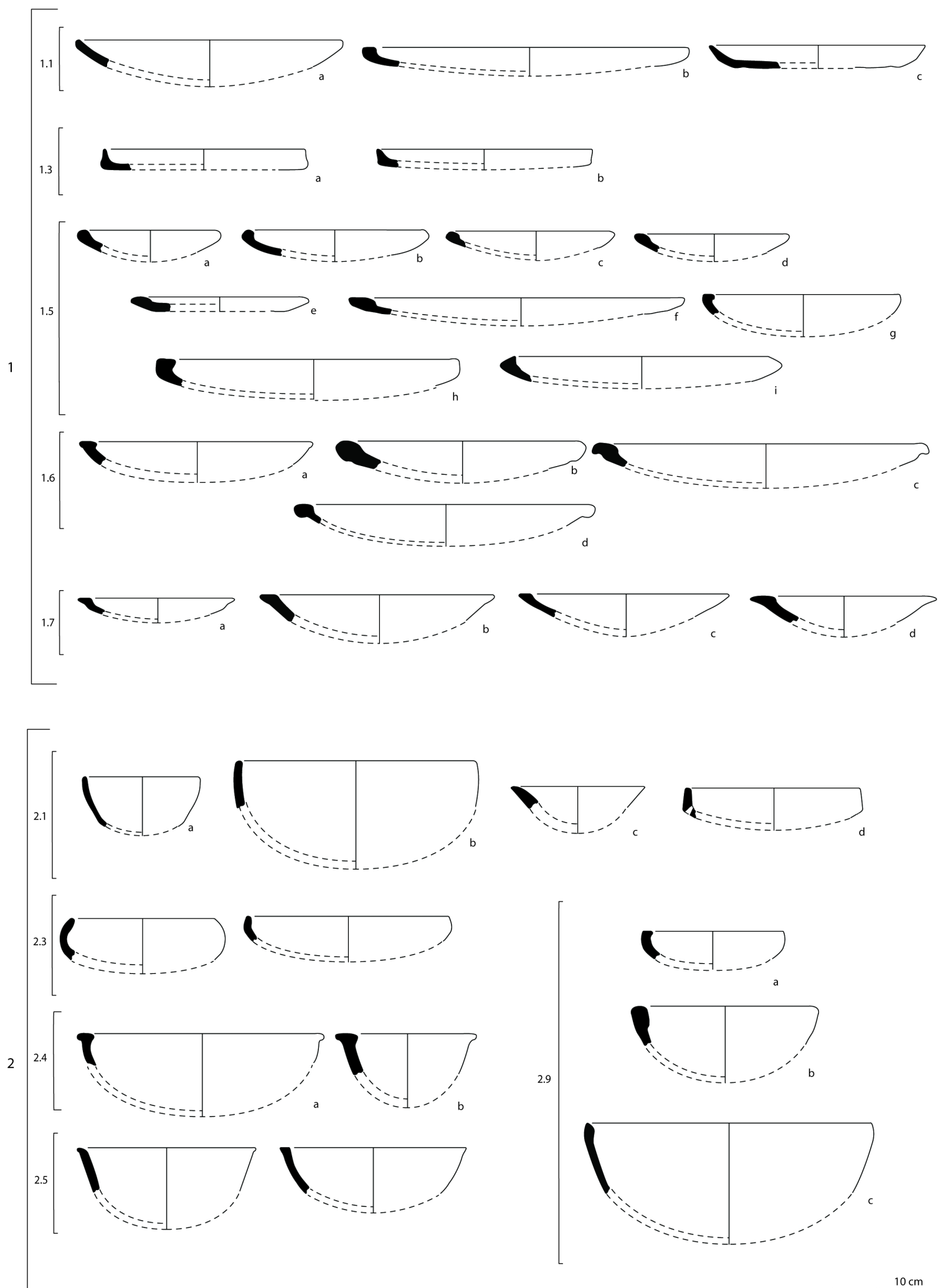


Tabela 2 - Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado.

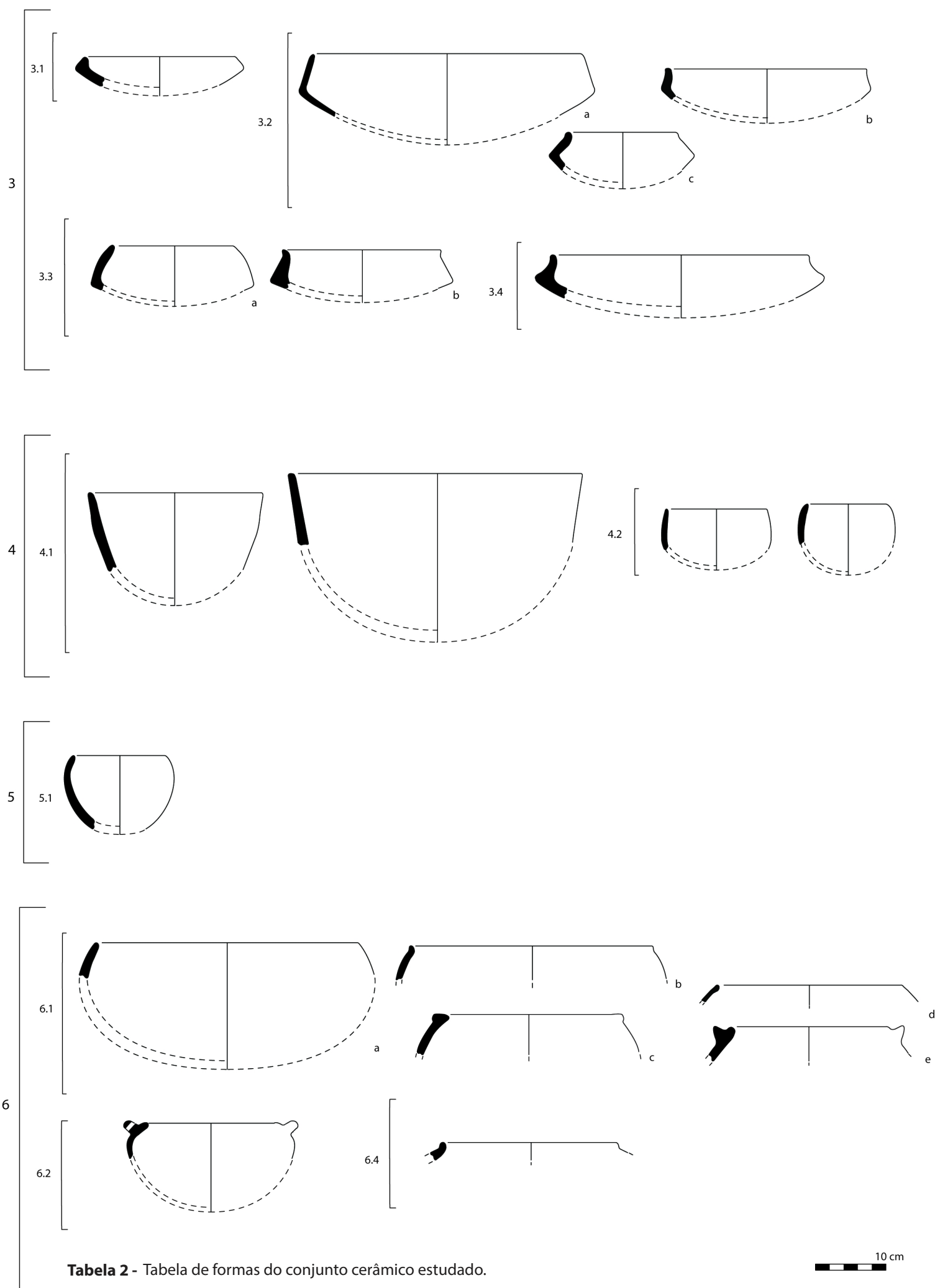


Tabela 2 - Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado.

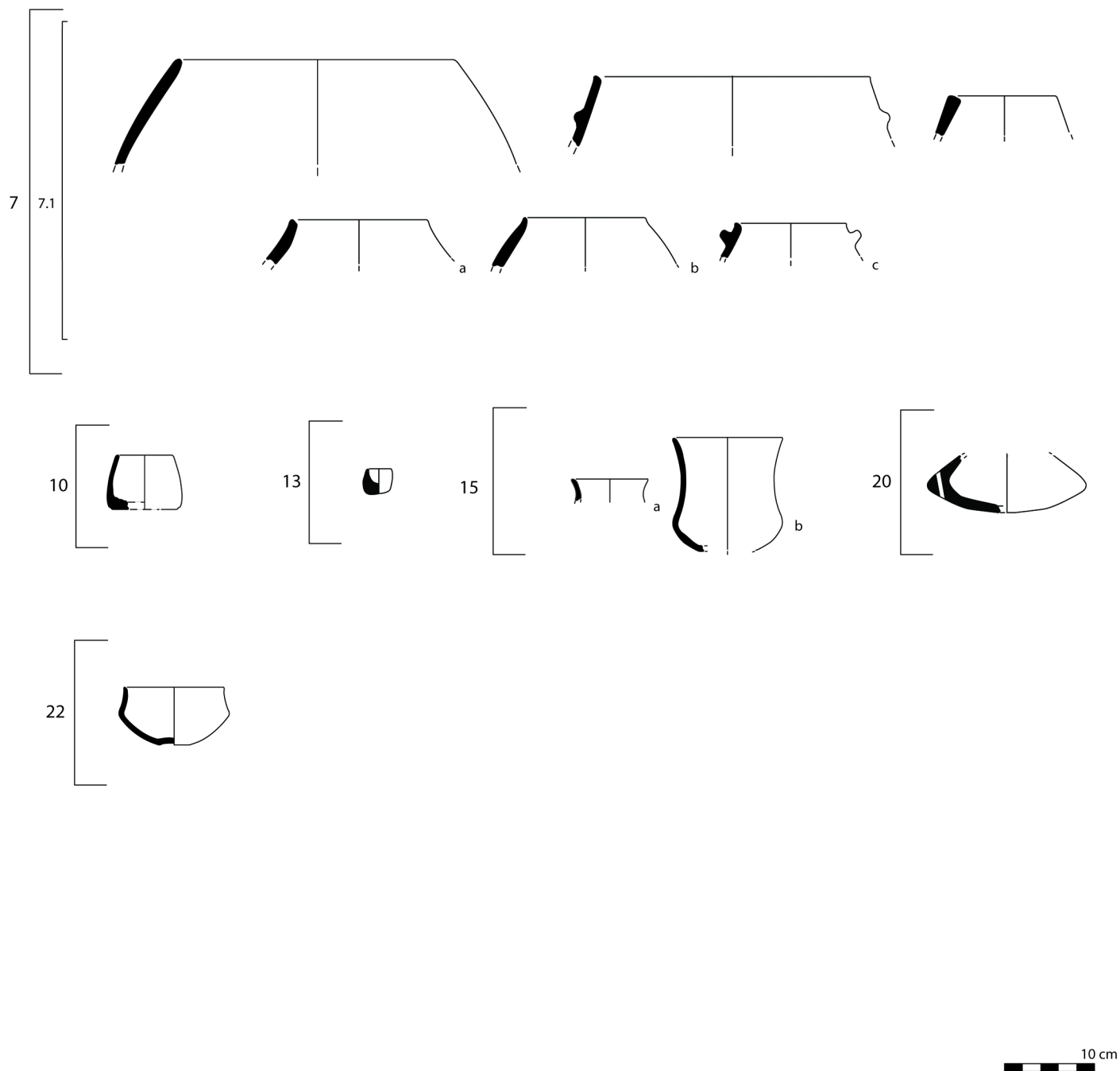


Tabela 2 - Tabela de formas do conjunto cerâmico estudado.

Tabela 3 – Descritores cerâmicos

Gerais (atributos extrínsecos)

Número; Unidade Estratigráfica; Sector; Estrutura; Quadrado; Localização tridimensional (X, Y, Z); Data.

1 – Recipientes cerâmicos

0. Estado: (0) Bordo; (1) Bojo; (2) Base; (3) Elemento de preensão.

1. Forma do bordo: (0) Redondo; (1) Direito; (2) Bisel interno; (3) Bisel externo; (4) Bisel duplo; (5) Espessado internamente; (6) Espessado externamente; (7) Bi-espessado; (8) Almendrado; Outros.

2. Orientação do bordo: (0) Direito; (1) Invertido; (2) Exvertido.

3. Tipo da Base: (0) Convexa; (1) Plano-convexa; (2) *Omphalos*

4. Forma: (0) Hemi-esfera; (1) Segmento esférico; (2) Hemi-Elipsóidal; (3) Cilindro; (4) Tronco de cone; (5) Paraboloide; (6) Hiperboloide. (Volumes)

5. Forma do recipiente: Margem esquerda Guadiana (anexo)

6. Volume: Através de diagrama de distribuição dos volumes calculados (tamanho – classe a ser atribuída no final).

7. Tipo Elemento de preensão: (0) Pega; (1) Asa; (2) Mamilo.

8. Medidas: (D) Diâmetro máximo; (d) Diâmetro da boca; (dm) Diâmetro do colo/gargalo; (H) Altura total; (h) Altura do colo/gargalo; (hc) Altura da Carena; (HD) Altura do Diâmetro máximo; (E) Espessura máxima; (e) Espessura no bordo; (p) Peso.

9. Índices: Ia1 (dm/Dx100); Ia2 (d/Dx100); Ip (H/DX100); Ie1 (HD/HX100); Ihc (Alt. Carena x 100/H).

10. Altura da Carena: (0) Muito Baixa; (1) Baixa; (2) Média; (3) Alta; (4) Muito Alta.

11. Consistência da Pasta: (0) Compacta (homogênea + CNP pequenos); (1) Friáveis (CNP grosseiros, facilidade na desagregação); (2) Consistência média.

12. Textura da pasta: (0) Homogênea (CNP pequenos bem distribuídos); (1) Xistosa (organização laminar); (2) Granular (pequenos grânulos); (3) Arenosa (distribuição não homogênea, CNP elevada proporção).

13. Componentes não plásticos: Descrição da observação macroscópica.

14. Proporção dos CNP: (0) Fraca ($\leq 15\%$); (1) Média ($\leq 30\%$); (2) Forte ($> 30\%$).

15. Dimensão dos CNP: (0) $\leq 1\text{mm}$; (1) $\leq 3\text{ mm}$; (2) $\leq 5\text{mm}$; (3) > 5 .

16. Cozedura: (0) Oxidante; (1) Redutora; (2) Oxidante com arrefecimento redutor; (3) Redutora com arrefecimento oxidante.

17. Estado da superfície: (0) Bom; (1) Sinais de erosão; (2) Erosão intensa.

18. Tratamento de superfície: (0) Normais (alisadas); (1) Polimento (superfície brilhante) externo; (2) Polimento interno; (3) Polimento total; (4) Brunido (Polimento mais intenso = mais brilhante) externo; (5) Brunido interno; (6) Brunido total; (7) Engobe interno; (8) Engobe externo; (9) Engobe total.

19. Técnica decorativa: (0) Incisão (riscos de forma corrida sobre pasta húmida ou semi-seca - caneluras; pente); (1) Impressão (negativos resultantes do uso de uma matriz, normalmente de forma repetitiva); (2) Incisão e Impressão; (3) Excisão; (4) Decoração plástica; (5) Pintura; (6) Incrustação (impressão + incrustação); (7) pasta branca.

20. Localização da decoração: (0) Superfície interna; (1) Superfície externa – Junto ao bordo; (2) Superfície externa - Fragmento.

21. Organizações decorativas: (a elaborar).

2 – Pesos de tear

0. Estado: (0) Inteiro; (1) Parcialmente fragmentado; (2) Fragmento com perfuração.

1. Forma: (0) Placa; (1) Crescente.

2. Tipo: (0) Placa rectangular; (1) Placa quadrangular; (2) Placa ovalada; (3) Crescente de secção ovalada; (4) Crescente achatado.

3. Forma secção: (0) Rectangular; (1) Sub-rectangular; (2) Circular; (3) Ovalada; (4) Achata.

4. Arestas: (0) Arredondadas; (1) Vincadas; (2) Indeterminadas.

5. Cantos: (0) Arredondados; (1) Angulosos; (2) Indeterminado.

6. Número de perfurações.

7. Consistência da Pasta: (0) Compacta (homogénea + CNP pequenos); (1) Friáveis (CNP grosseiros, facilidade na desagregação); (2) Consistência média.

8. Textura da pasta: (0) Homogénea (CNP pequenos bem distribuídos); (1) Xistosa (organização laminar); (2) Granular (pequenos grânulos); (3) Arenosa (distribuição não homogénea, CNP elevada proporção).

9. Componentes não plásticos: Descrição da observação macroscópica.

10. Proporção dos CNP: (0) Fraca ($\leq 15\%$); (1) Média ($\leq 30\%$); (2) Forte ($> 30\%$).

11. Dimensão dos CNP: (0) $\leq 1\text{mm}$; (1) $\leq 3\text{ mm}$; (2) $\leq 5\text{mm}$; (3) > 5 .

12. Cozedura: (0) Oxidante; (1) Redutora; (2) Oxidante com arrefecimento redutor; (3) Redutora com arrefecimento oxidante.

13. Estado da superfície: (0) Bom; (1) Sinais de erosão; (2) Erosão intensa.

14. Tratamento de superfície: (0) Normais (alisadas); (1) Polimento (superfície brilhante) externo; (2) Polimento interno; (3) Polimento total; (4) Brunido (Polimento mais intenso = mais brilhante) externo; (5) Brunido interno; (6) Brunido total; (7) Engobe interno; (8) Engobe externo; (9) Engobe total.

15. Decoração, se aparecer, descrição em texto.

16. Vestígios de uso: (0) Erosão junto às perfurações; (1) Ausentes.

17. Medidas: (E) Espessura; (L) Largura; (C) Comprimento.

18. Índices: IA ($L/C \cdot 100$); IE ($E/C \cdot 100$).

19. Peso – se estiver inteiro.

Tabela 4 – Descritores da componente lítica

Gerais

Número; Unidade Estratigráfica; Sector; Estrutura; Quadrado; Localização tridimensional (X, Y, Z); Data.

1 – Núcleos

0.Estado: (0) Nódulo; (1) Prismático; (2) Prismático piramidal; (3) Prismático de plataformas opostas; (4) Prismático de plataformas múltiplas; (5) Discóide; (6) Poliédrico; (7) Bipolar; (8) Fragmento.

1.Produtos extraídos: (0) Lâmina; (1) Lamela; (2) Lasca; (3) Lamelas e lascas; (4) Lâminas e lamelas; (5) Indeterminado.

2. Grau utilização: (0) Esboço; (1) Acidente de talhe, (2) Abandono simples; (3) Exausto.

3. Córtex: (0) Ausente; (1) Córtex de alteração; (2) Córtex de alteração com rolamento aluvial; (3) Córtex de seixo; (4) Nódulos com córtex misto.

4. Alterações térmicas: (0) Tratamento térmico; (1) Crazeing; (2) Potlid.

5. Plataforma Núcleo Prismático: (0) Cortical; (1) Lisa; (2) Facetada; (3) Não aplicável.

6. Ondulações superfície de debitagem: (0) Presentes; (1) Ausentes.

7. Número Planos de debitagem: (0) 1; (1) 2; (2) múltiplos.

8. Orientação extracções: (0) Oposta; (1) Alterna; (2) Ortogonal; (3) Múltipla; (4) Bipolar; (5) Não identificável.

9. Retoque/Utilização: (0) Presente; (1) Ausente.

10. Medidas: (C) Comprimento; (L) Largura; (E) Espessura; (CE) Comprimento do maior eixo de debitagem.

11. Matéria-prima.

2 – Lascas

0. Estado: (0) Extremidade Distal; (1) Extremidade Distal e área mesial; (2) Proximal; (3) Proximal e área mesial; (4) Frag. Área mesial

1. Talão: (0) Cortical; (1) Facetado rectilíneo; (2) Facetado Convexo; (3) Liso; (4) Diédrico; (5) Triédrico; (6) Esmagado; (7) Punctiforme; (8) Linear.

2. Asa de Pássaro

3. Bolbo: (0) Ausente; (1) Nítido; (2) Reduzido com esquirolamento; (3) Nítido com esquirolamento; (4) Esquirolamento; (5) Duplo bolbo; (6) Reduzido.

4. Tipo: (0) Retocada; (1) Não retocada.

5. Córtex: (0) Presente; (1) Ausente.

6. Alterações térmicas: (0) Presente; (1) Ausente

7. Marcas de Uso: (0) Lustre; (1) Lascagem dos bordos; (2) microdenticulados, (3) outras.

8. Matéria Prima.

3 – Pontas de Seta

0. Estado: (0) Extremidade Distal; (1) Extremidade Distal e área mesial; (2) Proximal; (3) Proximal e área mesial; (4) Frag. Área mesial

1. Formato da Base: (0) Recta; (1) Convexa; (2) Côncava; (3) Convexa com aletas; (4) Triangular com aletas; (5) Triangular; (6) Pedunculada; (7) Bicôncava; (8) Trapezoidal; (9) Irregular.

2. Geometria dos Bordos: (0) Rectos; (1) Côncavos; (2) Convexos; (3) Sinuosos.

3. Secção Transversal: (0) Triangular; (1) Biconvexa; (2) Plano-convexa; (3) Losangular; (4) Trapezoidal; (5) Indiferenciada.

4. Localização dos retoques na face: (0) Superfície total; (1) Extremidade distal; (2) Bordo Direito; (3) Bordo Esquerdo; (4) Ambos os bordos; (5) Base.

5. Tipo de retoque na face: (0) Abrupto; (1) Semi-abrupto; (2) Rasante.

6. Extensão do retoque: (0) Marginal curto; (1) Marginal Longo; (2) Invasor; (3) Cobridor.

7. Fractura: (0) Flexão; (1) Térmica; (2) Retoque; (3) Acidental; (4) Indeterminada.

8. Alterações térmicas: (0) Tratamento térmico; (1) Crazing; (2) Potlid.

9. Marcas de uso: (0) Lustre; (1) Outros; (2) Não presente

10. Tipo de Ponta de Seta: (0) Base Convexa; (1) Base Reta; (2) Base Côncava; (3) Mitriforme; (4) “Torre Eiffel”; (5) Alcalarense; (6) Oval/Foliáceo; (7) Modificadas.

11. Extremidade: (0) Agulha; (1) Simples; (2) Em Cabeça.

12. Aletas: (0) Presente; (1) Ausente; (2) Indeterminado.

13. Estádio de Produção: (0) Inicial; (1) Pré-Forma; (2) Final; (3) Reparação.

14. Suporte: (1) Lâmina; (2) Lamela; (3) Lasca; (4) Prisma; (5) Indeterminado.

15. Serrilha: (0) Presente; (1) Ausente.

16. Perfil: (0) Recto; (1) Recto com extremidade distal arqueada; (2) Côncavo; (3) Sinuoso.

17. Dimensões: (Lb) Largura da base; (C) Comprimento; (E) Espessura; (Cb) Concavidade basal.

18. Índices: Espessamento; Alongamento.

19. Matéria-prima.

4 - Laminas e lamelas

0. Estado: (0) Extremidade Distal; (1) Extremidade Distal e área mesial; (2) Proximal; (3) Proximal e área mesial; (4) Frag. Área mesial

1. Talão: (0) Cortical; (1) Facetado rectilíneo; (2) Facetado Convexo; (3) Liso; (4) Diédrico; (5) Triédrico; (6) Esmagado; (7) Punctiforme; (8) Linear.

2. Asa de Pássaro

3. Bolbo: (0) Ausente; (1) Nítido; (2) Reduzido com esquirolamento; (3) Nítido com esquirolamento; (4) Esquirolamento; (5) Duplo bolbo; (6) Reduzido.

4. Córtex: (0) Sem córtex; (1) Parcialmente Cortical; (2) Cortical.

5. Secção: (0) Trapezóidal; (1) Triângular; (2) Irregular.

6. Perfil: (0) Recto; (1) Recto com extremidade distal arqueada; (2) Côncavo; (3) Sinuoso.

7. Forma dos bordos: (0) Bordos paralelos; (1) Bordos paralelos com talão estreito; (2) Convergente; (3) Biconvexa; (4) Divergente; (5) Irregular.

8. Alterações térmicas: (0) Tratamento térmico; (1) Crazing; (2) Potlid.

9. Marcas de uso: (0) Lustre; (1) Outros; (2) Não presente.

10. Retoque: (0) Presente; (1) Ausente.

11. Localização dos retoques na face: (0) Distal; (1) Proximal; (2) Bordo Direito; (3) Bordo Esquerdo; (4) Ambos os bordos; (5) Base.

12. Tipo de retoque na face: (0) Abrupto; (1) Semi-abrupto; (2) Rasante.

13. Extensão do retoque: (0) Marginal curto; (1) Marginal Longo; (2) Invasor; (3) Cobridor.

14. Fractura: (0) Flexão; (1) Térmica; (2) Retoque; (3) Acidental; (4) Indeterminada.

15. Dimensões: (L) Largura; (C) Comprimento; (E) Espessura.

16. Matéria-prima.

5 – Raspadeiras

0. Estado: (0) Inteiro; (2) Fragmentado.

1. Suporte: (0) Lâmina; (1) Lasca; (2) Lasca cortical; (3) Indeterminado.

2. Morfologia dos retoques: (0) Escamoso; (1) Escaliforme; (2) Sub-paralelo; (3) Paralelo.

3. Tipo de retoque: (0) Abrupto; (1) Semi-abrupto; (2) Rasante

4. Extensão do retoque: (0) Marginal curto; (1) Marginal Longo; (2) Invasor; (3) Cobridor.

5. Alterações térmicas: (0) Tratamento térmico; (1) Crazing; (2) Potlid.

6. Marcas de uso: (0) Lustre; (1) Outros; (2) Não presente

7. Dimensões: (C) Comprimento; (E) Espessura; (L) Largura.

8. Matéria-prima.

6 – Restos de talhe

0. Córtex: (0) Presente; (1) Ausente.

1. Alterações térmicas: (0) Presente; (1) Ausente

2. Matéria Prima.

7 – Outros materiais líticos

- 1. Tipo de material:** Disco perfurado, Percutor, Xisto polido.
- 2. Medidas:** Comprimento, Largura, Espessura, Peso.
- 3. Matéria Prima.**

Anexo 4.

Estampas de materiais

Cerâmica - Recipientes

- Estampa 1 Fase 1, depósito [361] e [378].
Estampa 2 Fase 1, depósito [341].
Estampa 3 Fase 1, depósito [341].
Estampa 4 Fase 1, depósito [340].
Estampa 5 Fase 1, depósito [267].
Estampa 6 Fase 2 (fossa 44), depósito [265].
Estampa 7 Fase 2 (fossa 44), depósito [342].
Estampa 8 Fase 2 (fossa 45), depósito [327].
Estampa 9 Fase 2 (fossa 45). 1-8: depósito [282]; 9: depósito [273] e 10: depósito [277].
Estampa 10 Fase 2 (fossa 73), depósito [367].
Estampa 11 Fase 3, depósito [415].
Estampa 12 Fase 3, depósito [415].
Estampa 13 Fase 3, depósito [415].
Estampa 14 Fase 3, *Cairn* [429] e Fossa 79.
Estampa 15 Fase 3, *Cairn* [429] e Fossa 79.
Estampa 16 Fase 3, “pavimento” [424] e [422].
Estampa 17 Fase 3, “pavimento” [416].
Estampa 18 Fase 3, “pavimento” [416].
Estampa 19 Fase 3, lareira [418].
Estampa 20 Recipientes decorados.

Estampa 21 Recipientes decorados. 1 a 4) Campaniformes; 5) “Beliscada”.

Cerâmica - Pesos de tear

- Estampa 22 Pesos de tear.

Líticos

- Estampa 23 Núcleos de Quartzito-leitoso.
Estampa 24 Lascas. 1 e 4) Sílex; 2 e 5) Quartzito-leitoso; 3) Quartzito-hialino; 6) Quartzito.
Estampa 25 Pontas de seta da fase 1 e 2. 1) Quartzito-leitoso; 2) Xisto; 3) Sílex.
Estampa 26 Lâminas. 1, 4, 5, 7 e 9) Sílex; 2) Xisto; 3, 6 e 8) Quartzito-leitoso.
Estampa 27 1) Furador em Quartzito-leitoso; 2) Artefacto em Sílex; 3) Furador em Sílex.
Estampa 28 1) Disco perfurado (Xisto); 2 e 3) Percutores (Granito); 4, 5 e 6) Xisto polido.
Estampa 29 Machado de Pedra Polida (anfíbolo).

Osso Polido e Adornos

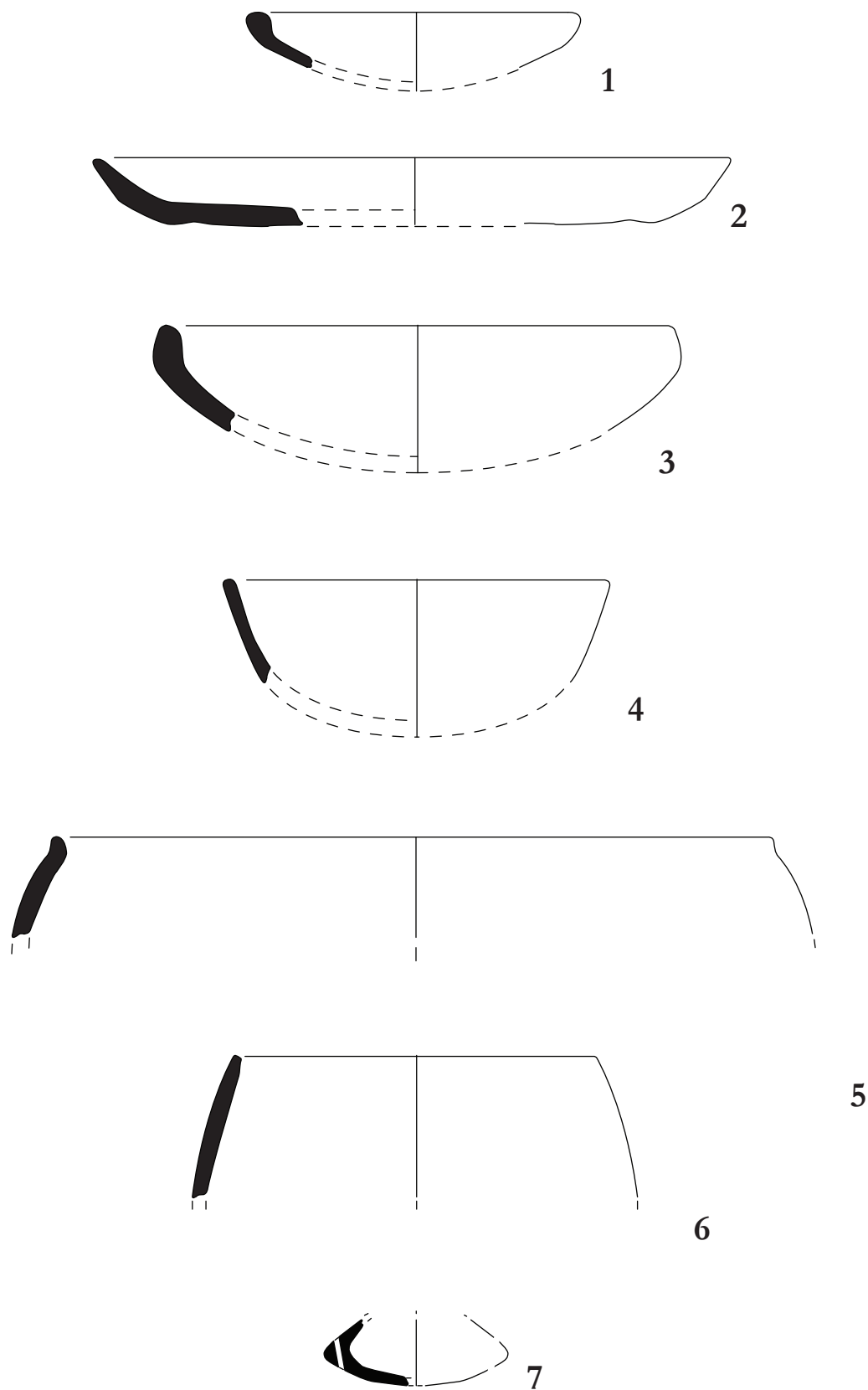
- Estampa 30 1) Artefacto em osso; 2) Pendente; 3) Conta de colar em Pedra Verde.

Ídolos

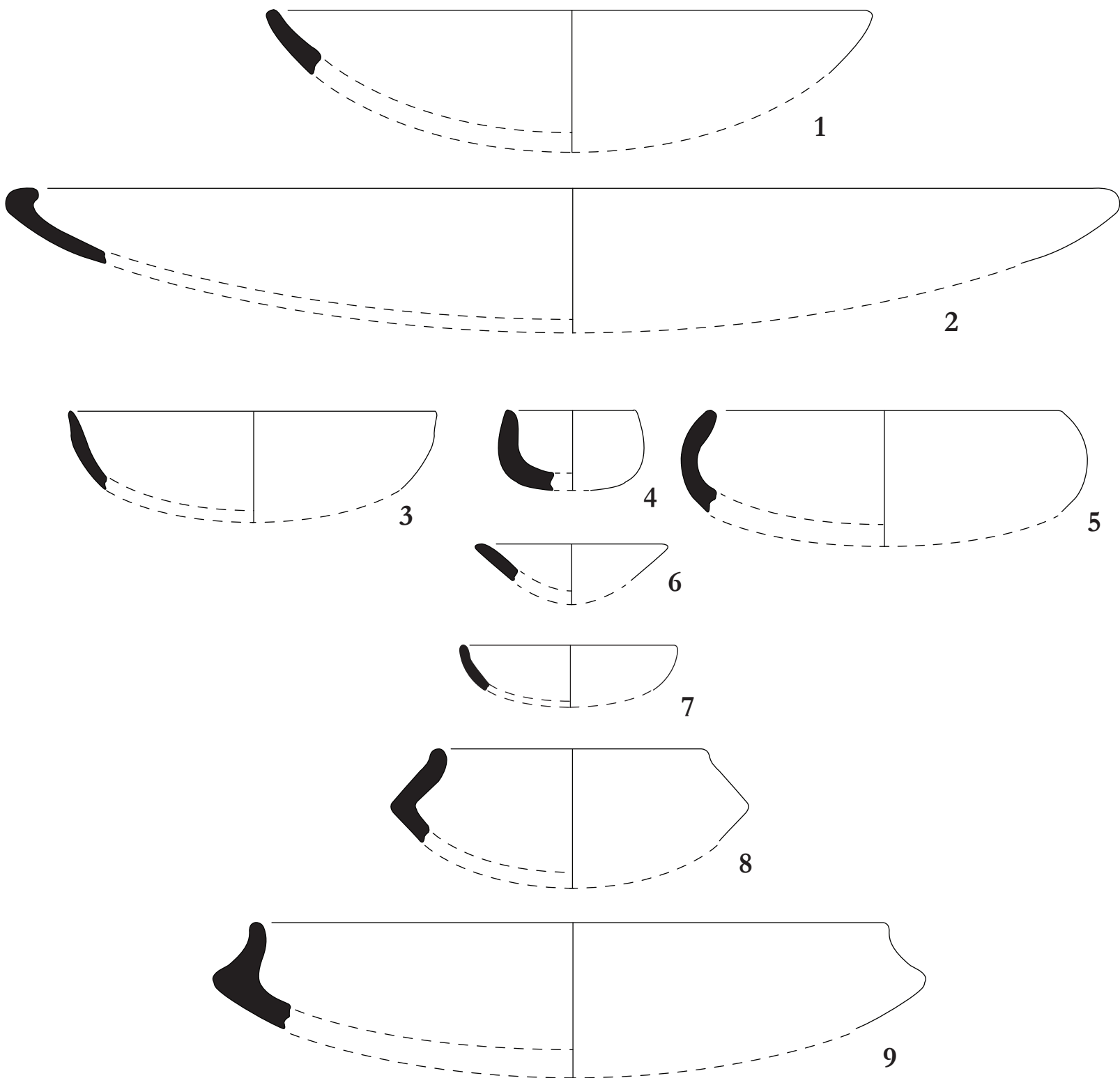
- Estampa 31 1 a 4) “Ídolo de cornos”; 5) ídolo zoomórfico.
Estampa 32 1) Ídolo Calcário; 2) Ídolo cerâmico com tatuagens faciais.

Metal

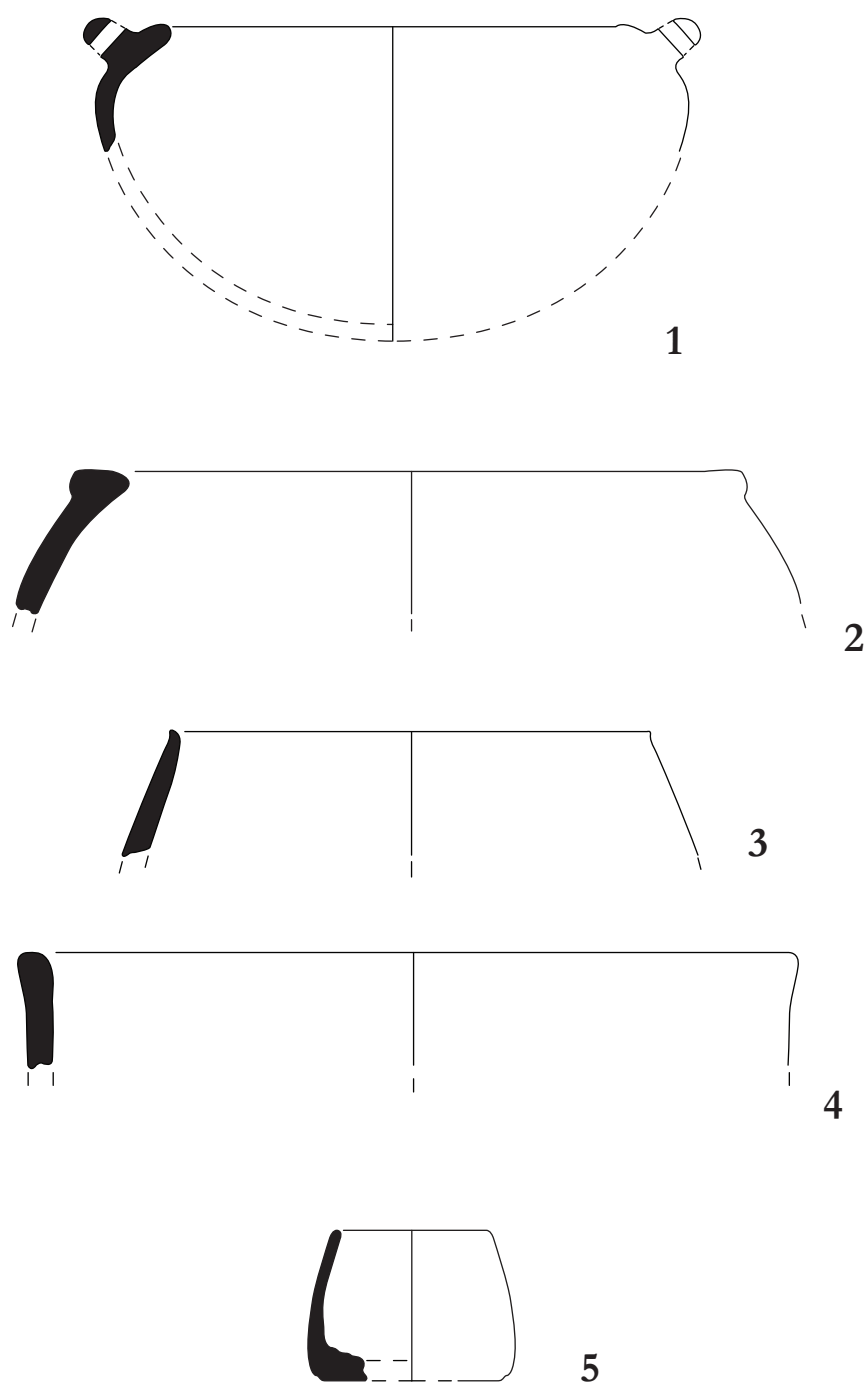
- Estampa 33 Artefacto metálico. 1) Cadinho; 2 e 7) Punções; 3) Pingo de fundição; 4 e 5) Escória; 6) Minério de cobre.



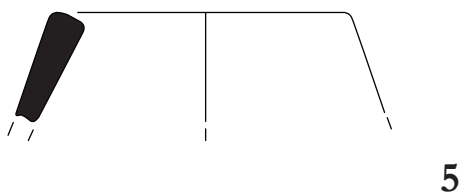
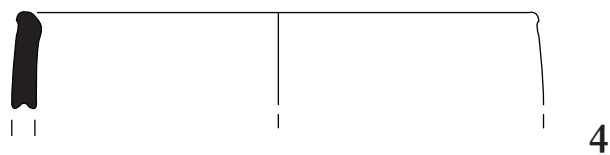
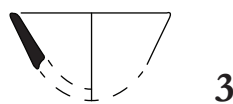
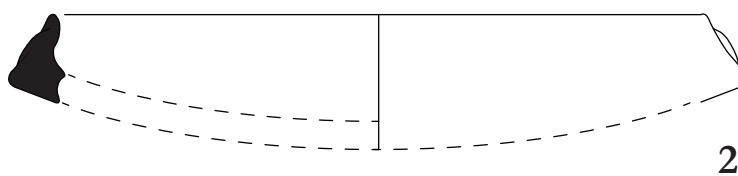
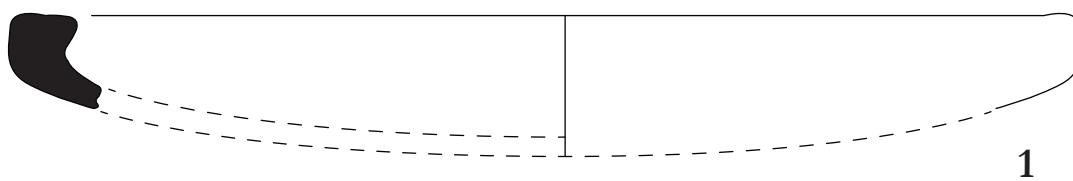
Estampa 1 - Fase 1, depósito [361] e [378].



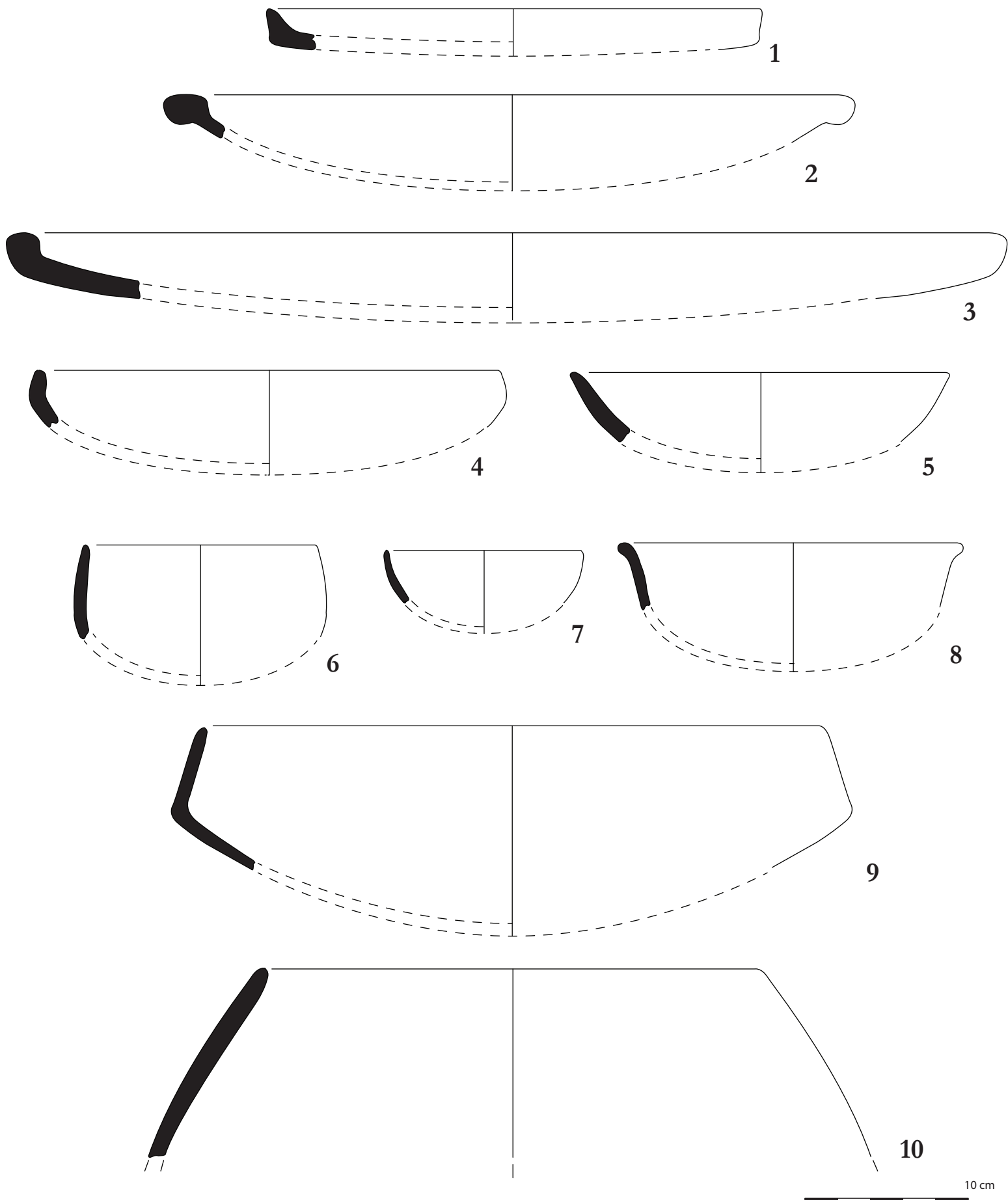
Estampa 2 - Fase 1, depósito [341].



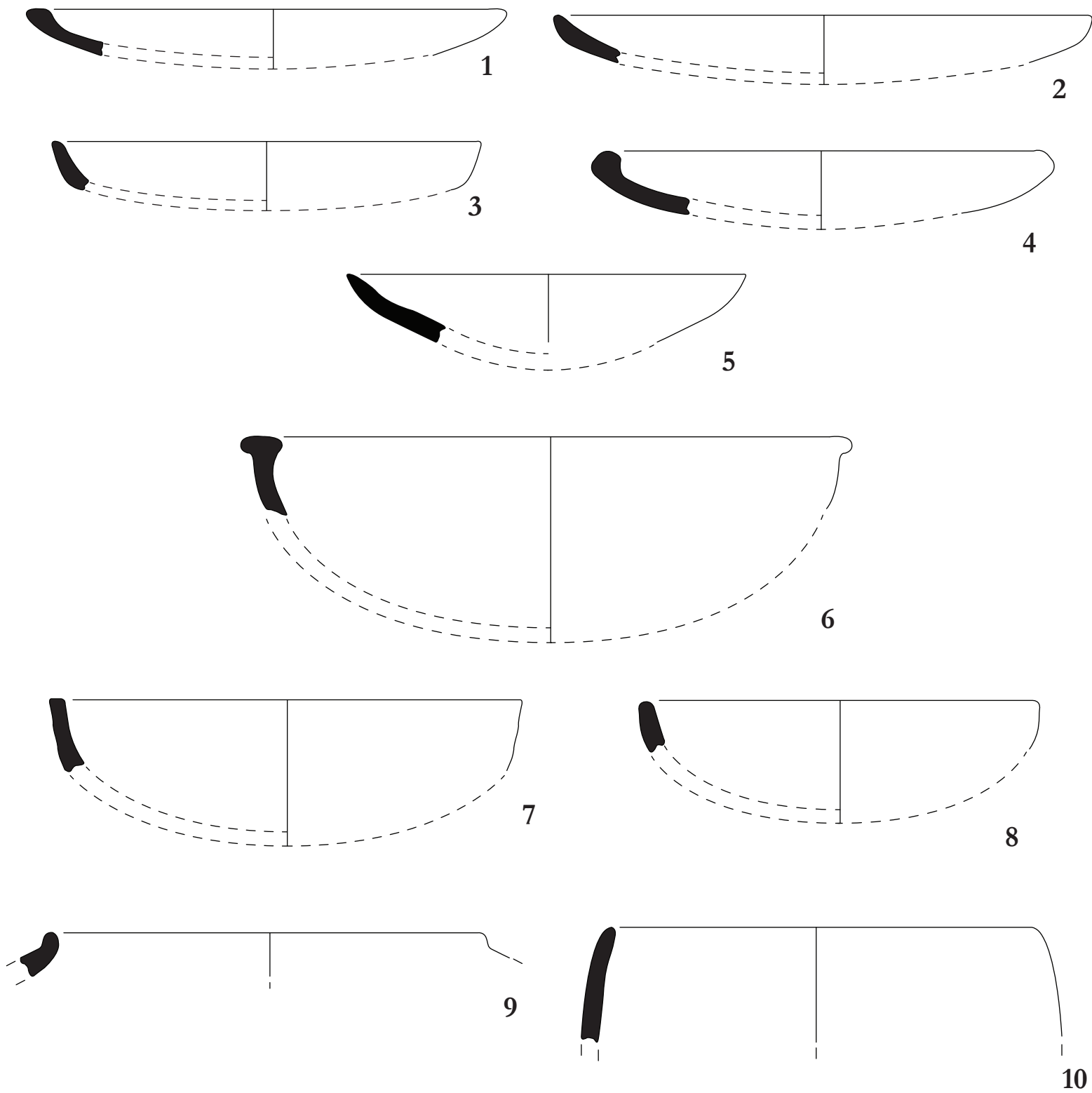
Estampa 3 - Fase 1, depósito [341].



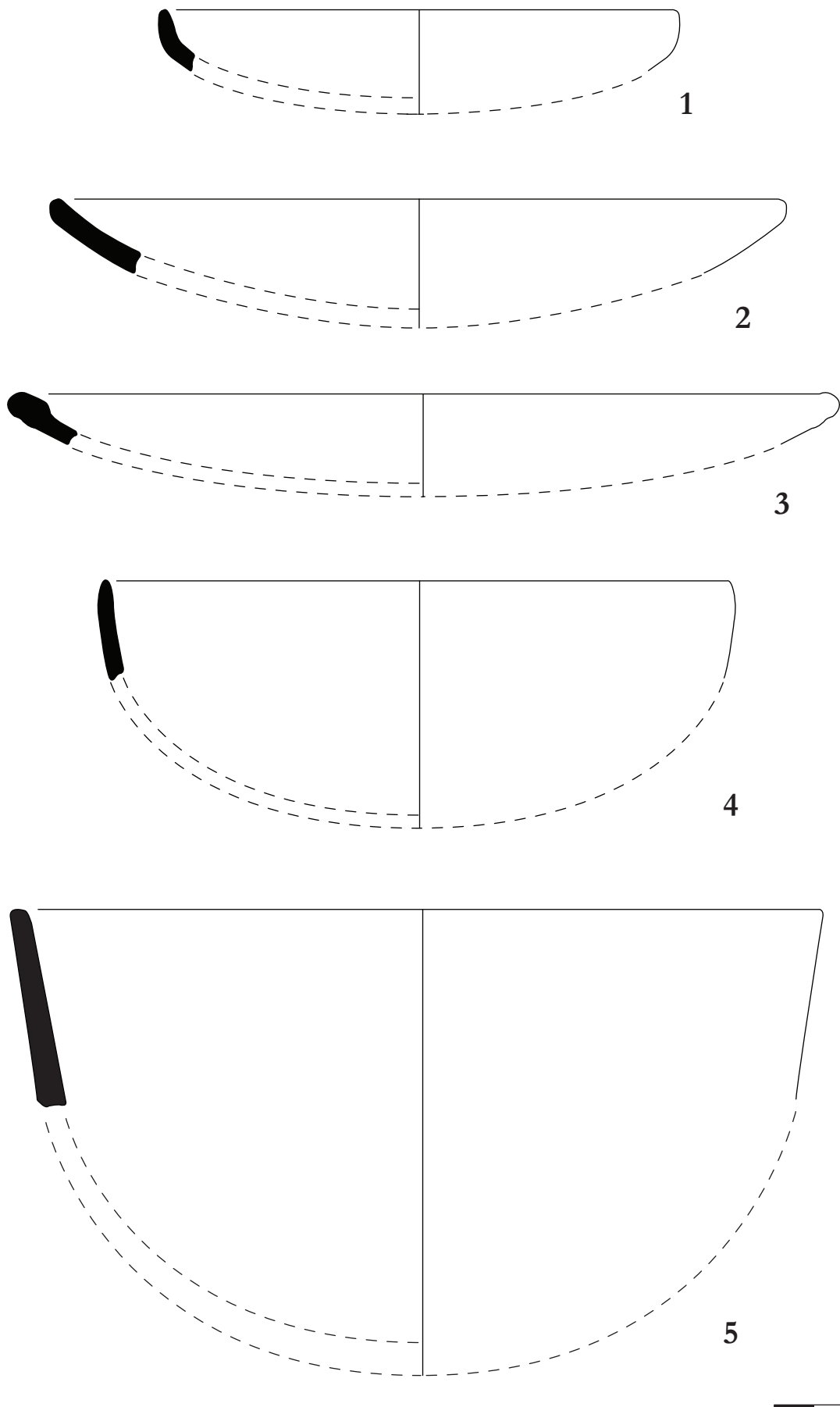
Estampa 4 - Fase 1, depósito [340].



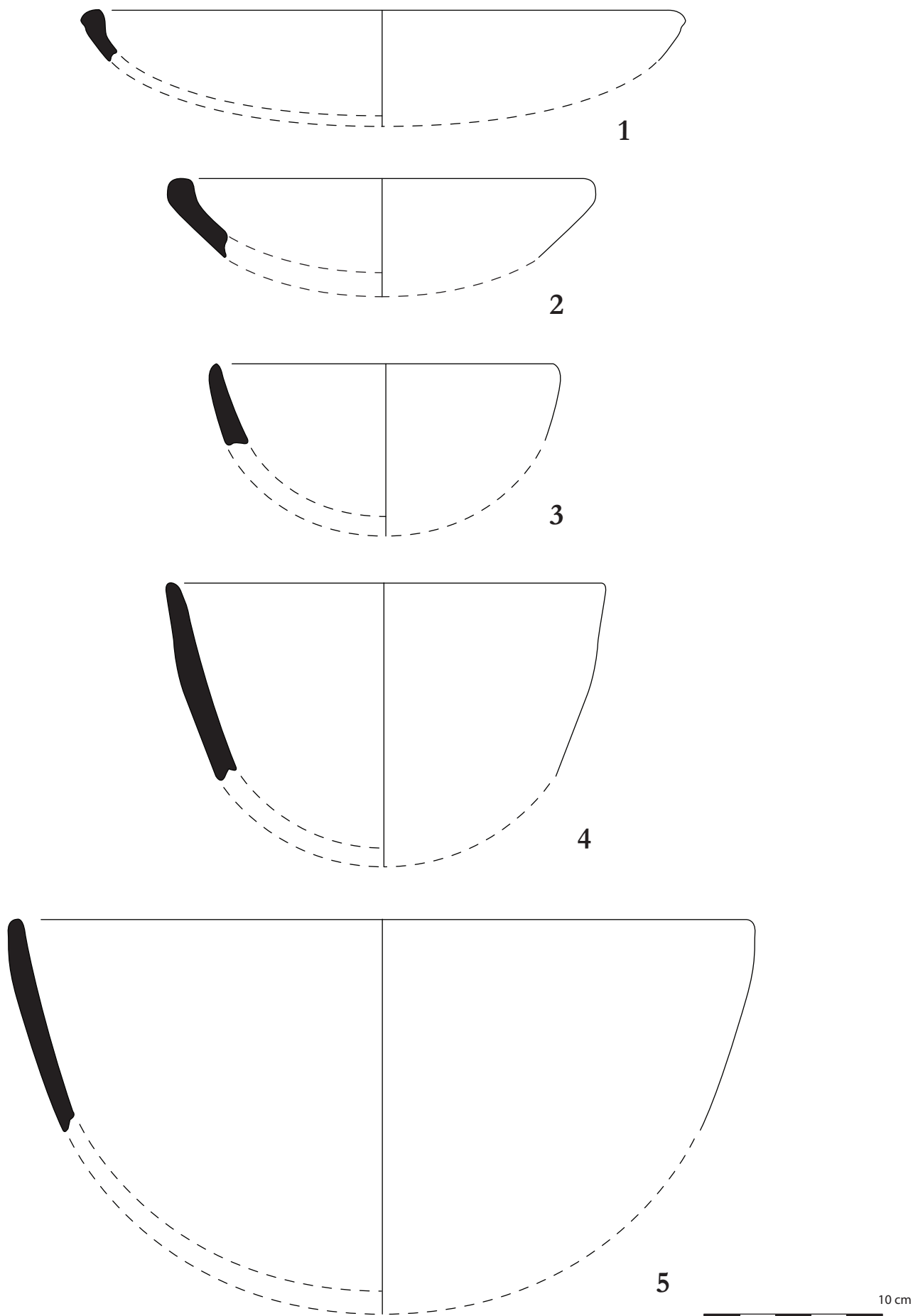
Estampa 5 - Fase 1, depósito [267].



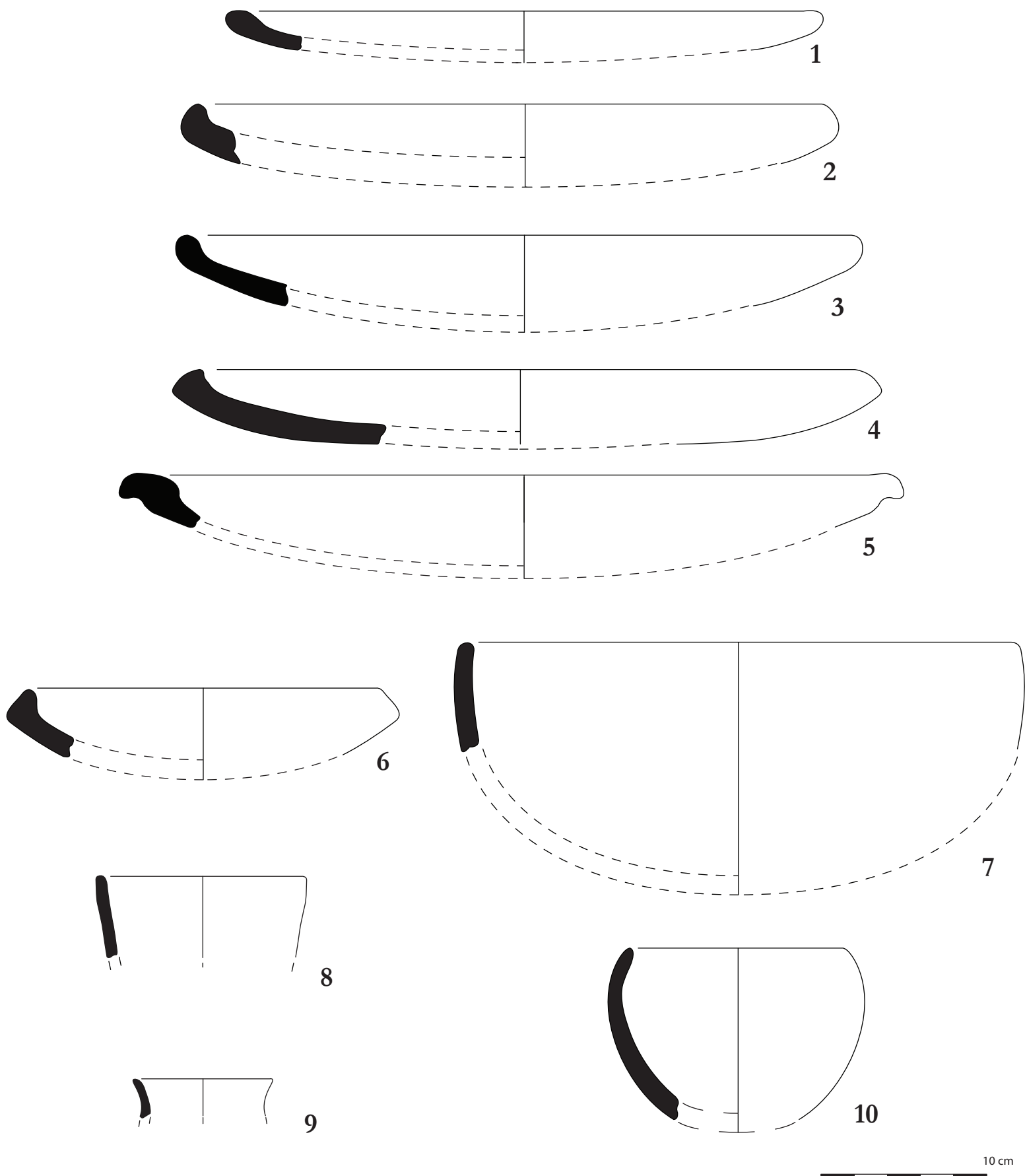
Estampa 6 - Fase 2 (fossa 44), depósito [265].



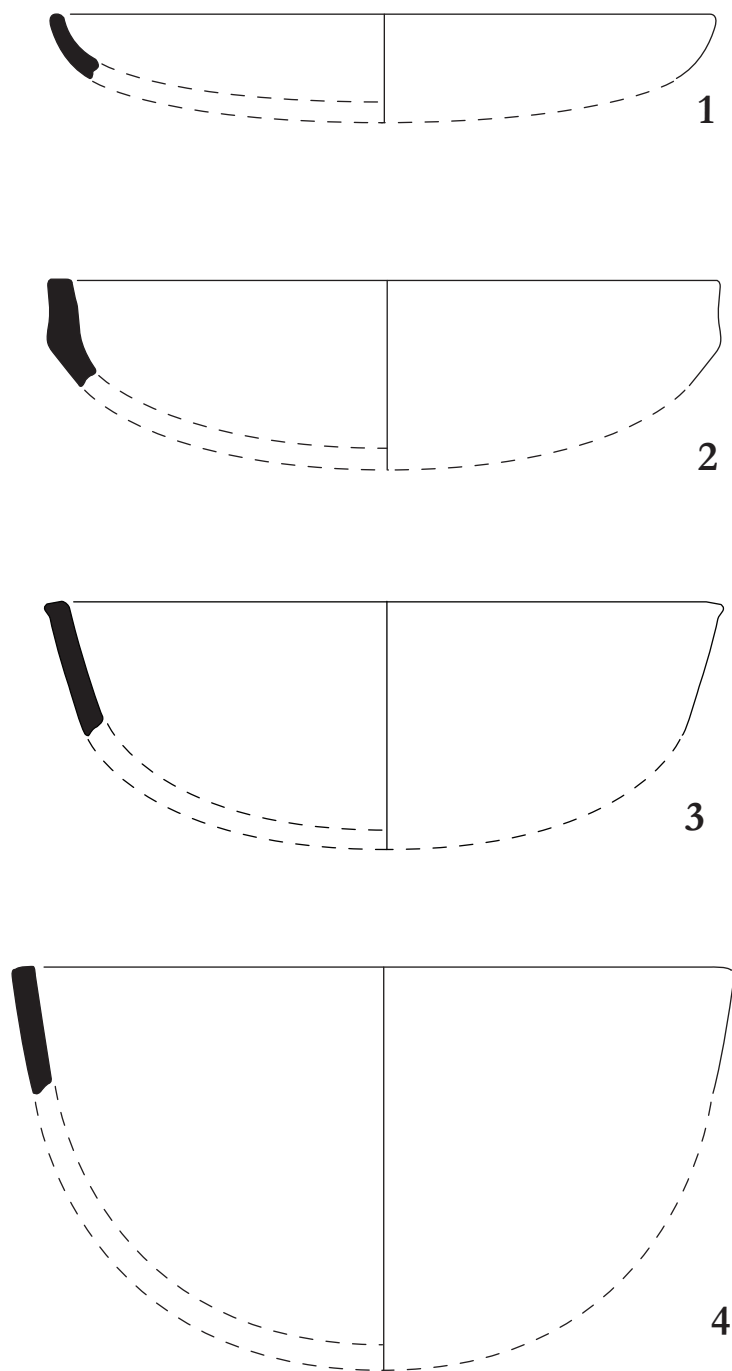
Estampa 7 - Fase 2 (fossa 44), depósito [342].



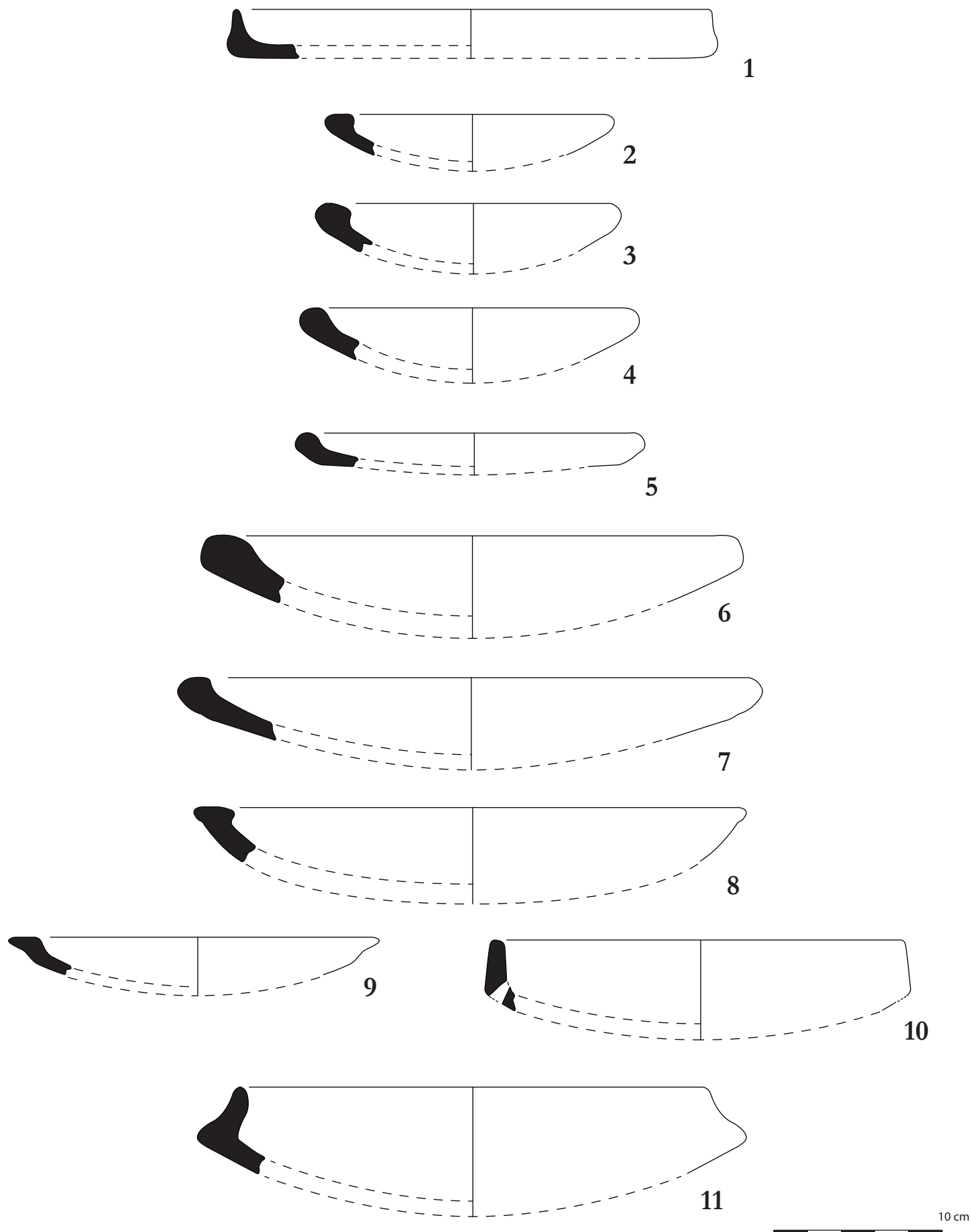
Estampa 8 - Fase 2 (fossa 45), depósito [327].



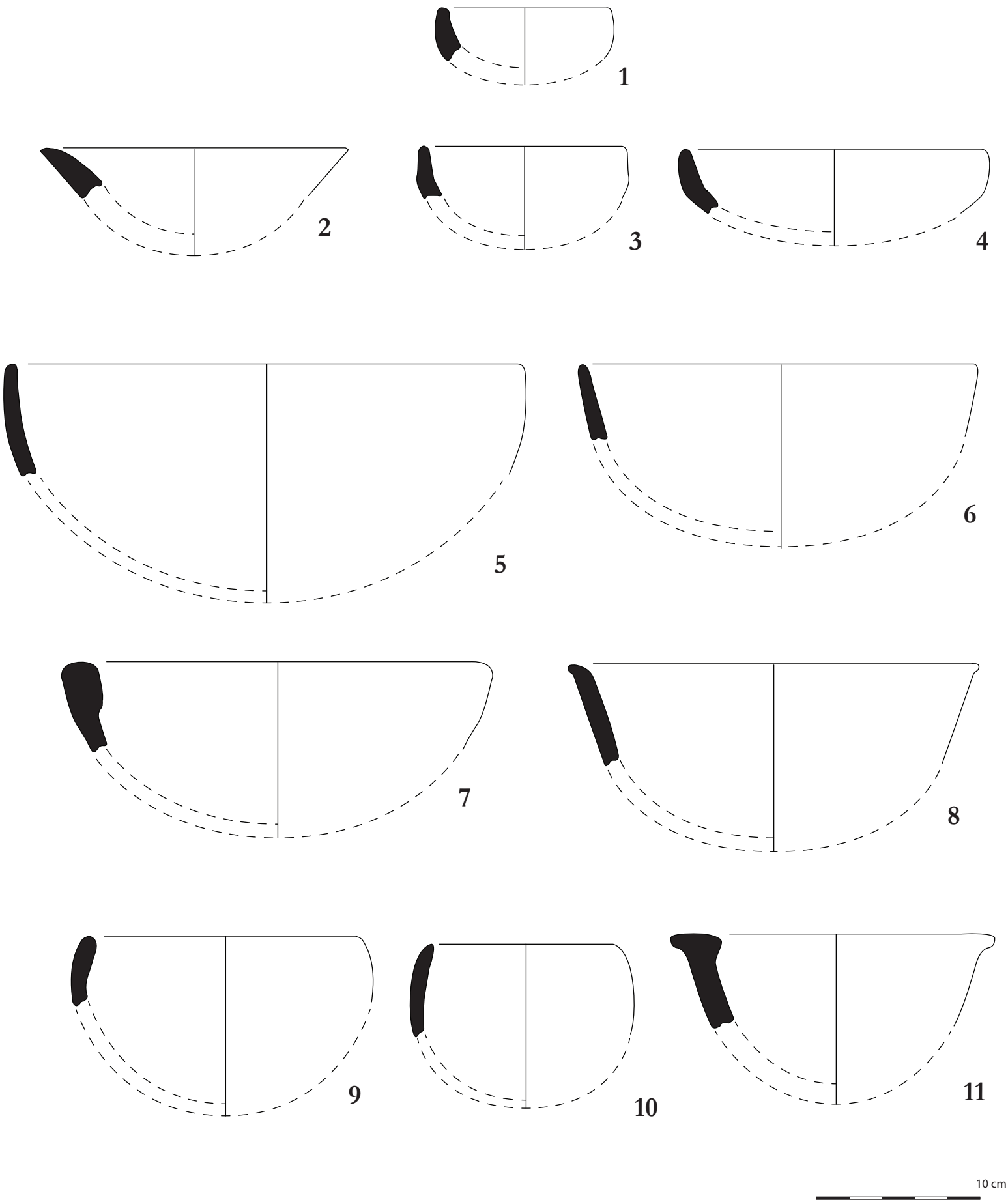
Estampa 9 - Fase 2 (fossa 45). 1-8: depósito [282]; 9: depósito [273] e 10: depósito [277].



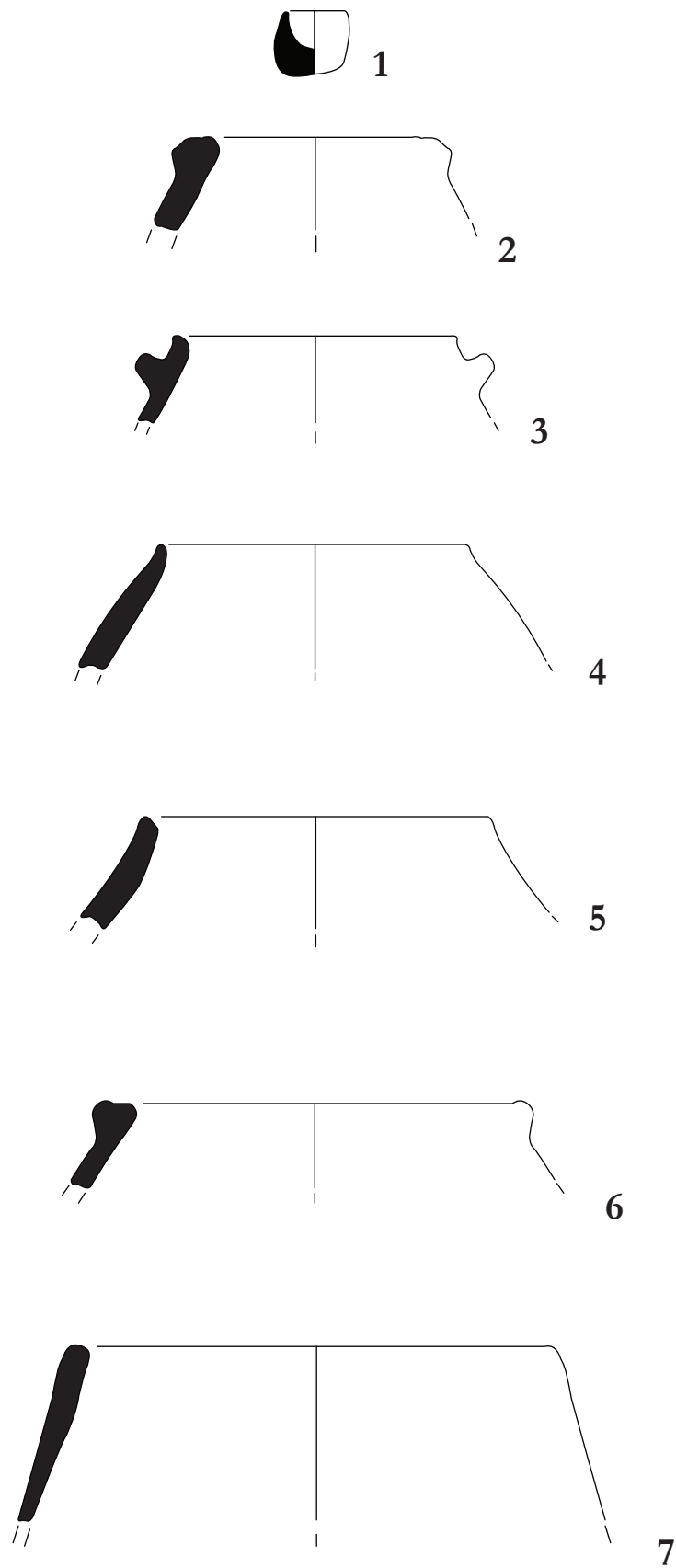
Estampa 10 - Fase 2 (fossa 73), depósito [367].



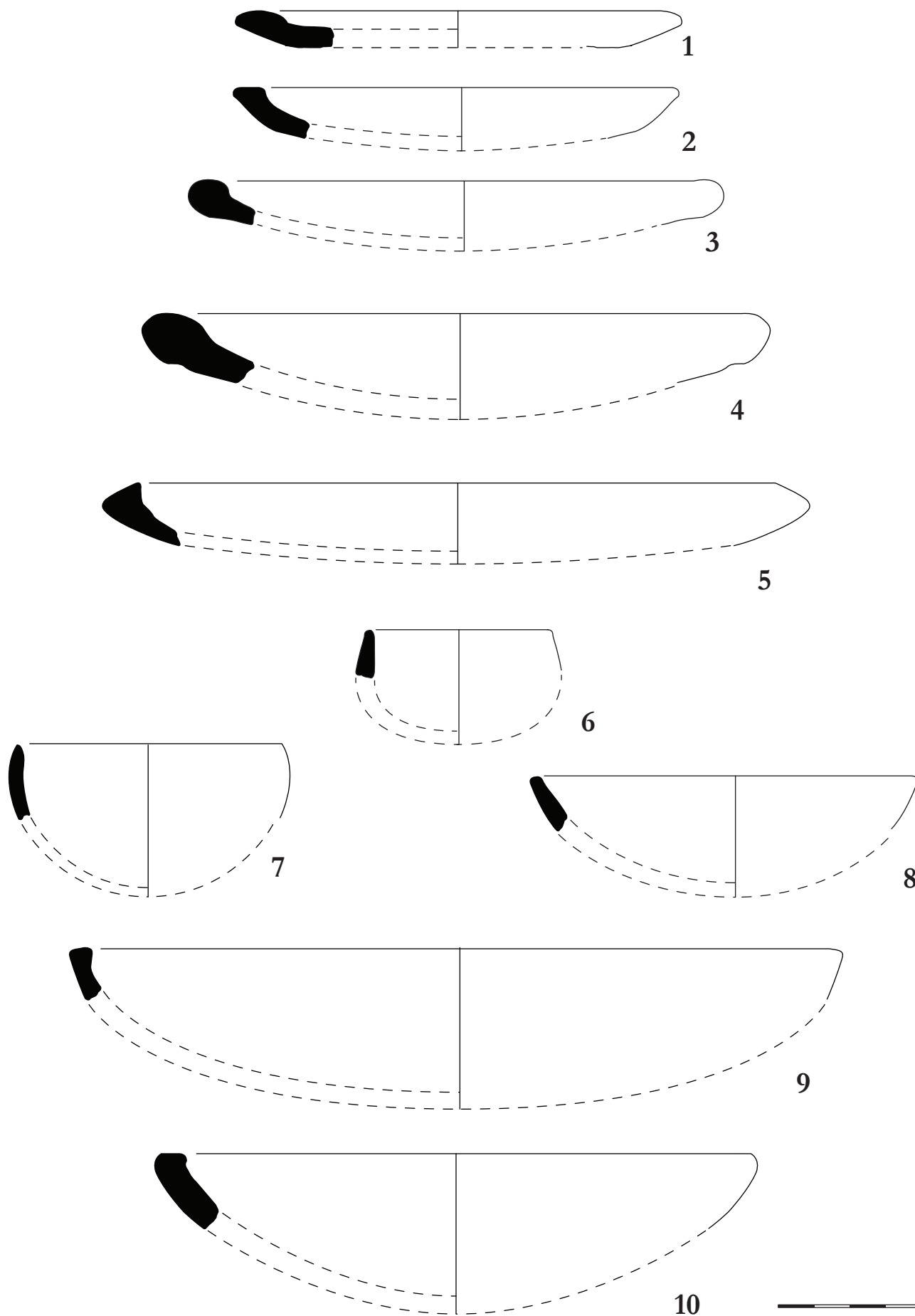
Estampa 11 - Fase 3, depósito [415].



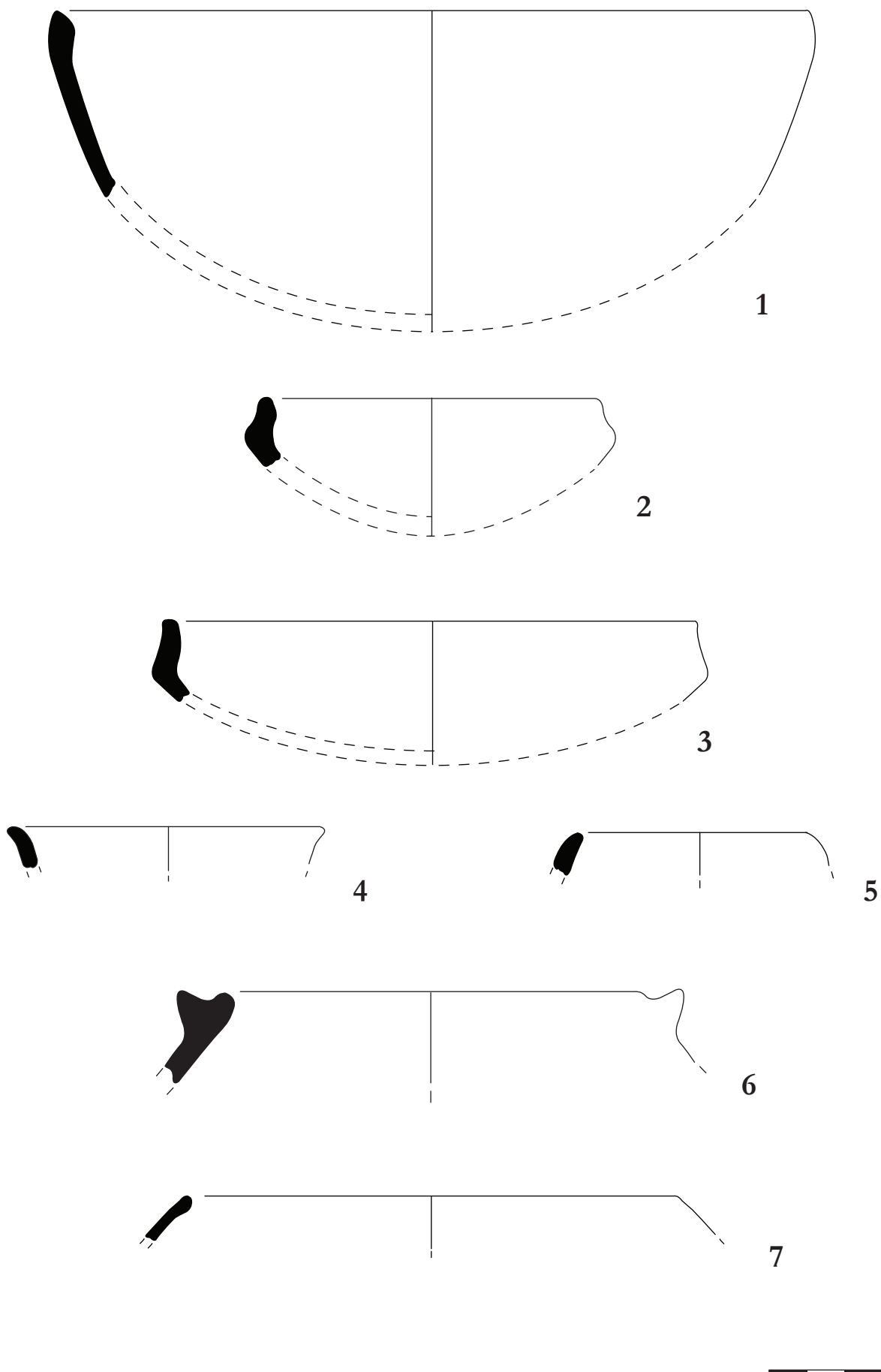
Estampa 12 - Fase 3, depósito [415].



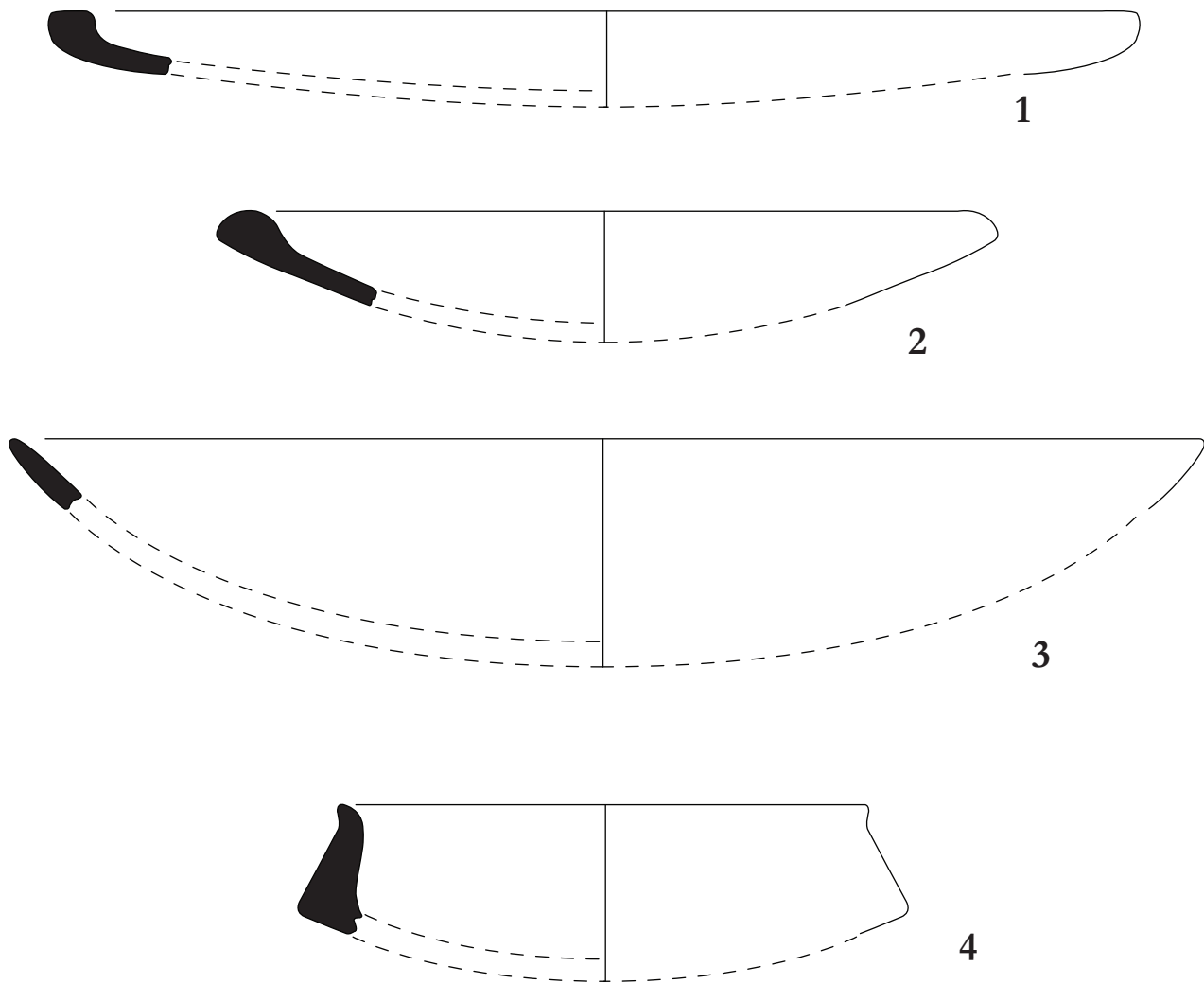
Estampa 13 - Fase 3, depósito [415].



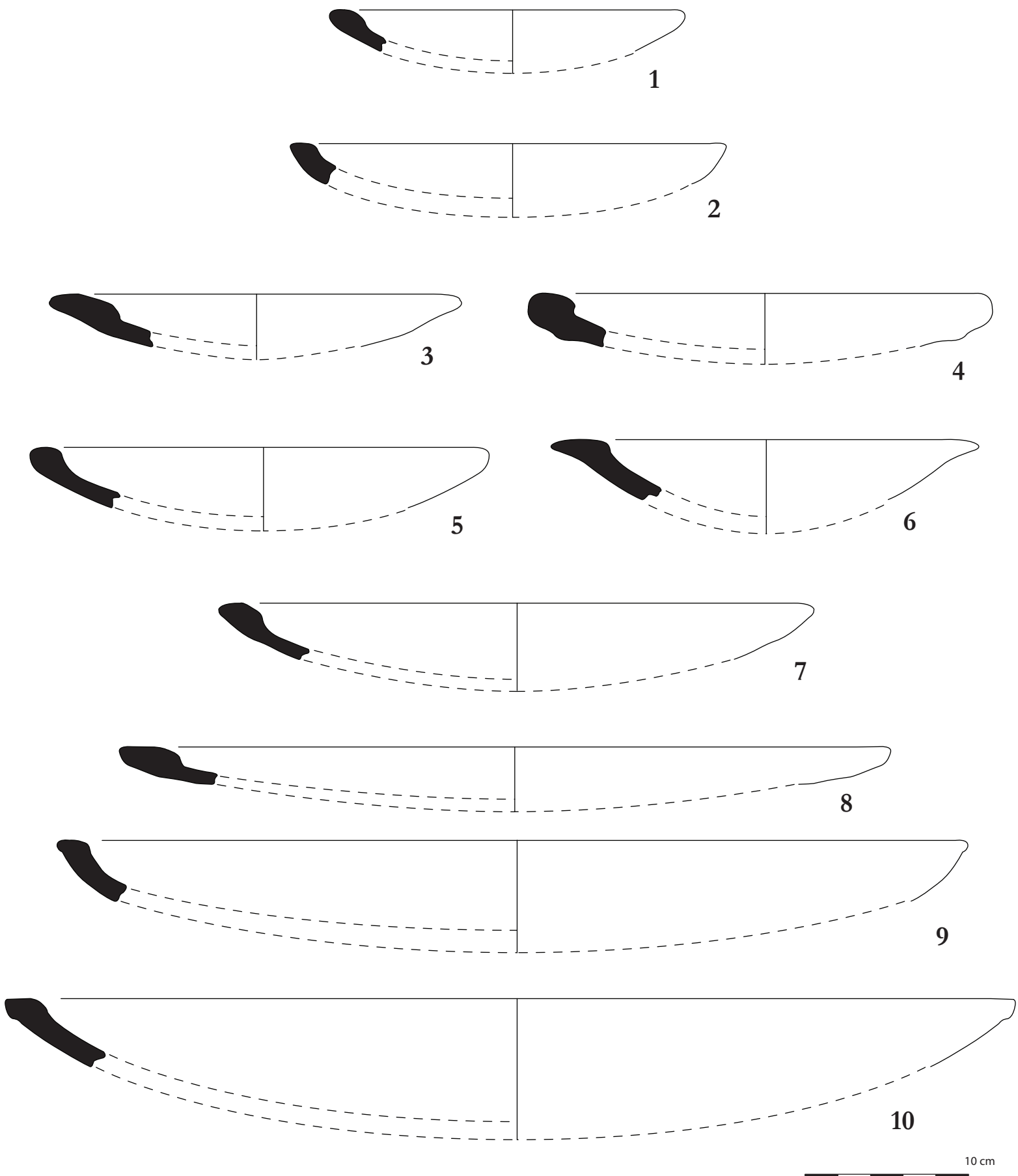
Estampa 14 - Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79.



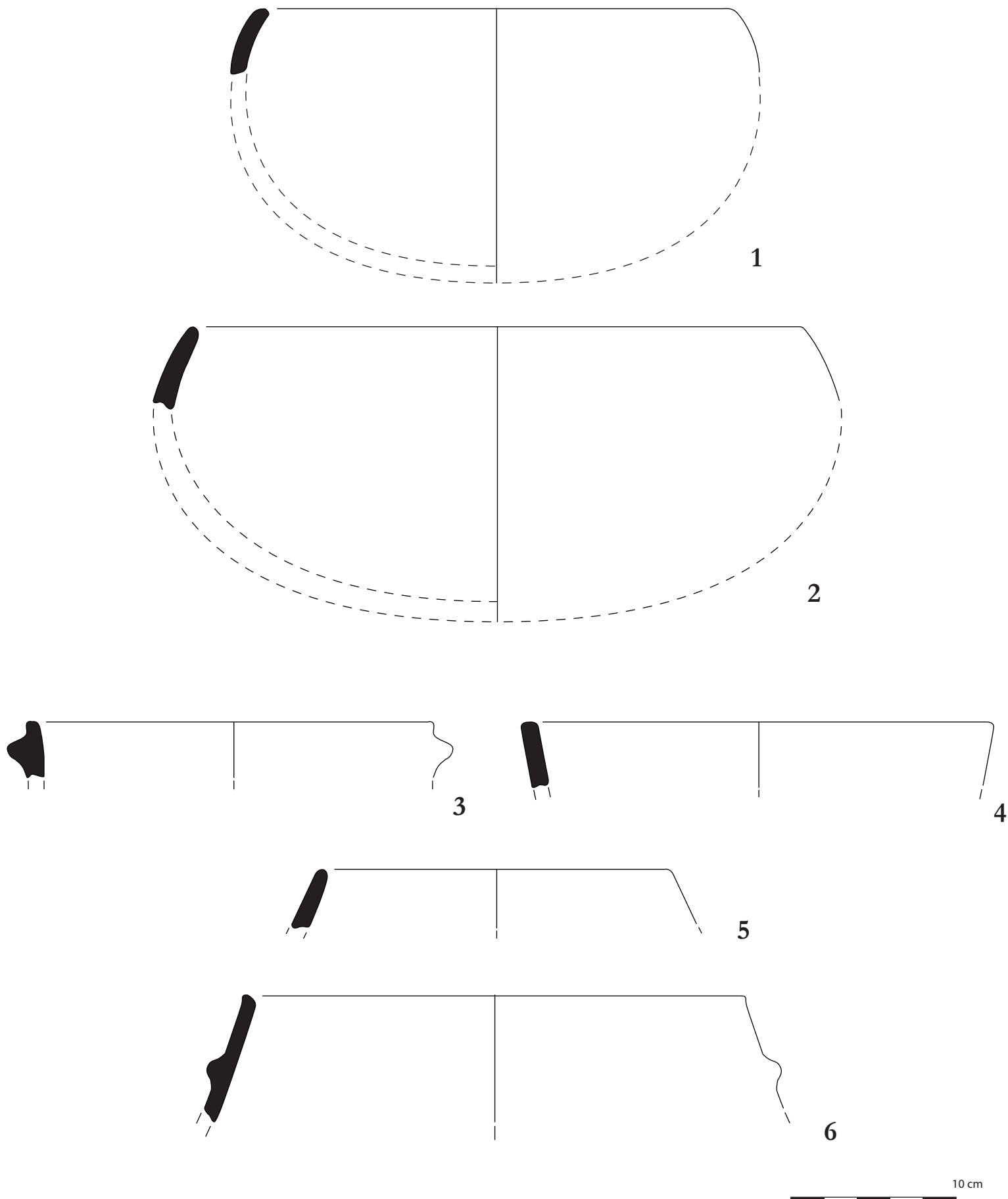
Estampa 15 - Fase 3, Cairn [429] e Fossa 79.



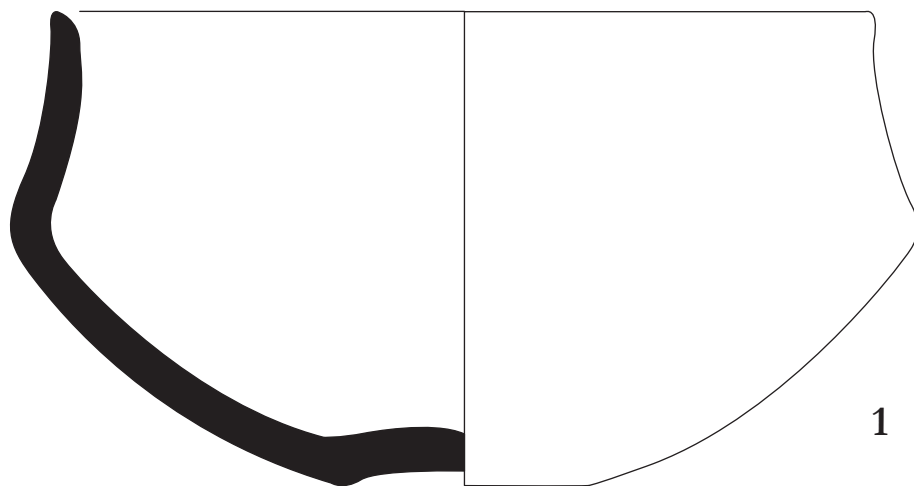
Estampa 16 - Fase 3, “pavimento” [424] e [422].



Estampa 17 - Fase 3, “pavimento” [416].

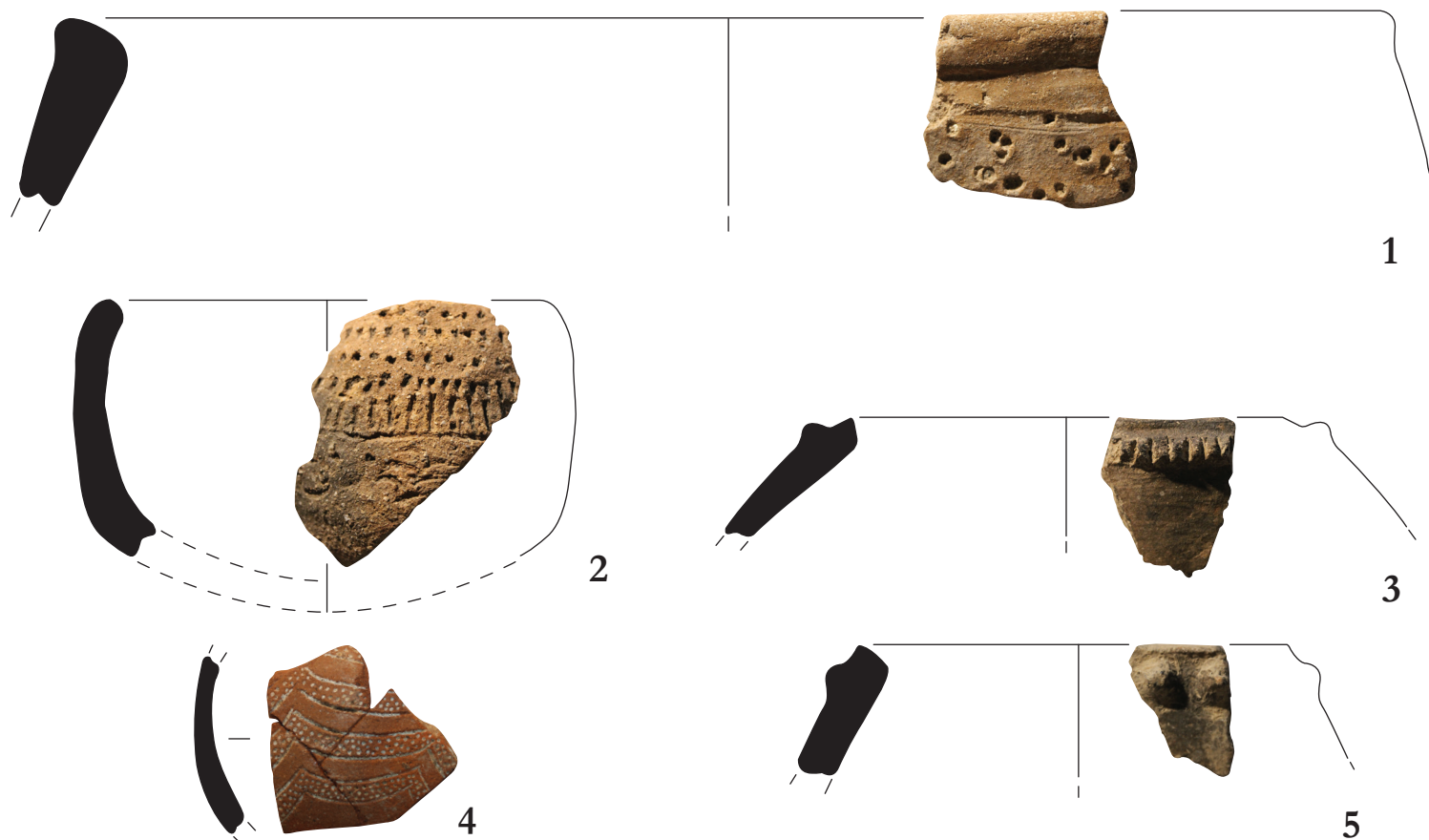


Estampa 18 - Fase 3, “pavimento” [416].



Estampa 19 - Fase 3, lareira [418].

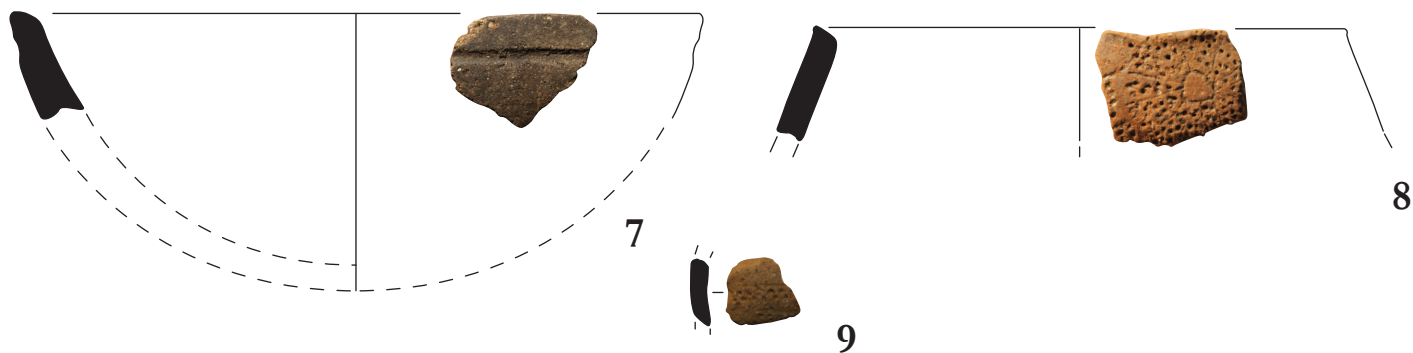
Fase 1



Fase 2



Fase 3

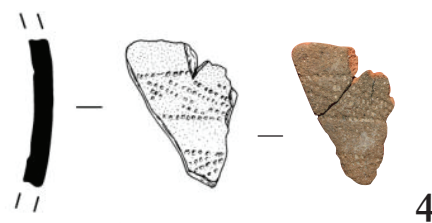
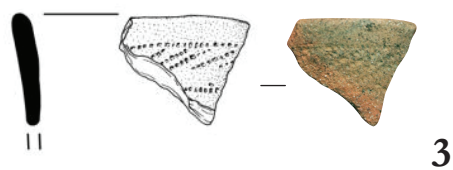


Estampa 20 - Recipientes decorados.

Fase 1



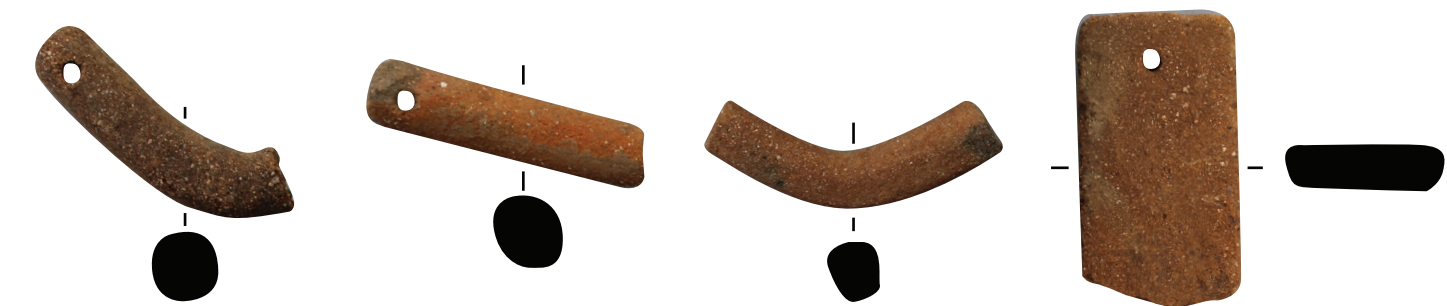
Fase 3



10 cm

Estampa 21 - Recipientes decorados. 1 a 4) Campaniformes; 5) "Beliscada".

Fase 1



Fase 2

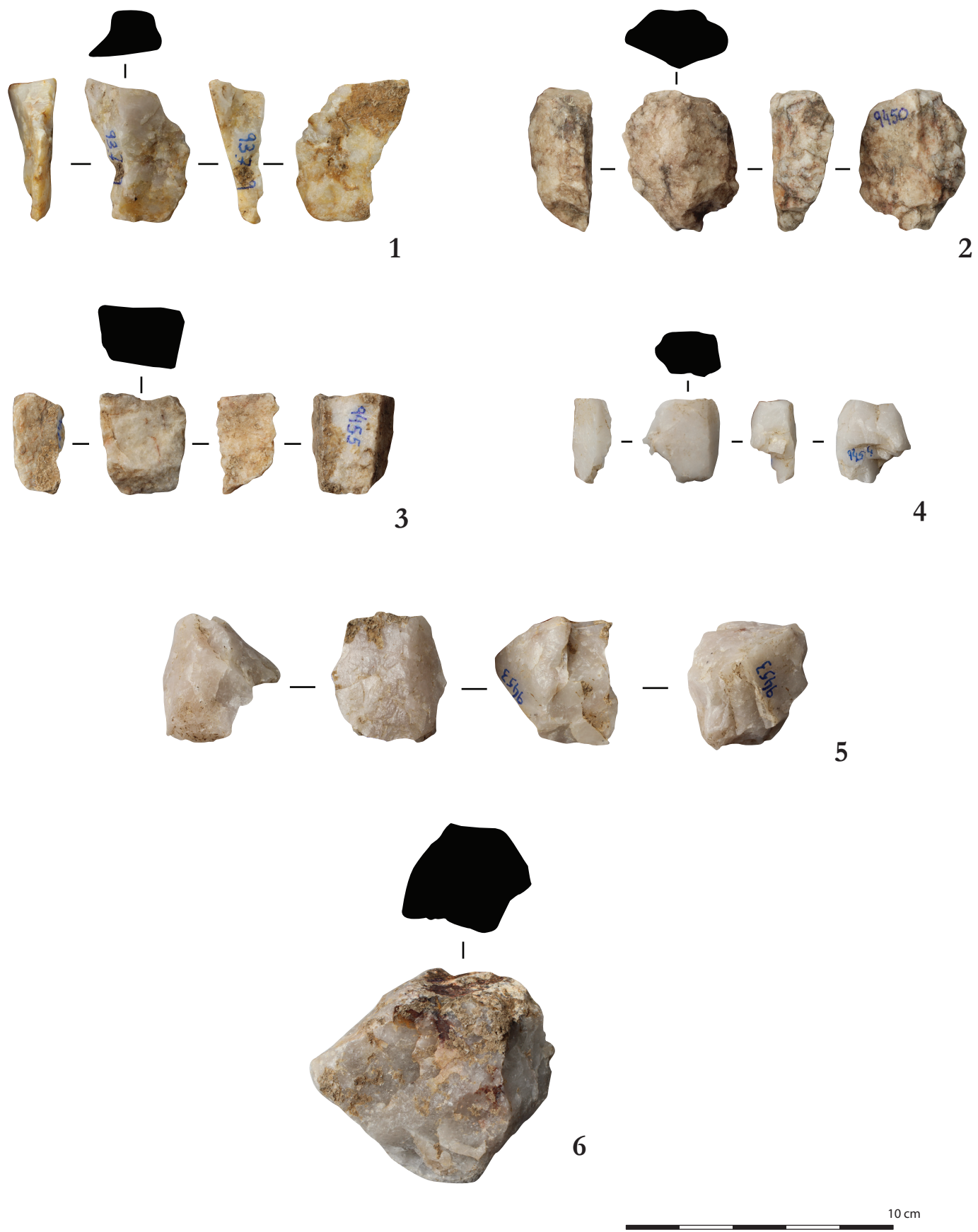


Fase 3



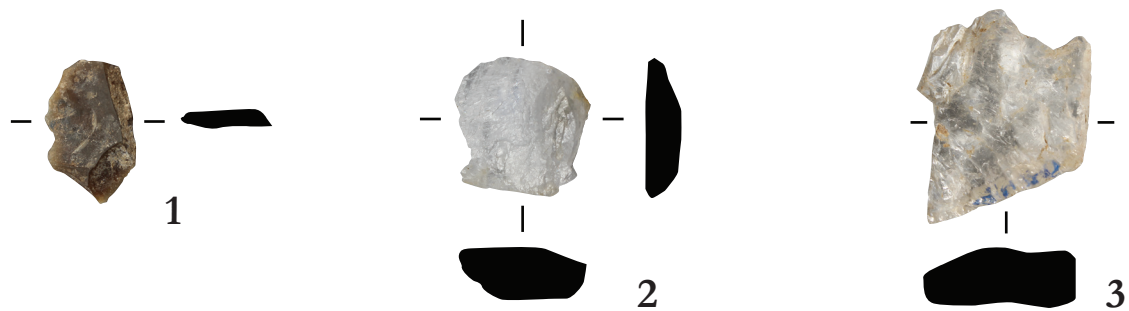
Estampa 22 - Pesos de tear.

Fase 1

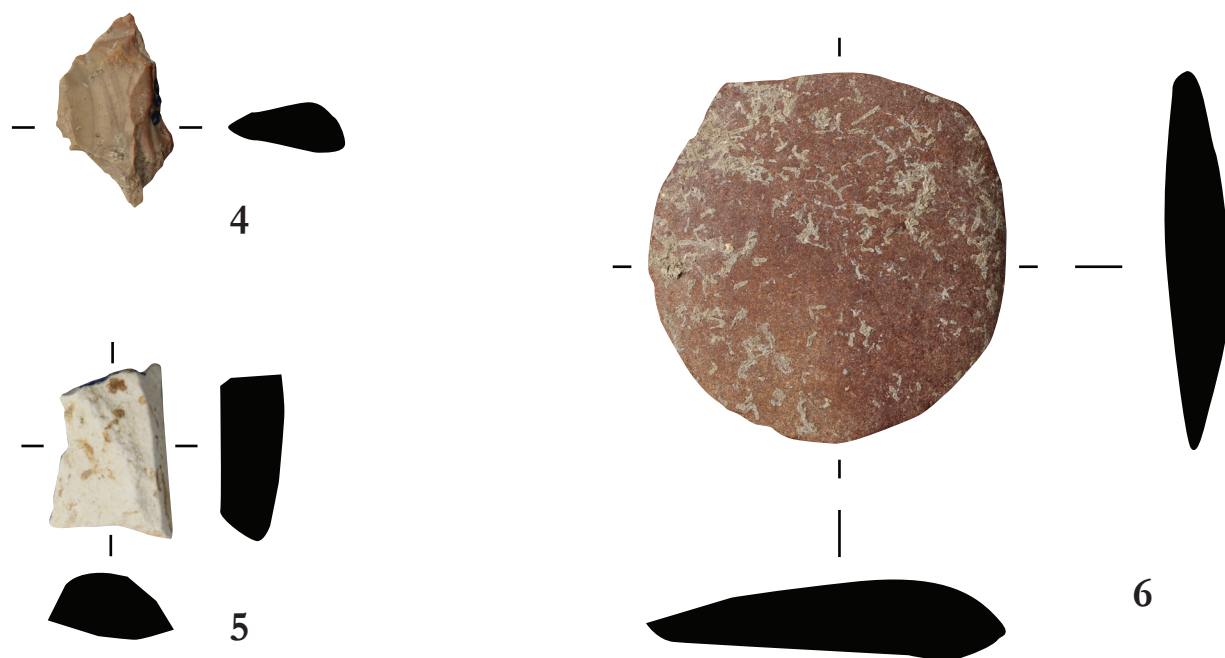


Estampa 23 - Núcleos de Quartzo-leitoso.

Fase 1

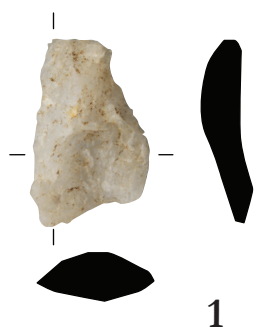


Fase 2



Estampa 24 - Lascas. 1 e 4) Silex; 2 e 5) Quartzito-leitoso; 3) Quartzito-hialino; 6) Quartzito.

Fase 1

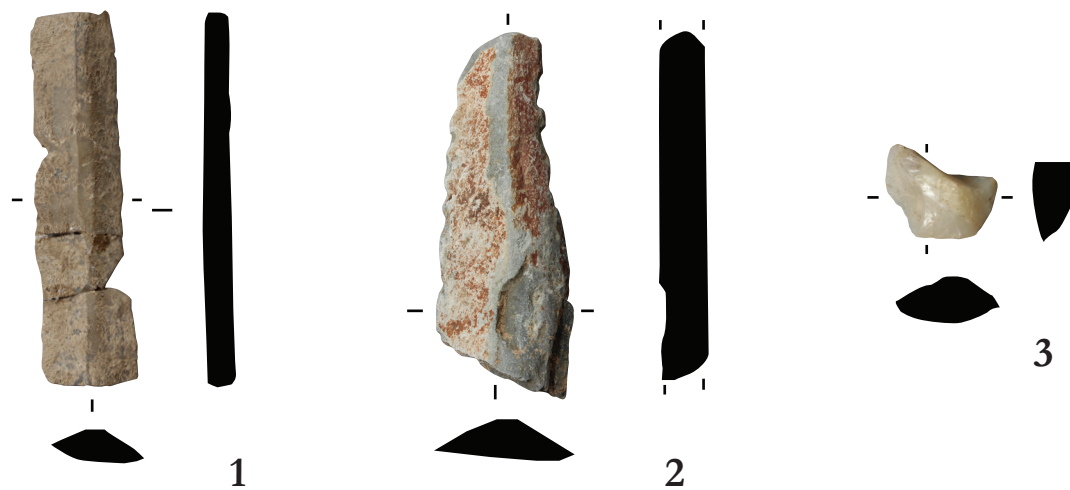


Fase 2



Estampa 25 - Pontas de seta da fase 1 e 2. 1) Quartzo-leitoso; 2) Xisto; 3) Sílex.

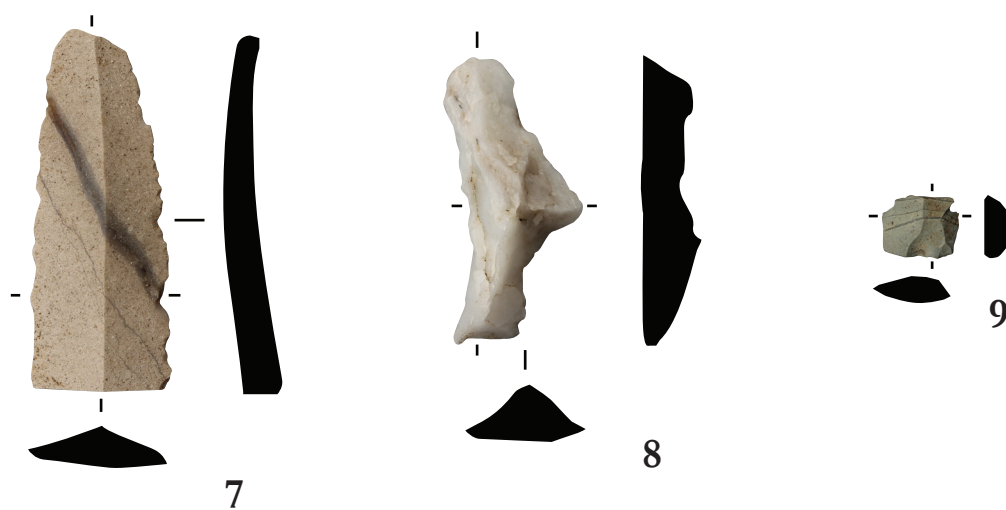
Fase 1



Fase 2

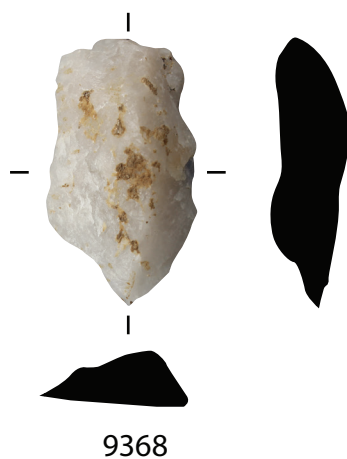


Fase 3

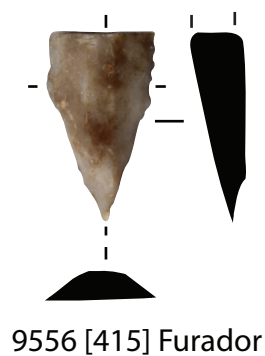


Estampa 26 - Lâminas. 1, 4, 5, 7 e 9) Sílax; 2) Xisto; 3, 6 e 8) Quartzo-leitoso.

Fase 1

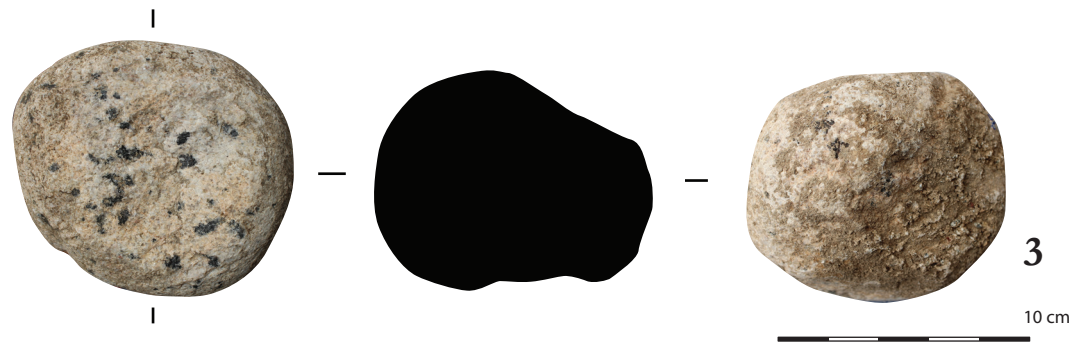
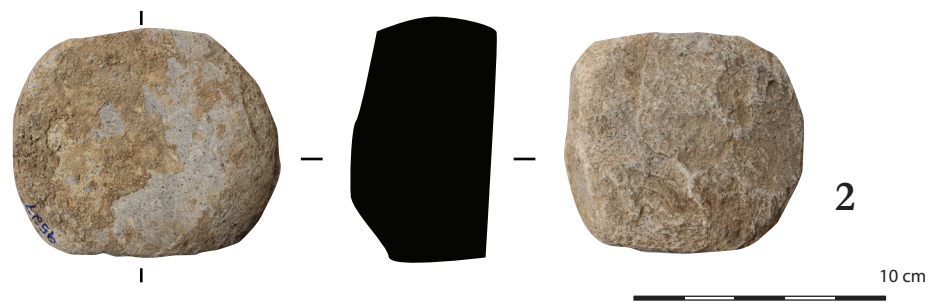


Fase 3



Estampa 27 - Pontas de seta da fase 1 e 2. 1) Quartzito-leitoso; 2) Xisto; 3) Sílex.

Fase 1

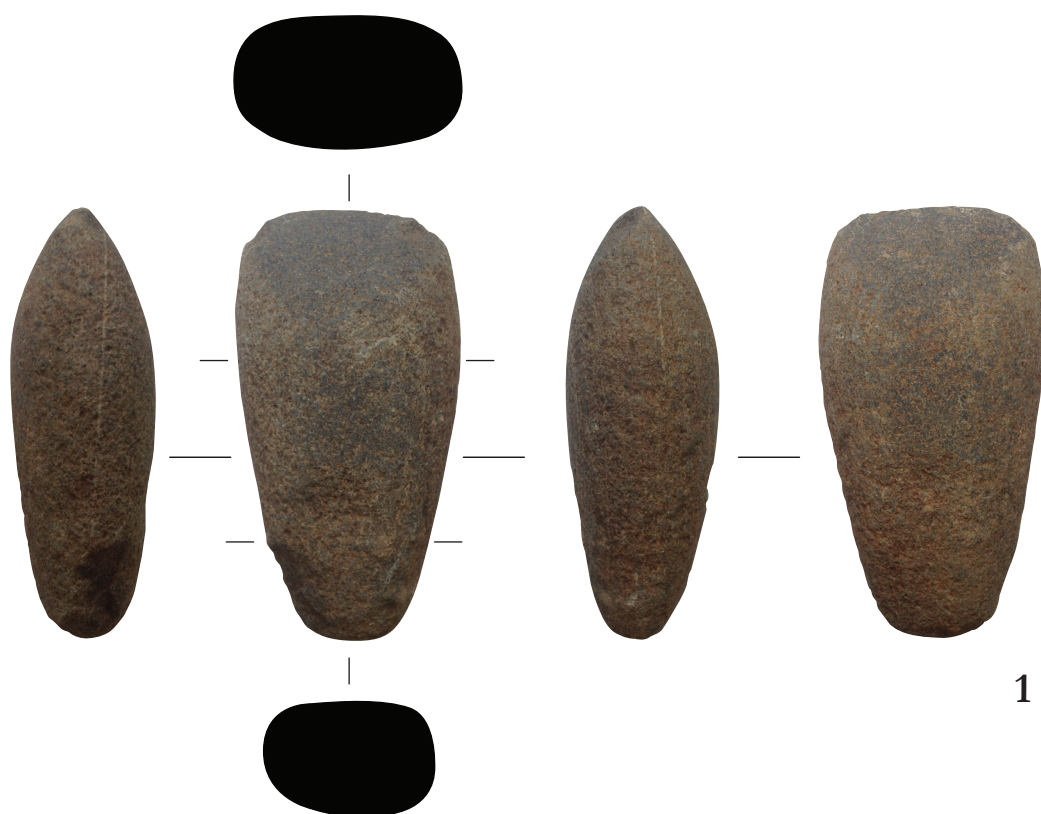


Fase 2



Estampa 28 - 1) Disco perforado (Xisto); 2 e 3) Percutores (Granito); 4, 5 e 6) Xisto polido.

Fase 3



Estampa 29 - Machado de Pedra Polida (anfíbolito).

Fase 1



1

Fase 2



2

Fase 3

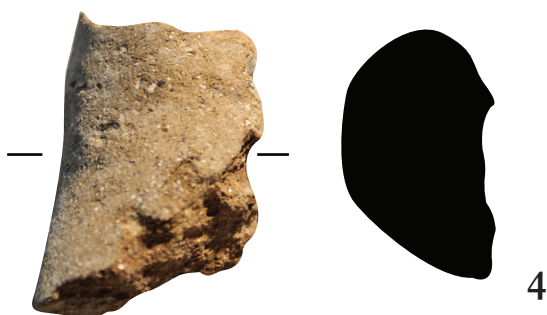
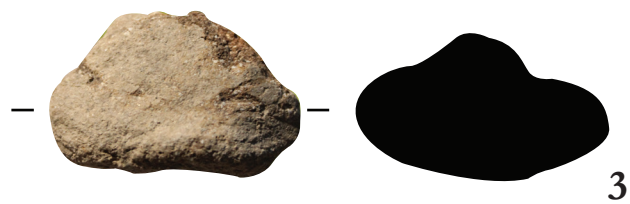
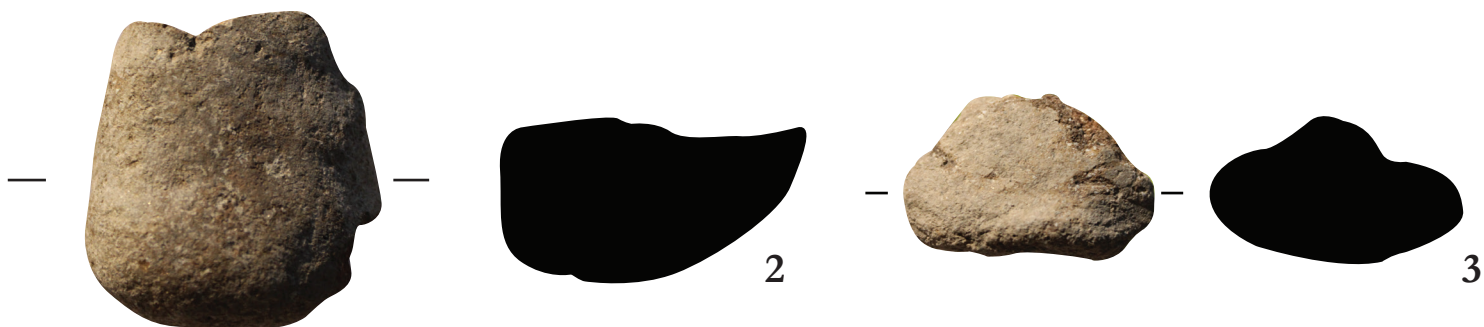
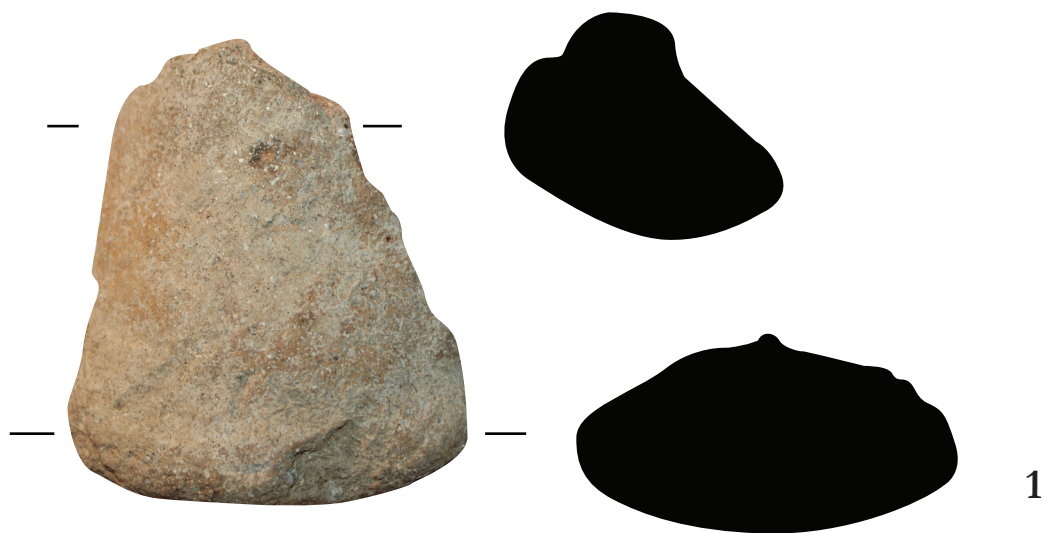


3



Estampa 30 - 1) Artefacto em osso; 2) Pendente; 3) Conta de colar em pedra verde.

Fase 1

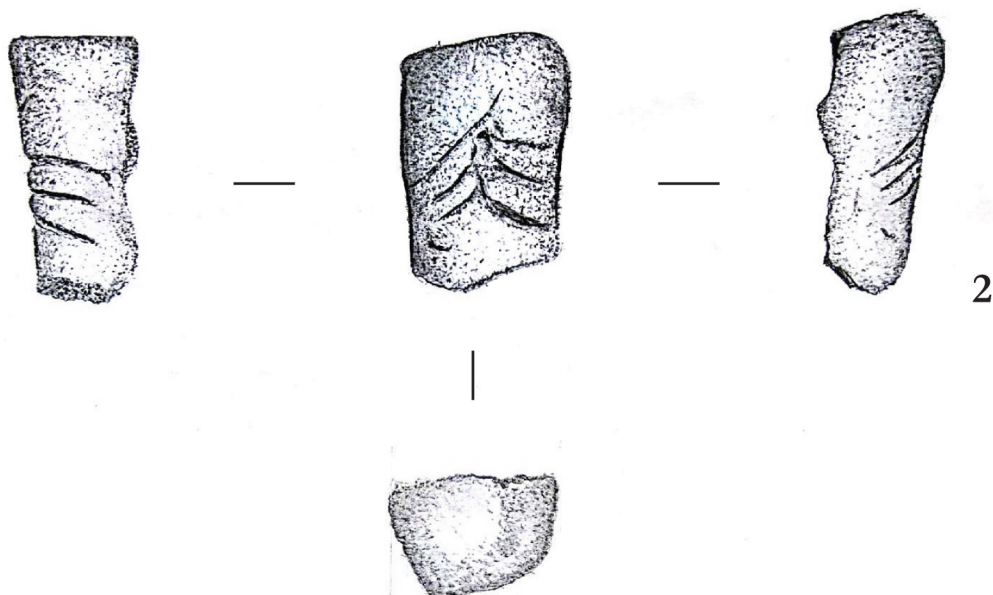
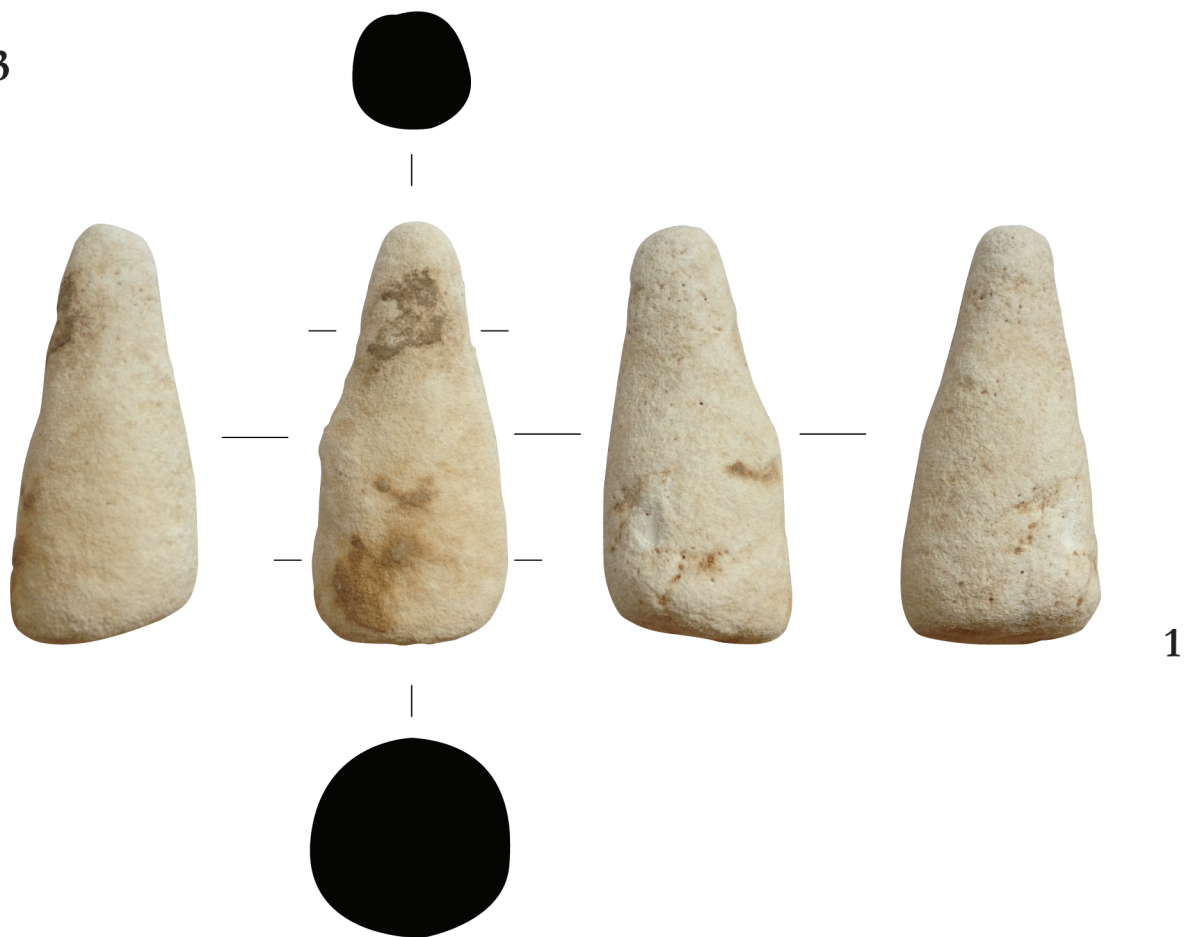


Fase 2



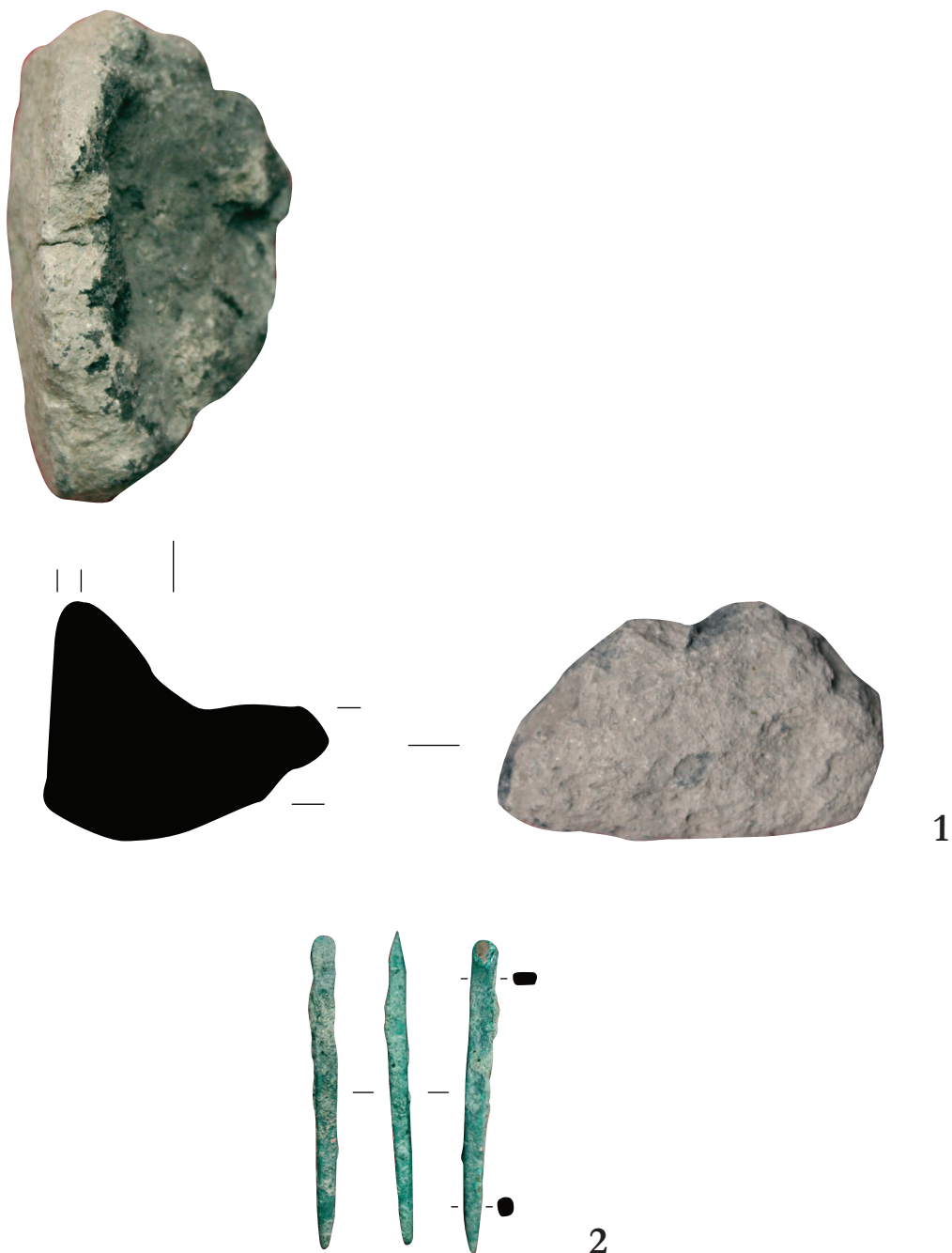
Estampa 31 - 1 a 4) “Ídolos de cornos”; 5) ídolo zoomórfico.

Fase 3



Estampa 32 - 1) ídolo calcário; 2) ídolo cerâmico com tatuagens faciais.

Fase 1



Fase 3



Estampa 33 - Artefactos metálicos. 1) Cadinho; 2 e 7) Punção; 3) Pingo de fundição; 4 e 5) Escória; 6) Minério de cobre.

Anexo 5.

Tratamento estatístico

Cerâmica - Recipientes

Tabela 5 Conjunto cerâmico.

Gráfico 1 Formas por fase (valores reais).

Gráfico 2 Formas por fase (%).

Gráfico 3 Relação das formas entre as estruturas do *Cairn* e restantes da fase 3 (%).

Gráfico 4 Comportamento das formas por fase (valores reais).

Gráfico 5 Comportamento das formas por fase (%).

Gráfico 6 Distribuição por sub-tipos dos pratos por fase (%).

Gráfico 7 Relação entre as fases e as classes de volume (%).

Gráfico 8 Classes de volume.

Gráfico 9 Compacidade dos recipientes por fase (%).

Gráfico 10 Textura dos recipientes por fase (%).

Gráfico 11 Proporção dos ENP dos recipientes por fase (%).

Gráfico 12 Dimensão dos ENP dos recipientes por fase (%).

Gráfico 13 Tratamento das superfícies nos recipientes por fase (%).

Gráfico 14 Estado das superfícies dos recipientes por fase (%).

Gráfico 15 Estados das superfícies dos recipientes da fase 3 (%).

Gráfico 16 Distribuição das decorações por fases (valores reais).

Gráfico 17 Presença de mamilos por fase (%).

Cerâmica - Pesos de tear

Gráfico 18 Forma dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 19 Sub-tipos de pesos de tear por fase (%).

Gráfico 20 Estado dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 21 Compacidade dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 22 Textura dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 23 Proporção de ENP dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 24 Dimensão ENP dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 25 Estado das superfícies dos pesos de tear por fase (%).

Gráfico 26 Estado das superfícies dos pesos de tear da fase 3 (%).

Gráfico 27 Tratamento das superfícies dos pesos de tear por fase (%).

Líticos

Gráfico 28 Materiais líticos por fase (%).

Gráfico 29 Matéria prima por fase (%).

Gráfico 30 Relação núcleos sem córtex e lascas corticais por fase.

Tabela 6 Núcleos

Gráfico 31 Comportamento do material de debitação por fase (%).

Tabela 7 Material de debitação

Tabela 8 Utensílios

Gráfico 32 Distribuição das larguras dos produtos alongados.

Tabela 9 Restos de Talhe

Tabela 10 Outros líticos

Metal

Tabela 11 Metalurgia

Tabela 5 - Conjunto cerâmico	Quantidade (valor real)							
	Fase 1	Fase 2			Fase 3			Total
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos	
Bojos	4521	2924	675	44	1214	670	820	10868
Bordos	409	329	30	8	104	36	153	1069
Pesos	51	40	3	2	26	7	54	183
Total cer.	4981	4055			3084			12120
Peso (gr)								
Bojos	79907	62500	11205	829	19468	12687	14106	200702
Bordos/pesos	24464	13013	74534	116	4610	46261	6070	169068
Total peso	104371	162197			103202			369770

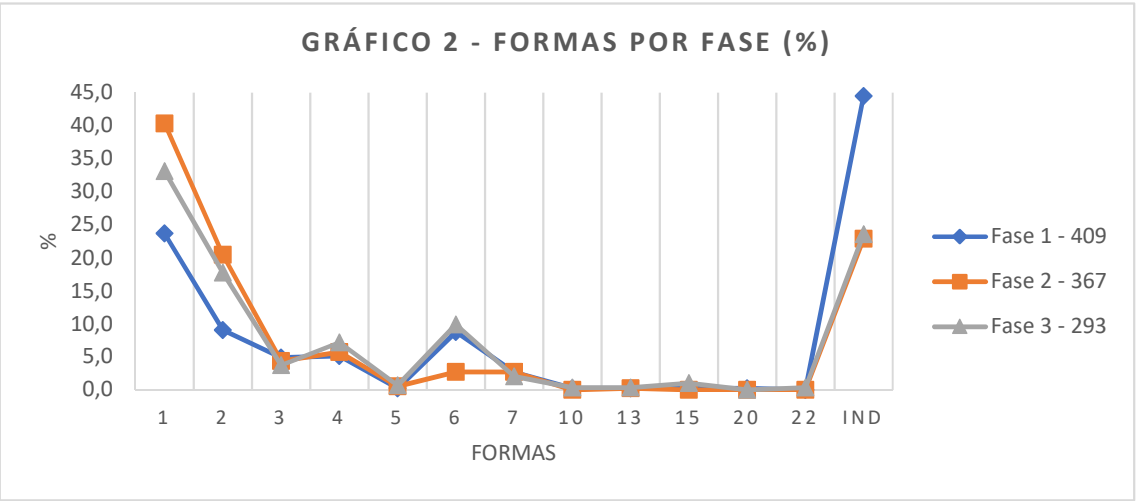
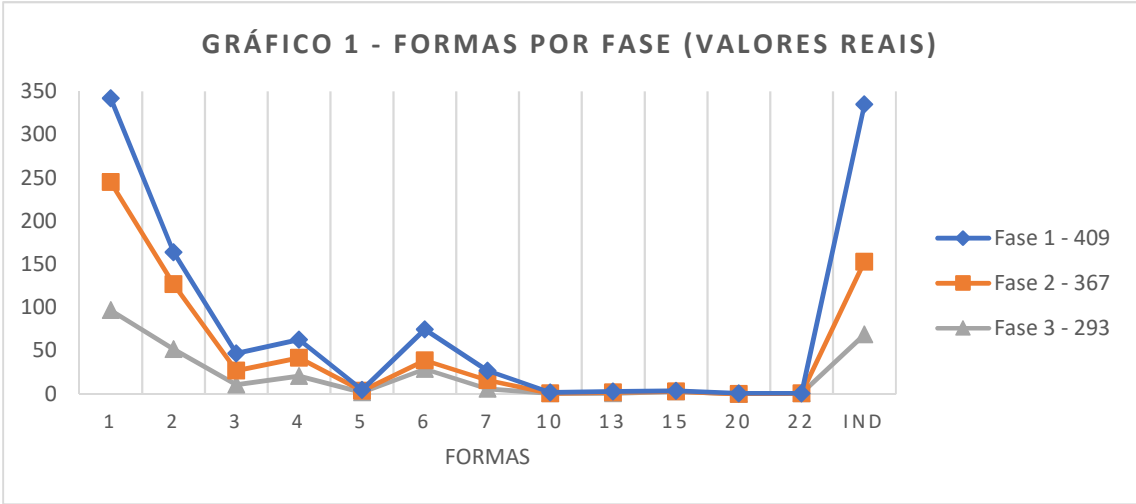


GRÁFICO 3 - RELAÇÃO DAS FORMAS ENTRE AS ESTRUTURAS DO CAIRN E RESTANTES DA FASE 3 (%)

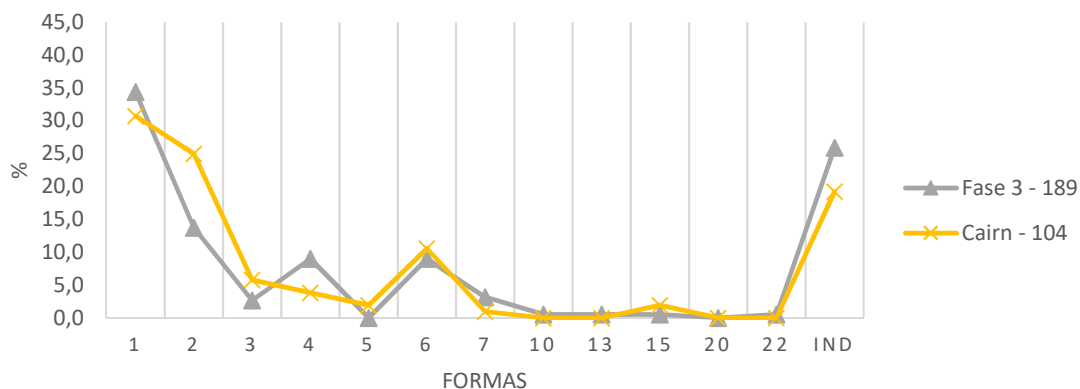
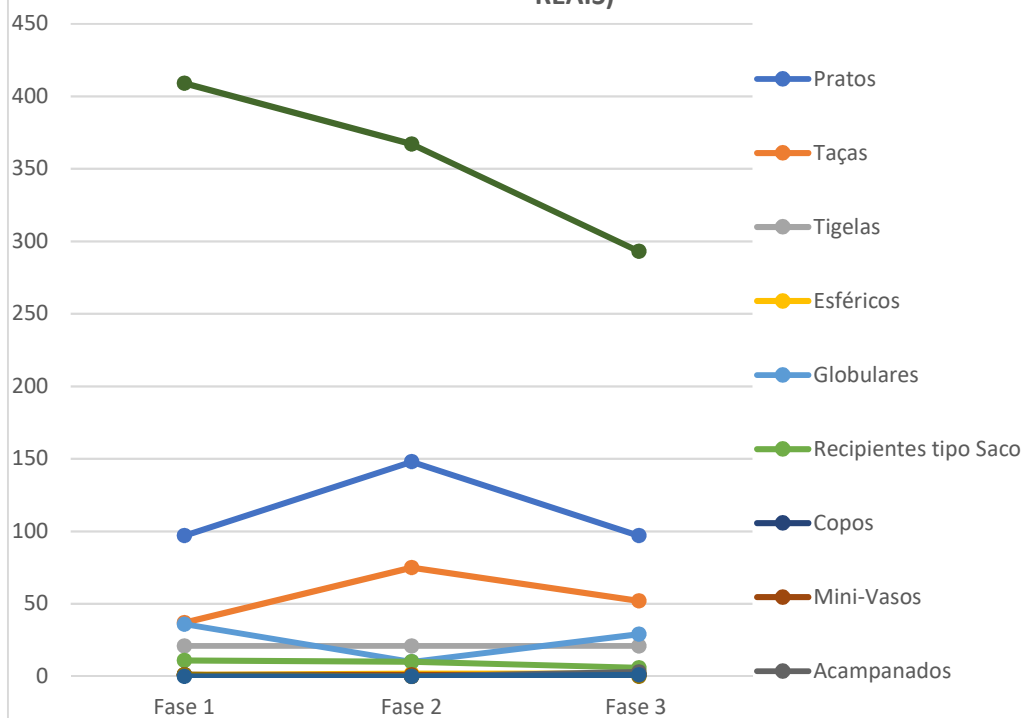


GRÁFICO 4 - COMPORTAMENTO DAS FORMAS POR FASE (VALORES REAIS)



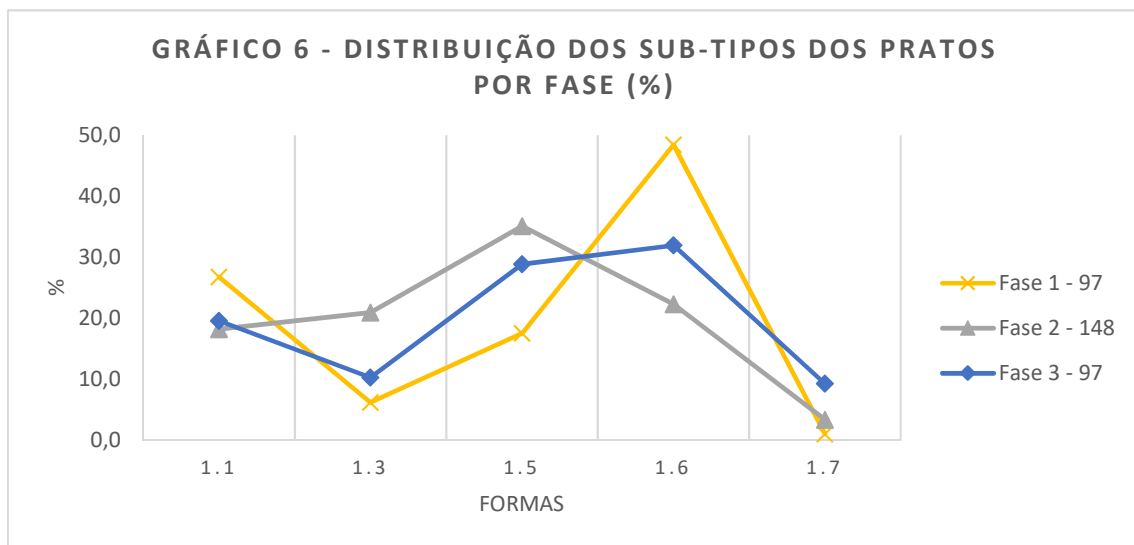
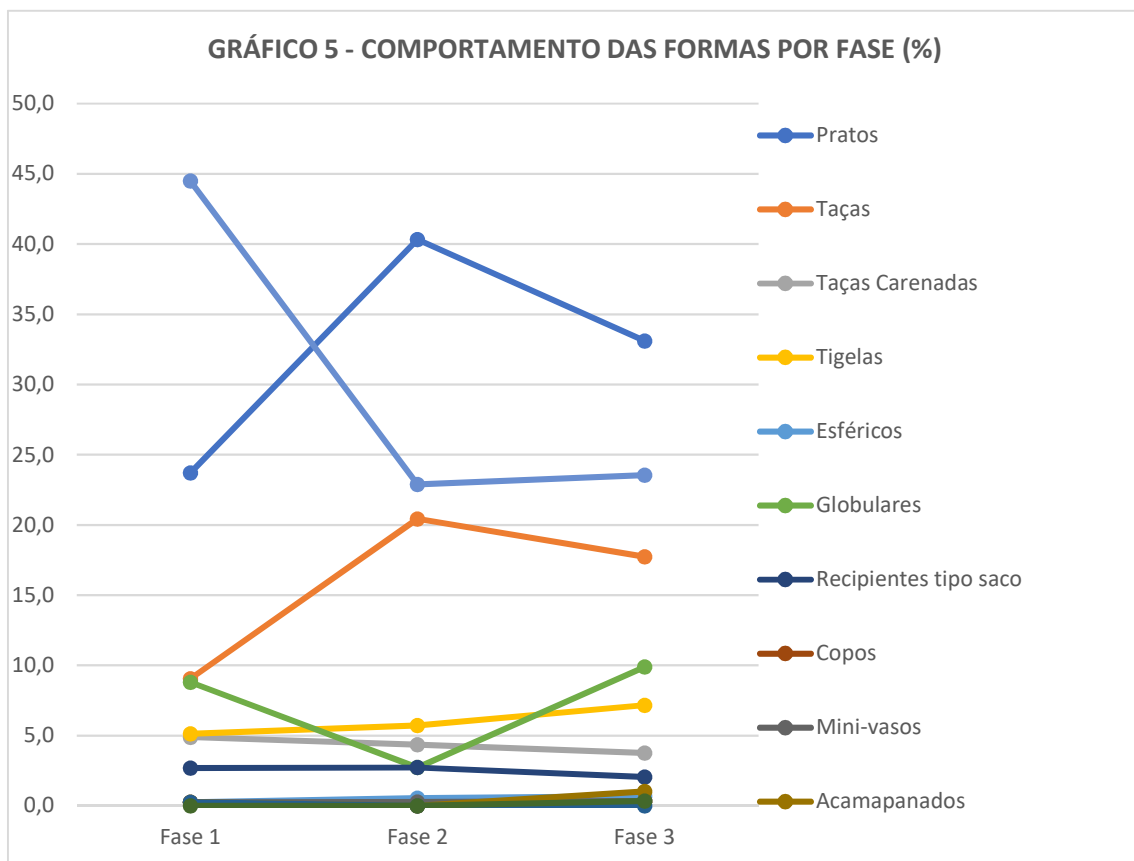


GRÁFICO 7 - RELAÇÃO ENTRE AS FASES E AS CLASSES DE VOLUME (%)

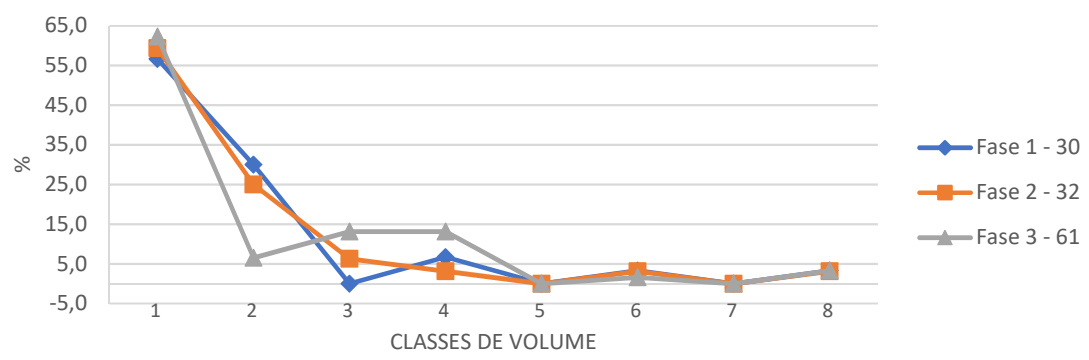


GRÁFICO 8 - CLASSES DE VOLUME

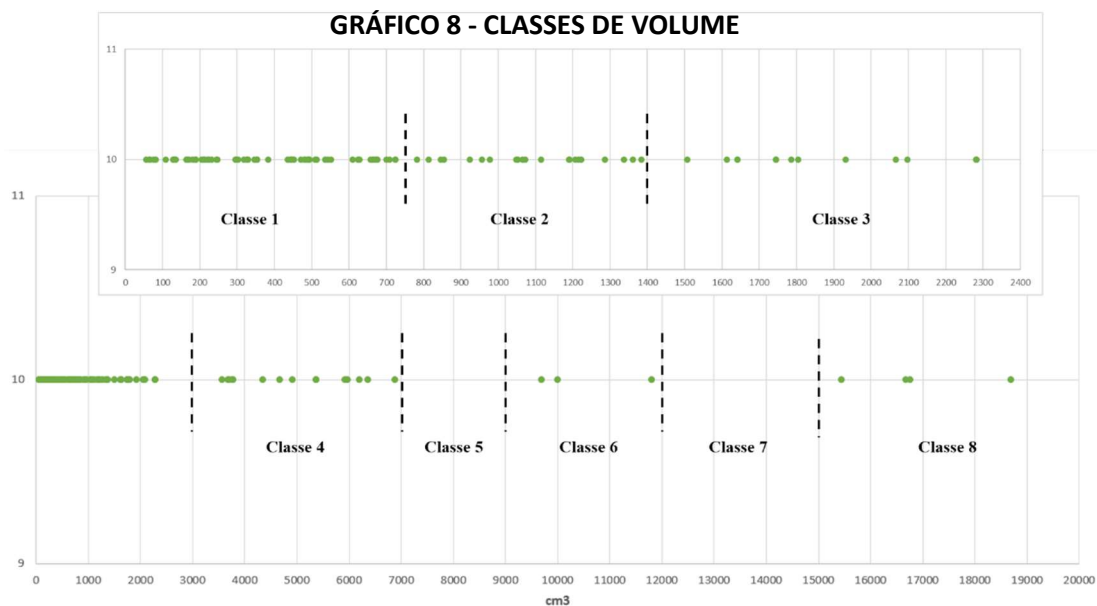


GRÁFICO 9 - COMPACIDADE DOS RECIPIENTES POR FASE (%)

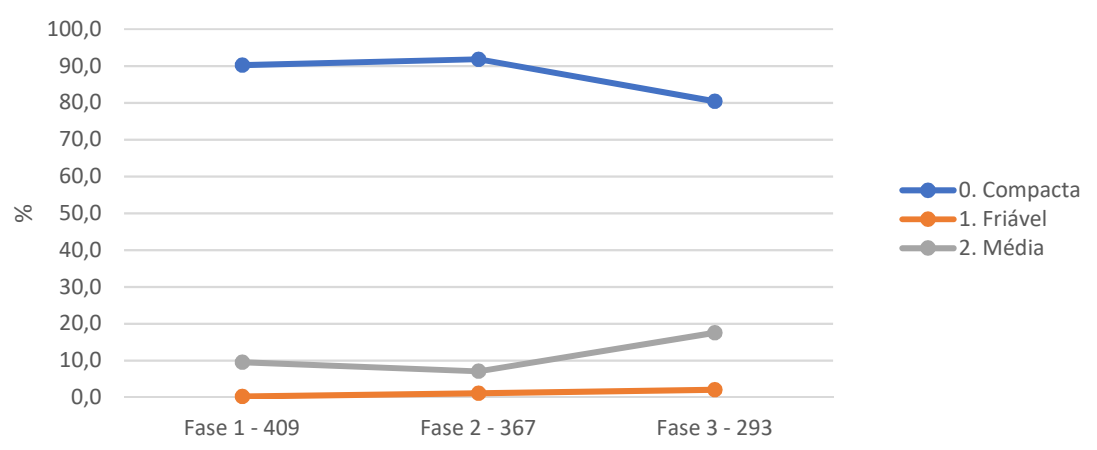


GRÁFICO 10 - TEXTURA DOS RECIPIENTES POR FASE (%)

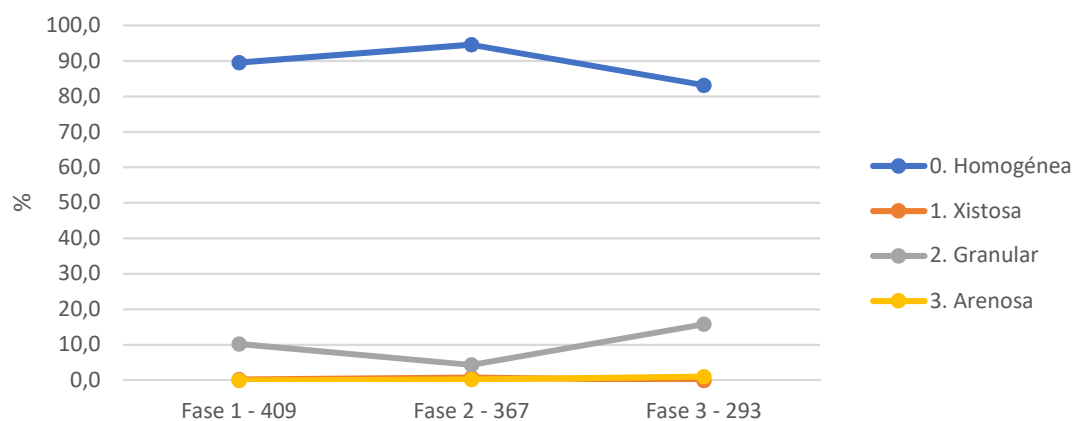


GRÁFICO 11 - PROPORÇÃO DOS ENP DOS RECIPIENTES POR FASE (%)

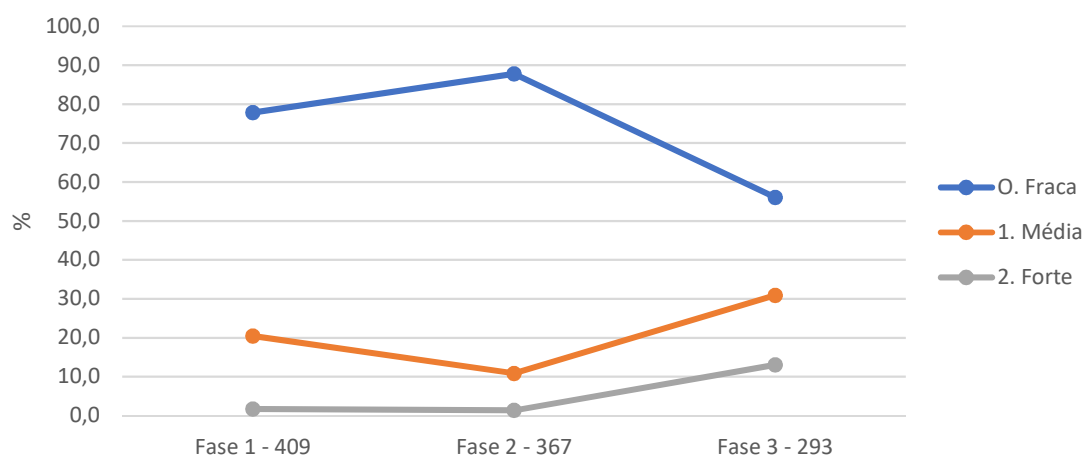


GRÁFICO 12 - DIMENSÃO DOS ENP DOS RECIPIENTES POR FASE (%)

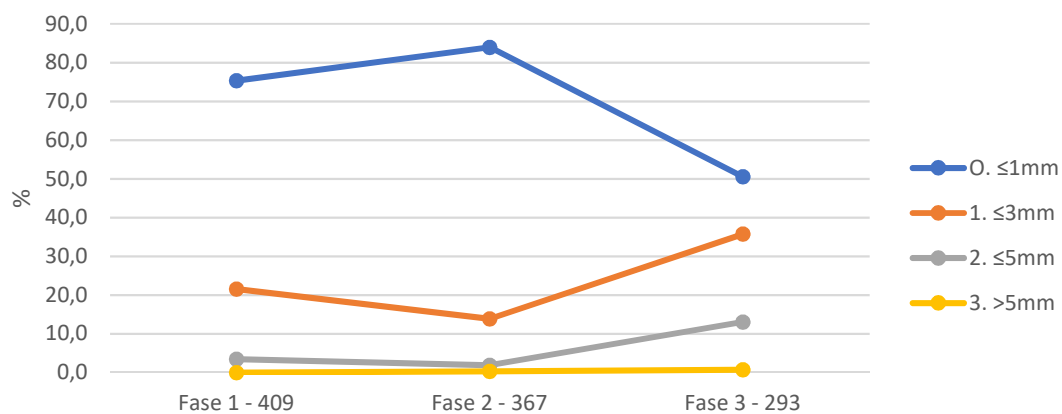


GRÁFICO 13 - TRATAMENTO DAS SUPERFÍCIES NOS RECIPIENTES POR FASE (%)

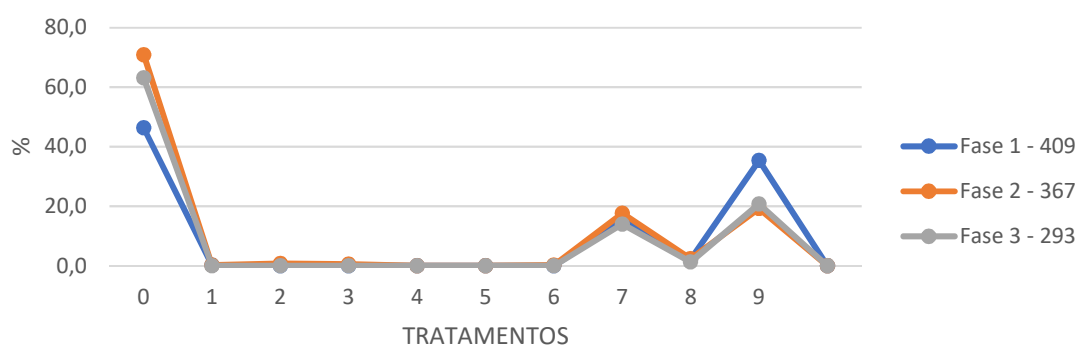


GRÁFICO 14 - ESTADO DAS SUPERFÍCIES DOS RECIPIENTES POR FASE (%)

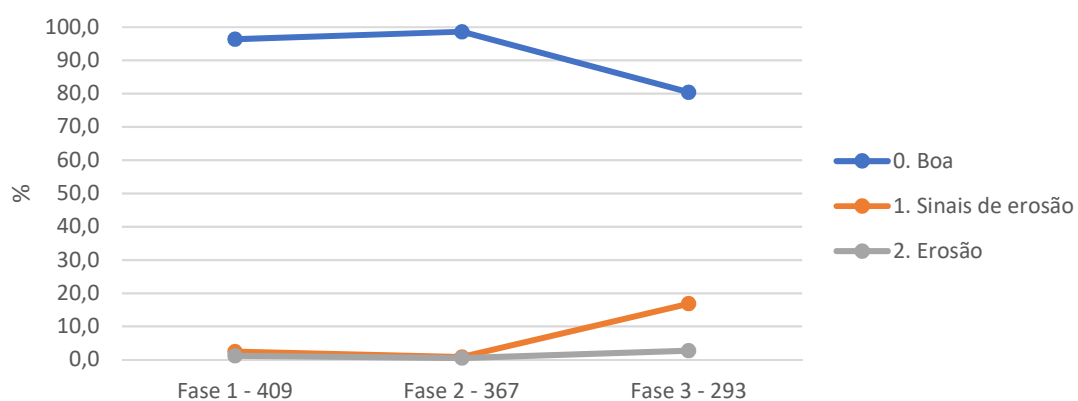
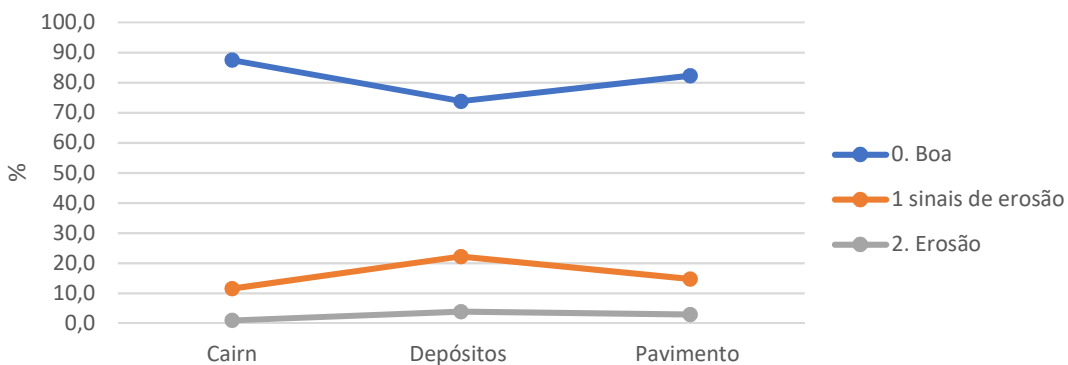
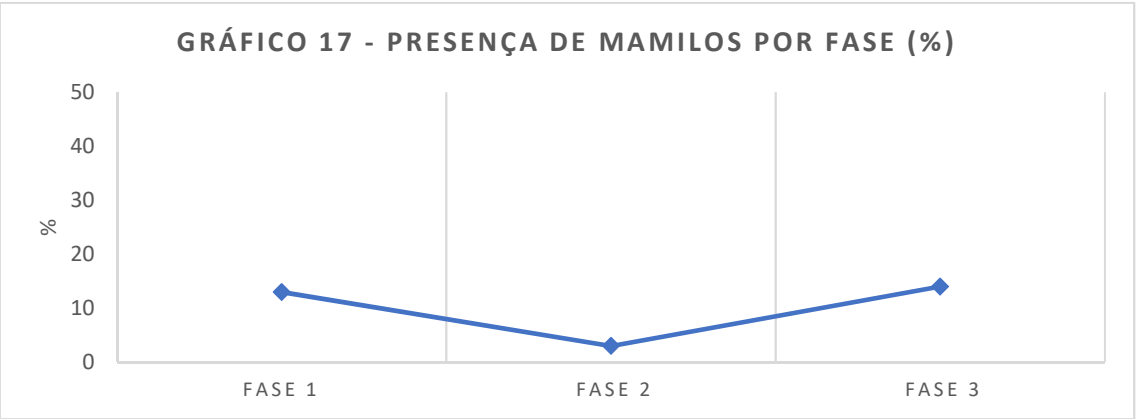
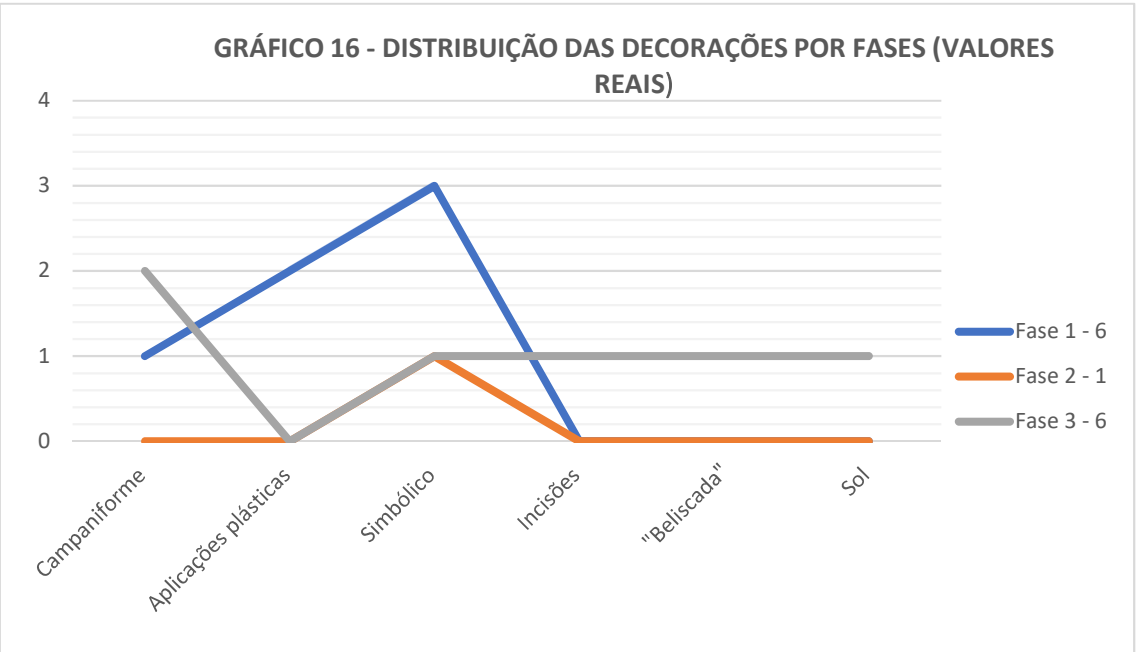
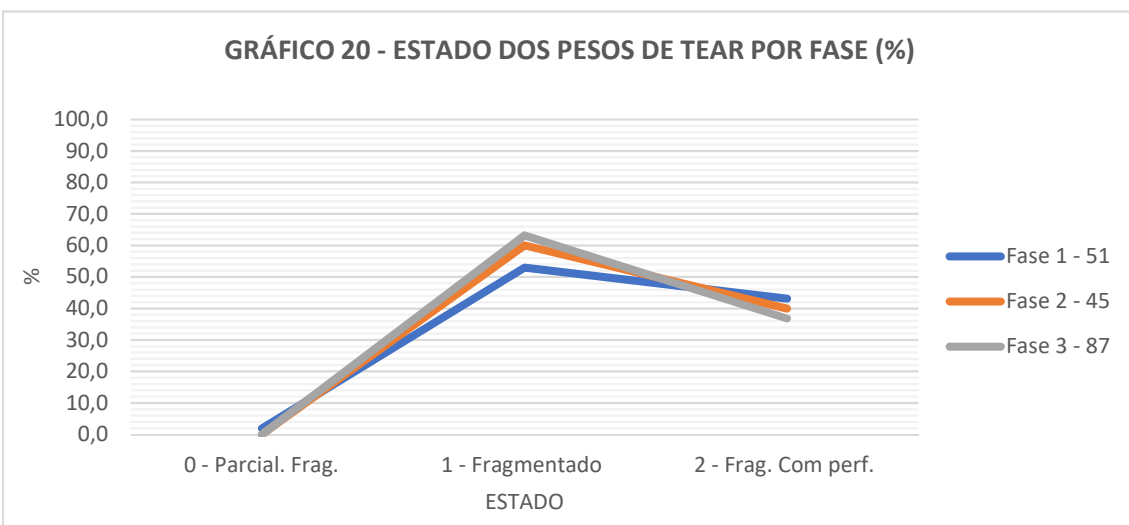
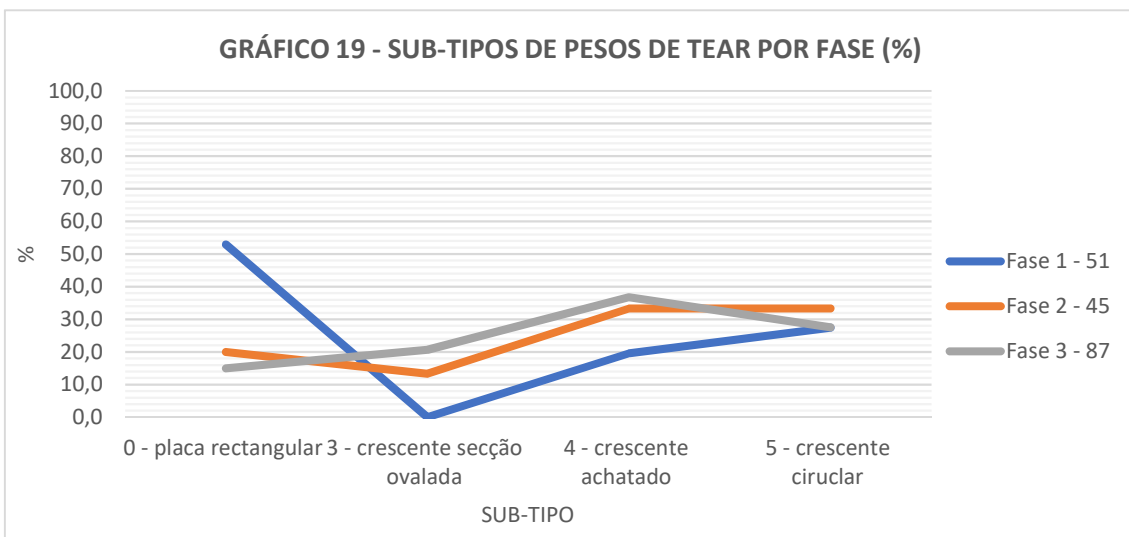
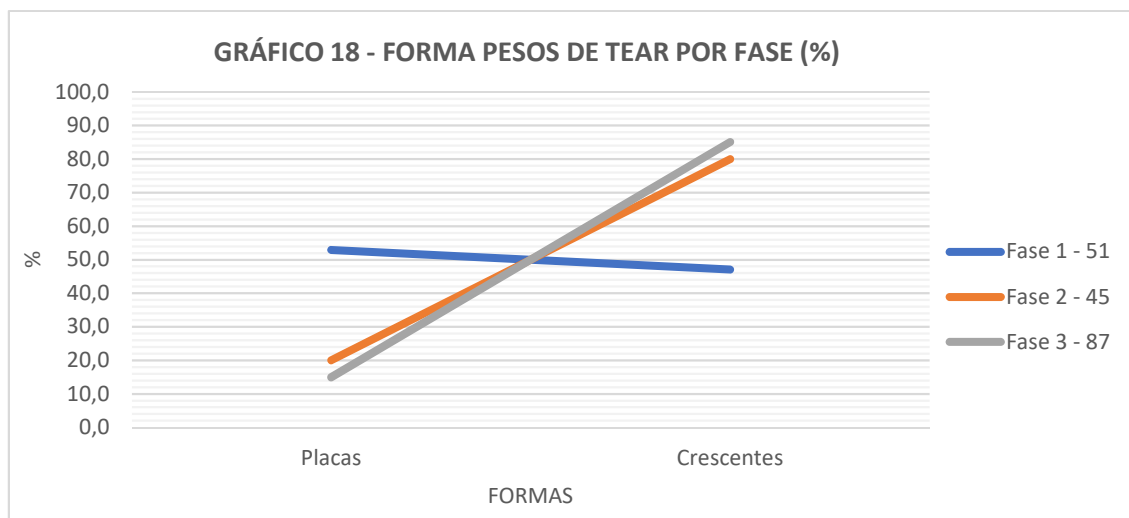
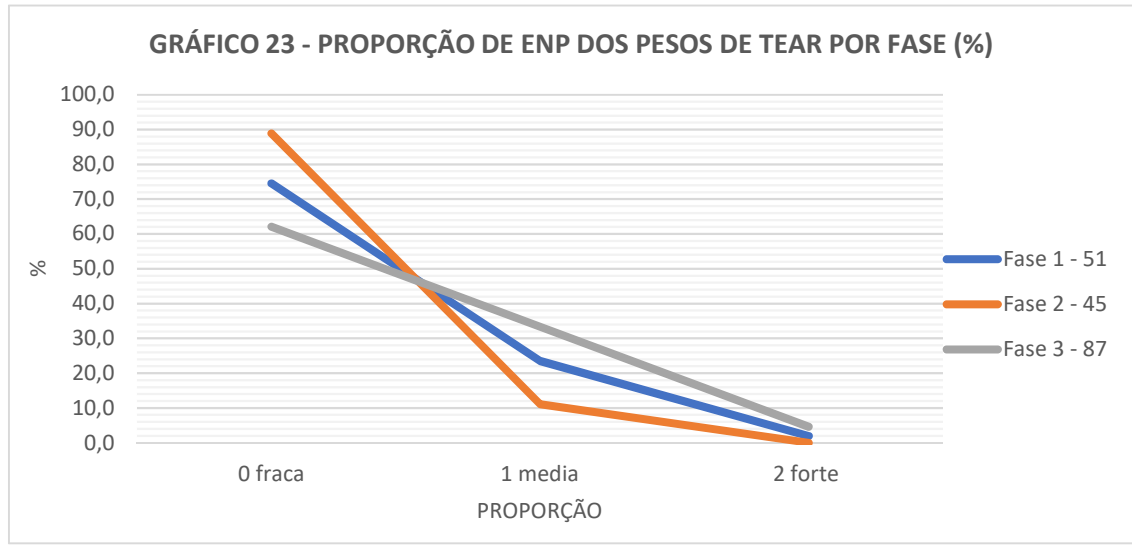
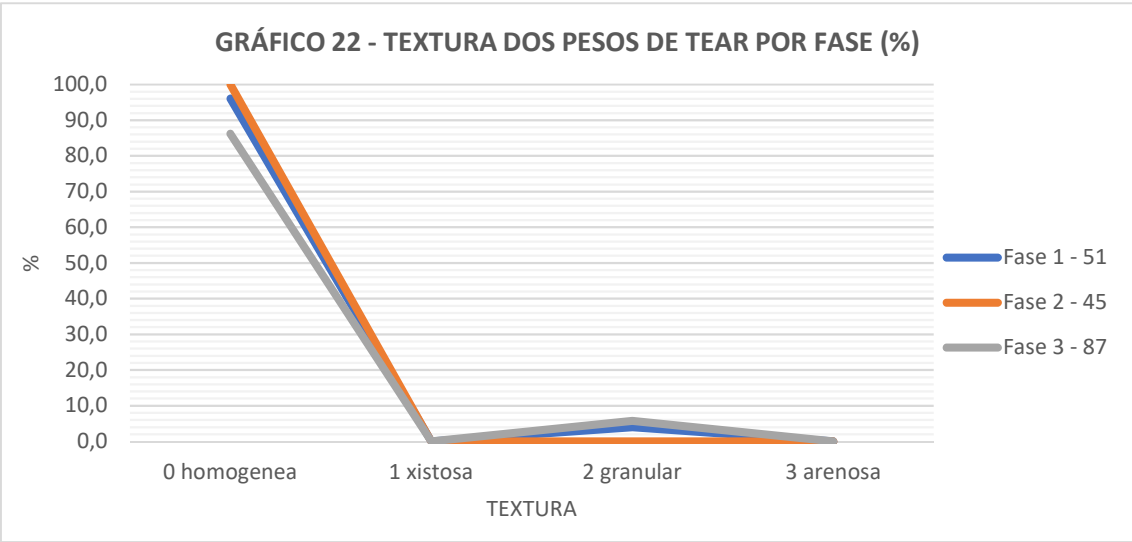
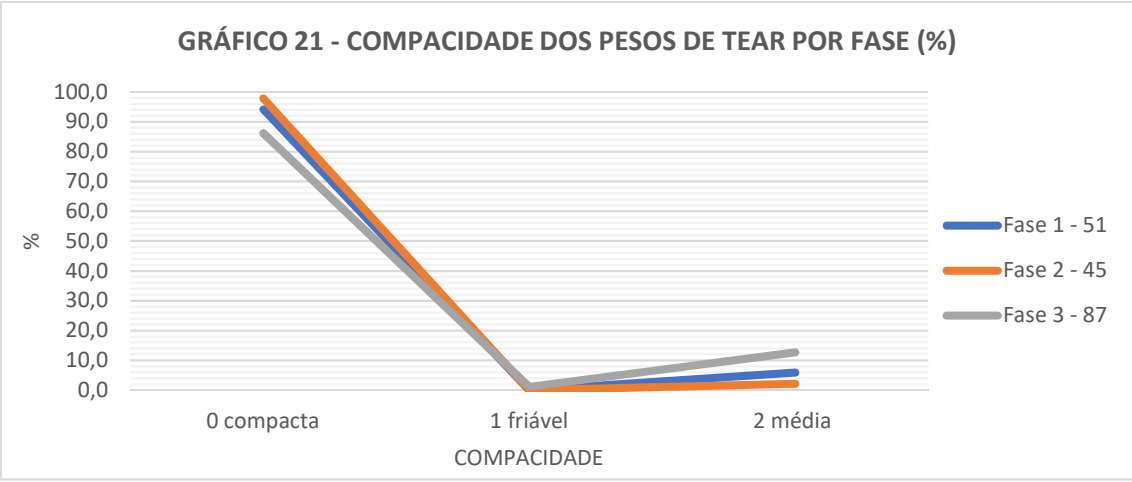


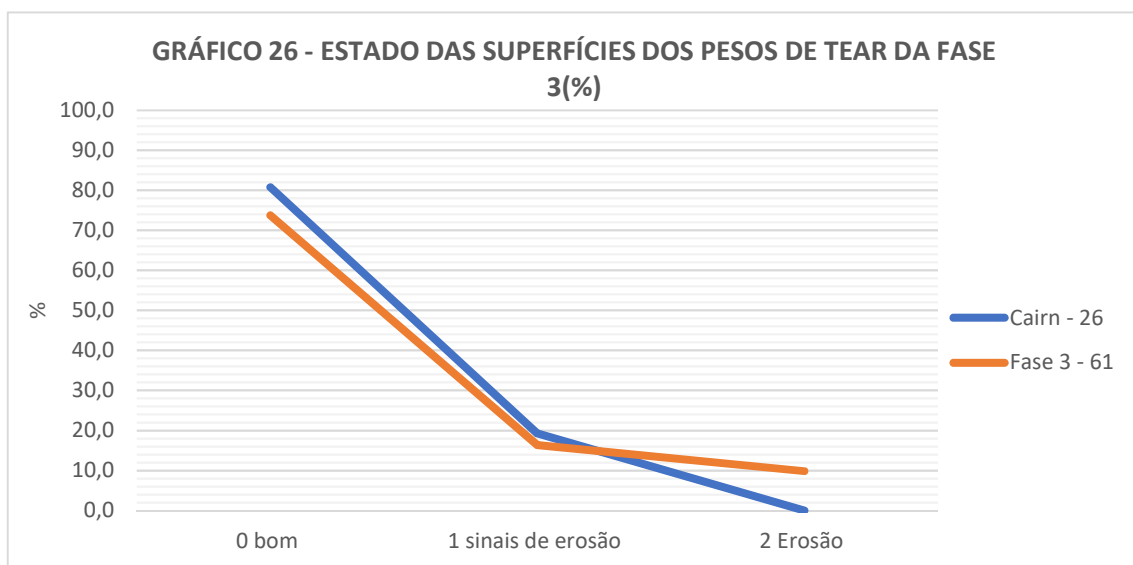
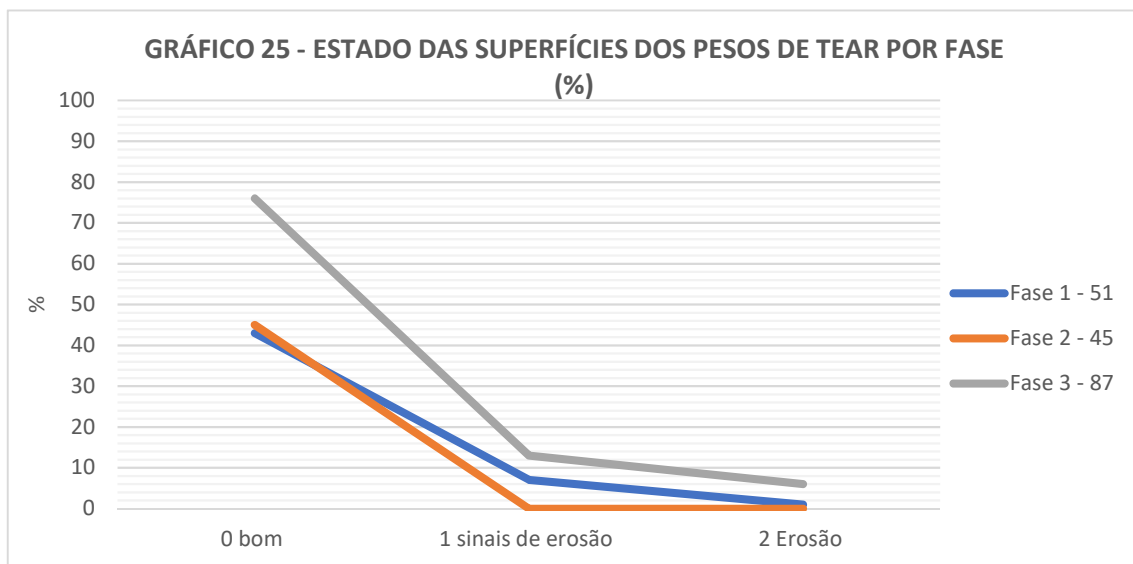
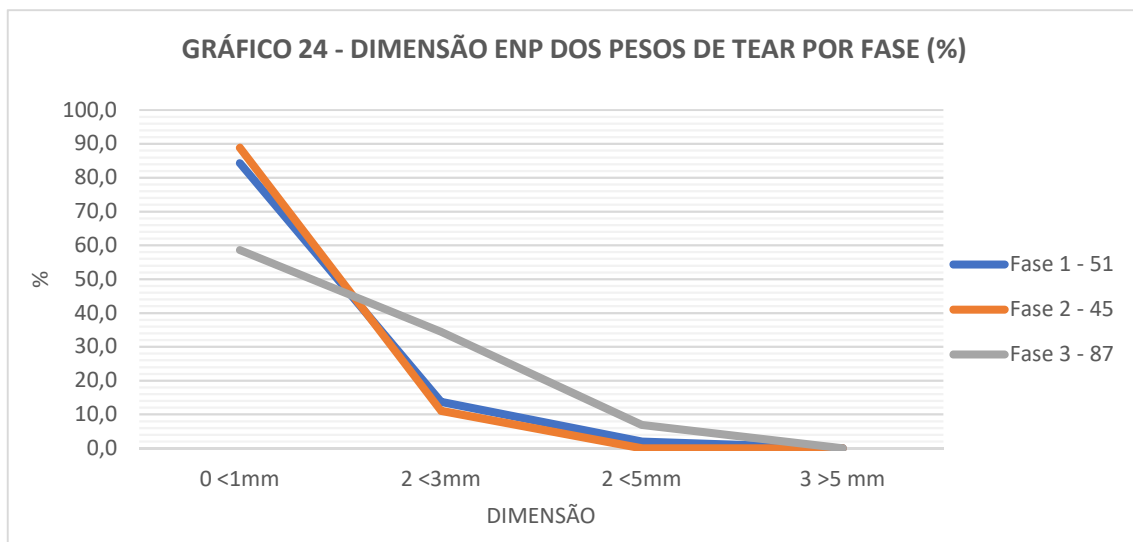
GRÁFICO 15 - ESTADO DAS SUPERFÍCIES DOS RECIPIENTES DA FASE 3 (%)

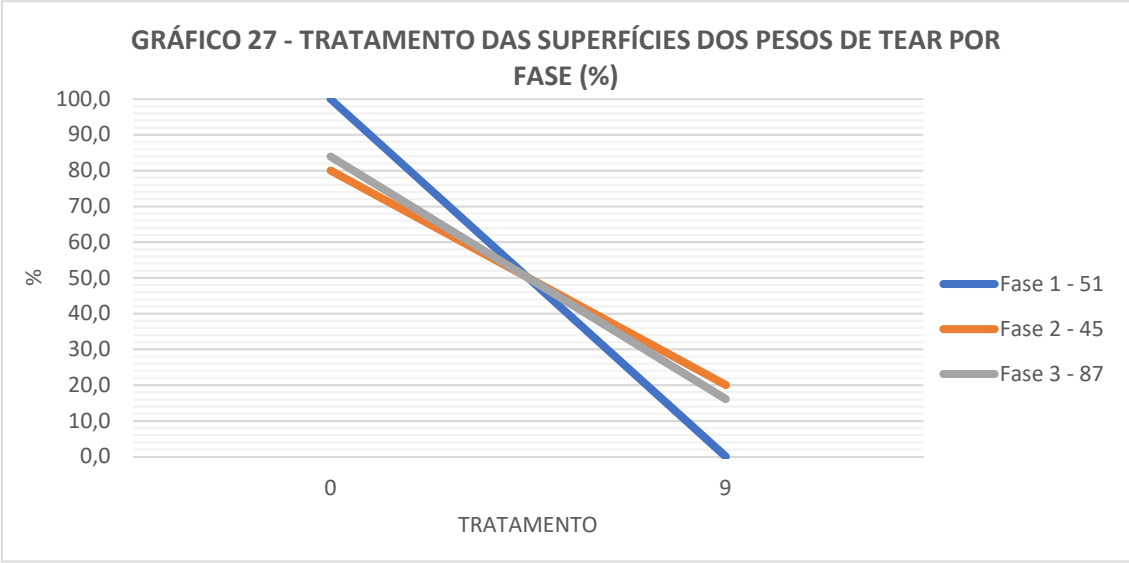












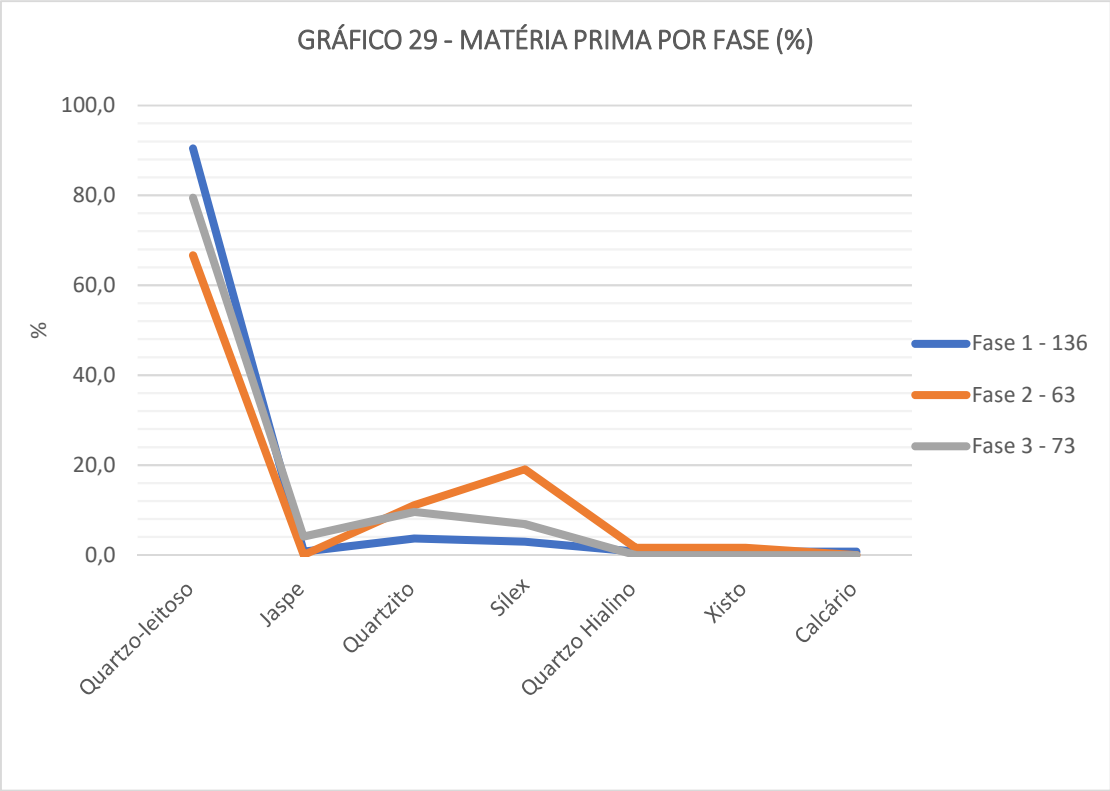
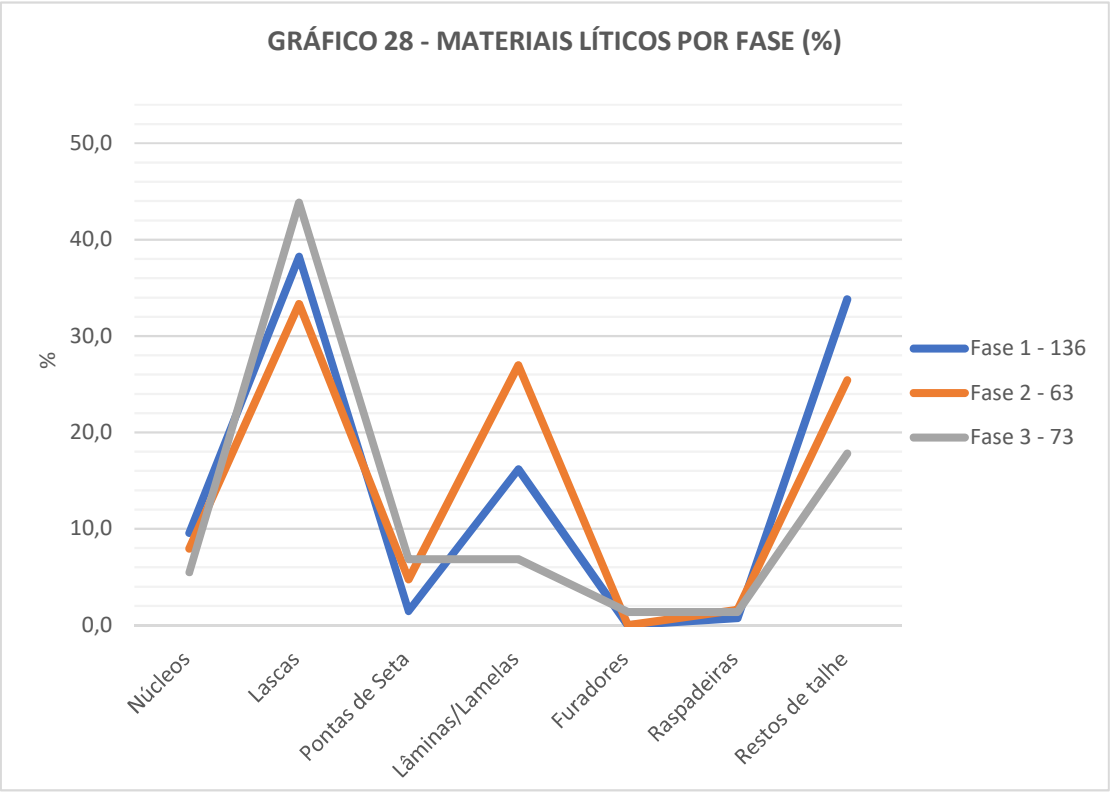


GRÁFICO 30 - RELAÇÃO NÚCLEOS SEM CÓRTEX E LASCAS CORTICAIS POR FASE

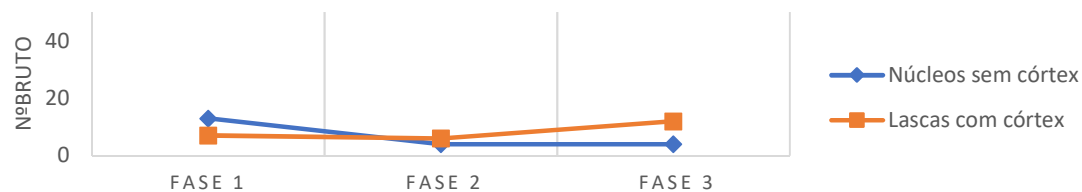


Tabela 6 Núcleos	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
	13	4	1		4		
Tipo de núcleo							
Prismático piramidal	4 (com plataforma Lisa)						
Discoide	4	4	1				
Poliédrico (informes)	5				4		
Produtos Extraídos							
Lâminas	1						
Lascas	9	4	1		2		
Lamelas e lascas					2		
Lâminas e lamelas	3						
Grau de Uso							
Abandono	10	3	1		3		
Exausto	3	1			1		
Córtex							
Ausente	13	3	1		4		
Rolamento fluvial		1					
Matéria Prima							
Quartzo-Leitoso	12	2	1		4		
Sílex		1					
Jaspe	1						
Quartzito		1					
Nº planos de debitagem							
2	1	4	1		4		
Múltiplos	12						
Orientação das Extracções							
Ortogonais	4						
Múltiplas	9	4	1		4		
Retoque							
Presente	1				4		
Ausente	12	4	1		3		

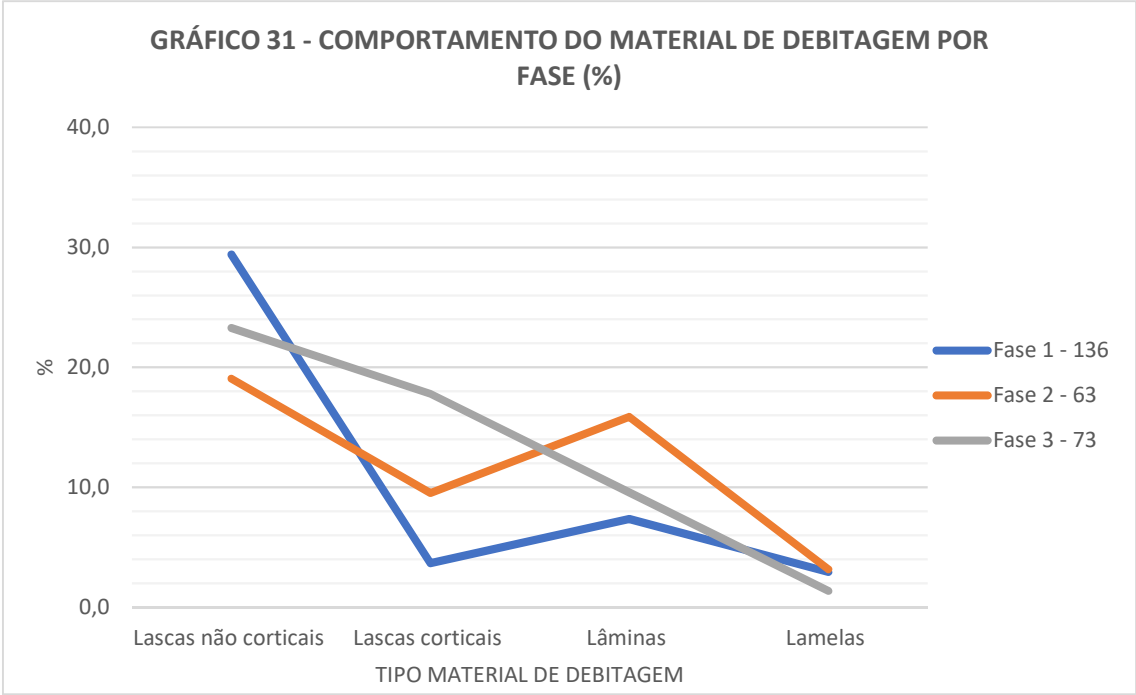


Tabela 7 Material de debitagem	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
Lascas não corticais	40	10	2		15		2
Lascas corticais	5	6			11	1	1
Lâminas	10	9	1		6		1
Lamelas	4	2					1
Total por fase	59	30			38		
Estado lascas não corticais							
Extremidade distal	7				3		
Proximal	28	10	2		9		2
Proximal e mesial	5				1		
Mesial					2		
Estado lascas corticais							
Extremidade distal	1				2		
Proximal	2	5			8		1
Proximal e mesial	2	1			1		1
Estados Lâminas							
Extremidade distal	2	2			2		
Proximal	7	1			1		
Proximal e mesial	1	3			2		
Mesial		3	1		1		1
Estados Lamelas							
Extremidade distal	1						
Proximal	3	2					
Mesial							1

Tipo de talão (lascas não corticais)							
Facetado rectilíneo	1	2					
Liso	31	8	2		9		2
Diédrico	1				1		
Tipo de Talão (lascas corticais)							
Facetado rectilíneo	3	3			5	1	1
Liso	1	3			4		
Tipo de Talão (lâminas)							
facetado convexo		1					
Liso	7	2			2		1
diedro	1	1					
punctiforme					1		
Tipo de talão (lamelas)							
Liso	3	1					
Diédrico		1					
Forma da secção (lâminas)							
Trapézio	1	3			4		
Triângulo	5	5	1		2		1
Irregular	4	1					
Forma da secção (lamelas)							
Trapézio	1						1
Triângulo	3	2					
Matéria prima (lasca sem córtex)							
Jaspe					1		
Quartzo-leitoso	36	7	2		13		2
Sílex	3	2					
Quartzo hialino	1						
Quartzito		1			1		
Matéria prima (lasca corticais)							
Jaspe							
Quartzo-leitoso	4	3			7		
Sílex							
Quartzo hialino							
Quartzito	1	3			4	1	1
Matéria prima (lâminas)							
Jaspe							
Quartzo-leitoso	10	5			5		1
Sílex		3	1		1		
Quartzo hialino		1					
Quartzito							
Matéria prima (lamelas)							
Jaspe							
Quartzo-leitoso	2	2					
Sílex	1						1
Quartzo hialino							

Quartzito							
calcário	1						

Tabela 8 Utensílios	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
Lascas Retocadas	2	2	1				1
Pontas de Seta	2	2	1		3		2
Lâminas	6	3			6		
Lamelas	2	2			2		1
Furador							1
Raspadeira	1	1					1
Total por fase	13	12			17		
Estado das Pontas de seta							
Proximal	1	1					
Mesial	1				2		2
Completa		1			1		
Distal			1				
Estado das Laminas							
Proximal	2	1			2		
Mesial		1			1		
Distal	4	1			3		
Estado das lamelas							
Proximal	2				1		
Mesial		2			1		1
Estado das raspadeiras							
Inteiro							1
Fragmentado	1	1					
Forma da secção (lâminas)							
Trapezoidal	4	2			3		
Triangular	1	1			2		
Irregular	1				1		
Forma da secção (lamelas)							
Trapezoidal	1				1		
Triangular	2	1			1		
Irregular		1					
Furador							
Sob lâmina	Secção trapezoidal	Parte funcional segue o eixo central	Sem marcas de uso	Tratamento térmico	Sílex		

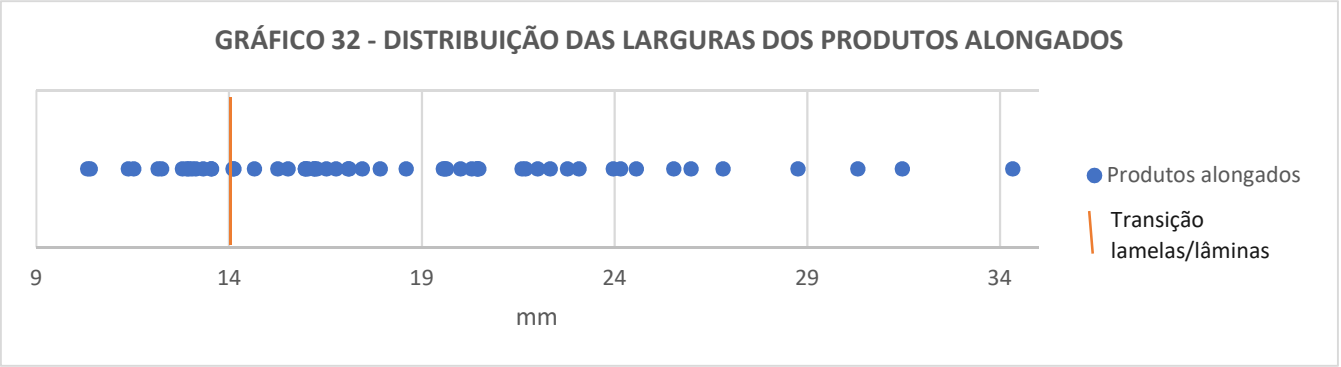


Tabela 9 Restos de talhe	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
Restos Talhe	46	12	4		10		3
Total por fase	46	16			13		
Córtex							
Presente	4	3					
Ausente	42	9	4		10		3
Matéria-Prima							
Quartzo-leitoso	42	10	4		9		3
Quartzito	4	2					
Jaspe					1 (com <i>potlid</i>)		

Tabela 10 Outros líticos	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
Percutores	3	1					1
Xisto polido		2	1				
Disco perfurado	1						
Machado Pedra Polido					1		
Total por fase	4	4			2		

Tabela 11 Metalurgia	Fase 1	Fase 2			Fase 3		
	Depósitos	Fossa 45	Fossa 44	Fossa 73	Cairn	Pavimento	Depósitos
Minério	2	4			3		1
Escória		3			6		4
Resto de fundição	1	2			11		4
Cadinho	1	1					
Algaraviz						1	
Punção	1				2		
Total por fase	5	10			32		

Anexo 6.

Imagens de campo

Fase 1

Imagem 1 Localização do depósito [341] da fase 1, das fossas 44 e 45 (fase 2) e indicação de buracos de postos associados à cabana 1. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 2 Localização do depósito [378] da fase 1 e das fossas 44 e 45 (fase 2). Fotografia de António Valera, adaptada.

Fase 2

Imagem 3 Deposição do Canídeo [279] no interior da fossa 45 (fase 2). Fotografia de António Valera.

Fase 3

Imagem 4 Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 5 Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 6 Sequência estratigráfica das camadas que compõem o “pavimento”. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 7 Topo do Cairn – [400]. Fotografia de António Valera.

Imagem 8 Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com referência às Fossas 79 e 77. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 9 Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como Cairn, com destaque para a primeira deposição de fauna na Fossa 79 e a segunda deposição de pedras da fossa 77. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 10 Primeira deposição de fauna na Fossa 79. Fotografia de António Valera, adaptada

Imagem 11 Primeira deposição de fauna na Fossa 79. Fotografia de António Valera, adaptada.

Imagem 12 Primeira deposição de fauna na Fossa 79. Fotografia de António Valera, adaptada

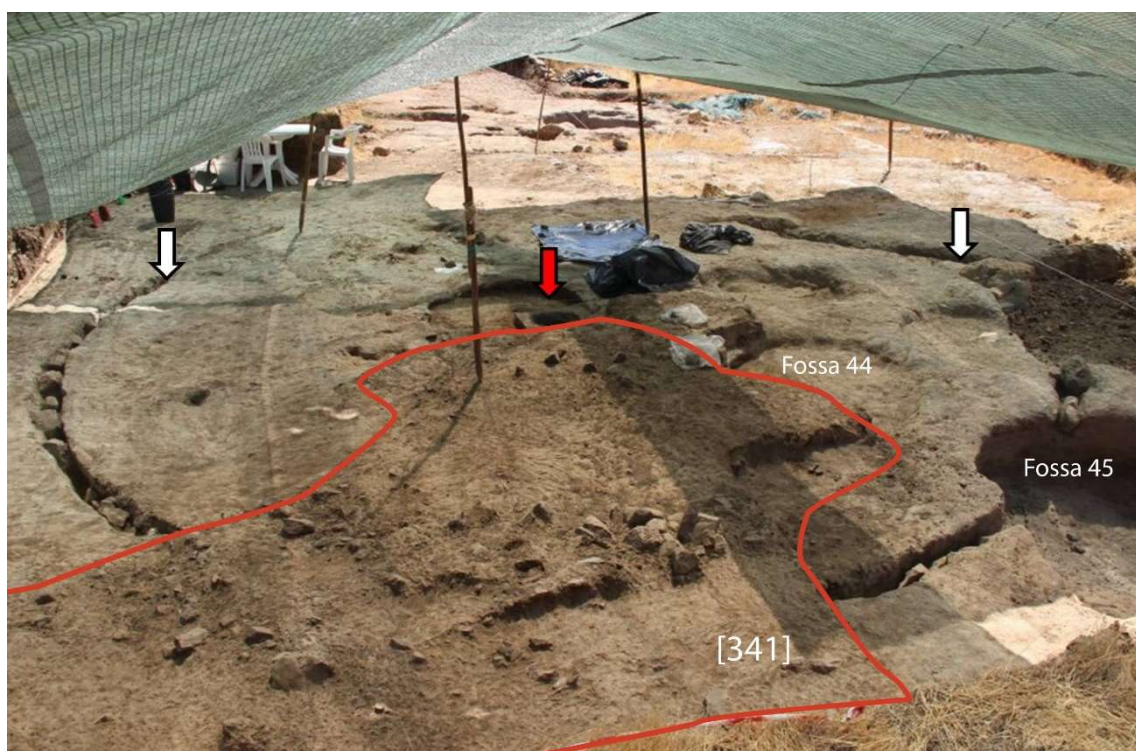


Imagem 1 – Localização do depósito [341] da fase 1, das fossas 44 e 45 (fase 2) e indicação de buracos de postos associados à cabana 1. Fotografia de António Valera, adaptada.

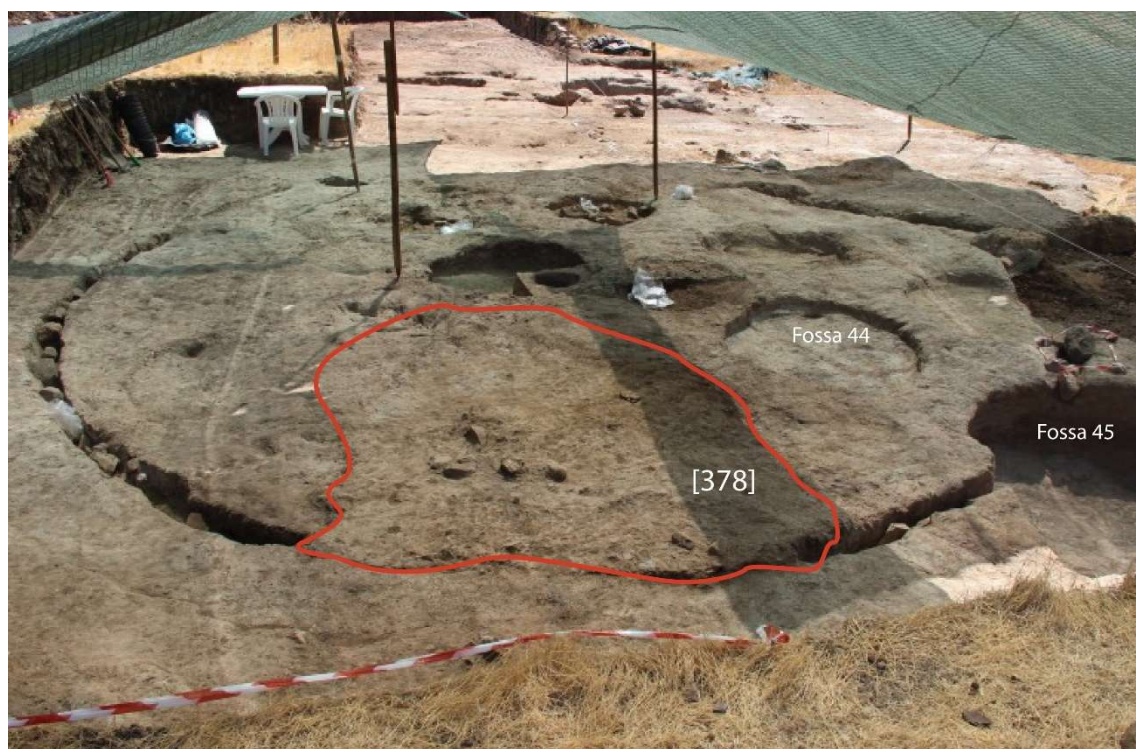


Imagem 2 – Localização do depósito [378] da fase 1 e das fossas 44 e 45 (fase 2). Fotografia de António Valera, adaptada.



Imagem 3 – Deposição do Canídeo [279] no interior da fossa 45 (fase 2). Fotografia de António Valera.



Imagem 4 – Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.



Imagem 5 – Localização do “pavimento” em relação ao depósito [415] da fase 3. Fotografia de António Valera, adaptada.

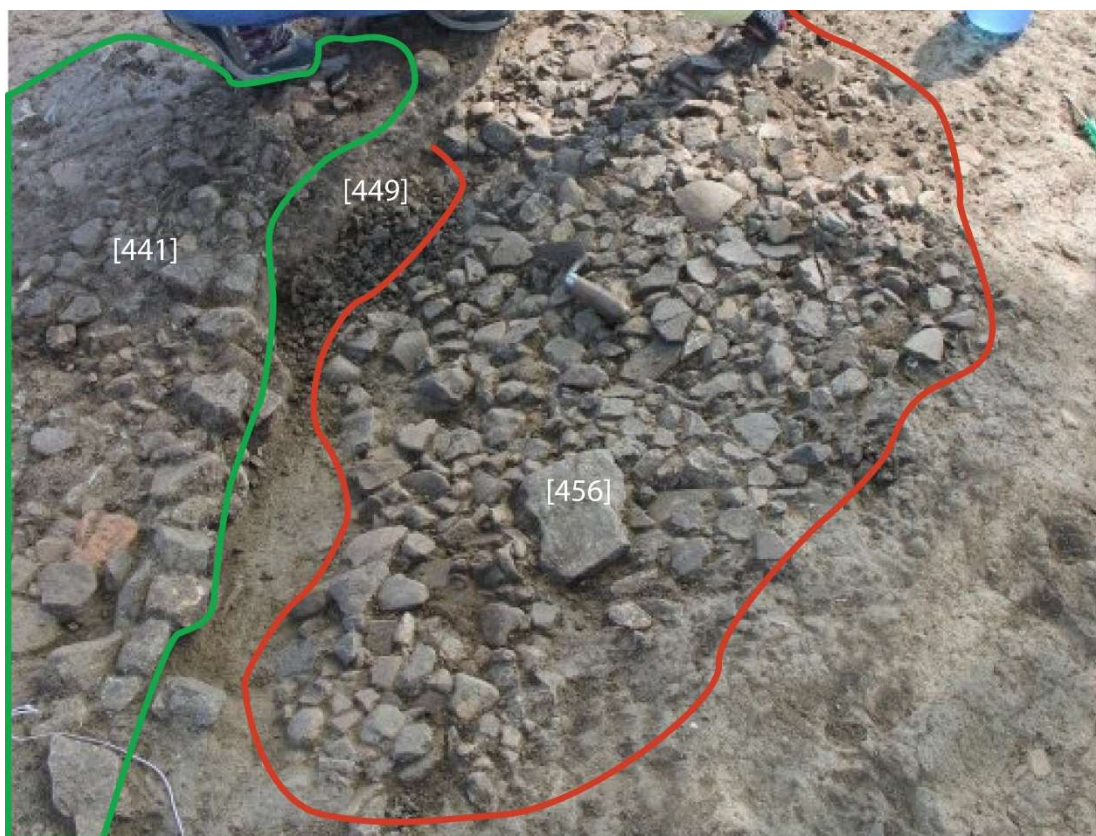


Imagem 6 – Sequência estratigráfica das camadas que compõem o “pavimento”. Fotografia de António Valera, adaptada.



Imagem 7 – Topo do Cairn – [400]. Fotografia de António Valera.

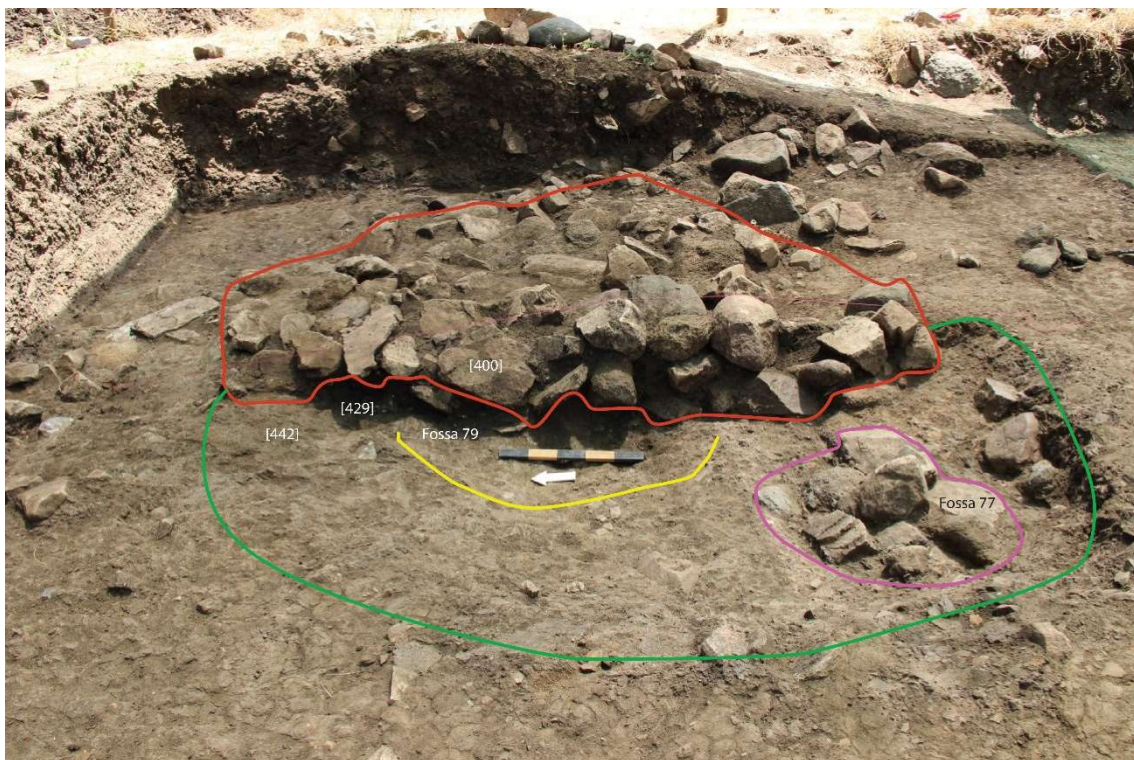


Imagem 8 – Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como *Cairn*, com referência às Fossas 79 e 77. Fotografia de António Valera, adaptada.

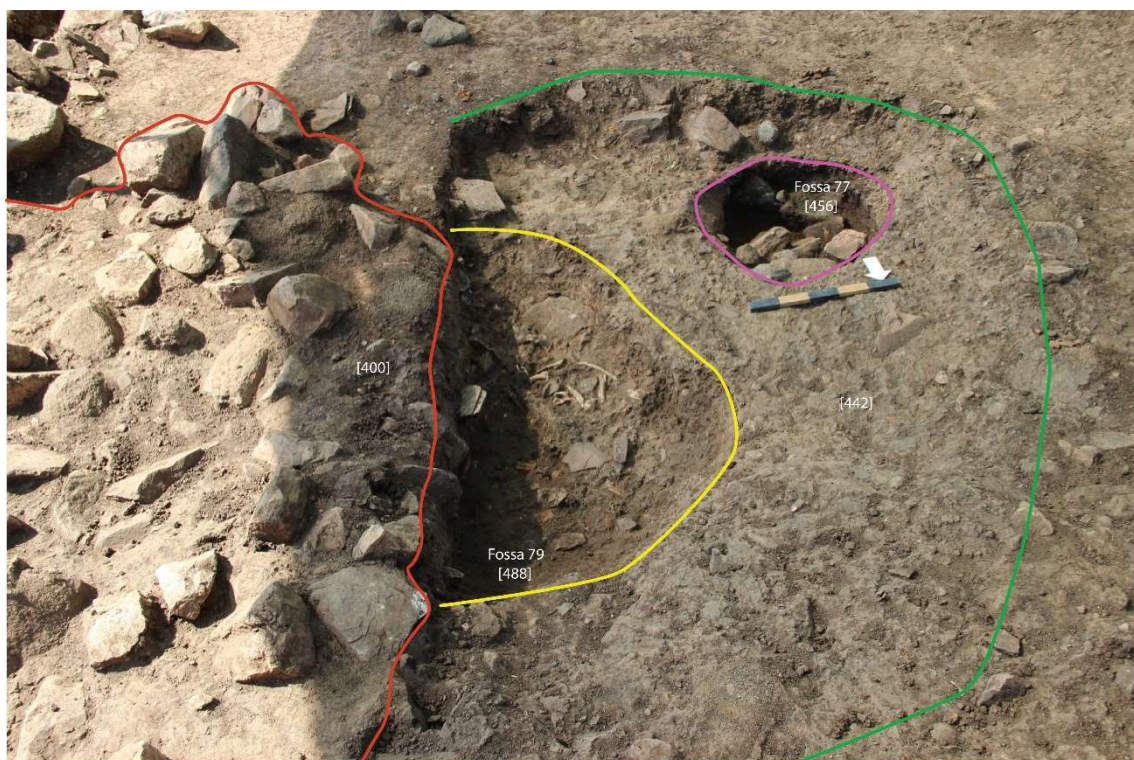


Imagem 9 – Sequência estratigráfica do conjunto de estruturas denominadas como *Cairn*, com destaque para a primeira deposição de fauna na Fossa 79 e a segunda deposição de pedras da Fossa 77. Fotografia de António Valera, adaptada.



Imagem 10 – Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada.

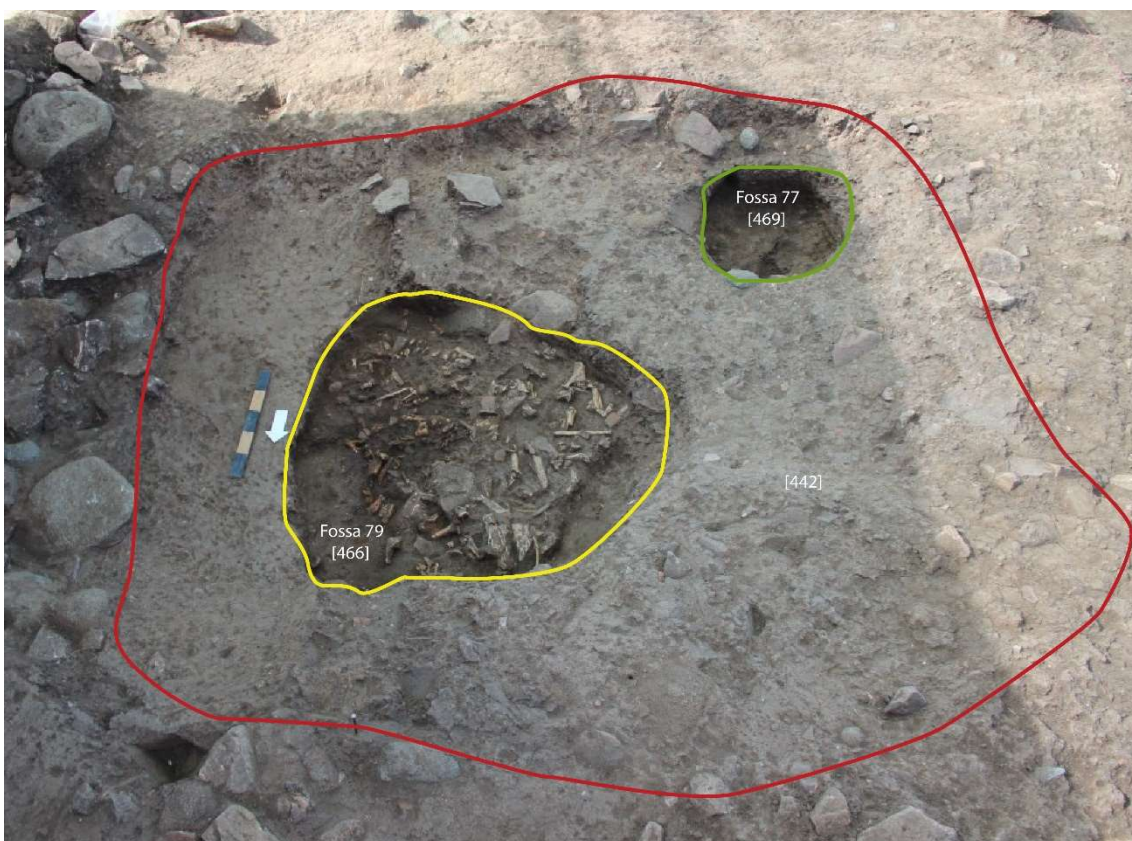


Imagem 11 – Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada.



Imagem 12 – Primeira deposição de fauna na Fossas 79. Fotografia de António Valera, adaptada.

Anexo 7.

Dados adicionais

Figura 1 Datas calcolíticas dos Perdígões, com a indicação das estruturas e das fases. Segundo Valera e Basílio, no prelo.

Figura 2 Datações de radiocarbono dos contextos em estudo. Segundo Valera e Basílio, no prelo.

Figura 3 Análise bayesiana das datações disponíveis para a região. Fase 1 - Contexto prévios ao Campaniforme; Fase 2 - Contextos com Campaniforme ou elementos directamente associáveis.

Figura 4 Matriz de Harris das fases 1 e 2, enfatizando-se a relação entre ambas.

Figura 5 Matriz de Harris da fase 3, com indicação dos tipos de deposições presentes.

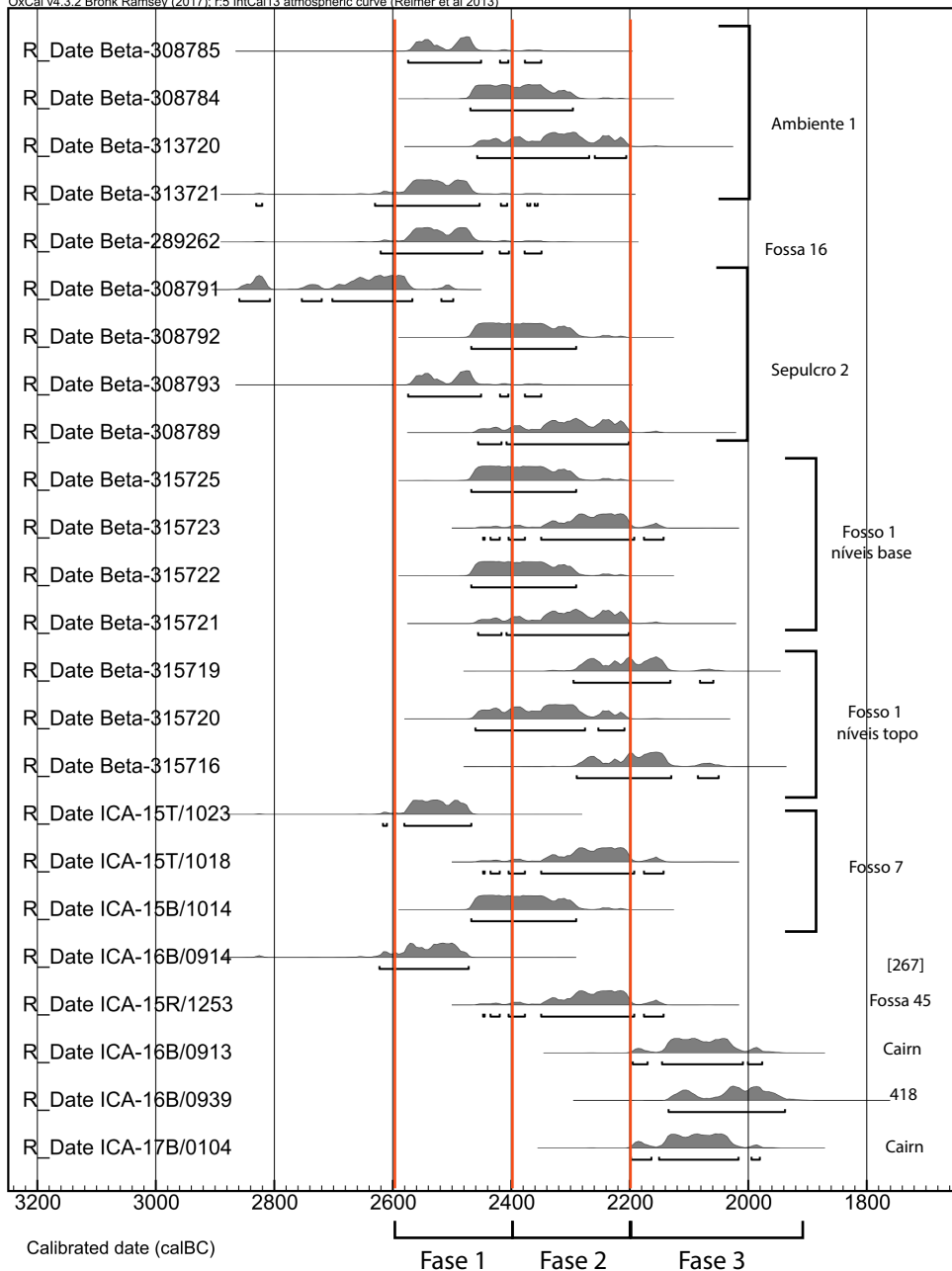
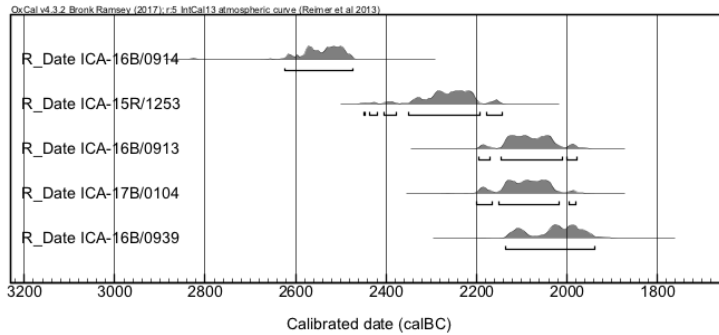


Figura 1 - Datas calcolíticas dos Perdigueões, com a indicação das estruturas e das fases. Segundo Valera e Basílio, no prelo.

1.



2.

Proveniência	U.E.	Amostra	Ref.	Data BP	CalBC	Bibliografia
Depósitos pós cabana 1	[267]	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-16B/0914	4030±30	2626 - 2473 (95,4%)	Valera e Basílio, no prelo
Fossa 45	[279]	<i>Canis</i>	ICA-15R/1253	3820±30	2448 - 2446 (0,2%) 2436 - 2420 (1,4%) 2405 - 2378 (3,5%) 2350 - 2193 (84,9%) 2177 - 2144 (5,3%)	Valera e Basílio, no prelo
Fossa 79 / Cairn	[500]	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-16B/0913	3690±30	2196 - 2171 (4,6%) 2146 - 2010 (85,6%) 2001 - 1977 (5,1%)	Valera e Basílio, no prelo
Fossa 79 / Cairn	[488]	Fauna	ICA-17B/0104	3650±30	2199 - 2164 (8,7%) 2151 - 2017 (84,5%) 1995 - 1981 (2,2%)	Valera e Basílio, no prelo
Depósito pós cabana 2	[418]	<i>Cervus elaphus</i>	ICA-16B/0939	3700±30	2135 - 1939 (95,4%)	A.C. Valera - data inédita obtida no âmbito do projecto MOBINTER - PTDC/EPHARQ/0798/2014.

Figura 2 - Datações de radiocarbono dos contextos em estudo. Segundo Valera e Basílio, no prelo.

* Centirã 2
 * Monte da Velha 1
 * Bela Vista 5 (Fossa 1)

Perdigões (Cairn)

Perdigões [267]

Perdigões Fosso 1

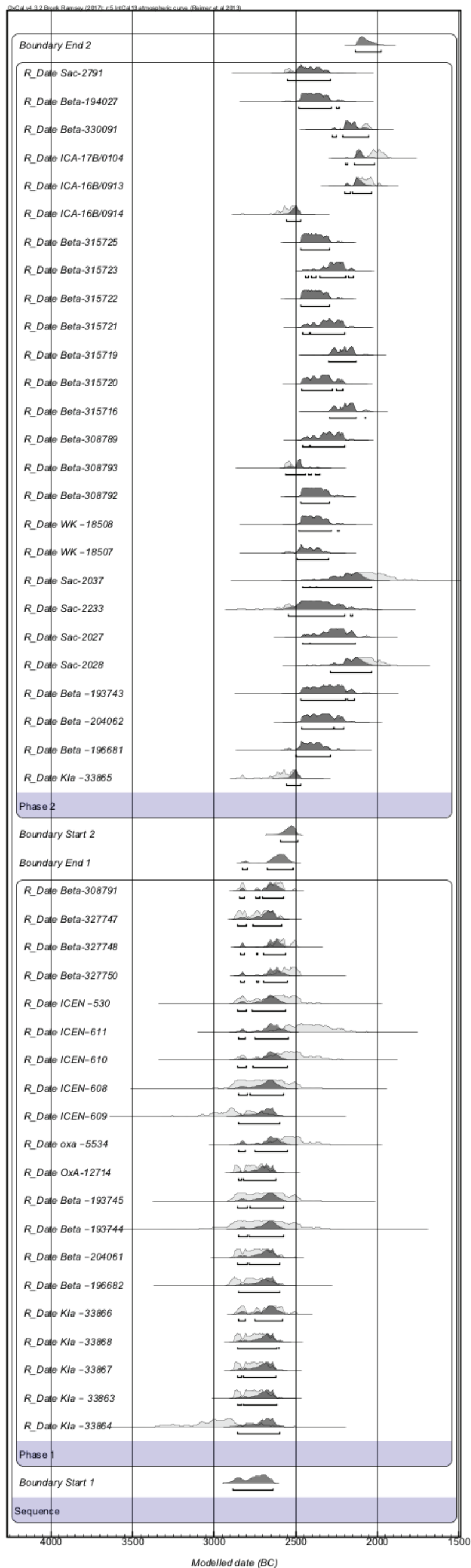
Perdigões (Sep. 2)

Miguens 3

Porto Torrão

Porto das Carretas (Fase II)

São Pedro (Fase IV/V)



Nota Não foram incluídas as datações existentes para o Monte da Tumba, São Brás e Sala Nº1 por representarem datações anormalmente recuadas, sobre carvões provenientes de escavações antigas, com métodos diferentes dos actuais, considerando-se que devem ser confirmadas. A data existente para a Quinta do Castelo 1 não foi igualmente incluída por reflectir processos de contaminação.

Figura 3 - Análise bayesiana das datações disponíveis para a região. Fase 1 - Contexto prévios ao Campaniforme; Fase 2 -Contextos com Campaniforme ou elementos directamente associáveis. * Contextos com Campaniforme liso, correspondente ao “Horizonte de Ferradeira”.

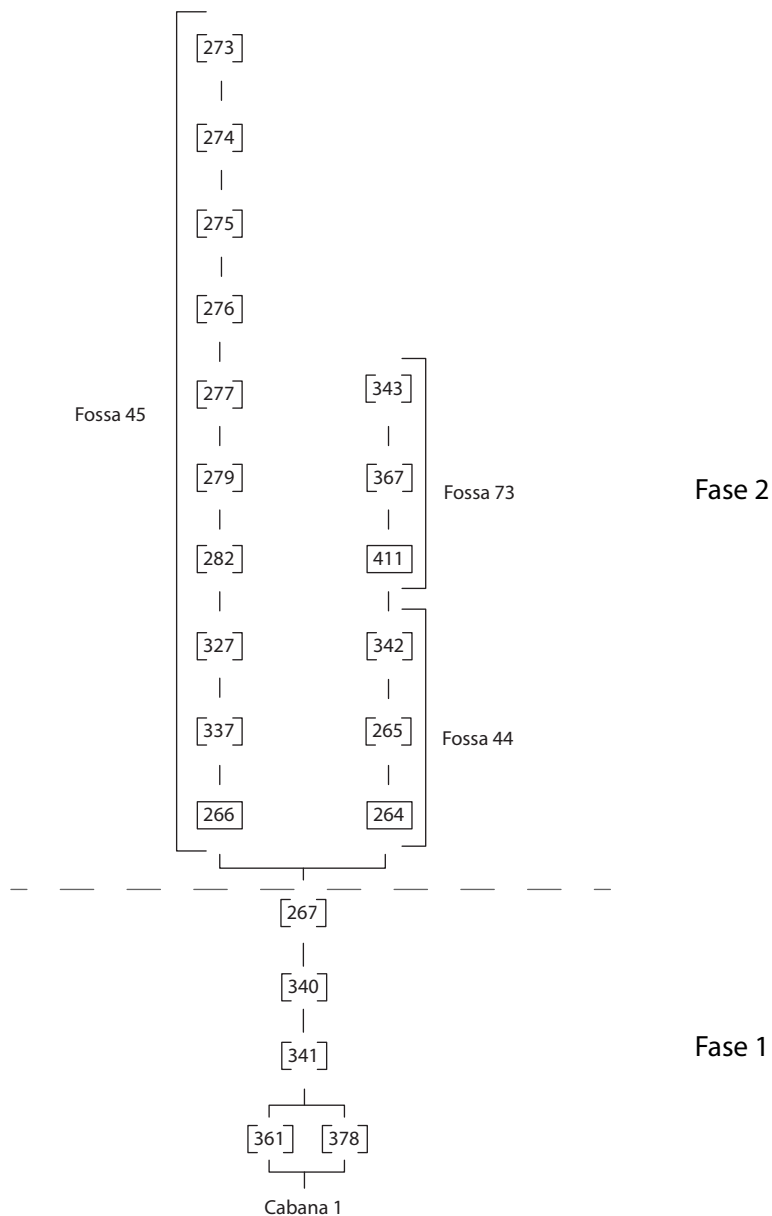


Figura 4 - Matriz de Harris das fases 1 e 2, enfatizando-se a relação entre ambas.

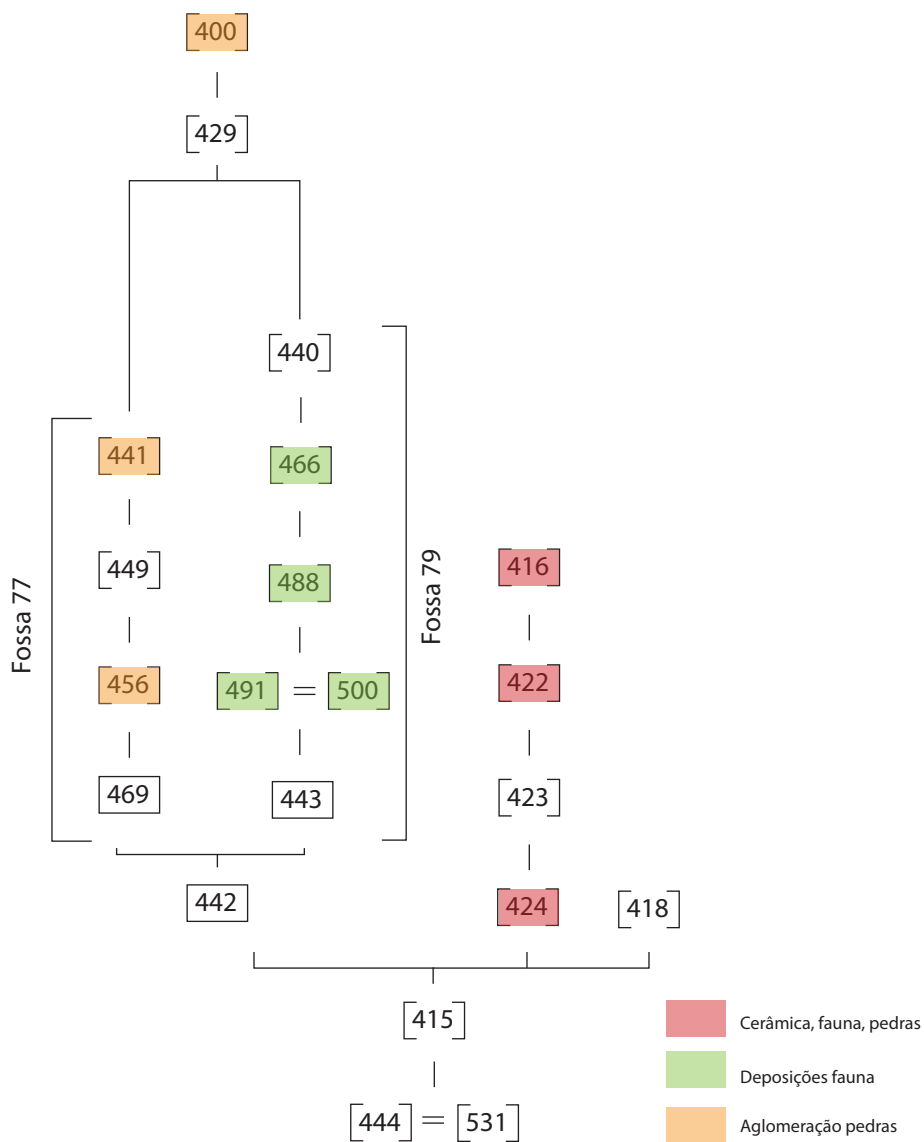


Figura 5 - Matriz de Harris da fase 3, com indicação dos tipos de deposições presentes.

Anexo 8.

Estudo da colecção
Arqueofaunística
proveniente do Cairn dos
Perdigões

Por Nelson Cabaço

A FAUNA DEPOSITADA SOB O “CAIRN 1” DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)

Nelson Cabaço (Colaborador do Núcleo de Investigação Arqueológica da ERA Arqueologia e do Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdigões)

Resumo:

O presente trabalho é referente à coleção arqueofaunística recolhida sob *Cairn 1* do sector Q dos Perdigões, contexto datado dos 150 anos do 3º milénio AC. Nestes contextos estão presentes os seguintes táxons: equídeos (*Equus* sp.), veado (*Cervus elaphus*), bovino doméstico (*Bos taurus*), bovino não determinado (*Bos* sp.), ovino/caprinos (*Ovis/Capra*), suínos (*Sus* sp.), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), Lagomorfos (coelho ou lebre), nos quais dominam os mamíferos de grande porte. Os dados obtidos indicam que estes restos faunísticos foram consumidos, eventualmente em contextos de rituais de comensalidade.

Abstract:

The fauna deposited under Cairn 1 of Perdigões (Reguengos de Monsaraz)

The present paper refers to the collection of faunal remains collected under the *Cairn 1* of sector Q of Perdigões, a context dated from the last 150 years of the 3rd millennium BC. In these context, the following taxa are present: Equidae (*Equus* sp.), deer (*Cervus elaphus*), domestic bovine (*Bos taurus*), ovine / caprine (*Ovis / Capra*), swine (*Sus* sp.), rabbit (*Oryctolagus cuniculus*), Lagomorphs (rabbit or hare), dominated by large mammals. The data obtained indicate that these faunal remains were consumed, possibly in a context of rituals of commensality.

1. Introdução

A coleção arqueofaunística em estudo provém dos trabalhos de escavação no Sector Q dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, que decorreram entre 2015 e 2016. Nesta área, situado no centro do conjunto de recintos, foi identificado e intervencionado um contexto constituído por duas fossas circulares escavadas numa depressão realizada em depósitos de cronologia calcolítica, a qual foi no final coberta por um empedrado formando um verdadeiro “cairn”. No decorrer da sua escavação, verificou-se uma das fossas (Fossa 79) continha diferentes momentos com deposições de grande quantidade de restos faunísticos.

No enchimento desta fossa foi possível definir três momentos diferenciados: 1ª fase correspondente às unidades [500]=[491], a 2ª correspondente à unidade [488] e a 3ª fase correspondente às unidades [466] e [440]. Esta fossa foi depois coberta pelo fino depósito [429] e seguidamente pelo cairn [400]. Estes contextos, em termos de cronologia, inserem-se na transição entre o Calcolítico e a Idade do Bronze, estando datados dos últimos 150 anos do 3º milénio AC (Valera e Basílio, no prelo).

O presente estudo centra-se exclusivamente na componente arqueofaunística, tendo como objectivo a caracterização taxonómica da coleção, identificação das partes anatómicas presentes, idades à morte, verificação de evidências de manipulação antrópica e caracterização dos processos pósdeposicionais. Estes aspetos de análise foram considerados por forma a compreender o processo de formação do conjunto arqueofaunístico e contribuir para a compreensão das intencionalidades que estiveram na origem deste contexto arqueológico peculiar.

2. Metodologia

O estudo desta coleção foi iniciado com a identificação taxonómica, tendo sido consultada a Coleção de Referência de vertebrados do Laboratório de Arqueociências da Direção Geral do Património Cultural (MORENO GARCIA *et al.* 2003).

Estas coleções, compostas por restos faunísticos que geralmente se encontram muito fragmentados, apresentam alguns desafios na identificação, quer dos elementos anatómicos presentes, bem como na sua identificação taxonómica. Por este motivo, durante o processo de classificação foi necessária a definição de categorias gerais que permitissem uma análise mais aproximada da realidade arqueológica, nomeadamente: mamíferos de grande porte; mamíferos de médio porte, mamíferos de pequeno porte e microfauna.

A existência de espécies que possuem características morfológicas muito semelhantes, como os casos dos ovinos e caprinos ou suínos selvagens e suínos domésticos, torna difícil a sua distinção. Estas podem, muitas vezes, ser realizadas através da análise dos caracteres de diagnose pré-estabelecidos por Boessneck (1969). No caso dos ovinos e caprinos, sempre que os caracteres diagnósticos não estejam preservados, estes foram inseridos no grupo morfológico *Ovis/Capra* (ovino/caprino). No caso da separação entre porco doméstico e javali, esta seria possível através da osteometria que, no presente estudo, não foi realizada, uma vez que os restos recuperados não o permitiam, tendo sido estes classificados ao nível do género (*Sus* sp.).

Além da classificação taxonómica, foi possível determinar o perfil da representação anatómica e quais os elementos que se encontravam melhor representados. Para tal foi realizada a distinção entre as diferentes partes apendiculares: esqueleto apendicular superior do membro anterior, esqueleto apendicular inferior do membro anterior, esqueleto apendicular superior do membro posterior e esqueleto apendicular inferior do membro posterior (Stiner 1991 e 2002). Este aspeto é importante para a determinação dos agentes responsáveis pela acumulação original e dos agentes que possivelmente interferiram posteriormente à sua cumulação. Contudo, os agentes acumuladores podem atuar como agentes perturbadores das acumulações iniciais, sendo difícil distinguir uns de outros. Em casos de acumulações de origem antrópica, contudo, torna-se mais difícil a deteção de padrões, uma vez que o comportamento humano é complexo, existindo assim diversos fatores que podem influenciar a presença/ausência de determinados táxones, como de elementos anatómicos (Domínguez-odrigo, 1999; Enloe, 2004; Faith e Gordon, 2007; Lupo, 2001; 2006; Marean e Cleghorn, 2003). Para além dos humanos, os tipos de agentes que influenciam a representação de partes esqueléticas numa coleção arqueofaunística, vão desde os animais (Lloveras *et al.* 2008a; 2008b; Faith, *et al.*, 2007; Laudet e Selva 2005; Munson e Garniewicz, 2003), aos agentes naturais (Coard, 1999; Coard e Dennell, 1995; Fernandez-Jalvo e Andrews, 2003; Trapani, 1998), e à diagénese (Fernandez-Jalvo, *et al.*, 2010; Hedges, 2002; Hedges, *et al.*, 1995; Nielsen-Marsh e Hedges, 2000; Nielsen-Marsh, *et al.*, 2007; Smith, *et al.*, 2007). Embora diferentes, estes agentes podem produzir um padrão de representação anatómica idêntico, provocando um fenómeno designado de equifinalidade (*equifinality*, no original) (Lyman, 2001; Munro e Bar-Oz, 2004). Um outro aspeto que influencia a representatividade anatómica, é a diferença estrutural dos ossos das diferentes partes do esqueleto. Sendo que ossos, com uma estrutura

esponjosa (vértebras e costelas), são menos resistentes dos que os ossos com uma estrutura densa, tais como os tarsais, capais e metápodos (Behrensmeyer, 1978; Pickering, *et al.*, 2003).

Em termos de quantificação foram usados quatro métodos: Número de Espécimes Identificados (NISP), Número Mínimo de Indivíduos (MNI), Número Mínimo de Elementos do esqueleto (NME) e o Número Mínimo de Unidades Anatômicas (MAU). O NISP reflete o número de espécimes ósseos identificados por cada táxon (Lyman, 2008), o que será corrigido pelo cálculo do MNI, que, tratando-se de um método analítico, apenas representa uma estimativa (Valente, 1997; Lyman 2001; 2008). Uma vez que este último método é calculado através do elemento ósseo mais abundante em cada táxon, (no qual também foi tida em conta a idade à morte do animal e zona diagnóstica presente), considerou-se pertinente realizar o cálculo do NME, por forma a que se possa perceber o grau de fragmentação que cada táxon apresentava, quando comparado com NISP, e de uma estimativa de quantos elementos anatômicos presentes em cada táxon. Tal como o MNI, este método é igualmente um método quantitativo derivado, ou seja, a sua contabilização é sujeita à definição de critérios. As formas como este método é aplicado são diversas (Lyman, 2001), sendo que no presente caso foram considerados todos os espécimes classificados taxonomicamente, tendo em conta a lateralidade (esquerdo/direito), zona diagnóstica e idade à morte do animal.

O último método quantitativo, MAU, tem como objetivo perceber como cada porção da carcaça está representada na coleção em estudo. Este método é calculado através dos valores de NME, que são divididos pelo número de vezes que cada elemento está presente num esqueleto completo (Lyman, 2001).

Na análise desta coleção foram registadas todas as marcas presentes nos restos. Estas podem ser agrupadas em três grandes grupos: marcas antrópicas, marcas produzidas por animais e marcas de origem natural. Para além deste tipo de marcas, também se verificou se os ossos evidenciavam efeitos de ação térmica. Este aspeto poderá estar ligado a diversas atividades, onde se incluem o consumo de carne até à utilização dos ossos como combustível. O critério utilizado para determinação da exposição ao fogo foi a coloração.

De forma a compreender os fenómenos que ocorreram após a deposição e consequente enterramento dos restos faunísticos, foram considerados processos de origem física e química, como a meteorização, ação das raízes, corrosão e abrasão, fragmentação, precipitação de óxidos ou carbonatos de cálcio. No caso da meteorização seguiram-se os seis estádios de alteração definidos por Behrensmeyer para a classificação dos ossos de animais de tamanho superior a 5 kg, depois adaptada por Andrews, para táxons de menor dimensão (Fernández-Jalvo e Andrews, 2016). Estes estádios variam entre o osso fresco (estádio 0) e o estágio máximo, que representa a desintegração do osso *in situ* (estádio 5) (Behrensmeyer, 1978; Andrews, 1990, Fernández-Jalvo e Andrews, 2016). Relativamente à fragmentação foi definida a presença de fratura antigas, sobre osso frescos ou seco (Bunn, 1989; Outram, 2004, Lyman, 2001; Klein e Cruz-Uribe, 1984, p. 69-72; Irving, *et al.*, 1989; Fernández-Jalvo e Andrews, 2016). E realizou-se uma avaliação osteométrica do comprimento máximo de todos os fragmentos que compõem a presente coleção (Lyman e O'Brien, 1987, p. 493). Estas medições foram obtidas com o recurso de cravadeira digital, cujos resultados são apresentados em milímetros (mm).

Importa ainda referir que, com o intuito de perceber quais são as semelhanças e diferenças entre cada um dos contextos e no caso da Fossa 79, onde foram registados três momentos de enchimento, foram

aplicados os mesmos métodos de contabilização que foram realizados para a caracterização geral. Aliás todos os aspetos do presente estudo foram realizados de uma forma geral, englobando os dois contextos, por estrutura e por fase de utilização definida, sendo que os dados serão apresentados dos momentos mais antigos para os mais recentes.

A presente metodologia, segue a que foi utilizada para o estudo de outros contextos dos Perdígões (Costa, 2010a; 2010b; 2013), com a exceção do uso de dois métodos quantitativos (NME e MAU). A sua inclusão neste trabalho, deve-se sobretudo aos objetivos pretendidos, considerando que os dados obtidos por estes métodos seriam relevantes

3. Caracterização geral da coleção.

A presente coleção é constituída por 1724 restos, dos quais foi possível identificar taxonomicamente apenas 11,31%. Esta baixa percentagem de classificação deve-se sobretudo ao seu elevado grau de fragmentação. As restantes percentagens encontram-se distribuídas pelos seguintes grupos: Mamíferos não identificados – 38,58 % e restos não determinados – 50,17% (Tabela 1).

No que se refere à diversidade taxonómica, esta é limitada, onde aparentemente dominam as espécies selvagens. Ao nível de táxons presentes, estes correspondem a equídeos (*Equus* sp.), veado (*Cervus elaphus*), bovino doméstico (*Bos taurus*), bovino não determinado (*Bos* sp.), ovino/caprinos (*Ovis/Capra*), suínos (*Sus* sp.), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), Lagomorfos (coelho ou lebre) (Tabela 1).

Na generalidade o táxon que domina é o veado (*Cervus elaphus*), que representa 6,50% do total da coleção, em segundo lugar surgem os equídeos (*Equus* sp.), com uma representação de 1,33% e em terceiro lugar o grupo dos suínos (*Sus* sp.), com 1,22% do total. Os outros táxones contam com contribuições inferiores nomeadamente o grupo dos ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) – 0,93%; o grupo dos bovinos não determinados (*Bos* sp.) – 0,58%, coelho (*Oryctolagus cuniculus*) - 0,35%, o grupo dos Lagomorfos – 0,23% e por fim o bovino doméstico (*Bos taurus*) – 0,17% (Tabela 1). Contudo, nesta análise deve ser tido em conta que estas contribuições podiam ser diferentes se não fosse o seu elevado grau de fragmentação. Na observação do conjunto dos restos classificados taxonomicamente e dos que apenas permitiram a sua inserção em categorias gerais, verifica-se o domínio dos animais de grande porte (Tabela 1).

No que se refere à contabilização do NMI geral, verifica-se que é o veado (*Cervus elaphus*) que apresenta o maior numero, com 8 indivíduos. Estes são seguidos pelo grupo dos suínos (*Sus* sp) com 4 indivíduos e em terceiro lugar os ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) e os equídeos (*Equus* sp.), com 2 indivíduos cada. Os restantes táxones estão presentes com apenas 1 individuo cada (Tabela 1).

No caso do NME, é o veado (*Cervus elaphus*) que apresenta o maior número de elementos identificados - 85, sendo seguido pelos equídeos (*Equus* sp.) com 15. Seguem-se os suínos (*Sus* sp.), com 14 elementos. Já os restantes possuem NME inferiores. As diferenças entre os valores de NISP, NMI e de NME, serão alvo de maior discussão nas secções referentes às questões de representação anatómica. Refere-se que relativamente às idades à morte dos indivíduos presentes, os dominantes são os animais adultos, sendo que também se regista a presença de indivíduos jovens (Tabela 5).

4. Caracterização da coleção por fase

No faseamento foram considerados quatro momentos, correspondendo três ao enchimento da Fossa 79 (com 95,36% do total da coleção) e o restante ao fino depósito e ao *cairn* que a cobrem (com os restantes 4,64%).

4.1. Fossa 79 – 1ª Fase de deposição.

A esta fase, correspondem 453 espécimes, que representam 26,28% do total da coleção em estudo. Destes, foi possível classificar taxonomicamente 9,27% dos espécimes. As restantes percentagens estão divididas da seguinte forma: Mamíferos não determinados – 38,41% e Restos indeterminados – 52,32%. No que concerne aos táxones presentes, estão todos aqueles que foram mencionados na caracterização geral, com a exceção do bovino doméstico (*Bos taurus*). Em semelhança ao que foi referido na caracterização geral, nesta fase o táxon dominante é o veado (*Cervus elaphus*), que representa 4,19%, seguido pelo grupo dos suínos (*Sus* sp.), com uma representação de 1,99% e em terceiro lugar os ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*), com uma representação de 1,32%. Os restantes táxones surgem com contribuições inferiores, sendo todas elas iguais entre si, representando 0,44% cada um (Tabela 2).

No que respeita ao NMI estão presentes 10 indivíduos: o veado (*Cervus elaphus*) com 3 indivíduos, os ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) com 2 indivíduos e os restantes táxones com 1 indivíduo cada (Tabela 2).

Relativamente ao NME, os táxones que apresentam os maiores valores são o veado (*Cervus elaphus*) com 12, seguido dos ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) com 6 e dos suínos (*Sus* sp.) com 5. Os restantes táxones apresentam valores inferiores (Tabela 2).

4.2. Fossa 79 – 2ª Fase de deposição

Nesta fase estão integrados 591 espécimes, o que representa 34,28% do total da coleção. 14,55% dos espécimes permitiram uma classificação a nível taxonómico que, a pesar de ser baixa, é a maior entre todas as fases consideradas.

Relativamente aos táxons presentes, encontram-se animais de médio e grande porte, entre os quais se destaca o veado (*Cervus elaphus*) com 11% dos restos, seguindo-se os equídeos (*Equus* sp.) com 2,20%, os suínos (*Sus* sp.) com 0,85% e o bovino doméstico (*Bos taurus*) com 0,34%. Por último encontra-se o grupo dos ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*), com uma representação de 0,17% (Tabela 2).

Em relação ao NMI, é possível observar uma uniformidade entre os vários táxones identificados, uma vez que, com a exceção do veado (*Cervus elaphus*) onde se registou um NMI de 4, cada táxon está representado nesta fase por um indivíduo (Tabela 2). No NME o veado (*Cervus elaphus*) é, uma vez mais, o que apresenta o maior número (45 elementos), tendo as restantes espécies valores muito inferiores, sendo o mais próximo o grupo dos equídeos (*Equus* sp.) com 11 elementos. Suínos (*Sus* sp.) com 4 elementos, bovinos domésticos (*Bos* sp) com 2 e ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) com apenas 1 elemento identificado completam o universo (Tabela 2).

4.3. Fossa 79 – 3ª Fase

A este momento correspondem 600 espécimes, o que representa 34,80% do total da coleção em estudo.

A determinação taxonómica apenas foi possível em 10,33% dos espécimes, estando presentes todos os táxones mencionados na caracterização geral. Domina, uma vez mais, o veado (*Cervus elaphus*) com 4,33%, seguido pelos ovinos/caprinos (*Ovis/Capra*) com 1,50% e pelos quídeos (*Equus* sp.) com 1,33%. Já os restantes táxones contribuem de forma reduzida, como se pode observar na tabela 2.

No que se refere ao NMI, assiste-se à presença de um único indivíduo para cada táxon, com a exceção do veado (*Cervus elaphus*), onde estão presentes 3 indivíduos (Tabela 2). O maior NME é o correspondente ao veado (*Cervus elaphus*), com 21 elementos presentes, seguido pelo grupo dos suínos (*Sus* sp.) com 5 elementos. Já os restantes táxones apresentam um NME inferior.

4.4. Depósito [429] e Cairn

Fase com apenas 80 espécimes, o que representa 4,64% do total da coleção em estudo. É também nesta fase que se verifica a menor taxa de identificação taxonómica, com apenas 6,25% da amostra, e a menor diversidade taxonómica, estando apenas presentes: o veado (*Cervus elaphus*), o grupo dos bovinos indeterminados (*Bos* sp), com 2 restos cada, o que faz com que tenham cada um uma representação de 2,50% e o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) com apenas 1 resto (1,25%) (Tabela 3). No que se refere ao NMI, a espécie que apresenta um maior valor é o veado (*Cervus elaphus*), com 2 indivíduos presentes, enquanto que os outros táxones estão apresentados por apenas 1 indivíduo cada (Tabela 3). Os NME são iguais aos números de NISP em cada um dos táxones identificados (Tabela 3).

5. Caracterização taxonómica e representatividade anatómica

Na coleção estudada estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto: esqueleto craniano, esqueleto axial e esqueleto apendicular, ainda que para uma grande percentagem (52%) de restos faunísticos não tenha sido possível estabelecer uma atribuição anatómica. Tal fica a dever-se ao elevado grau de fragmentação que a coleção apresenta. No restante, verifica-se que dominam os elementos do esqueleto apendicular (membros), seguidos dos do esqueleto axial (costelas e vértebras) e por último o esqueleto craniano (Gráfico 1).

5.1. *Equus* sp. (cavalo)

Apresenta 23 restos, todos pertencentes à fossa 79. Contudo não podemos excluir a possibilidade de que este grupo esteja sub-representado, podendo existir restos que lhe pertençam, mas que foram inseridos na categoria de mamíferos de grande porte. No que respeita à distribuição anatómica, observamos que apesar de estarem presentes elementos de todas as partes do esqueleto, a maioria são os elementos do esqueleto apendicular e, dentro destes, são os membros posteriores que estão melhor representados (Tabela 4). Na determinação do NME, os 23 restos correspondem 15 elementos, onde também predomina o esqueleto apendicular, sobretudo do membro posterior. O NMI é de 2 indivíduos. A determinação de MAU revela que a presença destes elementos na coleção é cerca de metade da frequência que ocorrem num esqueleto completo. Os únicos elementos que possuem uma representatividade igual ou superior à sua frequência num

esqueleto completo são os metacarpos (frequência igual), os sesamoides e as 1ª falanges (frequência superior).

A análise da distribuição anatômica pelas diferentes fases de enchimento da fossa, mostra consonância com os dados globais. Deste modo, o que importa sublinhar é a relação entre o número de NISP e o NME, que apresentam um maior número na fase 2 de deposições da Fossa 79. No caso dos valores de MAU, observa-se que em todas as fases definidas os elementos representam sempre cerca metade da frequência em que ocorrem num esqueleto completo.

5.2. *Cervus elaphus* (veado)

Foram identificados 112 restos, podendo esta espécie estar igualmente representada nos restos que foram classificados como mamífero de grande porte. A distribuição anatômica geral mostra que estão presentes elementos do esqueleto craniano e apendicular, sendo que são estes últimos os dominantes. No NME geral verifica-se que os 112 restos correspondem a 15 elementos, correspondendo a um NMI de 8. No caso da determinação dos valores de MAU, não se observa um padrão reconhecível, sobretudo nos elementos do esqueleto apendicular. A existência de elementos que apresentam valores de MAU inferiores à sua frequência num esqueleto completo, como são os casos de carpais (piramidal e escafoide), patela, astrágalos, calcâneos, tarsais (navicular-cuboide), 2ª falanges e 3ª falanges, contrastam com elementos com valores de MAU superiores às suas frequências num esqueleto completo (escápulas, úmeros, rádio, ulna, fêmur, tíbia e metatarsos e 1ªs falanges). Quando se realiza a análise por fase verifica-se que, uma vez mais, que um maior número de NISP ocorre na fase 2 de deposições da Fossa 79, o mesmo acontecendo com os valores de NME e NMI, apesar de que a diferença entre NMI das três fases de deposição nesta estrutura seja mínima. Já um aspeto que é comum é o domínio dos elementos do esqueleto apendicular, principalmente dos membros anteriores.

No que se refere à comparação entre os valores de NME e de MAU, o que verificamos é que na 1ª fase os elementos presentes representam metade da frequência em que estes ocorrem num esqueleto completo, sendo as exceções as escápulas, com um valor de MAU superior, e as 2ª falanges, com um valor de MAU inferior. No caso da 2ª fase os valores de MAU de quase todos os elementos são superiores à frequência em que estes ocorrem num esqueleto completo, o mesmo ocorrendo na fase 3. No processo de identificação dos espécimes, verificou-se, neste táxon e nesta última fase, a presença de restos que são compatíveis entre si. Os elementos em causa são metacarpos do lado direito, que “encaixam” com carpais (figura 3). Note-se, contudo, que durante a escavação não se registou qualquer conexão anatômica

Importa ainda referir que existem algumas diferenças entre a frequência dos mesmos elementos entre as 3 fases, mas que não são significativas em termos da parte do esqueleto a que pertencem, pois em todas as fases estão presentes elementos de todas as divisões do esqueleto, onde dominam os elementos do esqueleto apendicular.

Já na fase 4, correspondente ao depósito [429] e “Cairn”, apenas dois restos foram atribuídos a este táxon, podendo também este número ser superior se tivermos em conta os que foram classificados apenas como mamífero de grande porte. Os restos identificados correspondem apenas ao esqueleto apendicular, sendo respetivamente um fragmento de úmero e uma 2ª falange.

5.3. *Bos taurus* (boi doméstico) e *Bos* sp. (bovino não determinado)

A *Bos taurus* só se associaram 3 restos em toda a coleção. Anatomicamente correspondem a falanges, sendo uma 1ª falange, uma 2ª falange e uma 3ª falange, logo um NME de 3, estando apenas presentes na fossa 79. No que se refere a esta espécie, temos de ter em conta que possivelmente o seu número real será maior, uma vez que existem restos classificados com *Bos* sp. e como mamíferos de grande porte. Relativamente à distribuição destes elementos a 1ª e a 2ª falange foram registadas na fase 2 e a 3ª falange na fase 3.

Já como *Bos* sp. foram classificados 10 restos, sendo que, tal como já foi mencionado para os bovinos domésticos, o seu número real poderá ser mais elevado, devido ao número de restos classificados como mamíferos de grande porte. Estes restos estão presentes nas fases 1, 3 e 4. A nível das partes anatómicas presentes, a sua maioria são referentes ao esqueleto craniano, nomeadamente dentes. No que respeita à determinação do NME e dos valores MAU, apenas foi possível realizar essa contabilização para os restos da fase 1, uma vez que na fase 3 apenas estão presentes dentes soltos, que, em termos de metodologia, não são considerados para estas contabilizações. Deste modo, na fase 1 temos 2 elementos, que correspondem a um fragmento de mandíbula e um fragmento de pélvis, o que, em termos de MAU, representa metade da respetiva frequência num esqueleto completo.

5.4. *Ovis/Capra* (ovinos/caprinos)

No geral, este grupo está apenas aparentemente presente na fossa 79, contudo não podemos excluir a possibilidade da sua existência no “Cairn”, dado a existência de restos classificados como mamífero de médio porte nessa estrutura. Assim, na fossa 79, foi possível identificar 16 restos que correspondem a um NME geral de 8. A nível anatómico estão presentes elementos do esqueleto craniano (dentes soltos) e do esqueleto apendicular, sendo os primeiros os dominantes. Na determinação dos valores de MAU gerais, nos quais não foram considerados os dentes soltos, verifica-se que os elementos representam apenas metade das respetivas frequências de ocorrência num esqueleto completo.

Entre as fases da fossa 79, o que se verifica é uma maior diversidade anatómica, estando presentes elementos do esqueleto craniano e apendicular, na fase 1. Os valores de NME e de MAU por fases mantêm o padrão geral.

5.5. *Sus* sp. (javali/porco)

Determinaram-se no geral 21 restos, todos provenientes do interior da Fossa 79, representando um NME de 14 e um NMI de 4. No que respeita à distribuição anatómica, estão presentes elementos do esqueleto craniano e apendicular. A determinação dos valores gerais de MAU, mostra que a maioria dos elementos presentes ocorrem com metade das suas frequências num esqueleto completo, sendo a exceção a mandíbula, que apresenta um valor superior.

Em termos de faseamentos, verificamos que, apesar de se verificar um maior número de restos deste grupo na fase 3, a diferença entre as fases não é significativa. Os valores de NME e de MAU pelas diferentes fases acompanham o que foi definido para a globalidade do contexto.

5.6. *Oryctolagus cuniculus* (coelho) e *Lagomorpho*

Foram registados apenas 6 restos, correspondentes a elementos do esqueleto craniano e apendicular. Os valores gerais de NME e MAU indicam que a maioria dos elementos presentes correspondem à frequência a que estes ocorrem num esqueleto completo. Ocorrem em todas as fases, sem particulares distinções. A identificação de restos de lagomorfo, que poderão corresponder a coelho, é reduzida, estando apenas presentes elementos do esqueleto apendicular. Os valores de NME e de MAU, quer os gerais quer por fase, mostram metade da frequência de ocorrência num esqueleto completo.

6. Representatividade anatómica dos mamíferos não identificados

Tendo em conta os objetivos propostos e os dados presentes ao momento, sobretudo a baixa percentagem de restos que permitiram a sua classificação taxonómica, considerou-se pertinente realizar uma análise de representatividade anatómica dos que foram classificados com mamíferos de médio, grande e pequenos porte. Esta análise é passível de ser realizada, uma vez que foram registados espécimes que permitiram a determinação da divisão do esqueleto a que pertenciam. Em alguns casos foi possível determinar o elemento presente, apesar de não se conseguir a sua atribuição a um táxon ou grupo taxonómico, por falta de caracteres diagnósticos.

As categorias de mamíferos não determinados e de microfauna representam 38,52% do total da coleção, sendo que a categoria microfauna não possui uma representação significativa. Nas restantes categorias verifica-se um domínio dos mamíferos de grande porte. A nível da distribuição anatómica, os fragmentos do esqueleto apendicular dominam, seguidos pelo esqueleto axial (Tabelas 1, 6 e Gráfico 22). A presença do esqueleto axial nestas categorias gerais, e a sua ausência nas espécies e nos grupos taxonómicos mencionados anteriormente, deve-se sobretudo ao facto de corresponderem a costelas e a vértebras sendo a sua classificação difícil mesmo com recurso à coleção de referência. Uma vez mais, o fator que influenciou em muito a determinação taxonómica destes restos foi o elevado grau de fragmentação.

No geral, a categoria de mamíferos de médio porte confirma o domínio do esqueleto axial e apendicular. Contudo, na sua distribuição por fases verificamos algumas diferenças na representatividade anatómica. O primeiro aspeto a ressaltar é a ausência do esqueleto craniano no *Cairn* (fase 4), algo que já se verificava aquando da caracterização dos suínos e do grupo dos ovinos/caprinos. A outra diferença é o domínio na fase 2 do esqueleto axial, com a presença de grande número de fragmentos de vértebras. Quanto aos mamíferos de grande porte e de pequeno porte apresentam o mesmo domínio do esqueleto axial e apendicular.

7. Análise tafonómica

7.1. Fragmentação

Na avaliação dos tamanhos dos restos foram definidas as seguintes classes: muito pequenos (0 - 10 mm), Pequenos (10 - 50 mm), Médios (50 - 100 mm) e Grandes (>100 mm). Deste modo, pode-se verificar que no conjunto dominam os espécimes de tamanho pequeno. Este dado é confirmado também na distribuição por fases. No que concerne à análise das classes de tamanho quando enquadradas nos táxons e nos grupos taxonómicos identificados, o que se verifica é que em todos estes dominam os restos de tamanho pequeno, não existindo uma relação entre o porte do táxon e o tamanho do respetivo fragmento. Este dado, em conjunto com a dimensão e frequência dos restos indeterminados e a relação entre o NISP e NME, é revelador do elevado grau de fragmentação desta coleção.

Quanto ao tipo de fraturas, regista-se a presença de fraturas recentes, fraturas antigas e fraturas verdes, sendo as fraturas antigas as preponderantes. No caso dos ossos completos, estes correspondem sobretudo a elementos de pequena dimensão como carpais, tarsais e sesamoides.

Nesta análise é também importante perceber como é que os tipos de fratura influenciam os tamanhos dos espécimes que compõem esta coleção. Um primeiro aspeto que importa ressaltar, é que, apesar da existência de fraturas recentes, estas parecem não alterar significativamente quer as taxas de determinação taxonómica, quer o padrão da dimensão dos restos faunísticos. O outro aspeto que parece importante frisar é a presença de fragmentos de pequena dimensão originados por fraturas antigas. Apesar da dificuldade em determinar o agente responsável por esta fragmentação, o mais plausível é que seja antrópico dada a natureza da deposição.

7.2. Restos queimados

No que concerne à exposição dos restos ao fogo, verifica-se que 71 % da coleção possui evidências dessa mesma exposição. Entre os vários graus de exposição o que domina é o Lb (ligeiramente queimado), que representa 46% do total. Este domínio dos restos queimados foi também verificado em cada uma das fases consideradas, ainda que de forma diferenciada, sendo que na sua maioria essa exposição foi moderada

7.3. Alterações de origem antrópica e animal

A observação macroscópica das superfícies permitiu identificar marcas que podem ser interpretadas como marcas de origem antrópica. Correspondem a marcas de corte, marcas de precursão e possíveis marcas de dentes humanos. Contudo, 97,73% da coleção não apresenta quaisquer marcas nas suas superfícies. No geral, as marcas antrópicas melhor representadas são as de precursão, que ocorrem sobretudo na fossa 79, com uma maior expressão na fase 2. Embora com menor expressão, as marcas de corte também ocorrem na mesma fase. No caso das marcas de dentição humana têm aparentemente uma expressão muito reduzida. No seu conjunto, estas marcas antrópicas estão relacionadas com o processo de preparação das carcaças dos animais e seu consumo e não tanto com o abate dos mesmos.

Relativamente a alterações de origem animal, elas são ainda mais reduzidas, registando-se em apenas 0,35%, o que se poderá relacionar com uma aparente deposição rápida dos restos e a sua igualmente rápida cobertura e encerramento da estrutura.

7.4. Meteorização

Foi observada em 59,22% dos restos. Os estádios presentes (segundo os estádios de Behrensmeier e de Andrews (Behrensmeier, 1978; Andrews, 1990, Fernández-Jalvo e Andrews, 2016) correspondem aos estádios 1, 2 e 3. Entre estes o que domina o estádio 1, quer no conjunto geral quer por fases. Importa, contudo, referir que o estádio 3, apenas se verifica num resto que foi recuperado no Cairn. Estes dados indicam que os restos faunísticos estiveram pouco tempo exposto aos elementos atmosféricos. Assim, reforça-se a ideia de que o espaço de tempo entre o consumo destes animais e sua deposição dos restos foi bastante reduzido, bem como a colmatação/encerramento das estruturas em causa, sobretudo da fossa 79.

7.5. Covas / Depressões

Na superfície de alguns restos faunísticos verificou-se a existência de covas/depressões. Estas podem ser originadas por diversos tipos de agentes: antrópicos, animais e físicos e químicos (Fernández-Jalvo e Andrews, 2016, p. 101-155). Esta diversidade de agentes torna difícil a atribuição destes efeitos a uma origem concreta. A presença deste aspeto verifica-se em apenas 1,80% da coleção.

7.6. Pisoteio (*Trampling*)

Registou-se a presença de marcas de pisoteio (*Trampling*) em 2,49% da coleção, estando presentes apenas nos restos da fossa 79. Uma vez mais os baixos valores podem ser relacionados com a rápida formação e encerramento do contexto.

7.7. Corrosão

Este fenómeno verifica-se em 26,45%, sendo que é nos restos da fossa 79 que este é mais expressivo. A corrosão pode deve-se sobre tudo a agentes naturais, quer orgânicos e inorgânicos (Fernández-Jalvo e Andrews, 2016, p. 235-280). No caso concreto dos contextos em estudo, a corrosão estará possivelmente relacionada com o Ph do sedimento no qual os restos faunísticos estavam integrados.

7.8. Acção de raízes

As marcas de raízes ocorrem em 23,49% do conjunto, com preponderância na fase 2 de deposições.

7.9. Precipitação de Óxidos de Manganésio.

A determinação por observação macroscópica da presença deste tipo de óxidos é frequentemente difícil. Esta dificuldade deve-se sobretudo ao facto de esta se tratar de uma observação da coloração que o resto faunístico apresenta na sua superfície, sendo que pode ser confundida com o efeito de exposição térmica (FERNÁNDEZ-JALVO e ANDREWS 2016:155-166). Nesta coleção verifica-se que a presença deste tipo de óxidos ocorre em 17,05% dos restos. Embora esteja globalmente presente, é no interior da Fossa 79 que

atinge uma maior expressão.

Considerações Finais

Em resumo, a presente coleção é composta por 1724 espécimes, sendo que 95,36% provêm da Fossa 79 e os restantes 4,64% provêm do depósito [429] e *Cairn*. Esta apresenta uma diversidade taxonómica bastante limitada, onde estão presentes os seguintes táxons/grupos taxonómicos: equídeos (*Equus* sp.), veado (*Cervus elaphus*), bovino doméstico (*Bos taurus*), bovino não determinado (*Bos* sp.), ovino/caprinos (*Ovis/Capra*), suínos (*Sus* sp.), coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e Lagomorfos (coelho ou lebre).

No conjunto dos contextos em apreciação, verifica-se um claro domínio de táxons de grande porte, facto que também é válido quando analisamos cada contexto em separado. O veado (*Cervus elaphus*) é o claro exemplo desse domínio, uma vez que é a espécie melhor representada em termos de número de NISP, NMI e NME.

No que toca à diversidade anatômica, embora estejam presentes todas as divisões do esqueleto, o que domina são os elementos do esqueleto axial e os elementos do esqueleto apendicular. Já a presença de partes do esqueleto craniano é apenas vestigial. Este aspeto é válido quer na análise do conjunto, quer para a análise faseada.

A coleção apresenta-se muito fragmentada, aspeto que influenciou de uma forma muito significativa a percentagem de determinação taxonómica. A classe de tamanho dos espécimes dominante é a de fragmentos pequenos (10-50 mm). Ainda sobre este aspeto verifica-se que não existe uma correlação entre o tamanho do fragmento com o porte do respetivo táxon, uma vez que grande parte dos restos pertencentes a animais de grande porte integram a classe de tamanho mencionada. O registo do tipo de fraturas mostra a presença de fraturas recentes, fraturas antigas e fraturas verdes (*Green breaks*). Estas últimas, que usualmente são consideradas resultantes de ação humana, embora possam ocorrer por outros processos e agentes (Fernández-Jalvo e Andrews, 2016), possuem uma presença vestigial nestes contextos. A determinação dos tipos de fraturas mostra o tipo dominante é a fratura antiga e que, apesar da presença de fraturas recentes, estas não influenciaram de forma significativa a taxa de determinação taxonómica.

Os restos faunísticos apresentam diversas alterações, de origem antrópica e natural. A primeira alteração de origem antrópica é a presença de restos queimados. No geral, 71% da coleção evidencia marcas de exposição ao fogo, quadro que não apresenta alterações quando analisamos cada uma das fases individualmente. No que respeita à intensidade da exposição ao fogo, verificamos que temos vários graus de exposição, uma vez que temos espécimes que se apresentam do parcialmente queimado (Pb) ao Calcinado (Ca). Este último é o menos representado, por seu lado o ligeiramente queimado (Lb) é o dominante. Importa ainda mencionar que a exposição ao fogo pode também influenciar o grau de fragmentação da amostra (Orton, 2010; Fernández-Jalvo e Andrews, 2016).

A outra alteração é a presença de marcas de corte, de percussão e, eventualmente, de denteção humana, que em conjunto com os restos queimados, apontam para o consumo dos. Tal como foi mencionado, estes dados necessitavam de métodos de análise mais aprofundados. Contudo, a presença destas marcas é aparentemente vestigial, sendo que as melhores representadas são marcas de percussão.

No que respeita às questões de marcas de origem natural, estas apontam para um ambiente estável a partir do momento em que são as deposições. As marcas de origem animal são vestigiais, o grau de meteorização indica que a deposição e a colmatação foram rápidas e a presença de marcas de raízes e de restos que indicam a absorção de óxidos de manganésio sugerem ambientes sem perturbações.

Deste modo, considerando todos os dados obtidos, aponta-se para uma acumulação de ossos resultante do consumo de porções de animais, principalmente de animais de grande porte e selvagens. Não se tratará do local de abate e preparação das carcaças dos animais, pelo que se assim fosse teríamos uma maior igualdade na representatividade das diversas divisões do esqueleto. Seria igualmente expectável uma maior presença de elementos de esqueleto craniano, o que na presente coleção não ocorre.

A representatividade anatómica, indica-nos que os elementos presentes correspondem às divisões do esqueleto que apresentam um maior potencial de aproveitamento de carne (esqueleto axial e esqueleto apendicular). Para além disto, não se registaram quaisquer conexões anatómicas, apesar de se ter identificado elementos que são compatíveis em termos de táxon, lado e relação anatómica. Estes dados indiciam a existência de transporte, uma vez que existe uma aparente perda partes anatómicas.

Por outro lado, se relacionarmos os aspetos anteriores com a existência de marcas antrópicas, de restos queimados, e de um elevado grau de fragmentação da coleção, a ideia de que este seria um local de deposição de restos de consumo sai reforçada. Os dados da fragmentação apontam para uma coleção do tipo “*pot-sizing*” (Orton, 2010). A isto podemos acrescentar que a maioria dos espécimes apresentam graus de exposição ao fogo, sendo o que grau dominante pode indicar que essa exposição seria indireta, ou seja, que uma porção de uma carcaça seja cozinhada dentro de recipientes.

O fato da quase totalidade desta coleção ser proveniente de uma fossa que foi intencionalmente selada por uma estrutura pétrea tipo parece indicar uma clara intencionalidade de encerrar/afastar/proteger de uma forma definitiva o conteúdo da fossa. Este aspeto parece indicar, que o conteúdo da fossa está imbuído de um significado, podendo ser restos de um ritual em que o consumo de animais sejam parte integrante (Russel, 2012). Algo que eventualmente será melhor compreendido quando estes dados forem integrados com os resultados dos estudos das outras componentes artefactuais que compõem este contexto.

Quanto ao facto de existir uma predominância dos animais selvagens sobre os domésticos (que se observa mesmo que hipoteticamente consideremos que todos os suínos e todos os bovinos fossem domésticos, o que provavelmente não será real), nomeadamente de um predomínio dos cervídeos, introduz um contraste com o que já é conhecido para outros contextos do 3º milénio AC nos Perdígões, casos dos Fossos 1, 3 e 4 (Costa, 2013), onde a relação parece ser inversa. O significado desta inversão, porém, só poderá ser avaliado quando as faunas de mais e diferentes contextos tardios dos Perdígões forem estudadas, para se perceber se estamos perante uma alteração estrutural a nível das estratégias económicas no que respeita à componente pastorícia / atividades cinegéticas que se, pelo contrário, a composição faunística deste contexto se relaciona mais com o tipo de práticas que lhe deram origem, e cujas prescrições podem condicionar o tipo e a proporção das espécies consumidas

Referências Bibliográficas

- ANDREWS, P. (1990) – *Owls, caves and fossils. Predation, preservation, and accumulation of small mammal bones in caves, with an analysis of the Pleistocene cave faunas from Westbury sub-Mendip, Somerset, UK*, Chicago, University Chicago Press
- BEHRENSMEYER, A. K. (1978) – “Taphonomic and ecologic information from bone weathering”, *Paleobiology*, 4 (2), pp. 150-162.
- BEHRENSMEYER, A. K. (1989) – “Non-human modification in Miocene fossils from Pakistan”, BONNICHEN, R., SORG, M. H. (eds), *Bone Modification. People of the Americas Publications edited volumes series*, Center for the study of the first Americans, Institute for the Quaternary studies, University of Maine, Orono, Maine, pp. 99-120.
- BOESNECK, J. (1969) – “Osteological differences between sheep (*Ovis aries* Linné) and goat (*Capra hircus* Linné)” In *Science in Archaeology*, edited by D. R. Brothwell and E. S. Higgs, pp. 331-358. Thames & Hudson, London
- BUON, H. T. (1989) – “Diagnosing Plio-Pleistocene hominid activity with bone fracture evidence”, BONNICHEN, R., SORG, M. H. (eds), *Bone Modification. People of the Americas Publications edited volumes series*, Center for the study of the first Americans, Institute for the Quaternary studies, University of Maine, Orono, Maine, pp. 299-316.
- COARD, R. (1999) – “One Bone, Two Bones, Wet Bones, Dry Bones: Transport Potentials Under Experimental Conditions”, *Journal of Archaeological Science*, 26, pp. 1369-1375.
- COARD, R., DENNELL, R. W. (1995) – “Taphonomy of some articulated skeletal remains: transport potential in an artificial environment”, *Journal of Archaeological Science*, 22, pp. 441-448.
- COSTA, C. (2010a) – “Os restos faunísticos de animais vertebrados do sector I dos Perdigueiros (Fossos 3 e 4 e Fossas)” *Apostamentos de Arqueologia e Património*, 6, pp.53-74.
- COSTA, C. (2010b) - “Problemática do enchimento dos Fossos 3 e 4 (sector I) dos Perdigueiros (Reguengos de Monsaraz) com base da análise estratigráfica dos restos faunísticos”, BETTENCOURT, A. M. S., ALVES, M. I. C., MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.), *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular / 137 Palaeoenvironmental Changes and Anthropization in the Quaternary of Western Iberia*, Braga, 2010, pp. 113-124.
- COSTA, C. (2013) – “Tafonomia em contexto pré-histórico, A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-História Recente” Vols. I e II – Dissertação para obtenção de grau de Doutor, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve (policopiado).
- COSTA, J. B. (2004) *Caracterização e constituição do solo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 7ª ed
- DOMÍNGUEZ-RODRIGO, M. (1999) – “The study of skeletal part profiles: an ambiguous taphonomic tool for zooarchaeology”, *Complutum*, 10, pp. 15-24.
- ENLOE, J. G. (2004) – “Equifinality, assemblage integrity and behavioral inferences at Verberie”, *Journal of Taphonomy*, 2 (3), pp. 147-165.
- FAITH, J. T., GARDON, A. D. (2007) – Skeletal element abundances in archaeofaunal assemblages: economic utility, sample size, and assessment of carcass transport strategies”, *Journal of Archaeological Science*, 34, pp. 872-882.
- FAITH, J. T., MAREAN, W. C., BEHRENSMEYER, A. K. (2007) – Carnivore competition, bone destruction, and bone density”, *Journal of Archaeological Science*, 34, pp. 2025-2034.
- FERNANDEZ LOPEZ, S. R. (2000) – *Temas de Tafonomia*, Departamento de Paleontología, Universidad Complutense de Madrid
- FERNÁNDEZ-JALVO, Y. ANDREWS, P. PESQUERO, D., SMITH, C., MARÍN-MONFORT,

- D., SÁNCHEZ, B., GEIGL, E. M., ALONSO, A. (2010) – “Early bone diagenesis in temperate environments Part I: Surface features and histology”, *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 288, pp. 62-81.
- FERNÁNDEZ-JALVO, Y. e ANDREWS, P. (2016) - “Atlas of Taphonomic Identification, 1001+ Images of Fossil and Recent Mammal Bone Modification”, Eric Delson and Eric J.Sargis (eds) *Vertebrate Paleobiology and Paleoanthropology Series*, Springer
- FERNÁNDEZ-JALVO, Y., ANDREWS, P. (2003) – “Experimental effects of water abrasion on bone fragments”, *Journal of Taphonomy*, 1 (3), pp. 147-163.
- HEDGES, R. E. M. (2002) – “Bone diagenesis: an overview of processes”, *Archaeometry*, 44 (3), pp. 319-328.
- 138
- HEDGES, R. E. M., MILLARD, A. R., PIKE, A. W. G. (1995) – “Measurements and Relationships of Diagenetic Alteration of Bone from Three Archaeological Sites”, *Journal of Archaeological Science*, 22, pp. 221-209.
- IRVING, W. N., JOPLING, A. V., KRITSCH-ARMSTRONG (1989) – “Studies on bone technology and taphonomy, Old Crow Basin, Yukon Territory”, BONNICHEN, R., SORG, M. H. (eds), *Bone Modification. People of the Americas Publications edited volumes series*, Center for the study of the first Americans, Institute for the Quaternary studies, University of Maine, Oronto, Maine, pp.347-380
- KLEIN, R. G.; CRUZ-URIBE, K. (1984) – *The analysis of animal bones from archaeological sites*, Chicago, University of Chicago Press.
- LAUDET, F., SELVA, N. (2005) – “Ravens as small mammal bone accumulators: first taphonomic study on mammal remains in raven pallets”, *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 226, pp. 272-286.
- LLOVERAS, L., MORENO-GARCIA, M., NADAL, J. (2008a) – Taphonomic analysis of leporid remains obtained from modern Iberian lynx (*Lynx pardinus*) scats”, *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 1-13.
- LLOVERAS, L., MORENO-GARCIA, M., NADAL, J. (2008b) – “Taphonomic study of leporid remains accumulated by the Spanish Imperial Eagle (*Aquila adalberti*)”, *Geobios*, 41, pp. 91-100.
- LÓPEZ-GONZÁLEZ, F., GRANDAL-D’ANGLADE, A., VIDAL-ROMANÍ, J. R. (2006) – “Deciphering bone depositional sequences in caves through the study of manganese coatings”, *Journal of Archaeological Science*, 33 (5), pp. 707-717.
- LUPO, K. D. (2001) – “Archaeological skeletal part profiles and differential transport: an ethnoarchaeological example from Hadza bone assemblages”, *Journal of Anthropological Archaeology*, 20, pp. 361-378.
- LUPO, K. D. (2006) – What explains the carcass field processing and transport decisions of contemporary hunter-gatherers? Measures of economic anatomy and zooarchaeological skeletal part representation”, *Journal of Archaeological Method and Theory*, 13 (1), pp.19-65.
- LYMAN, R. L. (2001) – *Vertebrate Taphonomy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LYMAN, R. L. (2008) – *Quantitative Paleozoology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MAREAN, W.C., CLEGHORN, N. (2003) – “Large mammal skeletal element transport: Applying foraging theory in a complex taphonomic system”, *Journal of Taphonomy*, 1 (1), pp. 15-42.
- 139
- MARTIN, R. E. (1999) - *Taphonomy. A process approach*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MORENO GARCIA, M.; PIMENTA, C. M., DAVIS, S. GABRIEL, S. (2003) – A osteoteca: uma ferramenta de trabalho”, MATEUS, J. E., MORENO-GARCÍA, M., (eds.) *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura. Trabalhos de Arqueologia*, 29, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa

- MUNRO, N. D., BAR-OZ, G. 2004 – “Debating issues of equifinality in ungulate skeletal studies”, *Journal of Taphonomy*, 2 (1), pp. 1-13.
- MUNSON, P. J., GARNIEWICZ, R. C. (2003) – Age-mediated survivorship of ungulate mandibles and teeth in canid-ravaged faunal assemblages”, *Journal of Archaeological Science*, 30, pp. 405-416.
- NIELSEN-MARSH, C. M., SMITH, C. I., JANS, M. M. E., NORD, A., KARS, H. COLLINS, M. J. (2007) – “Bone diagenesis in the European Holocene II: taphonomic and environmental considerations”, *Journal of Archaeological Science*, 34, pp. 1523-1531.
- NIELSEN-MARSH, C., HEDGES, R. E. M. (2000) – “Patterns of Diagenesis in Bone I: The Effects of Site Environments”, *Journal of Archaeological Science*, 27, pp. 1139-1150.
- ORTON, D. (2010) – “Taphonomy and Interpretation: An Analytical Framework for Social Zooarchaeology”- *International Journal of Osteoarchaeology* DOI: 10.1002/oa.1212
- OUTRAM, A. K. (2004) – “Bone fracture and within-bone nutrients: and experimentally based method for investigating levels of marrow extraction”, MIRACLE, P., MILNER, N. (eds), *Consuming Passions and Patterns of consumption*, Cambridge, MacDonald Institute for Archaeology, pp. 51-64.
- PHOCA-COSMETATU, N. (2005) – “Bone weathering and food procurement strategies”, O’CONNOR, T. ed., *Proceedings of the 9th Conference of the International Council of Archaeozoology, Durham, August 2002. Biosphere to Litosphere. New studies in vertebrate taphonomy*, Oxbow Books, pp. 146-154.
- PICKERING, T. R., MAREAN, C. W., DOMINGUEZ-RODRIGO, M. (2003) - “Importance of limb bone shaft fragments in zooarchaeology: a response to “On *in situ* attrition and vertebrate body part profiles” (2002), by M.C. Stiner”, *Journal of Archaeological Science*, 30, pp. 1469-1482.
- RUSSELL, N. (2012) – *Social Zooarchaeology. Humans and animals in Prehistory*, New York, Cambridge University Press.
- 140
- SHAHACK-GROSS, R., BAR-YOSEF, O., WEINER, S. (1997) – “Black-coloured bones in Hayonim Cave, Israel: Differentiating between burning and oxide staining”, *Journal of Archaeological Science*, 24, pp. 439-446.
- SMITH, C. I., NIELSEN-MARCH, C. M., JANS, M. M. E., COLLINS, M. J. (2007) – “Bone diagenesis in the European Holocene II: taphonomic and environmental considerations”, *Journal of Archeological Science*, 34, pp. 1485-1493.
- STINER, M. C. (1991) – “Food procurement and transport by human and non-human predators”, *Journal of Archaeological Science*, 18, pp. 455-482.
- STINER, M. C. (2002) – “On *in situ* attrition and vertebrate body part profiles”, *Journal of Archaeological Science*, 29, pp. 979-991.
- TRAPANI, J. (1998) – “Hydrodynamic Sorting of Avian Skeletal Remains”, *Journal of Archaeological Science*, 25, 447-487.
- VALENTE, M. J. (1997) – “A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas”, *Estudos do Quaternário*, 1, pp. 83-96.

Caraterização geral	NISP	%NISP	NMI	%NMI	NME	%NME
Espécies						
Mamíferos Identificados	195	11,31	20	100	136	100
<i>Equus</i> sp. (cavalo)	23	1,33	2	10,00	15	11,03
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	112	6,50	8	40,00	85	62,50
<i>Bos taurus</i> (boi doméstico)	3	0,17	1	5,00	3	2,21
<i>Bos</i> sp. (bovino não determinado)	10	0,58	1	5,00	2	1,47
<i>Ovis/Capra</i> (ovino/caprino)	16	0,93	2	10,00	8	5,88
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)	21	1,22	4	20,00	14	10,29
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	6	0,35	1	5,00	6	4,41
<i>Lagomorpho</i>	4	0,23	1	5,00	3	2,21
Mamíferos não identificados	664	38,52				
Mamíferos de médio porte	217	12,59				
Mamíferos de grande porte	421	24,42				
Mamíferos de pequeno porte	25	1,45				
Microfauna	1	0,06				
Restos Indeterminados	865	50,17				
Total	1724	100				

Tabela 1 – Caracterização Geral

Caraterização por fase de utilização	Fossa 79																	
	(3ªfase)						(2ªfase)						(1ªfase)					
Espécies	NISP	%NISP	NMI	%NMI	NME	%NME	NISP	%NISP	NMI	%NMI	NME	%NME	NISP	%NISP	NMI	%NMI	NME	%NME
Mamíferos Identificados	62	10,33	10	100	35	100	86	14,55	8	100	63	100	42	9,27	10	100	30	100
<i>Equus</i> sp. (cavalo)	8	1,33	1	10	3	8,57	13	2,20	1	12,5	11	17,46	2	0,44	1	10	1	3,33
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	26	4,33	3	30	21	60,00	65	11,00	4	50	45	71,43	19	4,19	3	30	12	40,00
<i>Bos taurus</i> (boi doméstico)	1	0,17	1	10	1	2,86	2	0,34	1	12,5	2	3,17						
<i>Bos</i> sp. (bovino não determinado)	6	1,00	1	10									2	0,44	1	10	2	6,67
<i>Ovis/Capra</i> (ovino/caprino)	9	1,50	1	10	1	2,86	1	0,17	1	12,5	1	1,59	6	1,32	2	20	6	20,00
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)	7	1,17	1	10	5	14,29	5	0,85	1	12,5	4	6,35	9	1,99	1	10	5	16,67
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	3	0,50	1	10	3	8,57							2	0,44	1	10	2	6,67
<i>Lagomorpha</i>	2	0,33	1	10	1	2,86							2	0,44	1	10	2	6,67
Mamíferos não identificados	218	36,33					237	40,10					174	38,41				
Mamíferos de médio porte	78	13,00					78	13,20					48	10,60				
Mamíferos de grande porte	124	20,67					154	26,06					125	27,59				
Mamíferos de pequeno porte	15	2,50					5	0,85					1	0,22				
Microfauna	1	0,17																
Restos Indeterminados	320	53,33					268	45,35					237	52,32				
Total	600	100					591	100					453	100				
%NISP Geral	34,80						34,28						26,28					

Tabela 2 – Caracterização Fossa 79

Caraterização por fase de utilização	Cairn					
Espécies	NISP	%NISP	NMI	%NMI	NME	%NME
Mamíferos Identificados	5	6,25	4	100	3	100
<i>Equus</i> sp. (cavalo)						
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	2	2,50	2	50	2	66,67
<i>Bos taurus</i> (boi doméstico)						
<i>Bos</i> sp. (bovino não determinado)	2	2,50	1	25		
<i>Ovis/Capra</i> (ovino/caprino)						
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)						
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	1	1,25	1	25	1	33,33
<i>Lagomorpha</i>						
Mamíferos não identificados	35	43,75				
Mamíferos de médio porte	13	16,25				
Mamíferos de grande porte	18	22,50				
Mamíferos de pequeno porte	4	5,00				
Microfauna						
Restos Indeterminados	40	50,00				
Total	80	100				
%NISP Geral	4,64					

Tabela 3 – Caracterização Cairn

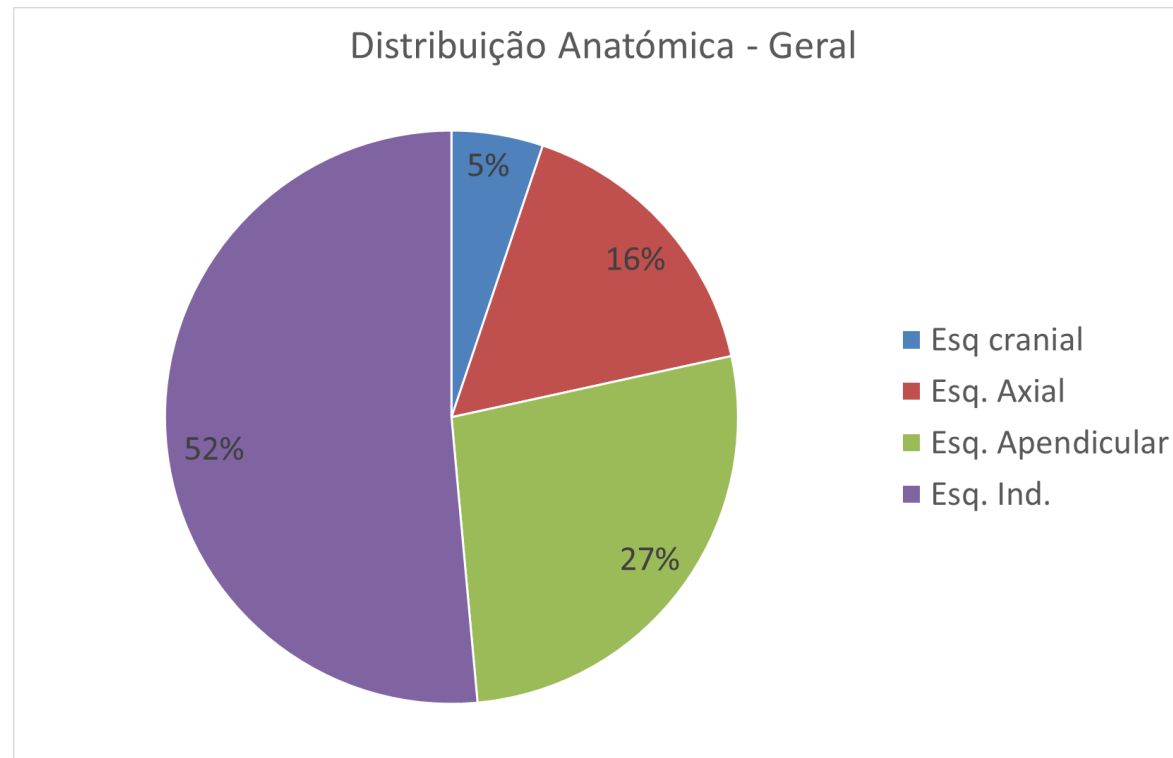


Gráfico 1 – Distribuição anatômica Geral

Distribuição Anatômica - Geral	Equus sp.	Cervus elaphus	Bos taurus	Bos sp.	Ovis/ Capra	Sus sp.	Oryctolagus cuniculus	Lagomorpho	Total
E. Craniano (Lado Direito)									
Haste/Corno									
Crânio									
Mandibula		1		1		3	1		6
Dentes soltos superiores									
Dentes soltos Inferiores	1								1
Dentes soltos indeterminados									
E. Craniano (Lado Esquerdo)									
Haste/Corno									
Crânio	1								1
Mandibula		1							1
Dentes soltos superiores	4								4
Dentes soltos Inferiores	1			1	8	1			11
Dentes soltos indeterminados									
E. Craniano (Lado indeterminado)									
Haste/Corno					1				1
Crânio		1							1
Mandibula						1			1
Dentes soltos superiores		3							3
Dentes soltos Inferiores				4					4
Dentes soltos indeterminados	1	1		3		6		1	12
E. Apendicular anterior (Lado Direito)									
Escápula									
Úmero		8							8
Rádio	1	7			1	1			10
Ulna	1	4							5
Carpais		8							8
Metacarpo	1	4							5
Falange									
E. Apendicular anterior (Lado Esquerdo)									
Escápula		4			1				5
Úmero	1	4			2	1	1	1	10
Rádio		4			1			1	6
Ulna		1							1
Carpais									
Metacarpo	1								1
Metacarpo III						1			1
Metacarpo V						1			1
Falange									
E. Apendicular anterior (lado Indeterminado)									
Escápula									
Úmero									
Rádio									
Ulna									
Carpais						1			1
Metacarpo									
Falange									
E. Apendicular posterior (lado direito)									
Pélvis		2							2
Fémur		7							7
Patela		1							1
Tíbia		4			1				5
Fíbula									
Astragalo						1			1
Calcaneo		1							1
Metatarso		6							6
Metatarso II							1		1
Metatarso III									
Metatarso IV						1			1
Tarsais		3			1				4
Sesamoide	2								2
Falange									
E. Apendicular posterior (lado Esquerdo)									
Pélvis		2		1		2			5
Fémur		1							1
Patela		1							1
Tíbia	1	4				1		1	7
Fíbula									
Astragalo		1							1
Calcaneo									
Metatarso	1								1
Metatarso II									
Metatarso III									
Metatarso IV	1						1		2
Tarsais		2							2
Sesamoide	1								1
Falange I	1								1
E. Apendicular posterior (lado indeterminado)									
Pélvis		1							1
Fémur									
Patela									
Tíbia									
Fíbula									
Astragalo									
Calcaneo									
Metatarso									
Metatarso II									
Metatarso III									
Metatarso IV									
Tarsais									
Sesamoide									
Falange									
Elementos Gerais									
Metapodo	1	4							5
Falange I	2	14	1						17
Falange II		5	1		1				7
Falange III		1	1			1			3
Falange		1							1
Total	23	112	3	10	16	21	6	4	195

Tabela 4 – Distribuição Anatômica por Táxon determinado – Geral

Estado de fusão epifisiária		Caim	Fossa 79		
			3ªfase	2ªfase	1ªfase
<i>Equus</i> sp. (cavalo)	Não fusionado			1	2
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado		1	8	11
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	Não fusionado	1	3	13	
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado	1	15	35	
<i>Bos taurus</i> (boi doméstico)	Não fusionado				
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado		1	1	
<i>Bos</i> sp. (bovino não determinado)	Não fusionado				
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado				
<i>Ovis/Capra</i> (ovino/caprino)	Não fusionado				1
	Parcialmente fusionado				1
	Totalmente fusionado		1		3
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)	Não fusionado			1	2
	Parcialmente fusionado		1		
	Totalmente fusionado		2		2
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho)	Não fusionado				
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado		2		
<i>Lagomorpho</i>	Não fusionado				
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado				
Mamíferos de médio porte	Não fusionado		2	2	1
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado	1	2		
Mamíferos de grande porte	Não fusionado		5	6	17
	Parcialmente fusionado			1	
	Totalmente fusionado		6	4	6
Mamíferos de pequeno porte	Não fusionado		1		
	Parcialmente fusionado				
	Totalmente fusionado				

Tabela 5 – Estados de fusão epifisiária

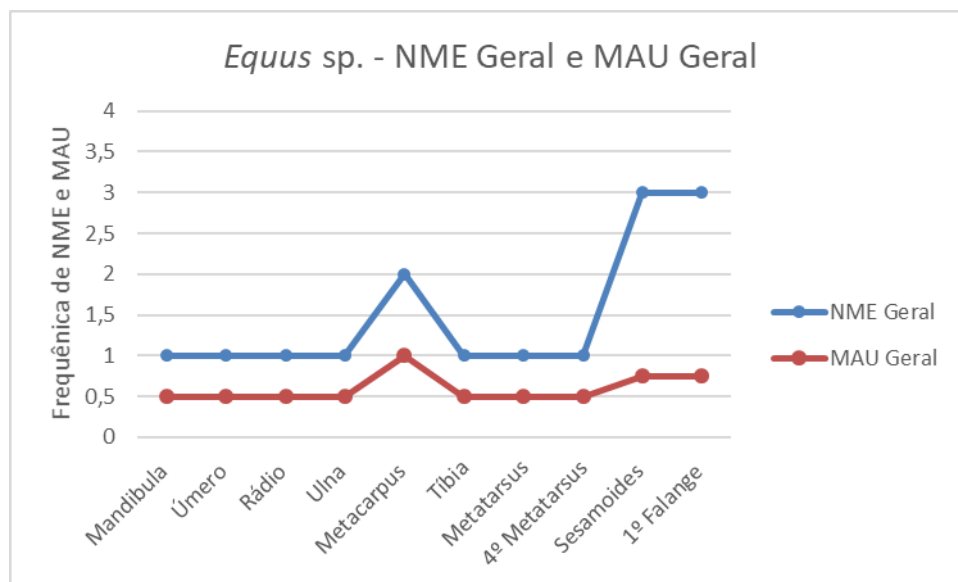


Gráfico 2 – *Equus* sp. – NME Geral/MAU Geral

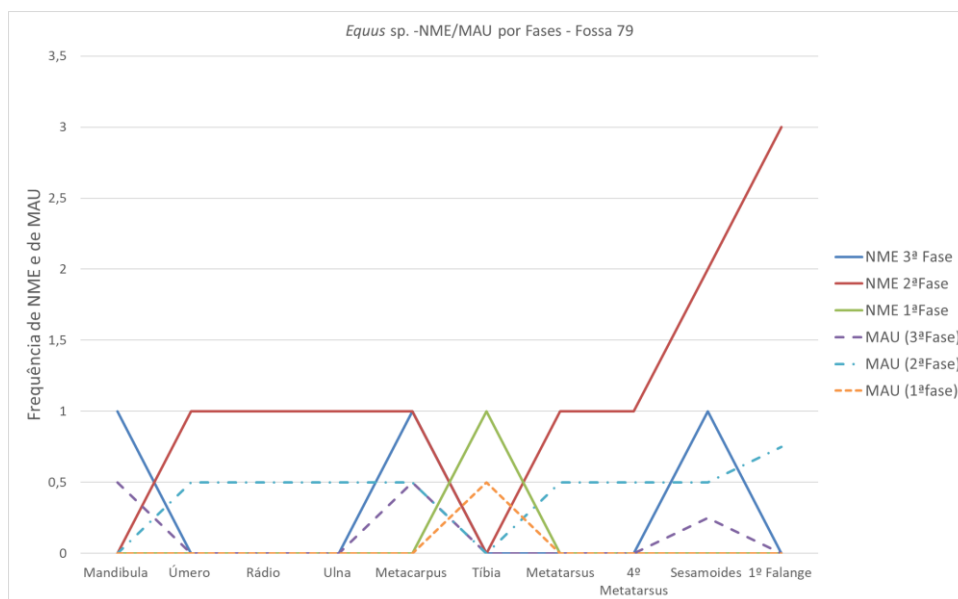


Gráfico 3 – Frequências de MNE e MAU de *Equus sp.* – Fossa 79 (faseamento)

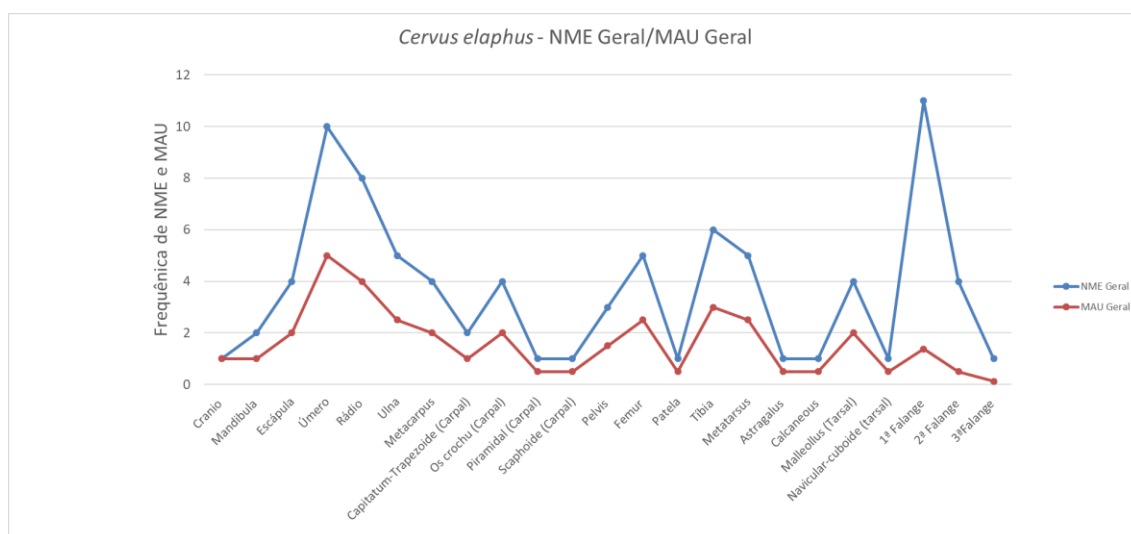


Gráfico 4 – *Cervus elaphus* – NME Geral/MAU Geral

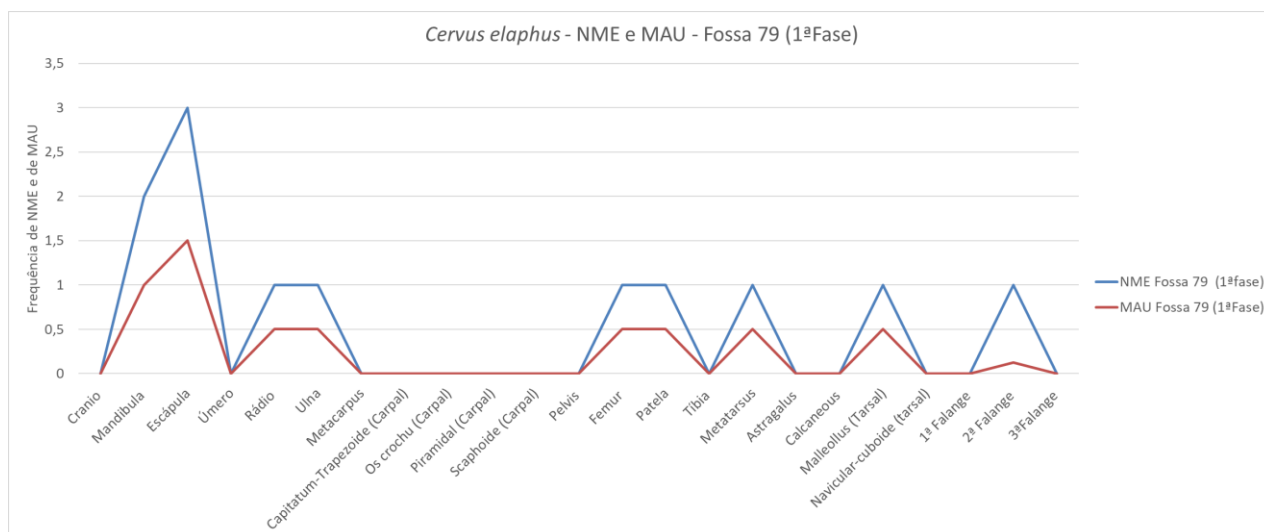


Gráfico 5 – *Cervus elaphus* NME e MAU - Fossa 79 (1ªFase)

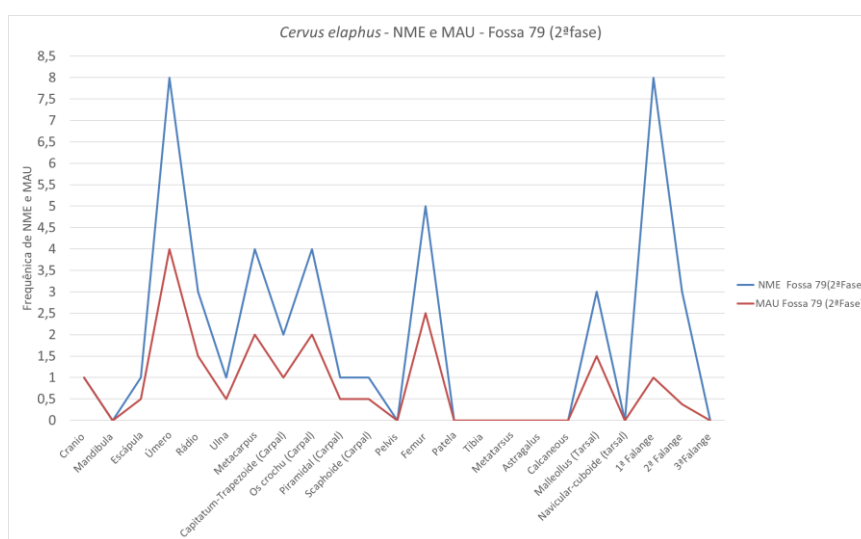


Gráfico 6 – *Cervus elaphus* – NME e MAU – Fossa 2ª Fase

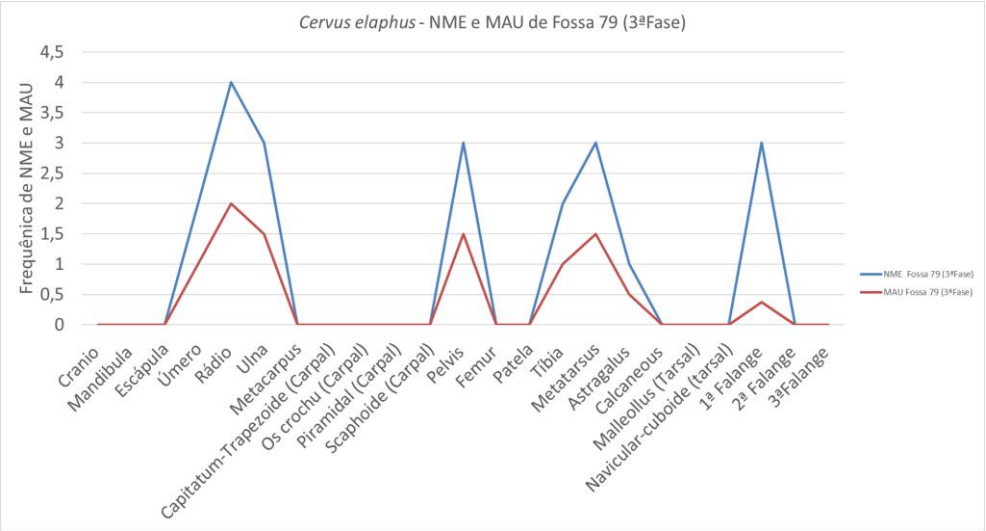


Gráfico 7 – *Cervus elaphus* – NME e MAU – Fossa 79 (3ªfase)

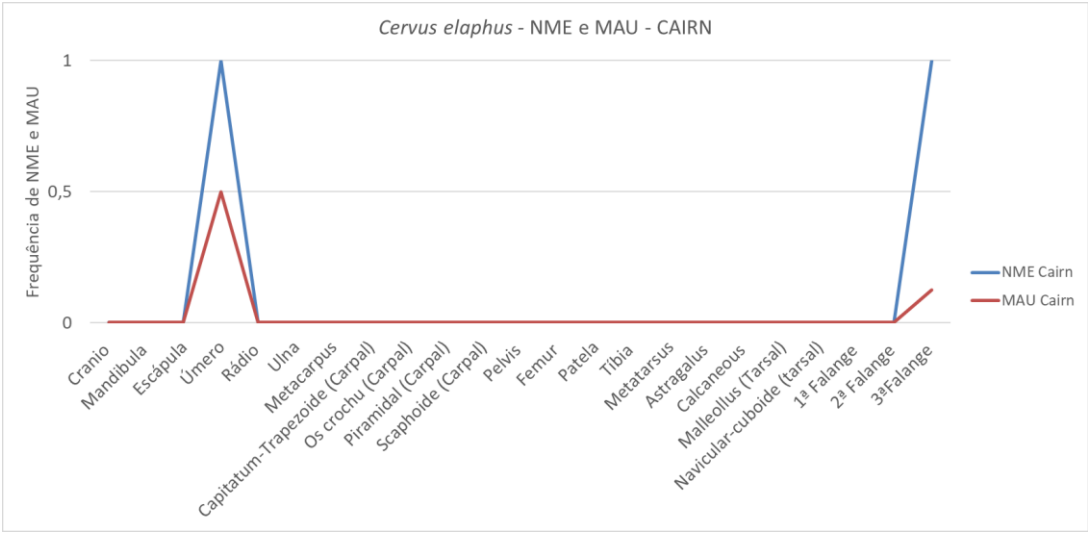


Gráfico 8 – *Cervus elaphus* – NME e MAU – CAIRN

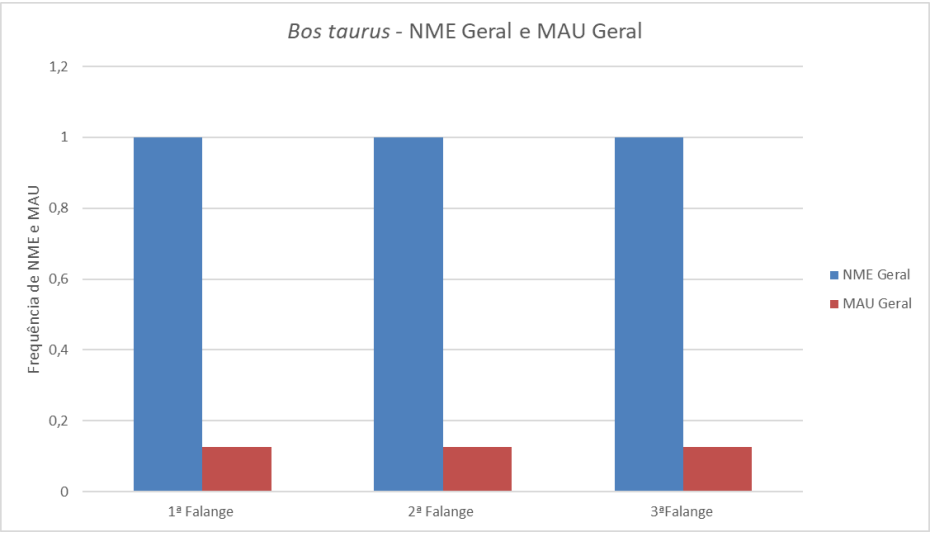


Gráfico 9 - *Bos taurus* – NME geral e MAU geral

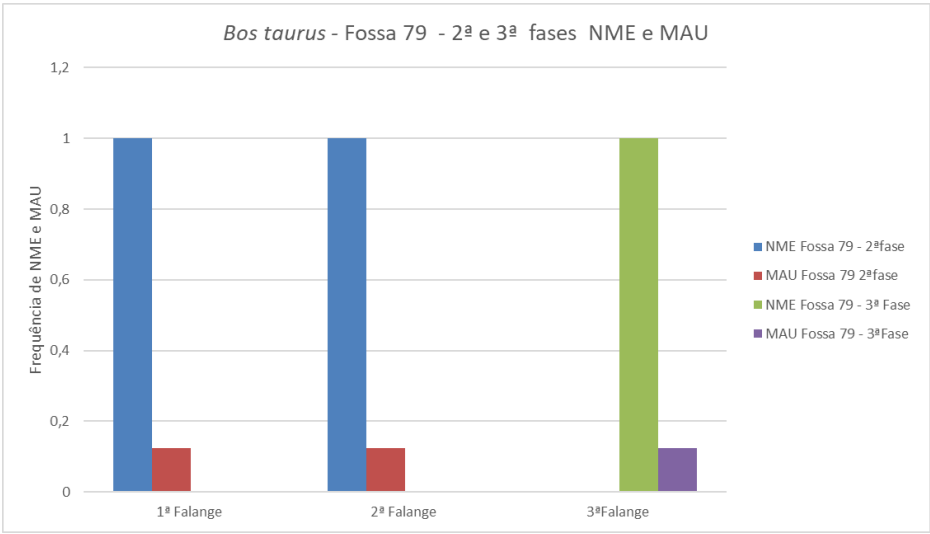


Gráfico 10 – *Bos taurus* – NME e MAU – Fossa 79 2ª e 3ª fase

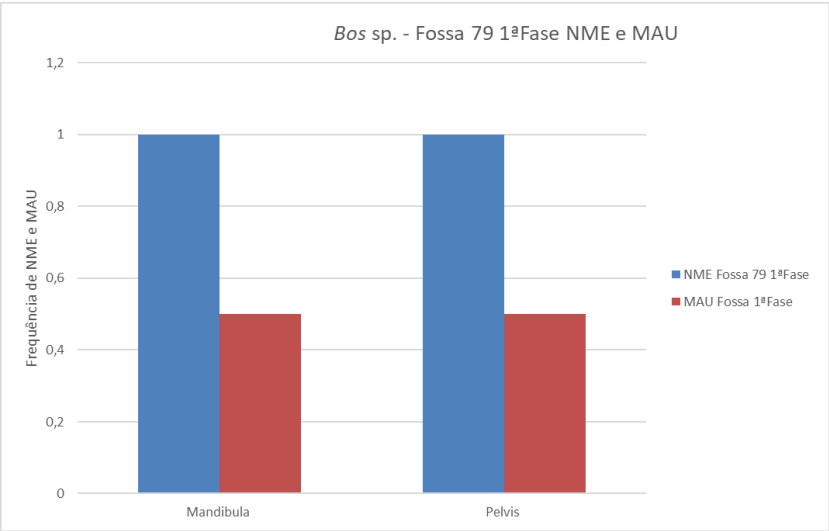


Gráfico 11 – *Bos sp.* – NME e MAU – Fossa 79 1ªfase

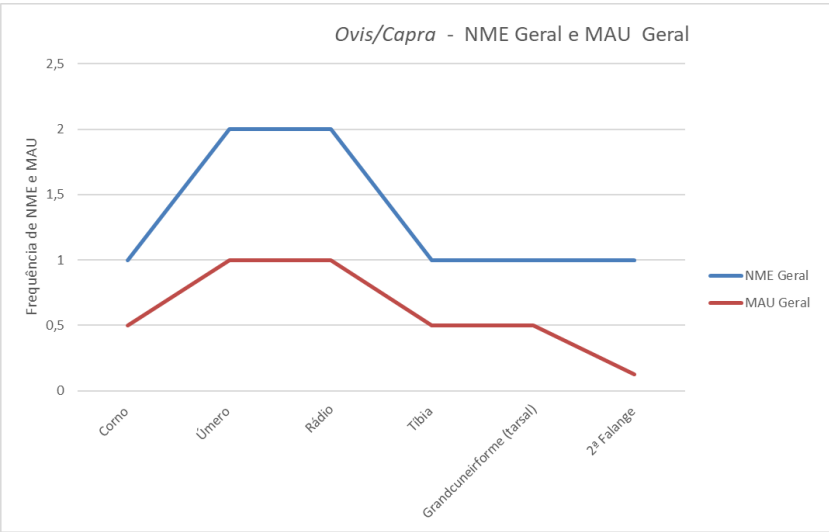


Gráfico 12 – *Ovis/Capra* – NME geral e MAU geral

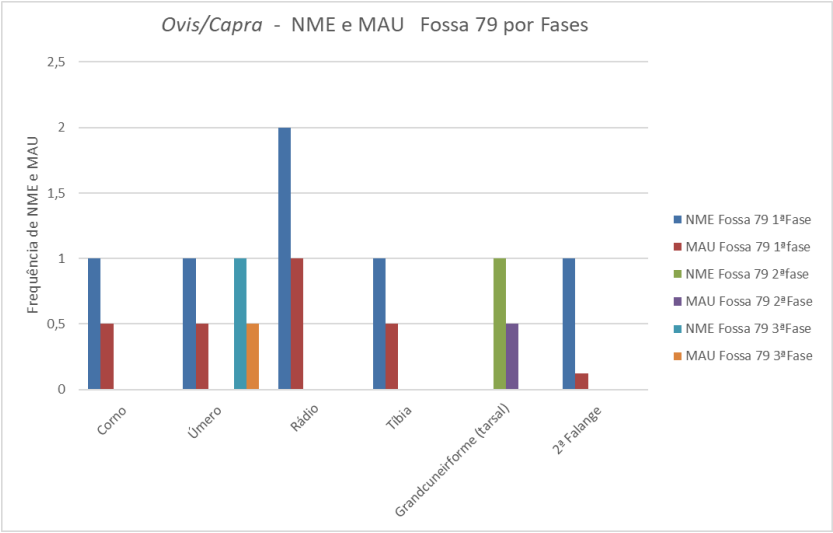


Gráfico 13 – Ovis/Capra – NME e MAU Fossa 79 (por fases)

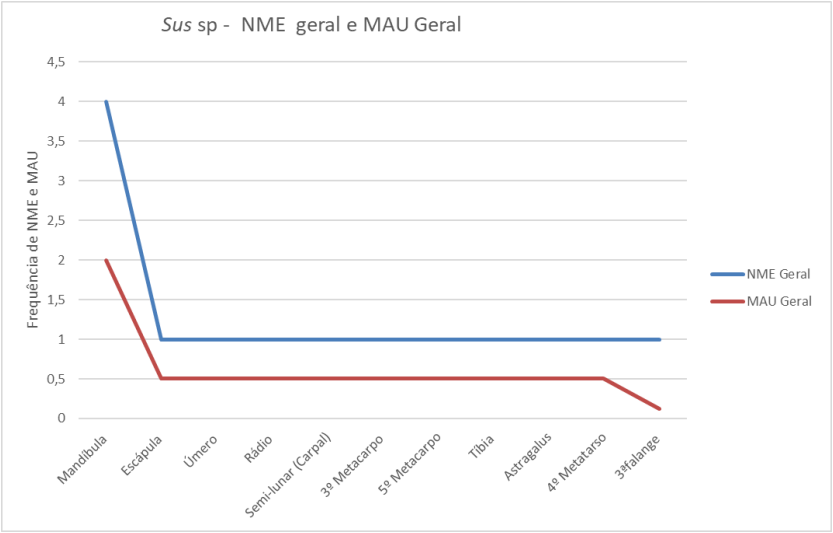


Gráfico 14 – Sus sp. – NME geral e MAU geral

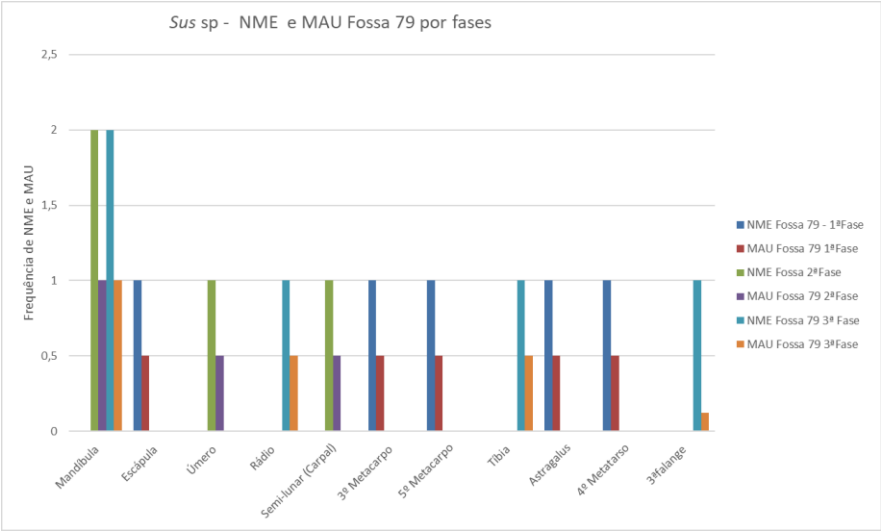


Gráfico 15 – Sus sp. NME e MAU – Fossa 79 por fase

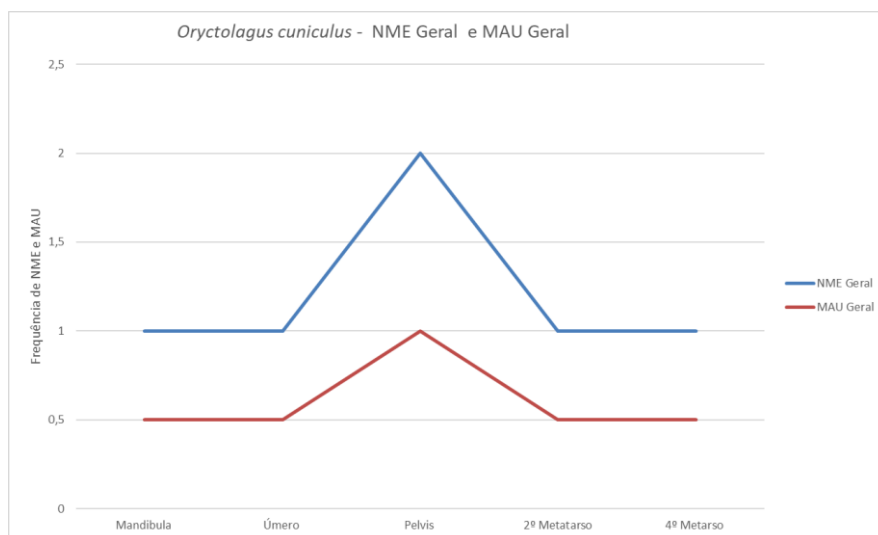


Gráfico 16 – *Oryctolagus cuniculus* – NME geral e MAU geral

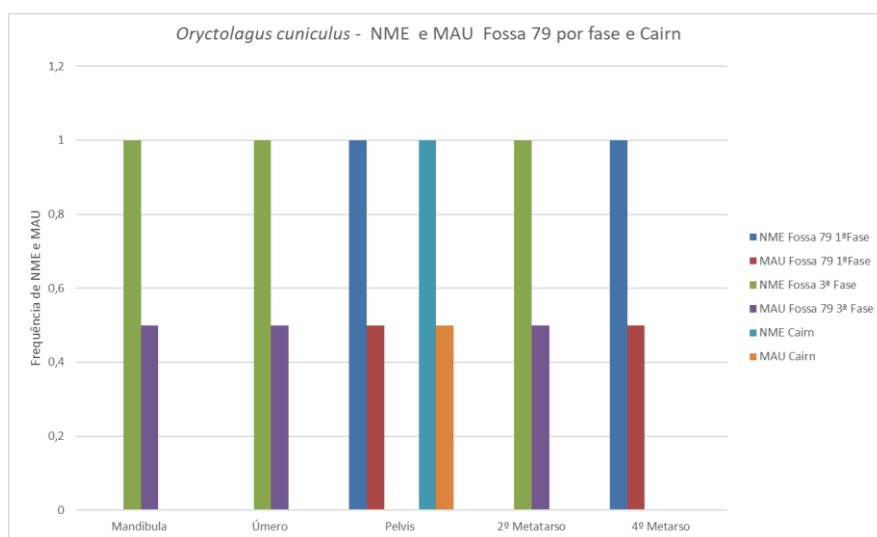


Gráfico 17 - *Oryctolagus cuniculus* – NME e MAU Fossa 79 por fase e Cairn

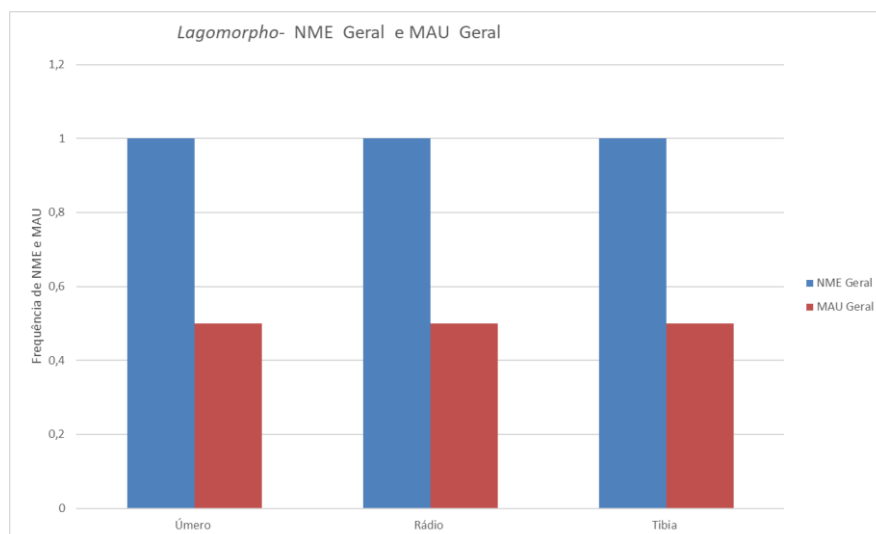


Gráfico 18 – *Lagomorpho* – NME geral e MAU geral

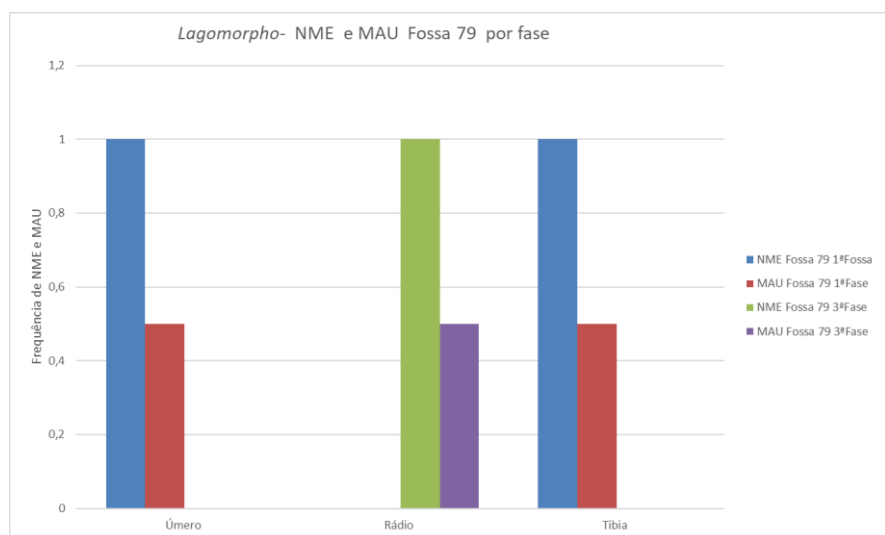


Gráfico 19 – *Lagomorpha* – NME e MAU, Fossa 79 por fases

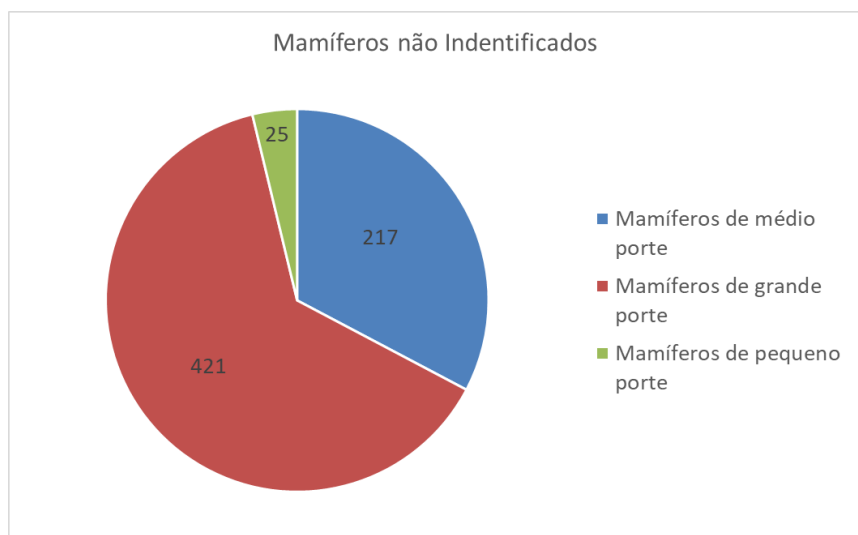


Gráfico 20 – Mamíferos não Identificados – Geral

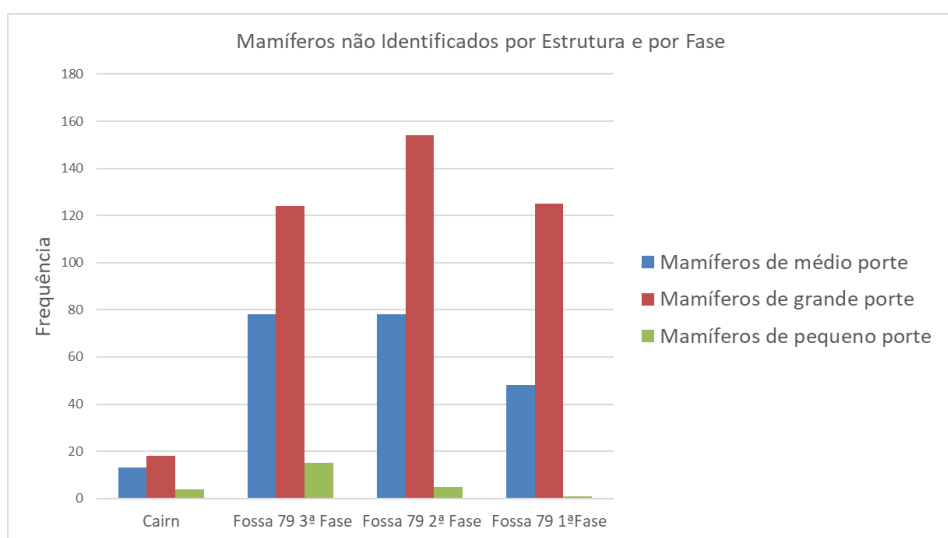


Gráfico 21 – Mamíferos não Identificados por Estrutura e por Fase

Distribuição Anatômica de mamíferos não determinados - Geral	Mamíferos de médio porte	Mamíferos de grande porte	Mamíferos de pequeno porte	Microfauna	Indeterminados	Total
Esqueleto. Craniano (Lado Direito)						
Craneo Geral						
Premaxilar	1					1
Maxilar	1					1
Mandibula	2	5				7
Maxilar/Mandibula						
Parietal						
Temporal						
Zigomaticus						
Dente						
Esqueleto Craniano (Lado Esquerdo)						
Craneo Geral						
Premaxilar						
Maxilar						
Mandibula	1					1
Maxilar/Mandibula						
Parietal		1				1
Temporal		1				1
Zigomaticus	1					1
Dente						
Esqueleto Craniano (Lado indeterminado)						
Craneo Geral	4	4	1		10	19
Premaxilar						
Maxilar						
Mandibula	1	4				5
Maxilar/Mandibula	1	1			1	3
Parietal						
Temporal						
Zigomaticus						
Dente	1	2				3
Esqueleto Axial						
Costelas	68	51	8		2	129
Vertebra Tóraca		1				1
Vertebra Caudal		4				4
Vertebra Geral	25	85	2		35	147
Sacrum		2				2
Esqueleto Apendicular anterior (Lado Direito)						
Escápula		1				1
Úmero	1	2				3
Rádio						
Ulna						
Esqueleto Apendicular anterior (Lado Esquerdo)						
Escápula	1					1
Úmero	2					2
Rádio						
Ulna						
Esqueleto Apendicular anterior (lado Indeterminado)						
Escápula	5	9			5	19
Úmero	1	2				3
Rádio		4				4
Ulna		1				1
Esqueleto Apendicular posterior (lado direito)						
Pelvis	1	1				2
Femur		1				1
Tibia		1				1
Patela						
Calcaneo						
Tarsal						
Esqueleto Apendicular posterior (lado Esquerdo)						
Pelvis		1				1
Femur						
Tibia						
Patela						
Calcaneo	1					1
Tarsal	1					1
Esqueleto Apendicular posterior (lado indeterminado)						
Pelvis	1	7				8
Femur	1				1	2
Tibia	1	3				4
Patela		1				1
Calcaneo		1				1
Tarsal						
Esqueleto Apendicular (elementos gerais)						
Metapodos	3	6				9
Carpais/Tarsais	1				1	2
Falanges		1	1			2
Esqueleto Apendicular (fragmentos de ossos longos)						
Epifise proximal + diáfise		1				1
Diáfise anterior		1				1
Diáfise	75	112	6	1	39	233
Diáfise distal		2				2
Diáfise distal lateral		2			1	3
Epifise distal		2			1	3
Epifise distal Lateral + diáfise		2				2
Epifise Indeterminada		1				1
Elementos indeterminados	16	95	7		769	887
Total	217	421	25	1	865	1529

Tabela 6 – Distribuição Anatômica dos Mamíferos não Identificados

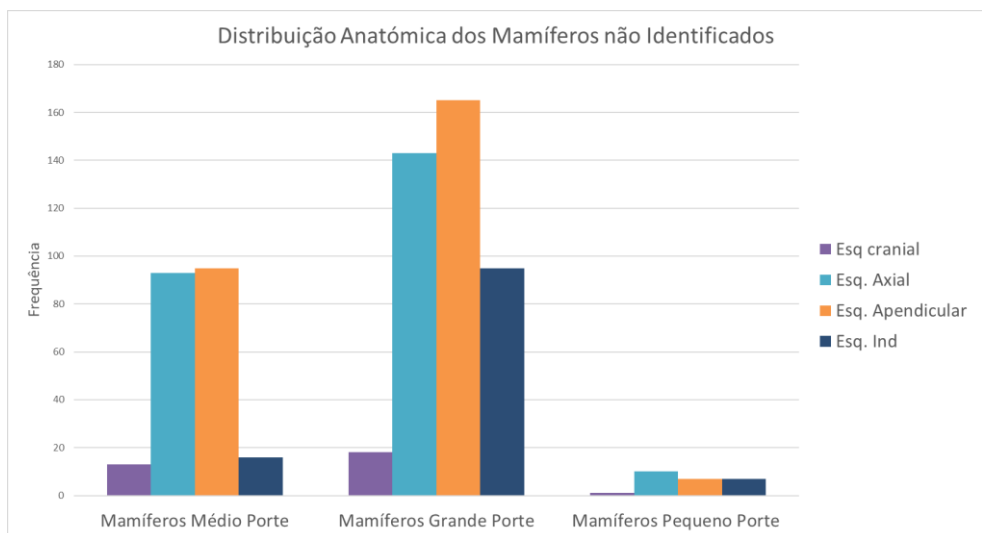


Gráfico 22 – Distribuição Anatômica do Mamíferos não Identificados

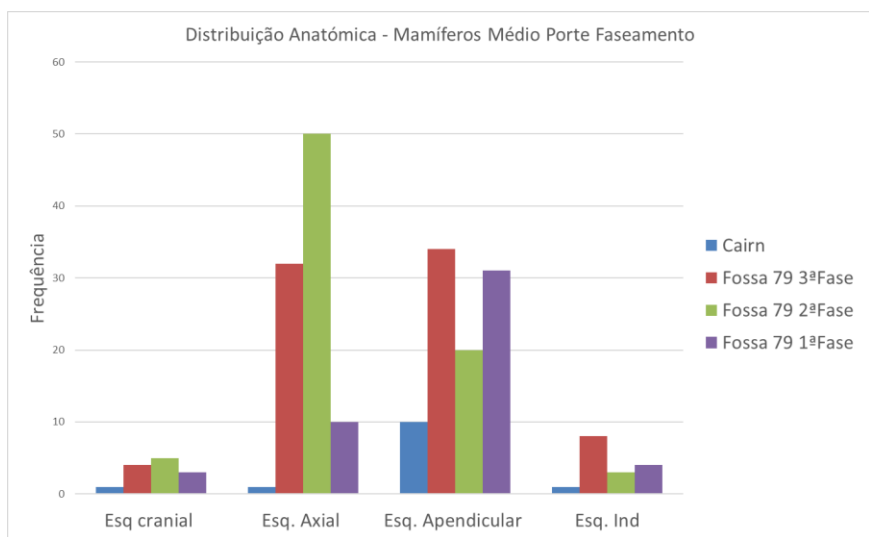


Gráfico 23 – Distribuição Anatômica – Mamíferos Médio Porte – Faseamento

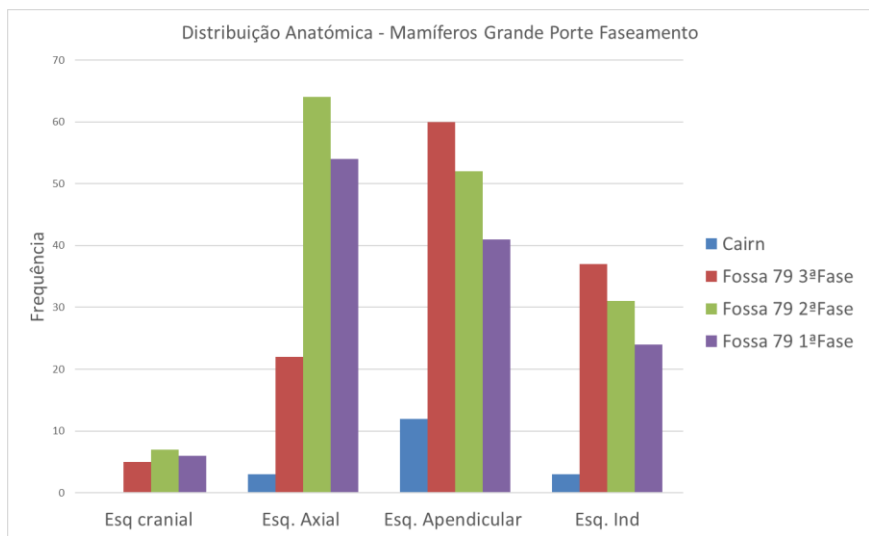


Gráfico 24 – Distribuição Anatômica – Mamíferos Grande Porte – Faseamento

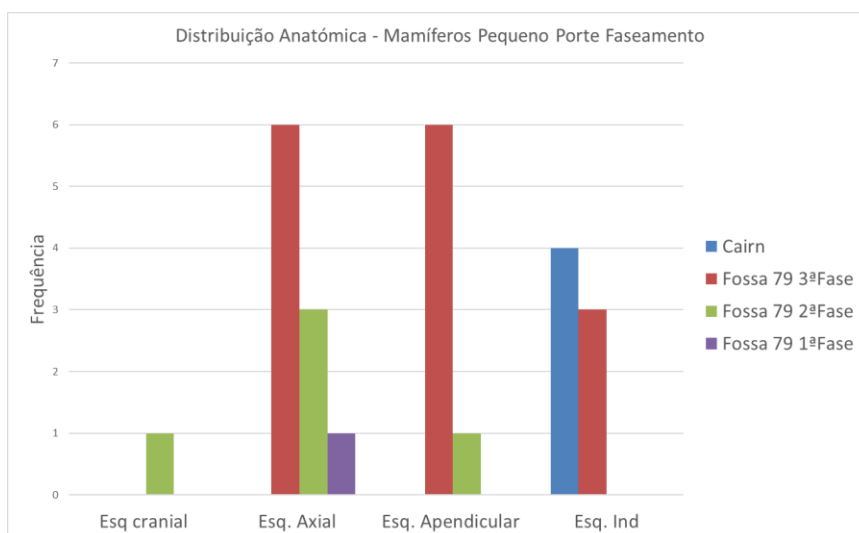


Gráfico 25 – Distribuição Anatômica – Mamíferos Pequeno Porte – Faseamento

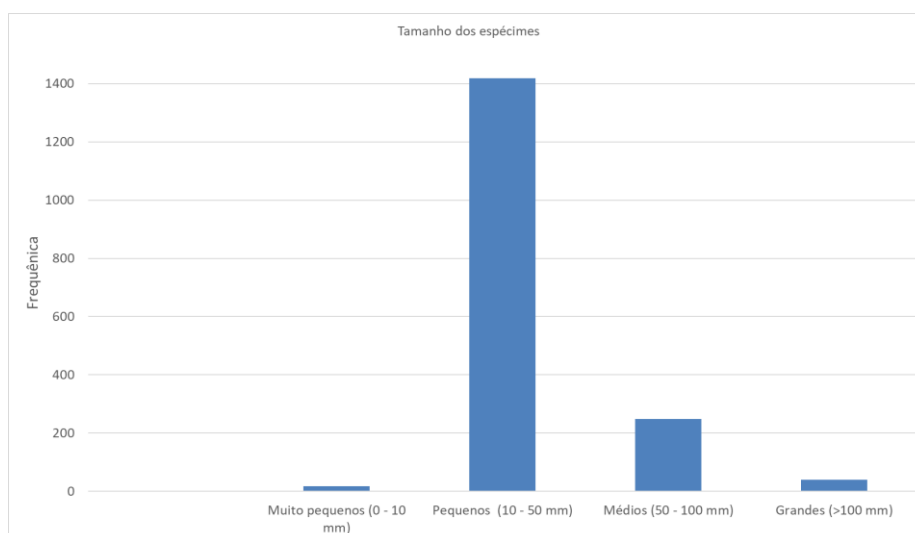


Gráfico 26 – Distribuição dos espécimes por classes de Tamanho

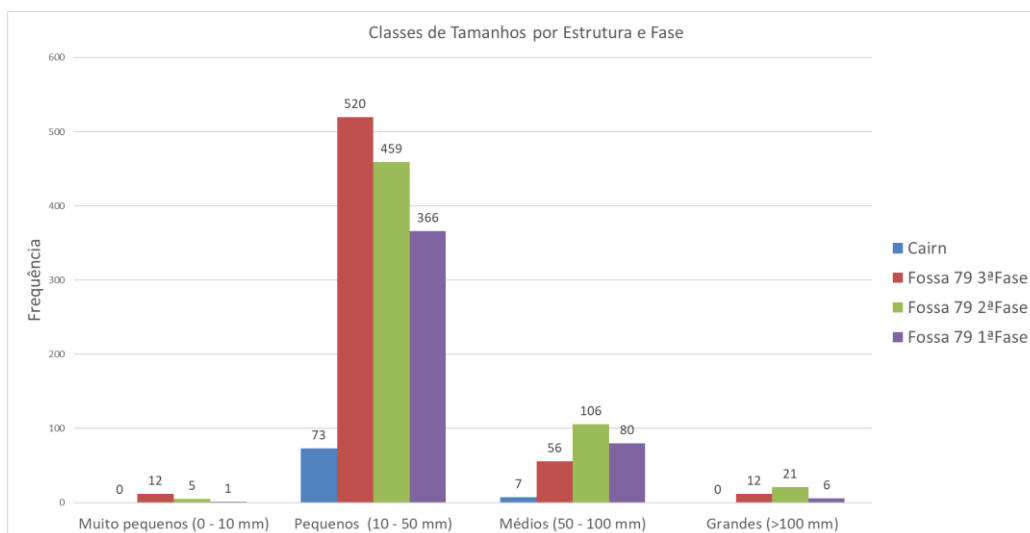


Gráfico 27 – Classes de Tamanho por Estrutura e Fase

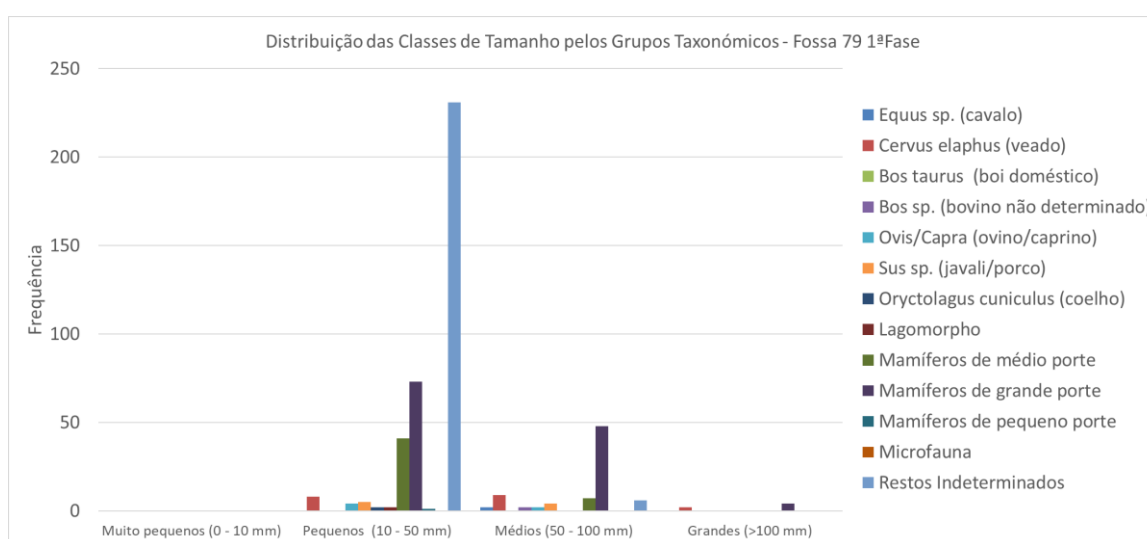


Gráfico 28 – Distribuição das Classes de Tamanho pelos Grupo taxonômicos – Fossa 79 1ª Fase

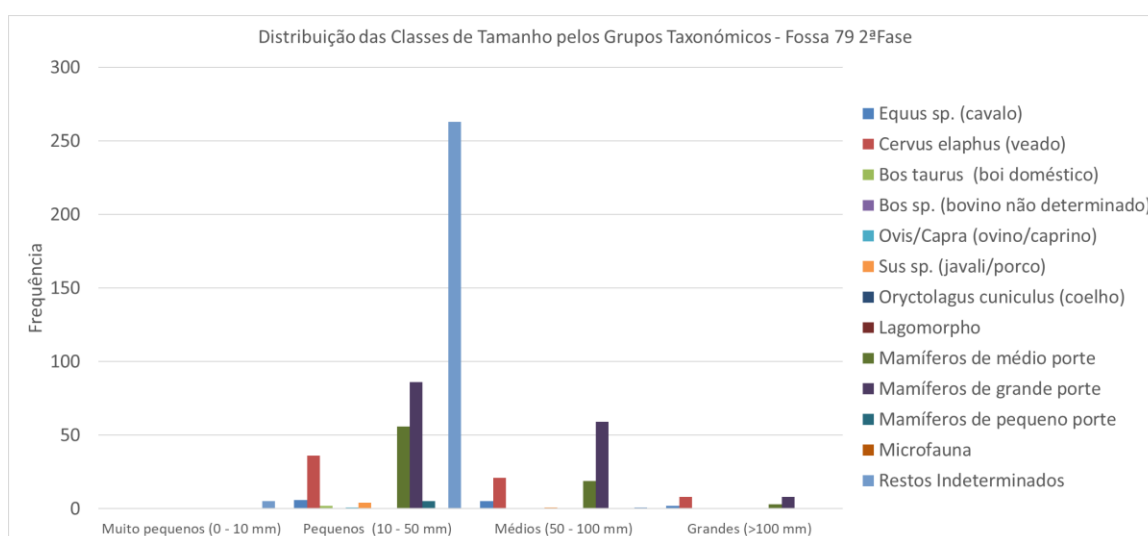


Gráfico 29 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Grupo taxonômicos – Fossa 79 2ª Fase

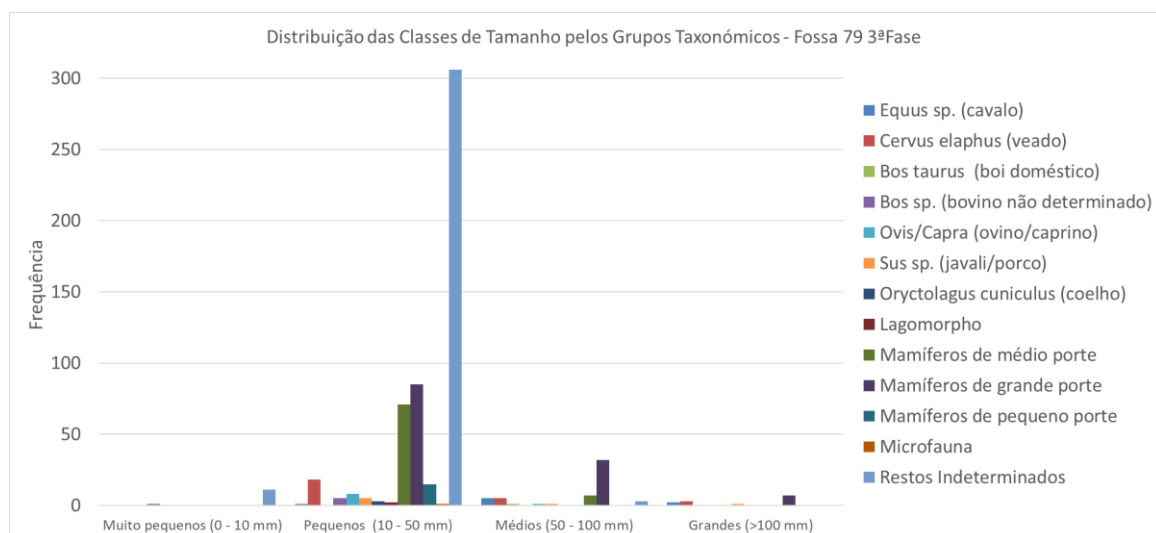


Gráfico 30 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Grupo taxonômicos – Fossa 79 3ª Fase

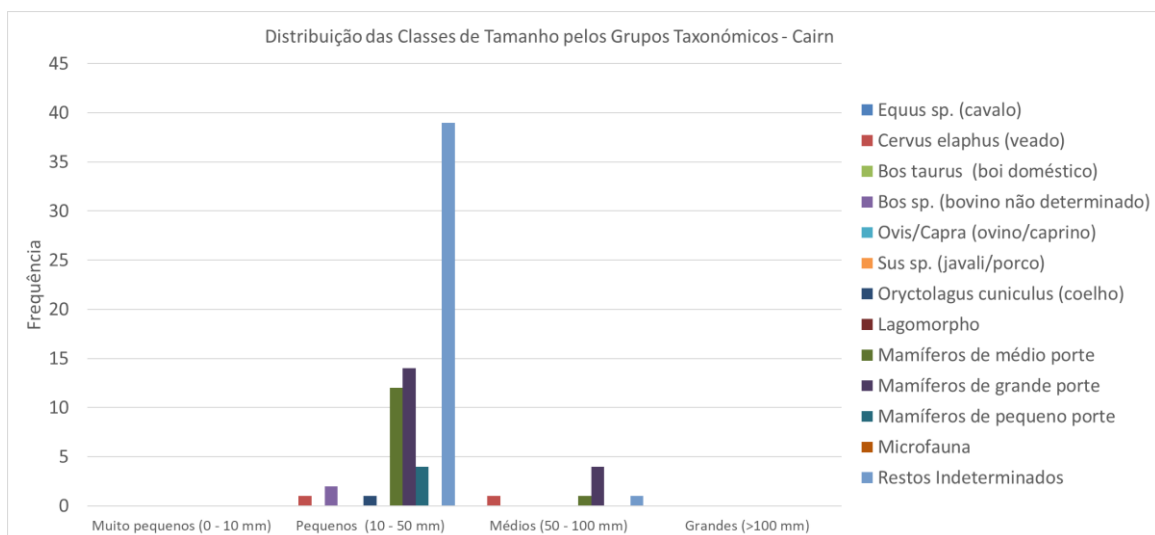


Gráfico 31 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Grupo taxonômicos – Cairn

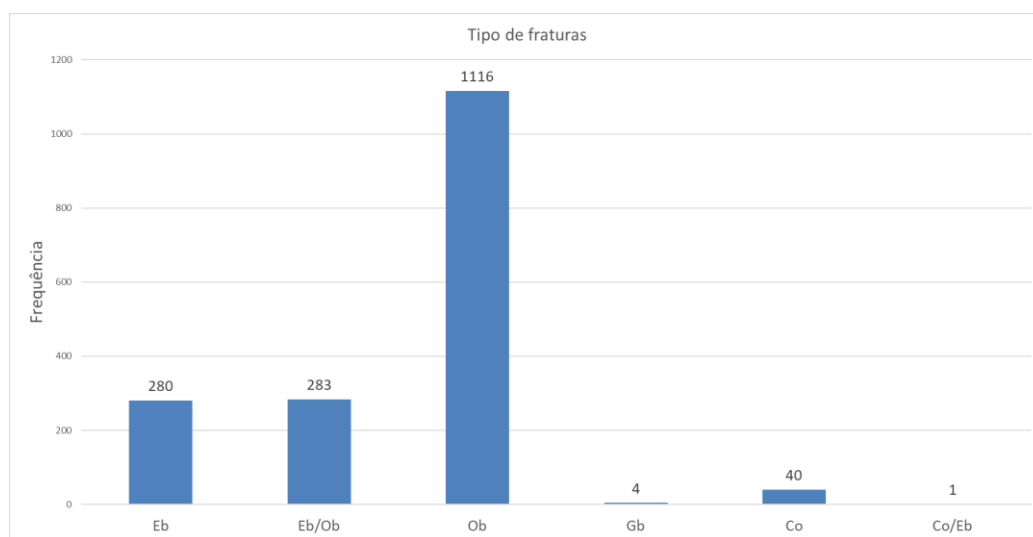


Gráfico 32 – Tipo de fraturas (Eb – fratura recente; Ob – fratura antiga; Gb – fratura verde; Co – Completo)

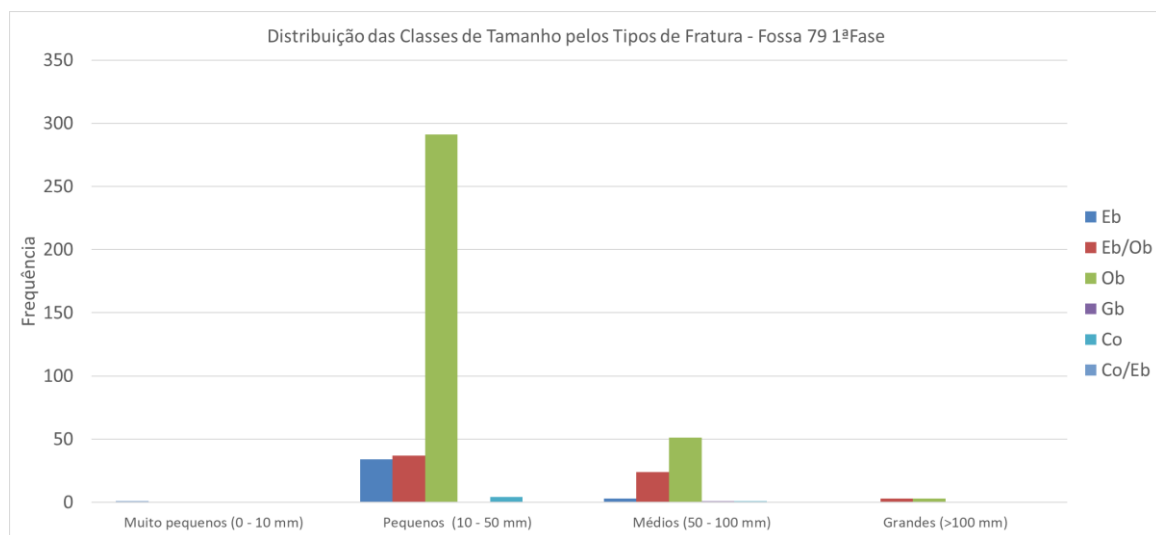


Gráfico 33 – Distribuição das Classes de Tamanho pelos Tipos de fraturas – Fossa 79 1ª Fase (Eb – fratura recente; Ob – fratura antiga; Gb – fratura verde; Co – Completo)

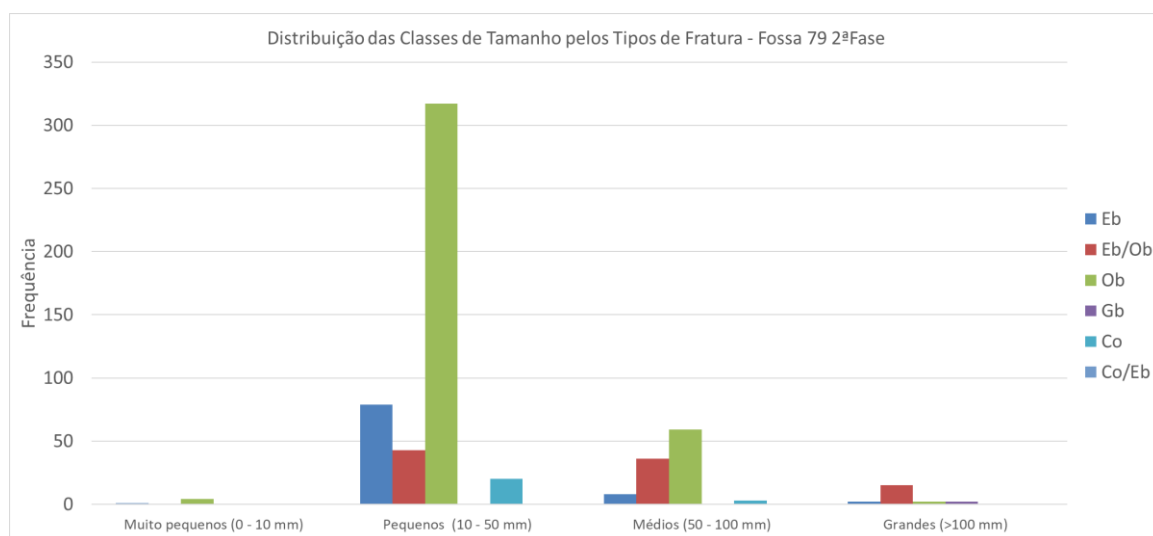


Gráfico 34 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Tipos de fraturas – Fossa 79 2ª Fase (Eb – fratura recente; Ob – fratura antiga; Gb – fratura verde; Co – Completo)

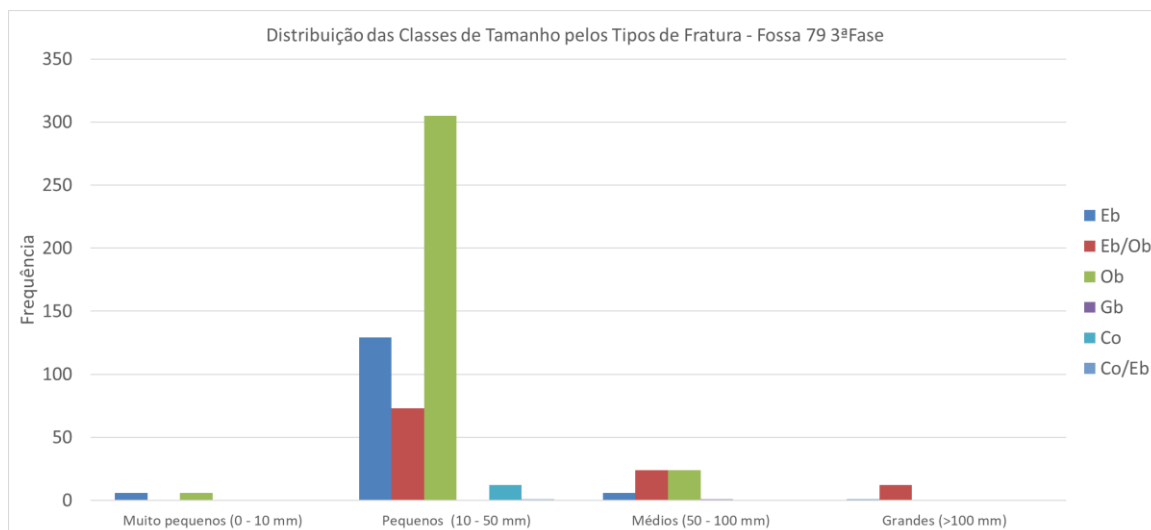


Gráfico 35 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Tipos de fraturas – Fossa 79 3ªFase (Eb – fratura recente; Ob – fratura antiga; Gb – fratura verde; Co – Completo)

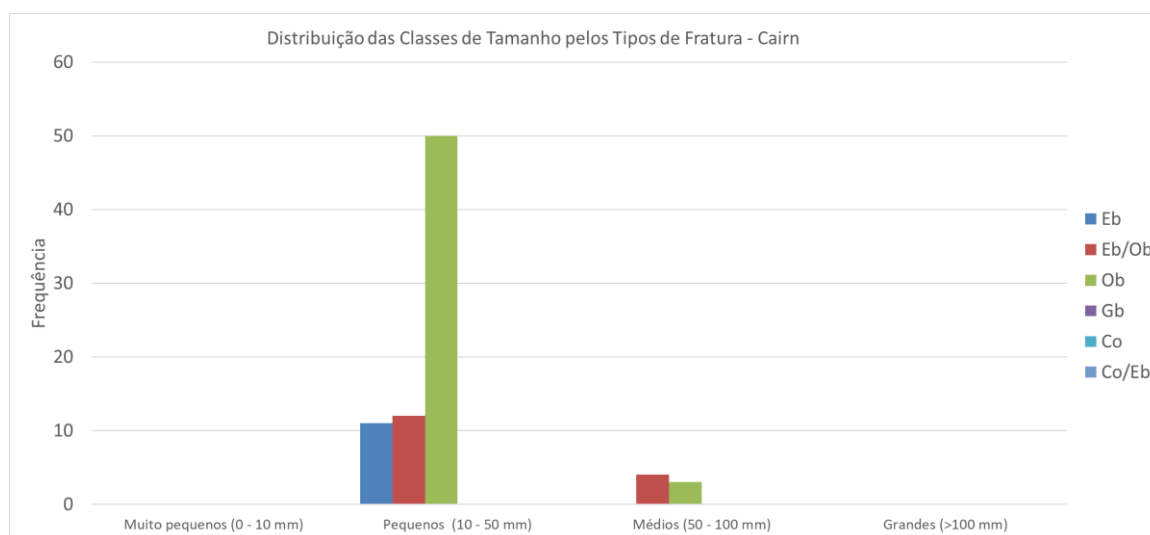


Gráfico 36 - Distribuição das Classes de Tamanho pelos Tipos de fraturas – Fossa 79 Cairn (Eb – fratura recente; Ob – fratura antiga; Gb – fratura verde; Co – Completo)

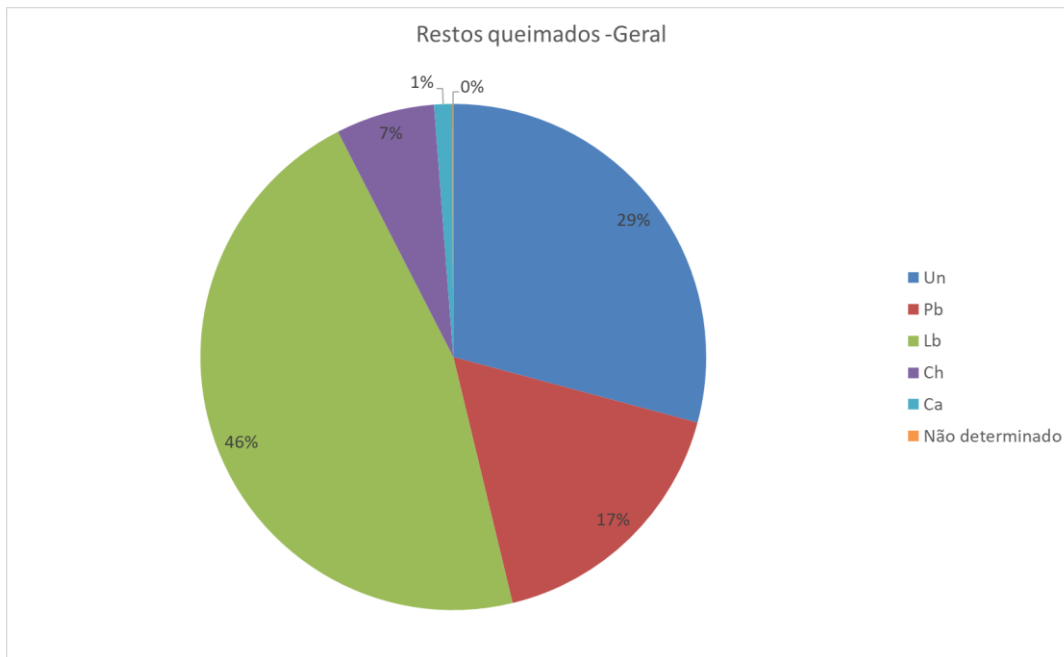


Gráfico 37 – Restos queimados – Geral (Un – não queimado; Pb – parcialmente queimado; Lb – Ligeiramente queimado; Ch – queimado, Ca – Calcinado)



Gráfico 38 - Restos queimados – Fossa 79 1ª Fase (Un – não queimado; Pb – parcialmente queimado; Lb – Ligeiramente queimado; Ch – queimado, Ca – Calcinado)

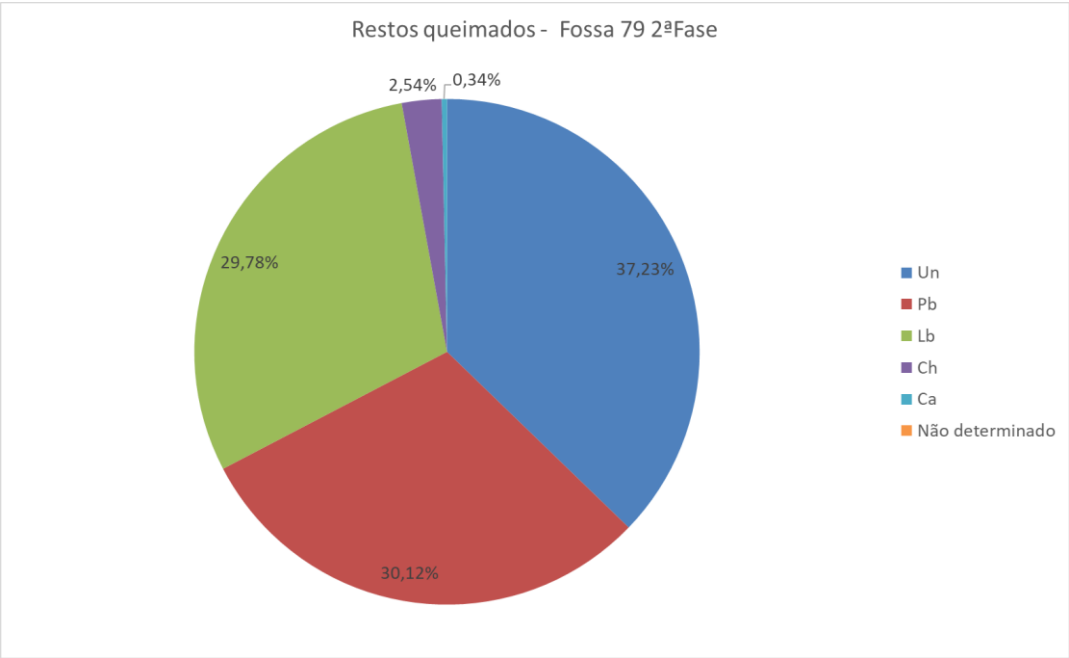


Gráfico 39 - Restos queimados – Fossa 79 2ª Fase (Un – não queimado; Pb – parcialmente queimado; Lb – Ligeiramente queimado; Ch – queimado, Ca – Calcinado)

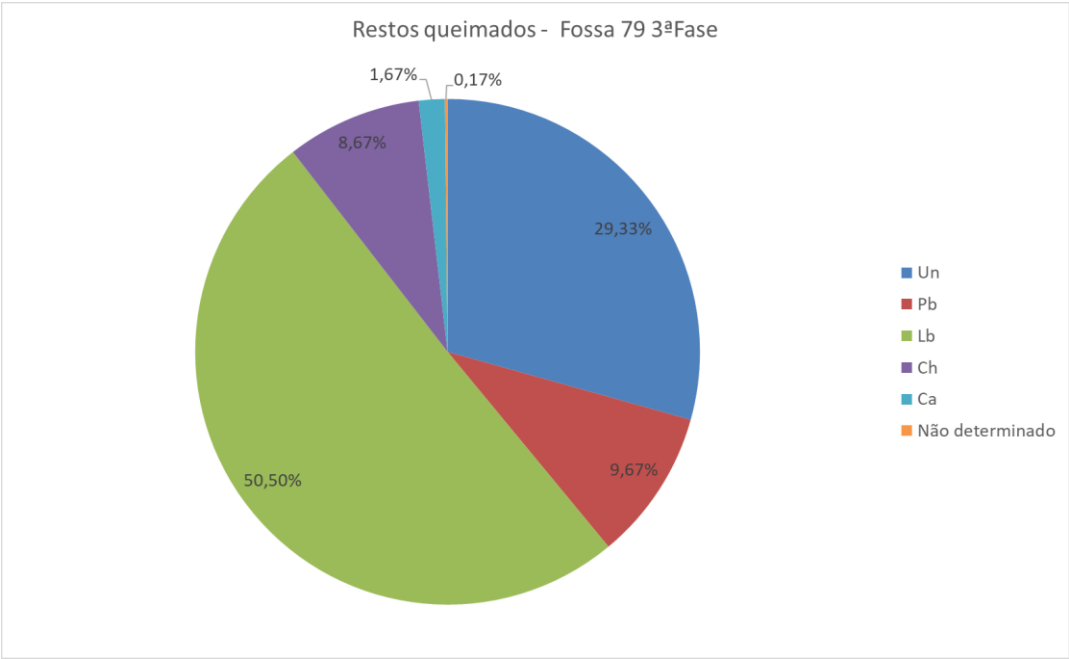


Gráfico 40 - Restos queimados – Fossa 79 3ª Fase (Un – não queimado; Pb – parcialmente queimado; Lb – Ligeiramente queimado; Ch – queimado, Ca – Calcinado)

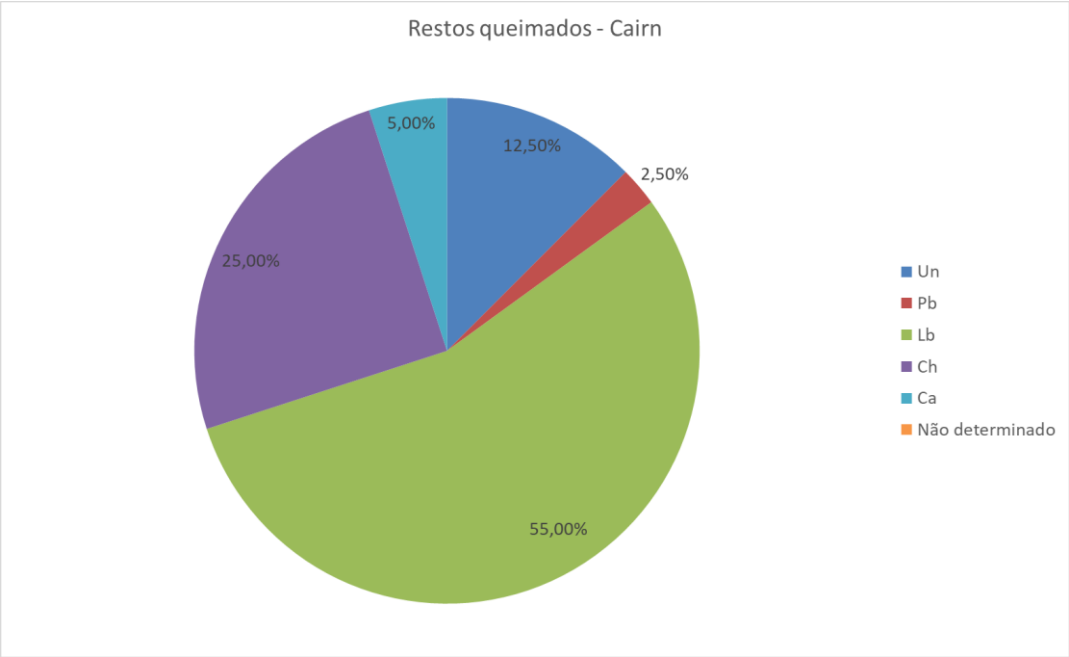


Gráfico 41 - Restos queimados – Cairn (Un – não queimado; Pb – parcialmente queimado; Lb – Ligeiramente queimado; Ch – queimado, Ca – Calcinado)

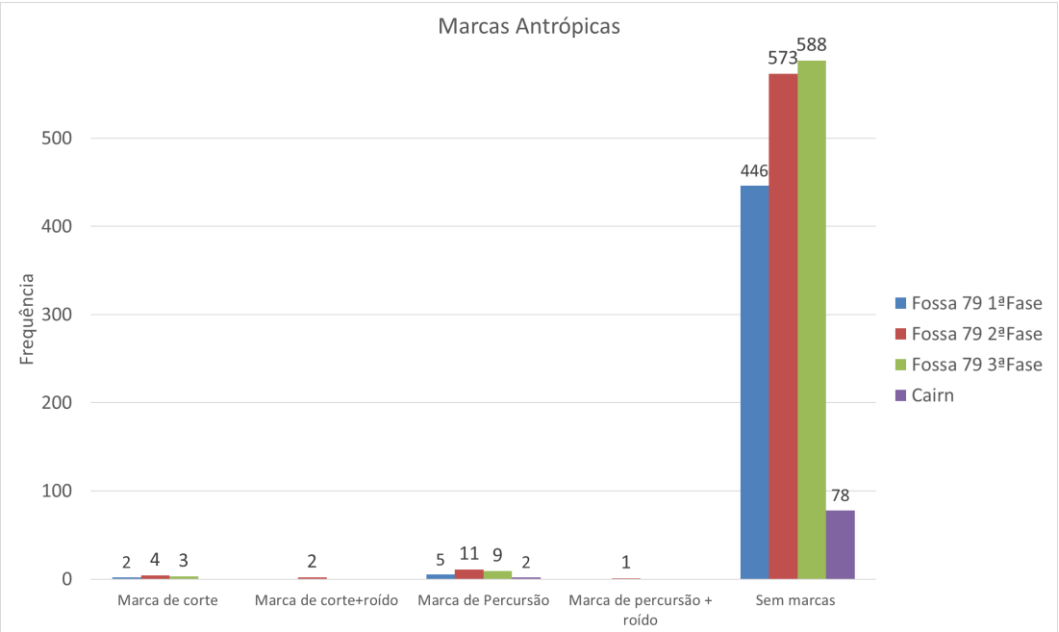


Gráfico 42 – Modificações Antrópica - Cairn e Fossa 79

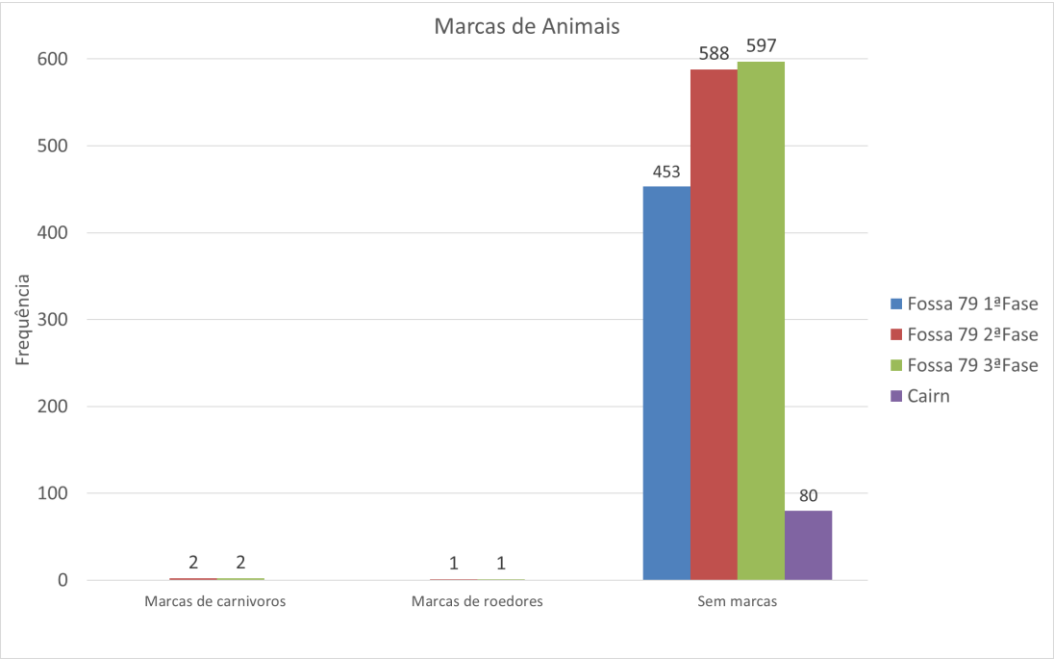


Gráfico 43 – Marcas de Animais - Cairn e Fossa 79

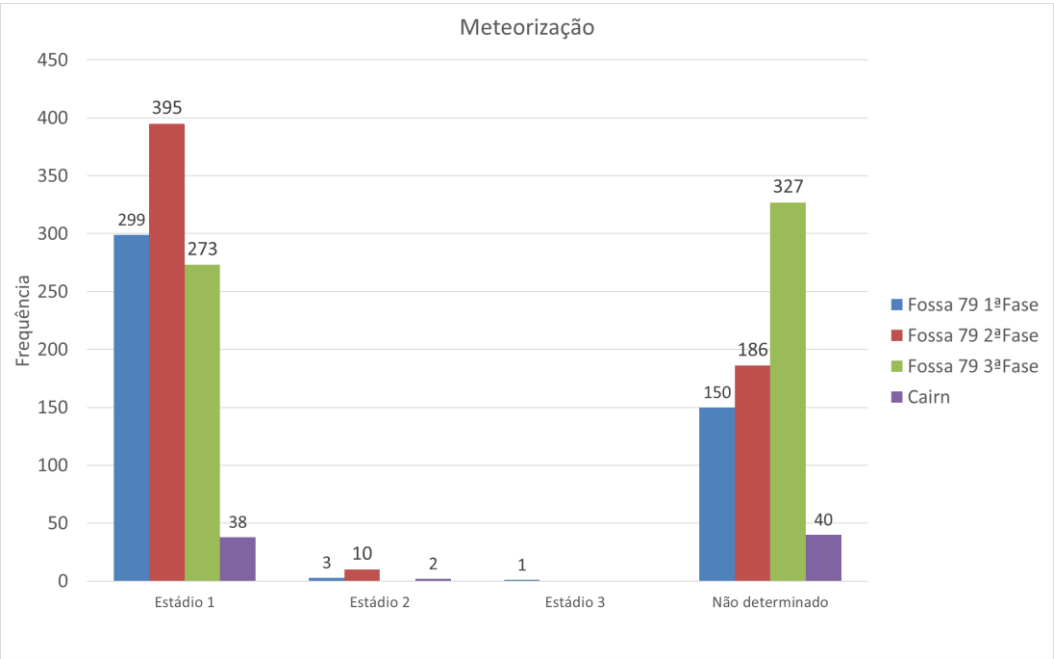


Gráfico 44 – Estados de Meteorização – Cairn e Fossa 79

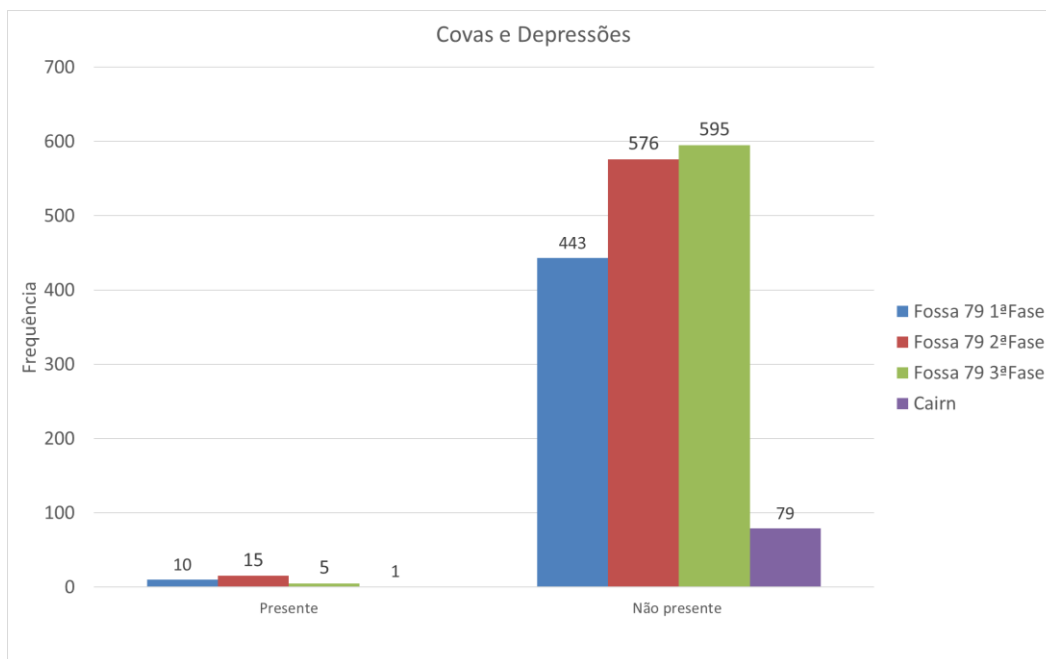


Gráfico 45 – Covas e Depressões – Cairn e Fossa 79

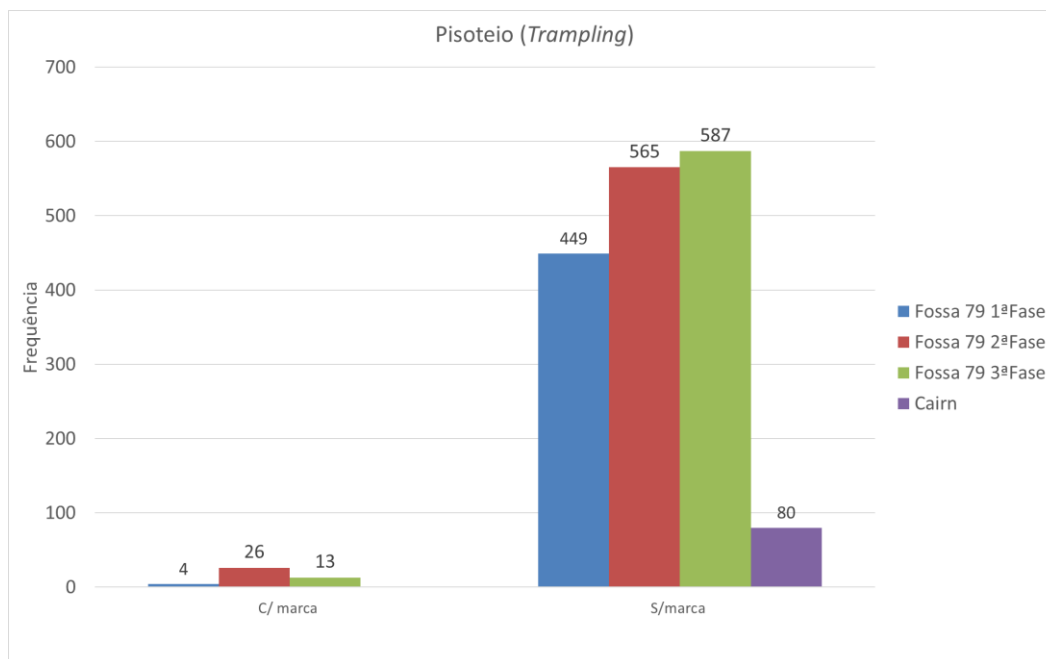


Gráfico 46 – Marcas de Pisoteio (*Tramplng*) – Cairn e Fossa 79

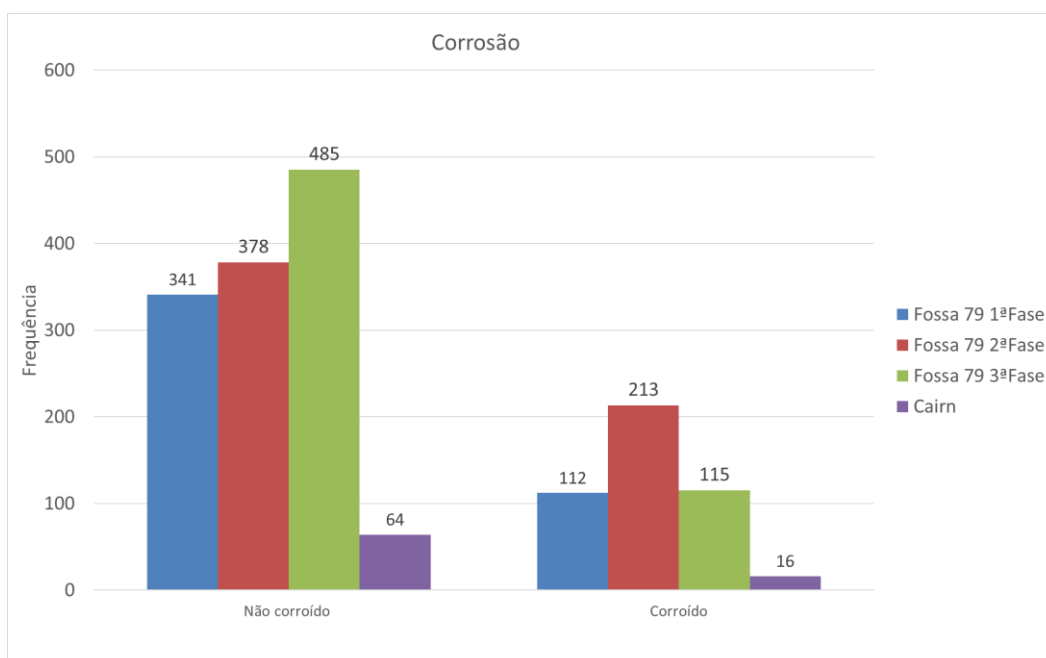


Gráfico 47 – Corrosão – Cairn e Fossa 79

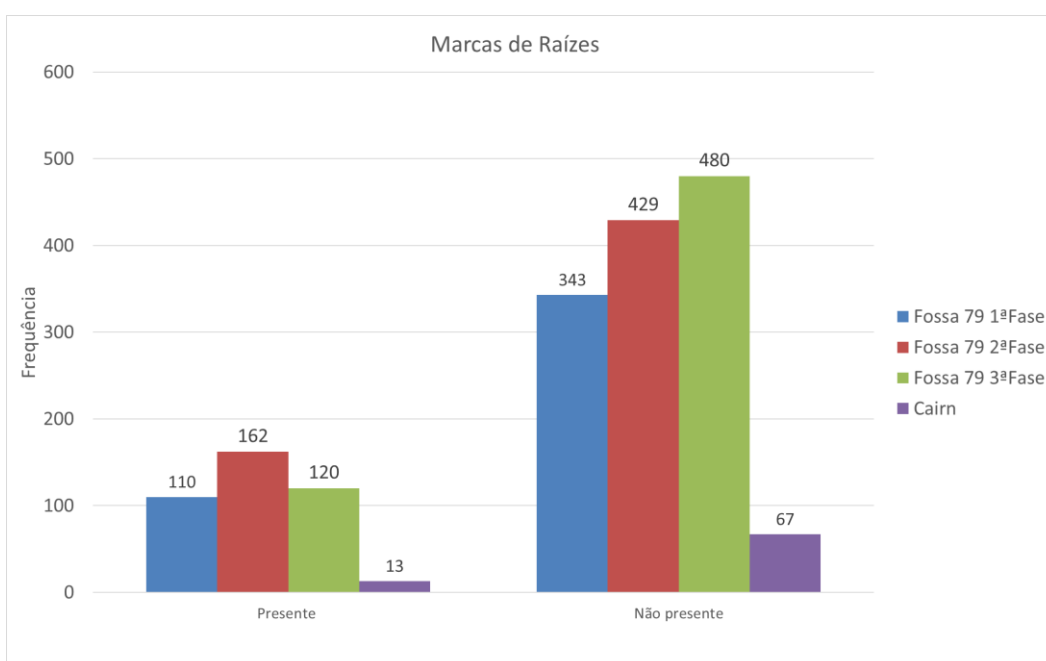


Gráfico 48 – Marcas de Raízes – Cairn e Fossa 79

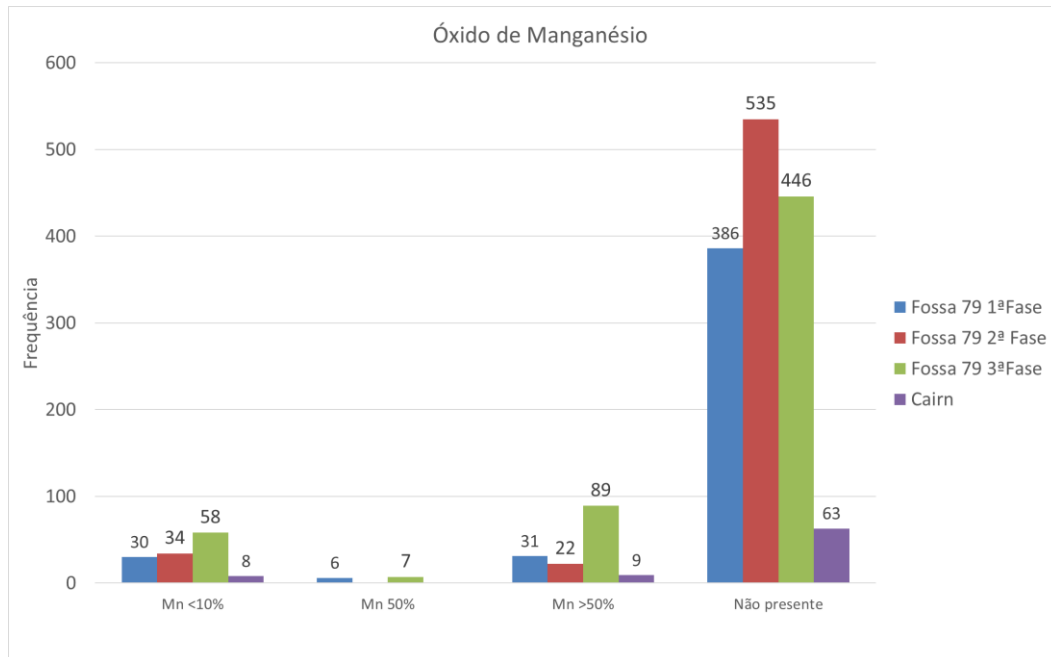


Gráfico 49 – Óxido de Manganésio – Cairn e Fossa 79



Foto 2 – Carpais e Metacarpo de veado (*Cervus elaphus*) – Fossa 79 [488]



Foto 3 – Rádio de veado (*Cervus elaphus*), com marcas de precursor Fossa 79 [466]



Foto 4 – Tíbia de veado (*Cervus elaphus*) com marcas de dentes – Fossa 79 [466]



Foto 5 Tíbia de veado (*Cervus elaphus*) com marcas de dentes – Fossa 79 [466] (pormenor)